



Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução

Projeto Final

O Destino de Conrad

Deborah Tostes Salles – 09/42359

Thaís Torres Machado de Campos – 09/49272

Brasília, outubro de 2012.

Dedicamos este trabalho a todos que nos apoiaram, em especial a nossas famílias e a nossa orientadora, Soraya.
Obrigada pela paciência.

“Why do I write for children? There is one good reason. I would hope to encourage some part of one generation at least to use their minds as minds are supposed to be used. A book for children, like the myths and folktales that tend to slide into it, is really a blueprint for dealing with life. For that reason, it might have a happy ending, because nobody ever solved a problem while believing it was hopeless. It might put the aims and the solution unrealistically high – in the same way that folktales tend to be about kings and queens – but this is because it is better to aim for the moon and get halfway there than just to aim for the roof and get halfway upstairs.”

Diana Wynne Jones

Quadro de Avisos

1. Hall de Entrada.....	11
1.1 Apresentação do texto.....	11
1.2 Justificativa	12
1.3 Objetivo	13
1.4 Metodologia	14
2. Biblioteca	16
2.1 Críticas ao Conceito de Estrangeirização e Domesticção	16
2.2 Tradução e Criatividade.....	18
2.3 Os Procedimentos Técnicos da Tradução	20
2.3.1 A tradução palavra-por-palavra.....	21
2.3.2 A tradução literal.....	22
2.3.3 A transposição	22
2.3.4 A modulação	22
2.3.5 A equivalência.....	23
2.3.6 A omissão VS. a explicitação.....	23
2.3.7 A compensação	23
2.3.8 A reconstrução de períodos	23
2.3.9 As melhorias.....	24
2.3.10 A transferência	24
2.3.11 A explicação.....	25
2.3.12 O decalque.....	25
2.3.13 A adaptação	25
3. Galeria Subterrânea.....	27
3.1 Principais Desafios	27
3.1.1 Aliteraões e assonâncias	27
3.1.2 Alimentos	28
3.1.3 Refeições	33
3.1.4 Falas	34
3.1.5 Trocadilhos.....	34

3.1.6 Alterações de palavras em itálico.....	38
3.1.7 Onomatopeias.....	42
3.1.8 Geografia.....	43
3.2 Procedimentos técnicos aplicados	44
3.2.1 Adaptação.....	45
3.2.2 Explicação	47
3.2.3 Reconstrução de Períodos	48
3.2.4 Equivalência	51
3.2.5 Modulação.....	53
3.2.6 Transposição.....	55
3.2.7 Omissão.....	59
3.2.8 Explicitação.....	61
3.2.9 Decalque.....	62
3.3 Breve comparação com as traduções já publicadas	62
4. Glossário.....	64
4.1 Partes da Casa	64
4.2 Partes do Jardim.....	65
4.3 Empregados da Mansão	65
4.4 Abreviações	66
4.5 Termos Relacionados a Magia.....	67
4.6 Termos Diversos	67
5. Texto traduzido	69
Um	69
Dois.....	78
Três	88
Quatro	96
Cinco.....	107
Seis	118
Sete	135
Oito.....	150
Nove	159
Dez.....	171

Onze.....	186
Doze.....	195
Treze	205
Quatorze.....	216
Quinze.....	229
Dezesseis	239
Dezessete	251
Dezoito	261
Dezenove	270
Vinte	280
6. Considerações Finais.....	297
7. Livraria.....	299

1. Hall de Entrada

1.1 Apresentação do texto

O texto escolhido por nós foi o livro *Conrad's Fate*, da escritora britânica Diana Wynne Jones. Trata-se de uma estória de fantasia, envolvendo elementos como magia, mundos paralelos e criaturas fantásticas, e que é voltada para o público infanto-juvenil. O livro conta a saga de Conrad Tesdnic, um garoto que acredita possuir um terrível *karma* que sempre o coloca em situações desagradáveis e que eventualmente o levará a um destino sombrio.

Conrad's Fate foi publicado em 2005, como o quinto livro da série *The Chronicles of Chrestomanci*. As obras que compõem essa série não seguem uma ordem cronológica ou uma única estória, mas contêm elementos em comum que as conectam. Já existem traduções para o português de quatro dos seis livros, publicadas no Brasil pela editora Geração Editorial sob o título comum Os Mundos de Crestomanci. Os dois últimos livros (*Conrad's Fate* e *The Pinhoe Egg*) não foram oficialmente traduzidos para o português.

O texto é escrito em primeira pessoa, do ponto de vista do personagem principal, Conrad. Por ser narrado por um rapaz jovem e por ser voltado para o público infanto-juvenil, o texto tem uma linguagem bastante simples e descritiva, que, no geral, não apresenta grandes dificuldades para a tradução. No entanto, nos deparamos com vários desafios ao longo da tradução. Entre esses desafios, podemos citar: a tradução de piadas e trocadilhos, a produção de diálogos fluidos e verossímeis e a tradução de uma série de termos relacionados a um universo com o qual não estamos familiarizados no contexto moderno.

Apesar de ultrapassar o número de laudas proposto para o Projeto Final, produzimos a tradução do livro todo, por acharmos que seria difícil selecionar passagens específicas ou separar o texto na metade. Compreendemos que é uma obra longa e que a correção pode ser demorada. Dessa forma, as oitenta laudas necessárias começam no capítulo um da tradução e vão até o final do capítulo oito. Sugerimos, no entanto, a leitura da obra completa.

As seções deste trabalho receberam nomes relacionados com partes do livro: o Hall de Entrada, por exemplo, é a primeira coisa que se vê na Mansão Stallery, e foi o nome que

escolhemos para a introdução. O Quadro de Avisos apresenta as atividades da Mansão, e o sumário deste trabalho. A Biblioteca é o lugar onde se encontram os livros, e, no caso deste trabalho, é a parte onde estão os apontamentos teóricos que embasaram nossa tradução. A Galeria Subterrânea são os bastidores da Mansão, e foi o nome que escolhemos para demonstrar como se deu o nosso processo. Por fim, a Livraria traz a bibliografia que utilizamos durante o desenvolvimento de *O Destino de Conrad*.

Os números de páginas que acompanham os exemplos neste relatório referem-se, no caso do texto original, aos números de páginas do anexo, e, no caso da tradução, aos números de página deste documento.

1.2 Justificativa

O projeto final é uma tarefa que demanda grande envolvimento e comprometimento por parte do aluno ou, no caso, das alunas. Por esse motivo, procuramos escolher um texto que despertasse nosso interesse e nos levasse a nos esforçarmos ao máximo para produzir bons resultados. Ambas sempre fomos atraídas pela literatura infanto-juvenil, principalmente quando esta envolve elementos de fantasia. O livro com o qual decidimos trabalhar se encaixa muito bem nessa descrição.

Além disso, o livro escolhido por nós ainda não possui tradução para o português do Brasil ou de Portugal. Ao consultar a editora Geração Editorial, que traduziu e publicou os outros títulos da série no Brasil, fomos informadas que ela não possuía os direitos de tradução e publicação dos dois últimos livros: *Conrad's Fate* e *The Pinhoe Egg*. Vimos, portanto, uma oportunidade para produzir um trabalho totalmente novo.

O mercado de livros infanto-juvenis tem crescido bastante nos últimos anos, tanto no exterior quanto no Brasil. É impossível ignorar fenômenos de público e, muitas vezes, de crítica como Harry Potter, a série Crepúsculo, Percy Jackson, Eragon, Jogos Vorazes e As Crônicas de Nárnia (que, apesar de ter sido publicado há várias décadas, só ganhou maior visibilidade recentemente). Contudo, apesar da recente popularização do gênero, existem excelentes autores nacionais e estrangeiros cujos trabalhos permanecem praticamente ignorados. A autora Diana Wynne Jones é um desses casos.

A britânica Diana Wynne Jones teve uma carreira de mais de trinta anos ao longo da qual escreveu dezenas de livros que se assemelham tanto na temática quanto na qualidade às séries de maior sucesso da atualidade. No entanto, seu trabalho é praticamente desconhecido tanto no Brasil quanto no exterior. É difícil determinar exatamente quais foram os fatores responsáveis pelo pouco sucesso e limitado alcance das obras dessa autora. Acreditamos, no entanto, que André Lefevere ofereça pistas muito úteis a respeito.

Na introdução do livro *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992), André Lefevere afirma que o “valor intrínseco” de uma obra literária exerce um papel muito menor na popularização e na sobrevivência dessa obra do que geralmente se crê. Segundo ele, “o processo que resulta na aceitação ou rejeição, canonização ou não-canonização de obras literárias é dominado (...) por fatores muito concretos¹”, entre os quais a “reescrita em todas as suas formas ocupa uma posição dominante²” (p.2, tradução nossa).

Neste trabalho, não daremos atenção aos outros fatores envolvidos na popularização de outras séries infanto-juvenis e que pareceram não atuar, ou atuar de maneira negativa para determinar o destino dos livros de Diana Wynne Jones. Também não enfocaremos todas as variedades de reescrita mencionadas por Lefevere, que incluem interpretações, críticas, antologias, adaptações, etc. Vamos nos ater somente àquela que o autor considera a categoria de reescrita com o maior potencial para influenciar e expandir o público de uma obra para além das fronteiras da cultura que a produziu: a tradução.

1.3 Objetivo

Nosso objetivo é produzir uma tradução de qualidade profissional, que mantenha o mesmo nível do original no que diz respeito à estética e ao conteúdo. Pretendemos seguir, no geral, as mesmas linhas traçadas pelas traduções dos livros anteriores na série, ao mesmo tempo em que propomos melhorias para aspectos que consideramos insatisfatórios.

Como foi mencionado anteriormente, pretendemos produzir uma reescrita da obra de Diana Wynne Jones que poderá vir a aumentar sua visibilidade e reconhecimento tanto por parte de leitores “profissionais”³ quanto leigos. Dessa forma, nos propomos a contribuir

¹ “the process resulting in the acceptance or rejection, canonization or non-canonization of literary works is dominated not by vague, but by very concrete factors”

² “rewriting in all its forms occupies a dominant position”

³ Como definidos por Lefevere em *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992).

positivamente para o crescimento do conhecimento literário, tornando essa obra acessível pelo restabelecimento do seu significado através da tradução (LEFEVERE apud VIEIRA, 1996, p. 140).

1.4 Metodologia

Por estarmos trabalhando em dupla para produzir nossa tradução, tivemos de desenvolver algumas técnicas para manter nosso trabalho integrado e coerente ao longo de todo o processo. Tal integração era necessária para evitar esforços redundantes, que acabariam por nos custar muito tempo, e divergências no produto final.

Optamos por dividir a tradução em capítulos pares e ímpares, ficando cada uma responsável por um grupo de capítulos. Naturalmente, ambas lemos o livro em sua integridade e nos mantivemos a par do trabalho que estava sendo produzido pela outra. Para tanto, fizemos uso de uma ferramenta que se mostrou muito útil: o Dropbox⁴, um software de compartilhamento de arquivos que cria uma pasta online à qual uma ou mais pessoas podem ter acesso. Por meio desse programa, salvamos todos os capítulos do livro online, à medida que eram traduzidos, e criamos um glossário de termos problemáticos. Dessa forma, foi possível dar a ambas as partes acesso imediato a toda a tradução, além de evitar o perigo de perder os arquivos devido a problemas nos computadores pessoais, já que os textos estão todos disponíveis a partir de qualquer lugar com conexão à Internet.

Uma questão que sempre é levantada logo nos primeiros estágios do trabalho é a dicotomia entre a tradução domesticante e a estrangeirizante, introduzidas por Friedrich Schleiermacher em seu ensaio "Sobre diferentes métodos de tradução" (1813), e definidas por Lawrence Venuti em seu livro *The Translator's Invisibility* (1995). Segundo a definição de Venuti, o método domesticante seria “uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua alvo, trazendo o autor para casa⁵” (tradução nossa), enquanto o método estrangeirizante seria “uma pressão etnodeviante para que esses valores registrem as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, enviando o leitor para o

⁴ Software gratuito e disponível para download ou acesso online em www.dropbox.com.

⁵ “(...) an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home” (VENUTI, 1995, p. 20).

exterior⁶”(tradução nossa). As duas abordagens seriam, portanto, radicalmente opostas e excludentes.

Contudo, em *O Estranho e o Estrangeirismo* (2007), Natália Balbi Amatto aponta que:

É preciso considerar que atualmente ocorre uma crescente diluição entre as fronteiras do que seria considerado domesticante e do que seria considerado estrangeirizante por parte do leitor de uma tradução, em especial quando uma das línguas envolvidas nesse processo é a língua inglesa. (AMATTO, 2007, p. 8)

Acreditamos que a autora está certa ao afirmar que, atualmente, o público brasileiro já está tão familiarizado com representações de culturas anglófonas, que muitos elementos dessas já não lhe causam mais estranhamento. Por essa razão, e por crermos que a estória do livro traduzido está arraigada demais em sua cultura de origem para ser separada dela, optamos por uma tradução que poderia ser chamada de estrangeirizante.

Nossa opção se refletiu principalmente nos seguintes procedimentos: manutenção dos nomes estrangeiros de personagens e lugares e manutenção de elementos culturais ao longo do texto. Houve, no entanto, ocasiões em que consideramos que seria melhor adaptar certos elementos, como por exemplo: nomes de alimentos e brincadeiras que não são conhecidas pelo público nacional. Nesses casos, consideramos que uma tradução completamente estrangeirizante poderia causar confusão aos leitores.

Com relação aos procedimentos utilizados ao longo do processo tradutório, optamos por seguir o modelo proposto por Heloísa Gonçalves Barbosa em seu livro *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma Nova Proposta* (1990). Esse modelo, que será discutido em detalhes mais à frente, tem como base as ideias desenvolvidas por Vinay e Darbelnet e expandidas por Vasquez-Ayora. Dentre os procedimentos técnicos da tradução sugeridos por Barbosa, os que mais se mostraram úteis ao longo de nosso trabalho foram: a *transposição*, a *modulação*, a *equivalência*, a *omissão*, a *compensação* e a *adaptação*. Utilizamos também, é claro, a *tradução palavra-por-palavra* (em trechos curtos) e a *tradução literal*, quando esta era possível e não acarretava em prejuízos para o estilo ou para o conteúdo.

⁶“(...) an ethnodeliant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad.” (VENUTI, 2005, p. 20).

2. Biblioteca

2.1 Críticas ao Conceito de Estrangeirização e Domesticção

Como mencionamos anteriormente, a dicotomia entre a tradução domesticante e a estrangeirizante, introduzida por Friedrich Schleiermacher em seu ensaio "Sobre diferentes métodos de tradução" (1813), e definidas por Lawrence Venuti em seu livro *The Translator's Invisibility* (1995), é uma questão frequentemente abordada em trabalhos sobre tradução. Segundo a definição de Venuti, o método domesticante seria “uma redução etnocêntrica do texto estrangeiro aos valores culturais da língua alvo, trazendo o autor para casa⁷” (tradução nossa), enquanto o método estrangeirizante seria “uma pressão etnodeviante para que esses valores registrem as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro, enviando o leitor para o exterior⁸”(tradução nossa).

Em sua monografia de conclusão do curso de Letras Tradução – Inglês, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Natália Balbi Amatto apresenta uma crítica a esses conceitos e questiona sua aplicabilidade nos dias atuais. A autora explica que a tradução estrangeirizante privilegia a estrutura linguística do original e é mais literal, enquanto a tradução domesticante é “livre para transformar a estrutura do texto original, adaptando-a às características linguísticas da língua meta - priorizando o sentido e não a forma” (AMATTO, 2007, p. 5). Por esses motivos, segundo a teoria original, a tradução estrangeirizante produziria um efeito de estranhamento nos leitores. Além disso, e ainda segundo a teoria original, as duas abordagens seriam radicalmente opostas e excludentes.

No entanto, o que percebemos ao analisar traduções atuais e ao produzir nossas próprias traduções é o emprego desses dois métodos, teoricamente excludentes, ao longo de um mesmo texto. É difícil falar, hoje em dia, em traduções completamente domesticantes ou estrangeirizantes. Essa tendência a se valer de ambos os métodos durante o processo tradutório é denominada por Milene Borges “instabilidade do tradutor” (apud AMATTO, op. cit., p.6).

⁷ “(...) an ethnocentric reduction of the foreign text to target-language cultural values, bringing the author back home” (VENUTI, 1995, p. 20).

⁸ “(...) an ethnodeviant pressure on those values to register the linguistic and cultural difference of the foreign text, sending the reader abroad.” (VENUTI, 2005, p. 20).

Em adição, segundo Amatto, atualmente ocorre uma crescente diluição dos limites entre o que seria considerado domesticante e o que seria considerado estrangeirizante por parte da maioria dos leitores de uma tradução, principalmente quando o texto original é de língua inglesa (AMATTO, 2007, p.8). Amatto afirma que tal diluição “pode ser atribuída à aquisição do *status* de língua franca pelo inglês” (idibem, idem). Assim, torna-se necessário questionar a afirmação de que uma tradução que se mantém mais próxima da estrutura linguística do texto original, no caso, em língua inglesa, produzirá um efeito de estranhamento no leitor.

Outro ponto levantado contra esse argumento é a forte presença de culturas de língua inglesa, principalmente da norte-americana, na realidade dos leitores brasileiros. É fato que, nos dias atuais, a maioria dos leitores está mais exposta à influência dessas sociedades estrangeiras do que há algumas décadas. Por esse motivo, é difícil afirmar categoricamente que determinado aspecto dessas culturas, quando mantido, sem adaptações, em uma tradução, será desconhecido do leitor e, assim, lhe causará estranhamento. Amatto afirma que “quanto mais exposto a uma determinada língua estrangeira durante sua formação, mais um indivíduo encarará com naturalidade sua possível influencia na língua materna” (ibidem, p.16).

Tendo em vista esse cenário, Amatto argumenta que as considerações levantadas por Schleiermacher, há quase dois séculos, a respeito do papel do tradutor que opta por domesticar um texto não são mais válidas nos dias de hoje. Além disso, é preciso considerar o contexto cultural em que Schleiermacher e, principalmente, Venuti discutiram os conceitos de domesticação e estrangeirização, defendendo o segundo em detrimento do primeiro. Esses teóricos basearam suas visões na realidade de culturas hegemônicas, que exportavam (e ainda exportam) inovações tecnológicas e intelectuais, e seu próprio modo de vida ao resto do mundo. Essa é uma realidade claramente diversa daquela que experimentamos como habitantes de um país latino-americano.

Tendo em vista a complexidade do cenário em que as traduções (para o português do Brasil e para muitas outras línguas) estão inseridas atualmente, assim como as particularidades dos indivíduos que as receberão, é claramente necessário reavaliar os conceitos de estrangeirização e domesticação e seus efeitos. No entanto, Amatto aponta que os teóricos que se apoiam nesse modelo dicotômico de tradução não levam em conta a recepção do texto traduzido por sujeitos leitores específicos, com suas próprias

particularidades e bagagens culturais. Quando se fala na recepção de determinada tradução, fala-se geralmente nas impressões expressas por críticos, estudiosos da tradução e tradutores após a comparação entre original e tradução. Amatto aponta então a necessidade de determinar o efeito (estrangeirizante ou domesticante) de uma tradução “a partir da recepção do texto traduzido por um determinado público leitor, ao invés de em função dos procedimentos tradutórios adotados” (ibidem, p.7), pois:

É impossível supor a quantidade de informação que um determinado leitor possui em relação a determinada língua, a determinado assunto, a determinada cultura. Assim, é também impossível determinar se existe ou não - e em que medida - essa falta de compreensão do original e se uma tradução dita estrangeirizante causaria ou não estranheza a seus leitores. (ibidem, p.9)

Assim, percebemos que, ao invés de tornar o tradutor invisível (como propunha Venuti), uma tradução domesticante poderia ter o efeito contrário, produzindo um texto que parecia a seus leitores “forçado” e estranho. Não se pode falar, atualmente, em “dois polos opostos” (ibidem, p.10) e exteriores um ao outro: a língua materna e a língua estrangeira. Uma língua não é oposta à outra assim como o método domesticante não é oposto ao estrangeirizante. A relação entre esses dois métodos seria, portanto, melhor definida segundo a lógica do suplemento, que afirma que “o suplemento é uma adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso” (SANTIAGO, 1976, p. 88). O fenômeno da “instabilidade do tradutor” é, na verdade, fruto da habilidade de trabalhar com dois métodos de tradução, combinando-os e dosando-os, de maneira a produzir um texto coerente e balanceado.

2.2 Tradução e Criatividade

O Destino de Conrad é um livro infanto-juvenil e, por isso, não apresenta, na maior parte do tempo, estruturas gramaticais de grande complexidade, mas sua tradução foi um exercício de criatividade. Diana Wynne Jones tem um estilo que é, ao mesmo tempo, simples e rico, e sua imaginação fértil é responsável por passagens curiosas e instigantes. Expressões idiomáticas, verbos de ação e advérbios são exemplos de desafios que enfrentamos ao tentar tornar o texto tão interessante para o leitor de nossa tradução como o original nos pareceu.

Nosso objetivo sempre foi produzir um texto original e apropriado, o que, segundo Sternberg e Lubard, é um resultado natural do uso da criatividade na tradução (2004, p. 3).

Durante a tradução, foi necessária muita pesquisa por nossa parte. Por se tratar de um livro de literatura infanto-juvenil, a forma do texto por vezes é tão importante quanto o conteúdo. Assim, pudemos exercitar a criatividade em vários trechos em que era necessário manter a sonoridade do texto, reescrevendo-o de forma atraente, já que, segundo Agra, “[é] importante que a tradução aspire produzir o mesmo interesse no leitor, inclusive com os choques que o texto original conseguiu produzir em seus leitores” (AGRA, 2007, p. 6). Por isso, procuramos reproduzir em nossa tradução os mecanismos usados pela autora, como aliterações, assonâncias e trocadilhos. Na maioria das vezes em que foi necessário o uso da criatividade, os trechos precisaram ser adaptados, segundo o conceito de adaptação local revisado por Heloísa Cintrão e Adriana Zavaglia⁹. Optamos por adaptar as passagens em que uma tradução literal não soaria natural pela inexistência dos elementos culturais no contexto do leitor brasileiro ou devido à predominância da função estética do texto, como é o caso das aliterações. Serão dados exemplos específicos mais adiante.

Um exemplo do efeito do texto sobre o leitor é a expressão “lazy lumps” (p. 80), que um dos empregados da casa usa para descrever Conrad e Christopher. Nesse caso, procuramos reproduzir o sentido e a assonância, e optamos por “lesmas lerdas” (p. 158), mantendo a aliteração com o som de *l* e a ideia do original. A tradução literal da expressão seria algo como “caroços preguiçosos”, que não soa natural em português. Em outro trecho, uma revista traz a manchete “From Rags to Riches” (p. 106), que optamos por traduzir como “Do Lixo ao Luxo” (p. 199). Novamente, a tradução literal (“Dos Trapos à Riqueza”) não soaria tão natural quanto a opção que escolhemos.

Não foi possível, naturalmente, manter os efeitos em todos os trechos. No entanto, como diz Aranda, “a criatividade é um aspecto inevitável do processo tradutório¹⁰” (tradução nossa), e pudemos colocar isso em prática dando especial atenção a alguns trechos que, no original, não apresentavam tantas particularidades. É o caso do trecho “There were gasps and

⁹ Com base nos conceitos de Baker, as autoras diferenciam os conceitos de adaptação global e local. A adaptação local se restringe a trechos isolados do texto e tem como objetivo, adequá-los à língua e à cultura de chegada. Já a adaptação global, reformula o texto como um todo, por exemplo, no caso de adaptações para o teatro ou o cinema.

¹⁰ “creativity is an inevitable aspect of the translation process.” (ARANDA, 2009, p. 23)

whispers all over the room” (p.160), que apresenta algumas assonâncias com o som de *s*. Nossa tradução ficou “Sussurros assustados passaram pela sala” (p. 268), acentuando o som de *s*, o que intensifica a sensação de murmúrios correndo pelo ambiente.

O som de *s* é bastante recorrente na tradução. O trecho “the ordinary maids were full of giggles and goggles” (p. 124) havia originalmente sido traduzido como “as criadas normais estavam todas abobadas e abelhudas”. No entanto, consideramos a frase pouco natural e mudamos para “as criadas normais saçaricavam assanhadas” (p. 222). Serão dados outros exemplos a seguir.

Levando em consideração a ideia de que:

O comprometimento com a mera equivalência deste ‘material cru’, muitas vezes considerada a base da excelência tradutória, tem a capacidade de apagar as características mais marcantes do texto fonte e de reduzir a tradução a uma cópia inferior, tornando-a, portanto, incapaz de se igualar ao original.¹¹ (ARANDA, 2009, p. 24, tradução nossa)

Procuramos produzir um texto tão literário quanto foi possível, tentando sempre identificar e reproduzir os recursos literários usados pela autora.

2.3 Os Procedimentos Técnicos da Tradução

No geral, a abordagem que escolhemos é a proposta por Heloísa Gonçalves Barbosa em *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Barbosa faz uma revisão dos procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet (1977), e ampliados por Vasquez-Ayora, além de abordar os modelos propostos por Nida, Catford e Newmark. Com base nessas leituras, a autora expõe sua proposta de recharacterização e de recategorização dos procedimentos técnicos da tradução. É essa proposta que usaremos como base nosso trabalho.

Os procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet distribuem-se ao longo de dois eixos: o da tradução direta e o da tradução oblíqua. Ao longo do primeiro eixo, temos as técnicas do empréstimo, do decalque e da tradução literal. Já ao longo do segundo eixo, temos: a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação (BARBOSA, 1990, p. 23).

¹¹ “A commitment to the mere equivalence of this ‘raw material’, too often the cornerstone of translation excellence, has the ability of erasing the most outstanding features of the source text and reducing the translation to an inferior copy, making it therefore unable to live up to the original”. (p. 24)

Barbosa explica que, para Vinay e Darbelnet, “a *tradução direta* (...) é o mesmo que *tradução literal*, ou *palavra-por-palavra*”, enquanto “a *tradução oblíqua* (...) é aquela que não é *literal*” (ibidem, p. 24).

O modelo expandido proposto por Vasquez-Ayora é muito semelhante, mas possui algumas diferenças importantes. Em primeiro lugar, Vasquez-Ayora caracteriza a tradução literal (a qual define da mesma maneira que Vinay e Darbelnet) como “um eixo e um procedimento ao mesmo tempo, mas sem possuir outros procedimentos que se alinhem sob ela” (ibidem, p.44). Portanto, Vasquez-Ayora não inclui os procedimentos denominados por Vinay e Darbelnet como empréstimo e decalque em seu modelo. Já no eixo da tradução oblíqua, o autor cria duas subcategorias: a dos procedimentos principais, que engloba a transposição, a modulação, a equivalência e a adaptação, e a dos procedimentos complementares, que engloba a amplificação, a explicitação, a omissão e a compensação.

Com base nessas leituras, Barbosa apresenta sua “proposta de caracterização dos procedimentos técnicos da tradução”. Nesta proposta, a autora procurou:

(...) combinar as visões dos autores examinados, acrescentando procedimentos aos listados por Vinay e Darbelnet (1977) e, ao mesmo tempo, reagrupando e eliminando alguns dos procedimentos descritos posteriormente, por considerar que estão, na realidade, embutidos em outros. (ibidem, p. 63)

Portanto, Barbosa expõe um total de treze procedimentos técnicos: a tradução palavra-por-palavra, a tradução literal, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão vs. a explicitação, a compensação, a reconstrução de períodos, as melhorias, a transferência – que engloba o estrangeirismo, a transliteração e a transferência com explicação – a explicação, o decalque e a adaptação. Esses procedimentos serão descritos em detalhes a seguir.

2.3.1 A tradução palavra-por-palavra

A tradução palavra-por-palavra é um procedimento de uso muito restrito em textos longos, pois sua utilização depende de uma total convergência entre a LO (língua original) e a LT (língua da tradução). O procedimento é descrito por Aubert da seguinte forma:

A tradução em que determinado segmento textual (palavra, frase, oração) é expresso na LT mantendo-se as mesmas categorias numa mesma ordem

sintática, utilizando vocábulos cujo semanticismo seja (aproximativamente) idêntico ao dos vocábulos correspondentes no TLO¹². (1987, p. 15)

2.3.2 A tradução literal

Segundo Barbosa, “a *tradução literal* corresponde à ideia mais difundida a respeito da tradução” (ibidem, p. 65). A definição adotada pela autora para esse procedimento tem como base os escritos de Catford, Newmark e Aubert, que a descrevem como “aquela em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT”. São essas alterações morfossintáticas que distinguem a tradução literal da tradução palavra-por-palavra (ibidem, p.65). Embora muitos autores enxerguem a tradução literal com maus-olhos e acreditem que ela é responsável por uma grande quantidade de erros, outros, como Newmark (1988), defendem seu uso sempre que for possível.

2.3.3 A transposição

Segundo Barbosa, “a transposição consiste na mudança de categoria gramatical de elementos que constituem o segmento a traduzir” (ibidem, p. 66), por exemplo, quando um advérbio é substituído por um verbo, um adjunto adverbial ou um adjetivo. Trata-se de um procedimento nem sempre obrigatório, já que muitas vezes existe a possibilidade de traduzir o mesmo trecho literalmente. Porém, “a transposição pode ser obrigatória quando é imprescindível para que a tradução se atenha às normas da LT” (ibidem, p. 66). O uso facultativo e motivado por questões de estilo é frequente na tradução do inglês para o português, para evitar o excesso de advérbios, cuja repetição não chama muita atenção na LO, mas é considerada deselegante na LT.

2.3.4 A modulação

A modulação consiste em reproduzir a mensagem do TLO no TLT (texto da língua da tradução) sob um ponto de vista diverso (ibidem, p. 67). Esse procedimento se faz necessário quando a LO e a LT interpretam a experiência do real de maneiras diferentes, o que causa divergências entre as formas de exprimir uma mesma ideia nas duas línguas. A modulação pode, ainda, ser facultativa, quando reflete uma diferença de estilo entre o TLO e o TLT. Isso ocorre, por exemplo, quando transformamos uma frase originalmente afirmativa em negativa.

¹² Texto da língua original.

2.3.5 A equivalência

A equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO por outro da LT que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente (ibidem, p. 67). Esse procedimento geralmente é aplicado a clichês, expressões idiomáticas, ditos populares, provérbios e outros elementos já cristalizados em uma língua (ibidem, p. 68). Assim, por exemplo, o dito popular “*too many cooks spoil the broth*” não seria traduzido literalmente, mas seria substituído por seu equivalente em português: “panela em que muitos mexem, ou sai insossa ou sai salgada” ou uma de suas variações.

2.3.6 A omissão VS. a explicitação

Segundo Barbosa, a omissão “consiste em omitir elementos do TLO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou repetitivos” (ibidem, p. 68). Quando traduzimos do inglês para o português, é muito comum aplicar esse procedimento aos pronomes pessoais. Em inglês, o uso dessas palavras na posição do sujeito é sempre obrigatória, o que ocasiona uma grande repetição que, em português, é desnecessária devido à conjugação verbal e geralmente prejudicial à estética do texto.

A explicitação é o procedimento oposto, que consiste em incluir no TLT elementos que haviam sido omitidos ou estavam subentendidos. Na tradução do português para o inglês, é necessário explicitar os pronomes pessoais que foram deixados de fora do TLO.

2.3.7 A compensação

Quando não é possível reproduzir no mesmo ponto, no TLT, um recurso estilístico encontrado no TLO, o tradutor pode optar por utilizar outro recurso, de efeito equivalente, em outro ponto do texto (ibidem, p. 69). Esse deslocamento de recursos estilísticos é denominado compensação e tem como objetivo a preservação da riqueza do texto original. A compensação é frequentemente usada quando é impossível reproduzir trocadilhos, rimas, aliterações ou assonâncias no TLT na mesma posição em que se encontram no TLO.

2.3.8 A reconstrução de períodos

Esse procedimento consiste em redividir ou reagrupar os períodos e orações do texto original durante a tradução (ibidem, p.70). Na tradução do português para o inglês, frequentemente surge a necessidade de dividir os períodos para formar outros menores. Na

tradução do inglês para o português, ocorre o contrário, com a junção de períodos curtos. Essa prática se deve aos diferentes estilos de texto considerados preferíveis por diferentes línguas e povos.

2.3.9 As melhorias

Segundo Barbosa, as melhorias “consistem em não se repetirem na tradução os erros de fato ou outros tipos de erro cometidos na TLO” (ibidem, p.70).

2.3.10 A transferência

A transferência é um procedimento que “consiste em introduzir material textual da LO no TLT” (ibidem, p. 71) e que pode assumir quatro formas:

- a) estrangeirismo
- b) estrangeirismo transliterado (transliteração)
- c) estrangeirismo aclimatado (aclimatação)
- d) estrangeirismo acompanhado de explicação

Descreveremos esses procedimentos a seguir.

a) O estrangeirismo

Segundo Barbosa, o estrangeirismo consiste na transferência (transcrição ou cópia) de vocábulos ou expressões da LO que se referem a um conceito, técnica ou objeto no TLO que seja desconhecido para os falantes da LT (ibidem, p. 71). O vocábulo ou expressão aparecerá no TLT em sua forma original, mas com alguma marca gráfica (aspas, itálico ou sublinhado) que indique que se trata de um elemento estranho à LT.

b) A transliteração

A transliteração é um procedimento descrito por Catford (1965, p. 26), que se faz necessário em casos de extrema divergência entre a LO e a LT, que nem sequer tem um alfabeto comum. É o caso de palavras como *gueixa*, uma transliteração do sistema de escrita japonês (*kanji* ou *hiragana*) para o alfabeto romano. Na tradução entre o inglês e o português, esse procedimento geralmente não se faz necessário, já que as duas línguas compartilham o alfabeto romano. No entanto, como aponta Barbosa, podem existir elementos já transliterados

no TLO e, nesse caso, o tradutor deve se atentar às normas de transliteração adequadas a cada língua. No exemplo citado, a mesma palavra seria transliterada para a língua inglesa como *geisha*.

c) A aclimatação

A aclimatação é o processo através do qual os estrangeirismos são adaptados à língua que os toma (ibidem, p.73). É através desse processo que “um radical estrangeiro se adapta à fonologia e à estrutura morfológica da língua que o importa”.

d) A transferência com explicação

Barbosa afirma que “a condição necessária para o emprego da transferência na tradução é que o leitor possa apreender seu significado através do contexto” (ibidem, p. 74). Contudo, isso nem sempre é possível, o que torna necessário o uso de procedimentos adicionais à transferência. Esses procedimentos se dividem em notas de rodapé e explicações diluídas no texto, e foram examinados em detalhes por Nida (1964) e Newmark (1981 e 1988).

2.3.11 A explicação

Este procedimento é descrito por Nida (1964), que o recomenda ao invés do estrangeirismo. Trata-se da substituição do estrangeirismo por sua explicação, para facilitar a compreensão do texto ou por questões de ritmo ou de estilo.

2.3.12 O decalque

Segundo Barbosa, “o decalque consiste em traduzir literalmente sintagmas ou tipos frasais da LO no TLT” (ibidem, p. 76). Como ocorre com o estrangeirismo e a aclimatação, o decalque só pode ser detectado em uma tradução por meio de uma análise diacrônica que determine se já havia sido utilizado ou não (ALVES, 1983). Ainda segundo Barbosa, Newmark define dois tipos de decalque: o empréstimo de tipos frasais e o decalque empregado na tradução de nomes de instituições (ibidem, p. 76).

2.3.13 A adaptação

Segundo Barbosa, a “adaptação é o limite extremo da tradução”, que se aplica “em casos onde a situação toda a que se refere a TLO não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT” (ibidem, p. 76). Nesses casos, é necessário recriar a situação por meio de

outra equivalente que exista na realidade extralinguística da LT. Isso pode ser feito com o intuito de aproximar a realidade do texto à dos leitores ou facilitar a compreensão.

3. Galeria Subterrânea

Escolhemos o nome “Galeria Subterrânea” para o Relatório, pois essa é a parte de Stallery onde, longe dos olhos da Família e dos convidados, todo o trabalho é realizado para manter a mansão em perfeito funcionamento. Assim também, neste relatório, revelaremos todo o trabalho e pesquisa que foram necessários para produzir a versão final da tradução.

Abordaremos a seguir os principais desafios enfrentados ao longo da tradução do livro *Conrad's Fate*, assim como as soluções encontradas e suas justificativas. Dividimos o relatório em tópicos para facilitar a leitura.

3.1 Principais Desafios

3.1.1 Aliteraões e assonâncias

A aliteração é uma figura de linguagem caracterizada pela repetição de fonemas consonantais idênticos ou semelhantes, principalmente nas sílabas tônicas das palavras utilizadas. A assonância é uma figura de linguagem semelhante, que consiste na repetição de sons vocálicos, principalmente nas vogais tônicas.

O uso de aliteraões e assonâncias é uma característica marcante de muitos textos voltados para o público infantil, e *Conrad's Fate* não é exceção. Diana Wynne Jones faz uso dessas figuras de linguagem em vários pontos do texto, utilizando-as para criar maior sonoridade e para efeito humorístico.

Ao longo da tradução, nos mantivemos atentas à ocorrência de repetições fonéticas. Em alguns casos, ficou claro para nós que as aliteraões ou assonâncias eram fruto do mero acaso. Portanto, não vimos necessidade de tentar reproduzi-las na tradução. No entanto, nos deparamos com outros casos, nos quais essas repetições eram claramente propositais. Nesses casos, decidimos reproduzi-las no texto em português, com o intuito de manter as características do original.

Alguns exemplos de aliteraões e assonâncias presentes no texto original e das soluções encontradas por nós são listados a seguir:

Texto original	Nossa tradução
(...) wagging a worried, wrinkled finger (p. 4)	Sacudindo um dedo ossudo e ansioso (p. 70)
(...) crooked aristocrats (...) (p. 5)	Aristocratas sem escrúpulos (p. 70)
<i>Peter Jenkins and the Hidden Horror</i> (p. 8)	Peter Jenkins e o Horror Oculto (p. 74)
(...) my stomach shook, in wobbly waves. (p. 20)	Meu estômago estremeceu, embrulhando e revirando (p. 89)
(...) I could only manage a feeble flap. (p. 20)	Só consegui abaná-lo, abatido (p. 89)
This is all very true and tragic, (...) (p. 23)	Esses são todos fatos funestos (p. 93)
Pigheaded <i>piffle!</i> (p. 61)	<i>Toupeira</i> teimosa (p. 1143)
(...) lazy lumps (...) (p. 73)	Lesmas lerdas (p. 158)
“From Rags to Riches” (p. 106)	Do Lixo ao Luxo (p. 199)
[The] maids were full of giggles and goggles. (p. 124)	As criadas (...) saçaricavam, assanhadas (p. 222)
There were gasps and whispers all over the room. (p. 160)	Sussurros assustados passaram pela sala (p. 268)

3.1.2 Alimentos

Houve uma cena específica do livro que apresentou diversos desafios para a tradução. Trata-se da primeira aula de culinária dos protagonistas com o segundo *Sous-Chef* da mansão (p. 111 e p. 143). Nessa cena, há três momentos em que um tipo de vegetal é confundido com outro (ou outros). Em um desses momentos, mantivemos os mesmos vegetais usados no

original por considerarmos que eram conhecidos pelo público brasileiro. O trecho é o seguinte:

A little more cautiously, Christopher approached a small box of bright red chilies. “Now here are some fine, glossy carrots,” he suggested. “They probably fade a bit when you cook them.” He looked at Mr. Maxim. Mr. Maxim nearly dislodged his tall white hat by clutching at his head. “No?” Christopher asked. “What are they then? Pipless strawberries? Long, thin cherries?”(p. 62)

A tradução produzida foi:

Com um pouco mais de cuidado, Christopher se aproximou de uma pequena caixa de pimentas vermelho-vivo.

- Estas são ótimas cenouras, bem brilhantes. Devem perder um pouco a cor quando cozidas.

Ele olhou para o Sr Maxim, que quase arrancou o grande chapéu branco da cabeça. Christopher perguntou:

- Não? São o que então? Morangos sem sementes? Cerejas longas e finas? (p. 144)

O primeiro caso que necessitou de alterações foi o momento em que Christopher confunde *gooseberries* com ervilhas:

But he made a confident pounce toward a basket of gooseberries. “Here,” he said, “are some splendid peas, really big ones. Oh no, they’re hairy. It can’t be good for peas to have bristles, can it?”

“Those,” Mr. Maxim said, “are gooseberries for the Stillroom. Try again.” (p. 62)

A tradução que encontramos para *gooseberry* foi groselha. Isso criou um problema, pois, no Brasil, a palavra groselha designa uma fruta diferente daquela à qual o texto se refere. As groselhas brasileiras são vermelhas e não verdes, não são peludas e nunca seriam confundidas com ervilhas.



Figura 1 – Gooseberries e groselhas

Decidimos, portanto, substituir ambos os elementos da comparação. Consideramos importante manter o caráter absurdo da confusão, pois ele demonstra que o personagem (Christopher) é completamente leigo em relação a frutas e legumes. Acabamos por optar pela confusão entre vagens e quiabos, que mantém ainda o elemento dos pelos.



Figura 2 – Vagens e quiabos

Assim, a tradução produzida foi a seguinte:

Mas ele se lançou, cheio de confiança, em direção a uma cesta de quiabos.

- Aqui estão algumas vagens esplêndidas, bem gordinhas. Ah, não, são peludas. Será que é bom que vagens tenham cabelinhos?
- Esses são quiabos. Tente mais uma vez. (p. 143)

O próximo trecho que teve de ser adaptado foi o seguinte:

He was wonderfully kind to Christopher after that and even *quite* kind to me when I mistook a pawpaw for a vegetable marrow. (p. 62)

Não fomos capazes de determinar se o *pawpaw* que é mencionado no livro é a fruta conhecida como asimina ou *pawpaw*, ou um mamão papaia, que também é conhecido por esse nome. De qualquer forma, optamos pelo uso de vegetais diferentes na tradução por dois motivos que serão discutidos a seguir. Em primeiro lugar, a fruta asimina não é conhecida no Brasil e, por isso, não seria uma opção viável. Em segundo lugar, não consideramos provável que um leitor brasileiro compreendesse a confusão entre uma abobrinha e um mamão papaia, tendo em vista as variedades do primeiro disponíveis no país, e a grande familiaridade do público nacional com o segundo.

Por essas razões, optamos por substituir a comparação *pawpaw/vegetable marrow* por tomate/caqui. Assim, fizemos uso de duas frutas que são bem conhecidas pelo público brasileiro, mas que são muito semelhantes e, portanto, podem ser confundidas. Outras opções que nos ocorreram, como cajá/maracujá e graviola/jaca, foram descartadas por serem demasiadamente localizadas.



Figura 3 – Tomate e caqui

Com essas alterações, o trecho produzido foi:

Ele foi maravilhosamente simpático com Christopher depois disso, e até simpático comigo quando confundi um tomate com um caqui. (p. 144)

Em vários momentos do livro, surgem descrições das refeições de diversos personagens. A maioria dessas refeições inclui pratos tipicamente ingleses, característicos de países de língua inglesa ou que simplesmente não são comuns no Brasil. Optamos pela tradução literal desses pratos quando consideramos que não haveria prejuízo para a fluência do texto e para a compreensão dos leitores. Alguns exemplos dessas traduções literais são: quiche (p. 11 do original e p. 79 da tradução), sanduíche de ovo e agrião (p. 32 e p. 104), bacon e ovos (p.76 e p. 161), ovos com batatas fritas (p. 143 e p. 245) e outros.

Em outros casos, optamos por simplificar ou alterar ligeiramente as descrições das comidas. Por exemplo, em certo momento do texto há menção a um peixe chamado em inglês de *haddock* (p. 137). Em português, esse peixe é chamado de arinca, eglefino ou hadoque. No entanto, optamos por descrever o prato simplesmente como “peixe” (p. 238), pois consideramos que o público brasileiro não estaria familiarizado com esse tipo específico de pescado. A simplificação da descrição do prato não acarreta em nenhum prejuízo para a cena.

Outros exemplos de descrições simplificadas ou adaptadas são: *rolls*/pãezinhos (p. 57 e p. 138), *marmalade*/geleia (p. 57 e p. 131), *custard*/mingau (p. 130 e p. 229), *trifle*/pavê (p. 139 e p. 240) e *chocolate meringue*/torta de chocolate (p. 143 e p. 246).

Um caso particular foi o da expressão *nuts* (p. 156), que se refere a uma grande variedade de sementes comestíveis, a maioria das quais têm nomes terminados no sufixo *-nut*. Em português não existe um termo que englobe todos ou a maioria desses elementos, por isso optamos por selecionar apenas dois deles (castanhas e amendoins, p. 263) e utilizá-los na descrição. A identidade específica das sementes não é importante para o texto, pois elas somente são mencionadas rapidamente como acompanhamentos para drinques.

Tivemos um desafio com *steak pie* (p. 53) e *cottage pie* (p. 143). Ambas são tortas de carne. *Steak pie* se assemelha a um empadão de carne, enquanto *cottage pie* é parecida com um escondidinho. No entanto, apesar de existirem pratos no Brasil parecidos com os que aparecem no texto, optamos por usar outras descrições, pois tanto empadão quanto escondidinho são pratos regionais que poderiam não ser conhecidos em todo o país. Assim, optamos por traduzir *steak pie* como torta de carne (p. 132) e *cottage pie* como carne com purê (p. 245).

3.1.3 Refeições

Os nomes das refeições da Família e dos Empregados (ambos os termos sempre aparecem com letras maiúsculas no livro) apresentaram um problema para a tradução. A refeição noturna da Família é chamada de *Dinner* (sempre grafada com letra maiúscula) e, segundo a descrição do narrador, é muito formal. Já a refeição dos Empregados, é chamada de *supper* (com letra minúscula) e é menos formal. Precisamos, portanto, encontrar dois termos diferentes para descrever a principal refeição da noite: um mais formal e outro menos. Optamos pelos termos Jantar e janta, que, apesar de serem muito semelhantes, possuem cargas bem diferentes.

Houve ainda outra refeição que exigiu alguma consideração. As criadas que servem a janta aos outros Empregados têm de fazer suas refeições mais cedo. Uma delas informa Christopher que sua refeição, chamada de *high tea* (p. 54), acontece às seis e meia da tarde. O *high tea* era originalmente uma refeição consumida pelas classes trabalhadoras no final da tarde e inclui pratos quentes, como peixe com batatas fritas e *shepherd's pie*. Essa descrição deixa claro que, apesar do nome, o *high tea* não corresponde à imagem que o público brasileiro tem de um chá da tarde. Por essa razão, optamos por traduzir a expressão como lanche (p. 243), que invoca uma imagem mais próxima do sentido original.

Em outro ponto do texto, temos a expressão *high-tea trolley* (p. 48), para descrever o carrinho de chá usado para servir a Condessa e Lady Felice. Nesse caso, não vimos necessidade de adaptar o conteúdo e optamos pela tradução “carrinho de chá” (p. 126).

Houve ainda outro tipo de “chá” que exigiu nossa atenção. Em certo momento, o narrador do texto menciona que muitos turistas vão a Stallstead no verão para tomar *cream teas* (p. 28). Descobrimos que se trata de uma refeição que inclui chá e *scones* servidos com um tipo de nata e geleia de morango. Os *cream teas* costumam ser servidos, fora do Reino Unido, em casas de chá que buscam emular um ambiente britânico. Concluímos, portanto, que seria necessário encontrar um termo em português que descrevesse não só a refeição, mas toda a atmosfera que existe em torno dela. Optamos pelo termo “chá das cinco” (p. 98), que carrega a conotação de ser um ritual requintado e tradicionalmente britânico.

3.1.4 Falas

As falas dos personagens receberam um tratamento diferente do restante do texto, e uma atenção especial. Nosso objetivo era tornar os diálogos verossímeis e condizentes com o discurso que seria esperado de cada personagem. Assim, nos diálogos foi utilizada, em geral, uma linguagem mais coloquial e marcada por alguns elementos da oralidade, como, por exemplo, as contrações numa (em+uma) e pra (para), a substituição do verbo haver por ter e o uso de artigos definidos antes de nomes de personagens. No entanto, o nível de formalidade das falas varia de personagem para personagem.

O personagem Smedley constitui um caso particular. Não é possível inferir com base no texto se esse personagem teve uma criação mais simples que os outros jovens de sua idade, inclusive Conrad. No entanto, após chegar a Stallery, garoto é designado para a função de ajudante de jardineiro. Existe, na mansão, uma grande cisão entre os Empregados de dentro da casa e os de fora. Os Empregados de fora, incluindo os jardineiros, parecem ter modos mais simples que os de dentro e isso se reflete em seu discurso. Os discursos de Smedley e do jardineiro-chefe, o Sr Avenloch, possuem características da língua popular e da fala de pessoas do campo. Consideramos importante manter essas marcas diferenciadoras. Para tanto, foi necessário procurar, nos dialetos populares e interioranos brasileiros, equivalências para os elementos do original.

Um dos elementos da oralidade que utilizamos nessas falas foram as contrações, especificamente do verbo estar (*tá, tava, tã*) e do pronome você (*cê*). Além disso, incluímos a colocação inapropriada de pronomes (“chamei ela” ao invés de “a chamei”) e, somente em uma ocasião, o rotacismo, ou seja, a substituição do fonema *l* por *r* (*vorte*). Todos esses artifícios foram utilizados com parcimônia, para que as falas não se tornassem excessivamente caricatas.

3.1.5 Trocadilhos

Como acontece em muitos textos voltados para o público infantil e infanto-juvenil, os trocadilhos são usados para produzir efeitos humorísticos em certos pontos da história. Esses jogos de palavras apresentaram grandes desafios para a tradução, já que, em quase todos os casos, não mantinham seus sentidos se traduzidos literalmente. Foi necessário, então, adaptá-

los, procurando assim criar trocadilhos em português que se encaixassem nas situações existentes. A seguir, discutiremos em detalhes essas situações e as soluções encontradas.

- *Disempowered broodmares*

O primeiro trocadilho que encontramos no texto foi também um dos mais difíceis de traduzir. Trata-se da descrição que a mãe de Conrad, uma escritora feminista, usa para as mulheres em um de seus livros. A expressão original, *disempowered broodmares*, significa, literalmente, “égua reprodutora privada de poderes ou autoridade”. Porém, Conrad não entende o vocabulário rebuscado da mãe e acaba pensando que ela está se referindo a algo como um pesadelo fraco (*weak nightmare*). O trecho é o seguinte:

“(…) What do you think of ‘disempowered broodmares’ as a description? Good, eh?”

“Great,” I said. Mum’s books are full of things like that. I’m never sure what they mean. That time I thought a disempowered broodmare was some sort of weak nightmare, (...) (p. 7)

Em primeiro lugar, consideramos que a expressão “égua reprodutora” seria muito forte para ser utilizada, além de ter conotações muito negativas. Propusemos então, a opção “burras de cargas sem direitos”, que Conrad imaginaria serem animais que só tinham o lado esquerdo. Descartamos essa opção por considerarmos que o personagem não cometeria um erro como esse. Era necessário usar palavras em português que também fossem de difícil entendimento, para que a inteligência do personagem não fosse reduzida. Após uma longa pesquisa, chegamos à expressão “geratrizes esbulhadas”. Além de ter um significado bem próximo do original, essa opção também mantém a linguagem rebuscada. Assim, Conrad acaba por pensar que a mãe fala de “atrizes esbugalhadas”: uma situação engraçada e plausível.

(…) O que você acha da descrição “geratrizes esbulhadas”? Boa, não é? Ótima – eu disse.

Os livros de minha mãe estão cheios dessas coisas. Nunca entendo direito o que significam. Dessa vez eu pensei que uma geratriz esbulhada fosse algum tipo de atriz com olhos esbugalhados, (...) (p. 72)

- *Hose*

Os estranhos costumes e regras da mansão Stallery causam grande confusão a Conrad. Assim que os dois chegam ao lugar, Christopher lhe pergunta se ele “pretende ser um criado para desfilar por Stallery usando meia calça de veludo”. No original, existe um trocadilho com a palavra *hose*, que pode significar tanto *collant* ou meia-calça, quanto mangueira (de jardim). Conrad não está familiarizado com a vestimenta dos Empregados da mansão e, por isso, se imagina vestindo uma mangueira de plástico.

“(…) And you aim to be a footman and strut in Stallery in velvet hose, do you, Grant?”

Hose? I thought. I had visions of myself in a reel of rubber pipe. (p. 33)

Por sorte, foi possível traduzir o termo *hose* literalmente como “meia-calça” e, ainda assim, produzir um trocadilho. Na tradução, o personagem se imagina vestindo uma calça com uma perna só, ou seja, uma meia calça.

(…) E você pretende ser um criado para desfilar por Stallery usando meia-calça de veludo, é, Grant?

“Meia-calça?”, pensei. Tive uma visão de mim mesmo usando uma calça com só uma perna. (p. 104)

- *Heir to the butlership*

Durante uma conversa entre os dois personagens principais e o pajem Hugo, surge outro trocadilho. Christopher pergunta a Hugo se ele herdará a posição de seu pai, o mordomo. No original, a expressão usada por ele é *heir to the butlership* (p. 39).

Christopher está sendo irônico, comparando a posição de mordomo a um título de nobreza com a adição do sufixo *-ship*, como nas palavras *kingship*, *lordship* e outras. Esse comentário parece especialmente apropriado ao chegarmos ao final do livro, quando é revelado que o Sr Amos e Hugo realmente são nobres. Por esses motivos, consideramos importante manter o jogo de palavras em português. Optamos por criar a expressão “Vossa Mordomia” (p. 113), que lembra o pronome de tratamento “Vossa Senhoria”.

- *Ha-ha*

O trocadilho que apresentou o maior desafio para a tradução foi encontrado no trecho do livro em que os personagens principais estão explorando os jardins da mansão. Durante essa exploração, eles se deparam com uma espécie de vala que delimita o final de uma propriedade e que, em inglês, é conhecida como *ha-ha*. Esse nome cria um desentendimento entre os personagens, por ser um termo muito pouco conhecido e por ser semelhante ao som de uma risada.

There was drop of about ten feet down into a ditch, and after the ditch, the parklands began, rolling away for miles ahead of us.

“A ha-ha,” Christopher said.

“Nothing’s funny,” I said. I was too hot by then, and sick of searching for a girl who didn’t seem to exist. I was beginning to think Christopher was imagining Millie was near.

“I mean that this drop into a ditch at the end of a garden is called a ha-ha,” Christopher explained. “At least it is in my world.”

“I don’t think it is here,” I said. (p. 80)

Esse elemento do paisagismo não tem o mesmo nome em nossa língua. De fato, não fomos capazes de descobrir qual é o termo utilizado em português. Por essa razão, uma tradução literal do trocadilho nos pareceu impossível e foi necessário buscar uma alternativa. De início, tentamos produzir trocadilhos com os termos vala ou valeta, mas as soluções propostas nos pareceram pouco verossímeis.

Após uma longa pesquisa, descobrimos que a palavra “rego” é um sinônimo para vala. Partindo daí e considerando a acepção mais conhecida da palavra (um termo chulo para o sulco entre as nádegas), realizamos as adaptações necessárias na cena. Assim, na tradução, a confusão surge quando um dos personagens assume que o outro está se referindo à parte da anatomia humana e não a um elemento do paisagismo.

Havia uma vala de uns três metros de profundidade, e depois da vala, começava o parque, se desenrolando por vários quilômetros.

- Ah, um rego!

- Quê? Isso era pra ser uma piada? – eu disse.

Eu estava com muito calor, e já enjoado de procurar uma menina que parecia não existir. Começava a pensar que Christopher estava imaginando que Millie estava por perto.

- Estou dizendo que essa vala para escoar água se chama rego. Pelo menos no meu mundo. – ele explicou.

- Acho que aqui não se chama. – eu disse. (p. 167)

- *Champ*

Outro trocadilho que teve de ser adaptado foi o que diz respeito ao nome de um dos cães de guarda da mansão. No original, o nome do cachorro é *Champ*, que pode ser um encurtamento de *Champion* (Campeão), mas que também pode ser um verbo que significa “comer ou mastigar fazendo muito barulho”. Quando descobre o nome do cachorro, Christopher comenta essas duas possibilidades, dizendo não achar que o nome seja uma descrição dos hábitos do animal.

“This is the guard dog that went missing today. Its name is”—he reached around the great tongue and found the name tag on the dog’s collar—
“Champ. I think it’s short for Champion and not a description of its habits.”
(p. 89)

A tradução literal desse trecho seria impossível, pois o trocadilho não se manteria em português. Tivemos, portanto, de pensar em outro jogo de palavras, que deveria manter-se relativamente próximo do sentido original e incluir um nome plausível para o cão. Inicialmente, tentamos seguir à risca o original e procuramos um nome que pudesse ser relacionado ao ato de comer. Porém, não tivemos sucesso nessa linha de raciocínio e nos vimos obrigadas a buscar outra. Procurando adjetivos que normalmente seriam usados para descrever um feroz cão de guarda, chegamos ao nome Brutus. A partir daí, fizemos as alterações necessárias ao trecho, cuja versão final é a seguinte:

- Este é o cachorro que desapareceu hoje. O nome dele é... - ele contornou a enorme língua e encontrou a plaquinha da coleira do cão – Brutus. Acho que é só o nome dele e não uma descrição da sua personalidade. (p. 178)

3.1.6 Alterações de palavras em itálico

Uma característica marcante da escrita de Diana Wynne Jones em *Conrad’s Fate* e nos outros livros da série é o uso do texto em itálico para destacar palavras ou trechos tanto dos diálogos quanto da narrativa. Por meio desse recurso gráfico, são destacados elementos que, na linguagem oral, seriam enfatizados por meio da entonação. Consideramos importante manter essa particularidade do texto original em nossa tradução.

Assim, procuramos reproduzir todas as ênfases criadas com itálico com as quais nos deparamos no texto. No entanto, nem sempre foi possível aplicar o recurso à palavra ou

trecho que correspondia diretamente ao original. Identificamos quatro situações em que foi necessário algum tipo de alteração. Isso ocorreu quando:

- 1) a palavra original não existe ou foi eliminada na tradução (ex. verbos auxiliares);
- 2) o itálico foi transferido para outra palavra para melhor refletir o discurso em língua portuguesa;
- 3) a estrutura da frase foi alterada, causando o deslocamento do itálico;
- 4) a frase original foi substituída por outra semelhante ou equivalente;

A primeira situação se repetiu diversas vezes, pois, em inglês, é comum que se dê ênfase aos verbos auxiliares, especialmente de frases negativas ou interrogativas. Em português, essas formas verbais não existem e a ênfase no verbo principal pareceria estranha ou produziria um efeito diferente. Por isso foi necessário acrescentar novas palavras aos períodos e aplicar o recurso itálico a elas. As palavras utilizadas foram “mesmo”, “bem”, “claro” e “será” (para questionamentos). Todas essas palavras são comumente utilizadas em português para criar ênfase.

A segunda situação reflete uma diferença sutil entre a LO e a LT. Mesmo entre as frases traduzidas literalmente ou com poucas alterações em relação ao original, houve casos em que optamos por deslocar o itálico para uma palavra diferente. Fizemos isso por considerarmos que, no português falado, seria mais natural enfatizar determinada palavra em detrimento de outra. Podemos citar como exemplos os pares “Not *there!*”(p. 41)/*Aí não!* (p. 116) e “*What a relief!*”(p. 64)/*Que alívio!* (p. 146), que ilustram bem essas diferenças de ênfase.

Há vários exemplos da terceira situação ao longo do livro. Nesse caso, a estrutura da frase foi alterada, frequentemente devido a transposições ou modulações, o que criou a necessidade de destacar em itálico uma palavra que não corresponde exatamente à original. Nos casos em que houve transposição, por exemplo, a palavra destacada pertence a uma classe gramatical diferente da original.

Na última situação, o segmento de texto original foi substituído por outro que não o traduz literalmente, mas que tem um sentido equivalente ou muito próximo em português.

Nesses casos, foi preciso imaginar qual palavra do novo segmento de texto seria destacada para criar um efeito próximo do original. Podemos citar como exemplos desse procedimento os pares: “How much farther *is* it?”(p. 31)/Será que ainda falta *muito*?(p. 102), “Steady *on*!”(p. 85)/Calminha *aí*! (p. 173) e “(...) Come *on*.” (p. 89)/*Anda*. (p. 182).

Texto original	Nossa tradução
Fat lot <i>you</i> know! (p. 13)	Até <i> parece</i> ! (p. 81)
“(...) I wouldn’t <i>dream</i> of it. (...)” (p. 13)	- Eu não iria pra lá nem em <i>sonho</i> . (p. 81)
“That’s <i>it</i> ! (...)” (p. 14)	“Já <i>chega</i> ! (...)” (p. 83)
“(...) I’m <i>leaving</i> !” (p. 14)	“(...) Eu vou <i>embora</i> !” (p.83)
(...) <i>it was</i> like that (...) (p. 24)	Era <i>mesmo</i> daquele jeito (p. 93)
“How much farther <i>is</i> it?” (p. 31)	Será que ainda falta <i> muito</i> ? (p. 102)
“ <i>Not</i> what I had in mind,” (p. 36)	Não é <i>bem</i> o que eu tinha em mente. (p. 109)
“(...) You were just <i>there</i> ! (...)” (p. 39)	Você simplesmente <i>apareceu</i> ! (p. 112)
“ <i>Not there</i> !” (p. 41)	<i> Aí não</i> ! (p. 116)
“ <i>Are</i> you regarding me as a rival?” (p. 42)	Você está <i>mesmo</i> me considerando um rival? (p. 116)
“ <i>That’s</i> better!” (p. 46)	<i>Bem</i> melhor! (p. 122)
“Whatever does Robert <i>mean</i> by it? (...)” (p. 51)	Onde Robert está com a <i>cabeça</i> ? (p. 129)
“(...) There must be some Staff who have supper at breakfast time in order to fit all this serving <i>in</i> .” (p. 54)	Deve haver Empregados que jantam na hora do café da manhã para acomodar toda essa <i>serviço</i> . (p. 133)
She <i>does</i> take spell pills! (p. 63)	Então ela toma <i>mesmo</i> pílulas mágicas, (p. 145)
“ <i>What</i> a relief!” (p. 64)	Que <i>alívio</i> ! (p. 146)
“No, <i>it is</i> farther on, then.” (p. 68)	Não, então é <i>mesmo</i> mais para lá. (p. 151)
“But what are you <i>doing</i> here?” (p. 68)	Mas <i>o que</i> você está fazendo aqui? (p. 151)
There <i>was</i> an oddness. (p. 68)	Havia <i>mesmo</i> algo estranho. (p. 151)
“Yes, but what have you been looking <i>for</i> ?”	Está bem, mas o que você esteve

(...)” (p. 69)	<i>procurando?</i> (p. 153)
(...) and she didn’t <i>learn</i> anything (...) (p. 71)	(...) e que ela não estava aprendendo <i>nada</i> (...) (p. 154)
“(...) because he wouldn’t <i>listen</i> to me. (...)” (p. 71)	(...) porque ele não me dava <i>ouvidos</i> . (p. 155)
“(...) that cellar door <i>is</i> right in the center of the strange bit of the house...” (p. 73)	(...) a porta da adega fica <i>bem</i> no centro da parte estranha da casa... (p. 157)
“ <i>My</i> memory is that I decided yesterday to teach you bacon and eggs,” (p. 76)	Pelo que me <i>lembro</i> , eu resolvi ontem que ensinaria bacon e ovos a vocês. (p.161)
If <i>only</i> I had not happened to be born and brought up in a bookshop, if <i>only</i> I had happened to be born a stableboy (...) (p. 77)	Quem me <i>dera</i> não ter nascido e sido criado em uma livraria. Quem me <i>dera</i> ter nascido como um tratador de cavalos (...) (p. 163)
(...) and the <i>look</i> of them turned my heart over. (p. 77)	(...) e só de <i>olhar</i> para eles, meu coração dava pulos. (p. 163)
And thought that Christopher <i>would</i> think this. (p. 81)	(...) e pensei que era <i>claro</i> que Christopher acharia isso. (p.169)
“Steady <i>on!</i> ” (p. 85)	Calminha <i>ai!</i> (p. 173)
“(...) Come <i>on.</i> ” (p. 92)	<i>Anda.</i> (p. 182)
“Drains right up <i>here?</i> ” (p. 94)	Drenos <i>aqui em cima?</i> (p. 184)
(...) who after all <i>owned</i> Stallery, (...) (p. 98)	(...) que, afinal de contas, era <i>dono</i> de Stallery (...) (p. 189)
“All he’s done is hire the librarian you <i>asked</i> him to hire! (...)” (p. 99)	Ele só contratou uma bibliotecária, como <i>você</i> mandou! (p. 191)
“I shall pick up this candlestick and <i>brain</i> you with it!” (p. 100)	(...) eu vou pegar este candelabro e <i>quebrar sua cabeça</i> com ele! (p. 191)
“What <i>has</i> Count Robert done to make them both so angry? (...)” (p. 101)	O que <i>será</i> que o Conde Robert fez para deixá-los tão bravos? (p. 193)
“He <i>must</i> have cast one,” (p. 114)	Ele deve ter lançado <i>mesmo</i> . (p. 209)
“ <i>Is</i> our mother under a spell, do you think?” (p. 116)	Você acha que a nossa mãe está <i>mesmo</i> enfeitiçada? (p. 211)
“If I have to make one more bed or lay out	- Se eu tiver que arrumar mais uma cama, ou

one more breakfast tray, I shall <i>drop</i> , darling!” (p. 131)	colocar mais uma bandeja de café da manhã, <i>caio dura</i> , querida! (p. 231)
(...) in fact I <i>kept</i> thinking it (...) (p. 132)	Na verdade, eu pensava nisso <i>toda hora</i> (...) (p. 231)
“Right, <i>go!</i> ” (p. 132)	Certo, <i>já!</i> (p. 231)
“(...) Where are you <i>this time?</i> ” (p. 132)	Onde você está <i>agora?</i> (p. 231)
“(...) Andrew, it is <i>not</i> your job to fetch luggage in.” (p. 133)	Andrew, não é serviço <i>seu</i> buscar a bagagem. (p. 232)
“I wonder if there <i>is</i> a ghost after all,” (p. 134)	Será que existe <i>mesmo</i> um fantasma? (p. 234)
“Don’t <i>do</i> that!” (p. 136)	Não faça <i>isso!</i> (p. 237)
“As I <i>keep</i> telling Felice,” (p. 149)	Como eu já disse <i>várias vezes</i> , (p. 253)
I wished he would come <i>back</i> . (p. 152)	Eu queria que ele <i>voltasse</i> . (p. 257)
“We’ve both worked here most of our <i>lives!</i> (...)” (p. 167)	Nós duas trabalhamos aqui quase a vida <i>inteira!</i> (p. 276)
“Shut <i>up!</i> ” (p. 169)	Calem a <i>boca!</i> (p. 278)

3.1.7 Onomatopeias

A onomatopeia é uma figura de linguagem por meio da qual se reproduz um som com um fonema ou uma palavra. As onomatopeias variam muito de uma língua para outra. Por exemplo, o som do latido de um cachorro é representado em português por “au-au”, em inglês, por “woof woof” e, em japonês, por “wan wan”.

Para tornar o texto mais natural, optamos por adaptar a grande maioria das onomatopeias encontradas nele. A seguir, apresentamos vários exemplos dessas adaptações.

Texto original	Nossa tradução
Bang (p. 23)	Bum (p. 93)
Clang (p. 28, 29)	Blem (p. 98)
Er (p. 40; 144)	É (p. 113; 238)
Er, er (p. 46)	Hã, é (p. 122)
Tut-tutted (p. 46)	Fez tsc tsc (p. 122)

Clack-clack-clack (p. 64)	Clec-clec-clec (p. 146)
Eek! (p. 68)	Hiii! (p. 151)
Er (p. 75)	Hum (p. 160)
Hmm (p. 76)	Hum (p. 160)
Pop-pop-pop BOOM (p. 78)	Pop-pop-pop BUM (p. 164)
Phew (p. 107; 112)	Ufa (p. 193; 201)
Ooh—ow! (p. 111)	Ui, ai! (p. 205)
Whoosh! (p. 118)	Ufa! (p. 214)
EH? (p. 124)	Hein? (p. 221)
Ping! (p. 154)	Peng! (p. 259)
Er (p. 156)	Hã (p. 262)
Tink (p. 157)	Tlim (p.263)

3.1.8 Geografia

Em Conrad's Fate são mencionados muitos países e cidades da Europa. Alguns desses lugares realmente existem no mundo real, enquanto outros existem apenas no universo do livro. Existem, ainda, localidades reais que recebem nomes ligeiramente diferentes. A seguir, apresentamos os nomes de propriedades, cidades, países, e elementos geográficos que aparecem na história e as opções adotadas na tradução. Comentaremos algumas dessas opções.

Texto original	Nossa tradução
Buda-Parich (p. 121, 181)	Buda-Parich (p. 217, 294)
Chrestomanci Castle (p. 70, 102, 144, 180)	Castelo Crestomanci (p. 154, 193, 246, 293)
English Alps (p. 4, 57)	Alpes Ingleses (p. 69, 136)
Frisia (p. 56)	Frísia (p. 137)
Little Rhine (p. 56)	Pequeno Reno (p. 136)
Ludwich (p. 10, 41, 50 etc.)	Ludwich (p. 76, 115, 128 etc.)
Mosskva (p. 56)	Mosskva (p. 137)

Slavo-Teutonic States (p. 70)	Estados Eslavo-Teutônicos (p. 154)
Stall Crag (p. 5, 6, 13, 28 etc.)	Paredão de Stall (p. 70, 71, 80, 99 etc.)
Stallchester (p. 4, 9, 11 etc.)	Stallchester (p. 69, 75, 76 etc.)
Stallery (p. 4, 5, 6, 7 etc.)	Stallery (p. 69, 70, 72, 75 etc.)
Stallstead (p. 27, 28, 29 etc.)	Stallstead (p. 98, 99, 100 etc.)
Sussex Plains (p. 56)	Planície de Sussex (p. 136)

- *Chrestomanci Castle*

O nome do castelo é mencionado em outros títulos da série. Por isso, optamos por manter o nome e a grafia das outras traduções já publicadas.

- *Moskva*

Moskva é a transliteração de Moscou, em russo, apenas com um s. Optamos por manter a grafia da palavra como aparece no livro, com dois s, porque achamos interessante que o nome tivesse uma aparência estranha e estrangeira, assim como no original. Além disso, a associação com Moscou não é imediata, mesmo no texto original.

- *Stallchester, Stallstead, Stallery e Ludwich*

Mantivemos os nomes que aparecem no original por não vermos necessidade de fazer nenhum tipo de adaptação. Como são todos lugares fictícios, não existe uma aclimatação, como no caso de London/Londres. Além disso, consideramos que a presença de nomes estrangeiros soaria natural em uma estória que se passa em outro país.

- *English Alps, Little Rhine, Sussex Plains, Slavo-Teutonic States*

Optamos por traduzir esses elementos geográficos porque *alps* e *plains* são palavras que possuem equivalentes em português. Apesar de os elementos específicos mencionados no livro não existirem, foi possível traduzi-los. Além disso, são todos nomes parecidos com outros que existem, como os Alpes Suíços, por exemplo.

3.2 Procedimentos técnicos aplicados

Em nossa tradução, fizemos uso de vários dos procedimentos técnicos propostos por Heloísa Gonçalves Barbosa em *Procedimentos Técnicos da Tradução: uma nova proposta*.

Os procedimentos mais recorrentes em nosso trabalho foram a tradução literal, a compensação, a adaptação, a reconstrução de períodos, a transposição, a modulação, a equivalência, a omissão e a explicitação. Nossa proposta sempre foi tornar o texto mais natural em português. Seguem abaixo os exemplos retirados da tradução.

3.2.1 Adaptação

Como é a prática usual na tradução de qualquer texto, e não só daqueles voltados para o público infanto-juvenil, optamos por adaptar todas as unidades de medida encontradas para o sistema métrico. Assim, medidas como *inches*, *feet*, *yards* e *miles* foram substituídas por centímetros, metros e quilômetros.

Outra adaptação importante foi a da relação entre as estações do ano e os meses. Já que a história do livro se passa no hemisfério norte, as estações do ano são invertidas em relação às que ocorrem em nosso país, o que nos levou a optar pela adaptação. É fato que existem muitos livros em cujas traduções é impossível realizar tal adaptação. Citaremos como exemplo os livros de Harry Potter: neles sempre há descrições do frio e da neve durante a época do Natal, e, por vezes, há também comentários sobre o calor durante as férias do meio do ano. Nesse caso, a adaptação das estações do ano para encaixá-las no ciclo do hemisfério sul seria impossível.

No caso de *Conrad's Fate*, porém, há apenas algumas breves referências às estações. Em duas delas, as estações (inverno e verão) não são relacionadas a épocas específicas do ano e, por isso, não foi necessária qualquer alteração. Em outro momento, há uma menção às “férias de verão”, que, no hemisfério norte, ocorrem no meio do ano. Aqui, optamos por eliminar a referência ao verão, substituindo-a simplesmente pela ideia de “meio do ano” sem nenhum prejuízo para o texto.

Os pronomes de tratamento também exigiram algumas adaptações. Na maioria dos casos, mantivemos os pronomes usados originalmente. Porém, há duas personagens na história que são designadas como *Miss* no original: *Miss Silex* e *Miss Semple*. Poderíamos ter optado por uma tradução literal, que resultaria em Srta. Silex e Srta. Semple. No entanto, ambas as personagens são mulheres de certa idade. No contexto brasileiro, ambas seriam chamadas de Senhora, independente de seu estado civil. Por esse motivo, optamos por adaptar os pronomes de tratamento para não causar estranhamento ao leitor.

Texto original	Nossa tradução
Except that her eyes are a light yellow-brown (p. 6)	mas os olhos dela são cor de mel (p. 72)
“She’ll <i>have</i> to come home this summer,” Mum was still saying hopefully in May. “All the universities shut for months over the summer.” (p. 12)	- Ela <i>vai ter</i> que voltar para casa nas férias – minha mãe ainda repetia esperançosamente em maio – Todas as universidades fecham por meses durante as férias do meio do ano. (p. 79)
If that didn’t work, I thought I would threaten to go and get a job in the lowlands (p. 16)	Se isso não funcionasse, eu pretendia ameaçá-lo com a ideia de ir arrumar um emprego fora da cidade (p. 84)
Stallchester News (p. 22)	<i>Diário de Stallchester.</i> (p. 92)
That wall seemed to run for <i>miles</i> (p. 29)	O muro parecia se estender por <i>quilômetros</i> (p. 99)
“Couple of miles away.” (p. 31)	A alguns quilômetros de distância. (p. 102)
Hose? I thought. I had visions of myself in a reel of rubber pipe. (p. 33)	“Meia-calça?”, pensei. Tive uma visão de mim mesmo usando uma calça com só uma perna. (p. 104)
He was quite skinny and only an inch or so taller than Christopher (p. 34)	Ele era bastante magro e só alguns centímetros mais alto que Christopher. (p. 106)
“Because you’re the heir to the butlership?” Christopher asked irrepressibly. (p. 39)	Porque você é o herdeiro do título de “Vossa Mordomia”? – perguntou Christopher, sem conseguir se controlar. (p. 113)
From the way you yelled, I thought there must be a hundred-foot drop along there. (p. 41)	Do jeito que você gritou, eu achei que havia uma queda de uns cem metros ali. (p. 116)
Day nursery (p. 43)	quarto de brinquedos (p. 119)
with a carpet like pale blue moss, (p. 44)	com carpetes azul-acinzentados (p. 119)
and one room with about a hundred yards of table lined with flimsy gold chairs. (p. 44)	e um cômodo com uma mesa de quase cem metros rodeada de frágeis cadeiras douradas. (p. 120)
a vast six-footer with iron gray hair (p. 53)	com mais de um metro e oitenta, cabelos cinza

	como ferro (p. 132)
and he rather shocked me by helping himself to bread and marmalade (p. 57)	Eu fiquei bem chocado ao ver que ele estava se servindo de pão com geleia (p. 138)
You keep your nose to my trail like a bloodhound. (p. 69)	Você segue o meu rastro como um cão farejador. (p. 153)
“Three thousand feet, (p. 69)	Novecentos metros (p. 153)
There was [a] drop of about ten feet down into a ditch, (p. 80)	Havia uma vala de uns três metros de profundidade, (p. 167)
a few yards along from us. (p. 80)	a alguns metros de nós. (p. 167)
The poor kid jumped a mile. (p. 80)	O pobre garoto deu um pulo enorme. (p. 167)
He decided that a lump of rock about forty feet from the tower was the place. (p. 90)	Ele decidiu que um amontoado de pedras a cerca de doze metros da torre era o lugar certo. (p. 169)
it was only a foot or so taller than Anthea (p. 118)	era só uns trinta centímetros mais alto que Anthea. (p. 213)
dried fruit and cold custard. (p. 130)	frutas secas e mingau frio. (p. 229)
and the door to the corridor seemed a mile off. (p. 153)	e a porta que dava para o corredor parecia estar a quilômetros de distância. (p. 258)
which made him seem about eight feet high. (p. 163)	que faziam com que ele parecesse ter uns três metros de altura. (p. 271)

3.2.2 Explicação

As explicações foram usadas nos casos em que uma tradução literal não seria o ideal, porque ficaria estranha ou muito vaga e confusa.

Texto original	Nossa tradução
famous beauty spot (p. 14)	Stallchester é uma cidade famosa por sua beleza (p. 82)
School leavers (p.26)	os alunos que iam parar de estudar (p. 96)
But I looked as if I had stuffed my head	Mas parecia que eu havia enfiado a cabeça

through a hole on the top of a suit of clothes meant for someone else, the way you do for trick photographs. (p. 43)	numa fantasia feita para outra pessoa, daquelas que se usam para tirar fotos com um corpo de mentira. (p. 118)
for Lady Felice’s coming-of-age, (p. 44)	para comemorar o aniversário de dezoito anos de Lady Felice (p. 120)
made Manfred drop a steaming squashy haddock on his feet (p. 137)	fez Manfred derrubar um pedaço de peixe fumegante e molenga nos pés, (p. 238)
You two implements (p. 141)	As duas ferramentas de jardinagem... (p. 243)
She walked like a willow tree in a breeze, (p. 151)	Ela andava como uma árvore delicada na brisa (p. 255)
service hatches (p. 155)	portinholas de passagem de comida (p. 261)

3.2.3 Reconstrução de Períodos

Acontece quando é necessária alguma alteração nos períodos. A maioria dos exemplos está relacionada às mudanças feitas devido à formatação das falas no texto original, diferente daquela do texto traduzido.

Texto original	Nossa tradução
[...] and Uncle Alfred was full of plans of expanding the shop once Anthea had left school and could work there full time. (p. 9)	Tio Alfred também estava cheio de planos para expandir a loja quando Anthea saísse da escola e pudesse trabalhar lá em tempo integral. (período reescrito porque a fala foi desmembrada; p. 76)
“Can’t you find out who I was and what I did?” I asked Uncle Alfred, one time after I had been told off by the headmistress because my clothes were too small. She sent a note home with me about it, but I threw it away because Mum had just started a new book, and anyway, I knew I deserved to be in trouble. “If I knew, I could do something about it.” (p. 13)	Uma vez levei uma bronca da diretora porque minhas roupas estavam muito curtas. Ela me deu uma advertência, mas eu a joguei fora porque minha mãe tinha acabado de começar um novo livro e, de qualquer forma, eu sabia que merecia estar encrencado. Resolvi então perguntar ao tio Alfred: - Você não pode descobrir quem

	eu fui e o que eu fiz? Se eu soubesse, eu poderia fazer alguma coisa. (p. 81)
I expected Christopher to be feeling the same, but as Hugo showed us into a slow brown lift—“Strictly for Staff,” he said. “ <i>Never</i> show Family or their friends to a Staff lift”—and pressed button A, for the attics, I could see Christopher was wholly delighted, bubbling over with delight, as if he had just won a game. He looked the way I felt whenever Uncle Alfred pleaded with me to go on doing the cooking. (p.38)	<p>Eu me sentia como se tivesse entrado sem querer no sacerdócio e não levasse jeito para isso. Hugo nos guiou para dentro de um elevador marrom e lento e apertou o botão S, para o sótão e disse:</p> <p>- Estritamente para Empregados. <i>Nunca</i> conduzam a Família ou amigos dela pelo elevador de Empregados.</p> <p>Achei que Christopher estaria se sentindo do mesmo jeito, mas enquanto Hugo dizia isso, percebi que Christopher estava completamente encantado, transbordando de encanto, como se tivesse acabado de ganhar um jogo. A expressão dele era a que eu sentia sempre que tio Alfred me implorava para continuar cozinhando. (p. 111)</p>
She gave Christopher a damp linen sheet and me a pile of wettish neckcloths. She told us how to turn the irons on. Then she left. (p. 60)	Ela deu a Christopher um lençol de linho úmido e para mim uma pilha de gravatas molhadas, nos ensinou a ligar os ferros e foi embora. (p. 140)
Whatever Count Robert had said to him, fury about it was bottled into Mr. Amos, so that he was like a huge pear-shaped balloon full of seething gas. (p. 98)	Eu não sabia o que o Conde Robert havia dito a ele, mas a fúria estava contida dentro do Sr Amos. Ele parecia um grande balão em forma de pera, cheio de gás efervescente. (p. 188)
“And be sure,” he said, handing me the loaded tray, “to tell Chef exactly what her ladyship found wrong with it.” (p. 99)	<p>Ele disse, ao me entregar a bandeja cheia:</p> <p>- E não se esqueça de dizer ao <i>Chef</i> exatamente do que a Condessa não gostou. (p. 190)</p>
“Conrad, I’m going to ring Mother up—I was	Conrad, vou telefonar para a mamãe. Eu já ia

<p>going to anyway, and this makes it urgent—and see what she says.” (p. 114)</p>	<p>ligar mesmo, e agora é mais urgente. Vou ver o que ela fala. (p. 209)</p>
<p>It seemed to be a small corkscrew—very like the one I used to struggle with when the Magicians’ Circle wanted a bottle of port opened—one of those with an open handle that you hook two fingers through, with little curls at either side for two more fingers. (p. 118)</p>	<p>Parecia um pequeno saca-rolhas, muito parecido com aquele com o qual eu lutava quando queriam que eu abrisse uma garrafa de vinho do porto para o Círculo de Magos. Ele tinha um cabo com um tipo de puxador na ponta, por onde dava para passar dois dedos, e com uma voltinha de cada lado, para mais dois dedos. (p. 214)</p>
<p>“It’s just the changes,” Christopher said as we climbed the stairs that night; the lift was full of a courtroom drama just then, with Mr. Prendergast as the judge and a very glamorous dark girl called Polly Varden being accused of murdering Manfred. “Actors are some of the most superstitious people there are.” (p. 134)</p>	<p>Quando estávamos subindo as escadas aquela noite, Christopher falou:</p> <p style="padding-left: 40px;">- São só as mudanças. Atores são as pessoas mais supersticiosas que existem.</p> <p style="padding-left: 40px;">O elevador estava lotado com um drama jurídico, com Sr Prendergast atuando como juiz e uma moça morena muito glamourosa chamada Polly Varden sendo acusada de assassinar Manfred. (p. 233)</p>
<p>Despite what Mr. Prendergast said, the maids told me that they thought the ghost had been busy in the bedrooms all morning, making loud thumps on the walls and rolling soap about. Mrs. Baldock had had to go and lie down. The maids were scared stiff.</p> <p>And they may have been right, and it <i>may</i> have been the ghost. The trouble was, it was so difficult to tell, with all the changes. The sideways jerks seemed to be happening twice as often that day. (p. 138)</p>	<p>Apesar do que o Sr. Prendergast disse, as criadas me contaram que elas achavam que o fantasma havia estado ocupado nos quartos a manhã inteira, fazendo barulhos altos nas paredes e brincando com um sabão. A Sra. Baldock precisou ir se deitar. As criadas estavam apavoradas. E talvez elas estivessem certas; talvez fosse mesmo o fantasma. O problema era que era difícil saber, com todas as mudanças. Os solavancos para o lado pareciam estar acontecendo com o dobro da frequência naquele dia. (p. 239)</p>

3.2.4 Equivalência

A equivalência é usada quando ocorrem no texto clichês, expressões idiomáticas, ditos populares, provérbios etc., de forma que o texto de chegada apresente não uma tradução literal, mas um segmento de texto funcionalmente equivalente.

Texto original	Nossa tradução
“Isn’t that just my life in a <i>nutshell</i> ! (p. 6)	- Minha vida se resume a isso! (p. 71)
“No fear!” (p. 11)	- Não se preocupe! (p. 78)
“The ingredients for my experiments cost the earth these days,” (p. 11)	- Os ingredientes para os meus experimentos estão custando uma fortuna ultimamente (p. 78)
“She’s shaken the dust of Stallchester off her feet.” (p. 12)	- Ela deixou Stallchester para trás. (p. 80)
Talk about sly! (p. 12)	Ela sim era dissimulada! (p. 80)
“Fat lot <i>you</i> know!” (p. 13)	- Até parece! (p. 81)
Sick to my back teeth of cooking (p. 15)	Estava de saco cheio de cozinhar. (p. 83)
They say he’s well under her thumb already, and bound to be more so, poor boy. (p. 17)	- Dizem que ele já está comendo na mão dela e que isso é só o começo, pobrezinho. (p. 85)
“Take this home to your parent or guardian, (...)” (p. 17)	- Entreguem isto aos seus pais ou responsáveis (p. 86)
<i>Let</i> them all be going to Stallstead! (p. 28)	“ <i>Tomara</i> que todos estejam indo para Stallstead!” (p. 99)
“Sorry, guvnor! Just going now!” (p. 30)	- Desculpa, patrão! Já estamos indo! (p. 101)
This way, troops,” (p. 34)	- Por aqui, soldados (p. 106)
“Yes, your ladyship?” (p. 48)	- Sim, Senhora Condessa? (p. 124)
“You think you’re quite a card, don’t you?” (p. 54)	- Você se acha muito engraçado, não é? (p. 133)
The two Ladies bored me stiff. (p. 55)	As duas damas estavam me matando de tédio. (p. 135)
“They fair put it away, don’t they? (p. 56)	- Elas são mesmo boas de garfo, não são? (p. 136)

	136)
“Look on the bright side.” (p. 64)	- Veja pelo lado bom. (p. 147)
Oh well, I thought, (p. 73)	“Fazer o quê”, pensei (p. 158)
“You’re not pulling my leg, are you?” (p. 76)	- Vocês não estão brincando comigo, estão? (p. 162)
“Penny for them, Grant.” (p. 77)	- O que está pensando, Grant? (p. 163)
“Your Uncle Alfred’s word is not law,” (p. 78)	- Seu tio Alfred não é o dono da verdade (p. 164)
“I say! Smedley!” (p. 80)	Ei! Smedley! (p. 167)
“Your funeral if you tread on a bee!” (p. 81)	Vai ser bem feito se vocês pisarem numa abelha! (p. 168)
or Mr. Amos would have our guts for garters. (p. 82)	ou o Sr Amos comeria nossos fígados. (p. 169)
Famous last words, my sister Anthea used to say. (p. 87)	Vai pagar a língua, minha irmã costumava dizer. (p. 175)
Count Robert was really getting it in the neck. (p. 98)	o Conde Robert estava realmente levando um sermão. (p. 189)
“Don’t count your chickens, Grant,” (p. 103)	Não conte os ovos na barriga da galinha, Grant. (p. 195)
Beyond that, big windows showed a garden that was mostly weeds. (p. 105)	Atrás deles, grandes janelas mostravam um jardim que era quase só mato. (p. 198)
I could see at a glance she was the kind of woman who <i>knows</i> you’re up to no good, even if you aren’t, and calls the police. (p. 107)	Percebi imediatamente que ela era o tipo de mulher que <i>sabe</i> que você está aprontando algo, mesmo que você não esteja, e chama a polícia. (p. 200)
“Good heavens,” (p. 115)	“Meu Deus!” (p. 210)
“Gracious heavens!” (p. 117)	“Santo Deus!” (p. 213)
They told us that they had all arrived by coach earlier that morning. (p. 125)	Eles nos disseram que haviam todos chegado de ônibus naquela manhã. (p. 223)
when there came the most majestic clanging from somewhere, like someone tolling for a funeral in a cathedral. (p. 126)	quando ouvi um estrondo monumental, como o dobrar dos sinos de um funeral em uma catedral. (p. 224)

“Bear up. Remember she can’t <i>force</i> you to marry anyone. (p. 127)	Agente firme. Lembre-se que ela não pode <i>forçá-la</i> a se casar com ninguém. (p. 225)
And Hugo, too—though he was always popping off to visit Felice in her finishing school. (p. 128)	E o Hugo também... Apesar de que ele vivia escapulindo para visitar a Felice na escola de etiqueta. (p. 227)
“Pretty please, Grant! (...)” (p. 134)	Por favorzinho, Grant! (p. 234)
Hugo was in the lift, too, behind Mr. Prendergast, grinning all over his face. (p. 140)	Hugo também estava no elevador, atrás do Sr. Prendergast e sorrindo de orelha a orelha. (p. 242)
But don’t let Mr. Amos catch you at it. You’d be in for it then.” (p. 141)	Mas não deixe o Sr. Amos te pegar no ato. Você estaria em maus lençóis. (p. 243)
We both tore Christopher’s character to shreds. (p. 143)	Os dois falamos cobras e lagartos sobre Christopher (p. 246)
“By the way, where <i>is</i> Christopher?” “Around,” I said. (p. 145)	- A propósito, onde <i>está</i> Christopher? - Por aí – eu disse. (p. 248)
Then the fat would be in the fire, and Mr. Prendergast would probably get the sack. (p. 146)	Aí a vaca iria pro brejo, e o Sr. Prendergast provavelmente seria mandado para o olho da rua. (p. 248)
So much for Anthea’s chances! (p.148)	“Lá se vão as chances de Anthea”, (p. 252)
“My heart bleeds,” (p.149)	Isso corta meu coração. (p. 254)
“Fay and them have had enough.” (p.152)	Fay e os outros já se encheram. (p. 257)
Let’s sneak in and get some sweaters. (p. 173)	Vamos entrar de mansinho e pegar alguns agasalhos. (p. 283)
I seemed to be the only person who could make Christopher see sense. (p. 180)	pois eu parecia ser a única pessoa capaz de fazer Christopher ter juízo. (p. 294)

3.2.5 Modulação

A modulação é usada nos casos em que se faz necessário mudar o ponto de vista de um determinado segmento textual, devido a diferenças entre a língua de partida e a de chegada. Nesses casos, a modulação é obrigatória. Já nos casos em que a mudança reflete uma diferença de estilo, a modulação é facultativa.

Texto original	Nossa tradução
“(...) The casino’s only just up the road, after all.” (p. 4)	Afinal, o cassino fica logo ali no fim da rua. (p. 70)
“(...) No wonder Uncle Alfred’s annoyed.” (p. 9)	Não é de se espantar que tio Alfred esteja irritado. (p. 75)
“I start at university tomorrow. (...)” (p. 10)	A universidade começa amanhã. (p. 76)
She had been the person I could go to when I had a question to ask or to get cheered up. (p. 11)	Ela era a pessoa a quem eu podia recorrer quando tinha uma pergunta ou quando estava desanimado. (p. 78)
“The quiche people do frozen pizzas, too, but you have to order them by the thousand.” (p. 12)	O pessoal das quiches também faz pizzas congeladas, mas só aceitam encomendas de mais de mil. (p. 79)
“He’s always worrying how much you cost.” (p. 13)	- Ele vive preocupado com o dinheiro que gasta com você. (p. 81)
In summer, we got people to look at the town and play the casino and hikers who walked in the mountains. (p. 14)	No verão, as pessoas vinham ver a cidade, apostar no cassino e caminhar nas montanhas. (p. 82)
(...) it taught magic. (p. 16)	os alunos aprendiam magia. (p. 84)
He held out his hand with a handsome gold ring shining on it, (p. 24)	Ele estendeu a mão com um belo anel de ouro brilhando em um dos dedos, (p. 94)
A certain amount of sighing and shuffling began, particularly among the girls. (p. 31)	Alguns, principalmente meninas, começaram a suspirar e arrastar os pés. (p. 102)
Even Christopher said nothing more. (p. 35)	Nem Christopher falou mais nada. (p. 107)
Christopher bowed his neatly clipped dark head. (p. 37)	Christopher curvou sua cabeça coberta de cabelos escuros e bem cortados. (p. 109)
“(...) I have been three years in a household of some size, though not as big as this one, of course. (...)” (p. 37)	já passei três anos em uma casa de bom tamanho, apesar de menor do que esta, é claro. (p. 109)
And they seemed to go on eating forever. (p. 55)	E pareciam não parar nunca de comer. (p. 135)

and he rather shocked me by helping himself to bread and marmalade (p. 57)	Eu fiquei bem chocado ao ver que ele estava se servindo de pão com geleia (p. 138)
He went a better color almost at once. (p. 65)	A cor dele melhorou quase na hora. (p. 148)
The horses in the stalls put their faces over the doors and gazed back at us. (p. 77)	Os cavalos nas cocheiras colocavam as cabeças por cima das portas e nos observavam. (p. 163)
and looked angrier with every mouthful. (p. 101)	Ela parecia mais irritada a cada garfada. (p. 192)
But her voice sounded nice. (p. 104)	Mas ela tinha uma voz agradável. (p. 196)
Warmth was coming from the stove (p.106)	O fogão emanava calor. (p. 198)
Christopher’s head came up, and he said, (p. 108)	Christopher ergueu a cabeça e disse: (p. 202)
It felt magic to me (p. 128)	Senti que parecia mágico. (p. 227)
“(...) I’ve had it from the cradle.” (p. 136)	Tenho desde que nasci. (p. 236)
He would have known what was going on underneath this talk. (p. 150)	Ele saberia dizer o que havia por trás dessa conversa. (p. 254)
He never seemed to think anything was hopeless. (p. 154)	Ele achava que tudo tinha solução. (p. 260)
Lady Mary didn’t arrive until right near the end. (p. 155)	Lady Mary só chegou bem perto do final. (p. 262)
She was so ill with it that she did not go to her new school until after Christmas. (p. 180)	Ela ficou tão doente que só foi para o colégio novo depois do Natal. (p. 294)

3.2.6 Transposição

A transposição ocorre quando é necessário alterar a classe gramatical de determinada palavra, seja por questões de estilo ou de atenção às regras gramaticais da língua de chegada.

Texto original	Nossa tradução
(...) he said disgustedly. (p. 8)	ele disse, indignado (p. 74)

“(…) It’s criminal.” (p. 8)	- É um crime! (p. 74)
And she went, leaving us all staring. (p. 10)	E foi, e nos deixou todos atônitos. (p. 77)
I missed Anthea horribly for ages. (p. 11)	Eu senti uma falta terrível de Anthea por muito tempo. (p. 78)
Luckily I knew how to work the washing machine (...) (p. 11)	Por sorte, eu sabia usar a máquina de lavar (p. 78)
“(…) or a soldier that ran away,” (p. 13)	ou um soldado desertor (p. 80)
I said in the end. (p.13)	(…) eu disse finalmente. (p. 81)
“(…) I wouldn’t <i>dream</i> of it. (...)” (p. 13)	- Eu não iria pra lá nem em sonho. (p. 81)
Unfortunately, Uncle Alfred came rushing upstairs at this point and upset Mrs. Potts’s cleaning bucket and Mrs. Potts’s nerves along with it. (p. 17)	Infelizmente, Tio Alfred subiu as escadas apressado bem nessa hora e tropeçou no balde da Sra. Potts, e no gênio dela também. (p. 86)
“(…) you are going to be horribly and painfully <i>dead</i> before the year’s out.” (p. 19)	you terá uma morte horrível e dolorosa até o fim do ano. (p. 88)
My uncle went on talking, nervously, persuasively, but I just couldn’t attend anymore. (p. 20)	Meu tio continuou a falar, nervoso, persuasivo, mas eu não conseguia mais prestar atenção. (p. 90)
“You’ve <i>got</i> to have him eliminate this person for good, quickly and simply!” (p. 24)	Ele <i>tem</i> que eliminar essa pessoa para sempre, rápido e sem complicações. (p. 94)
The rest of them nodded and made growling murmurs that they agreed, (p. 24)	Os outros balançaram a cabeça e resmungaram, concordando. (p. 93)
Uncle Alfred chalked a circle on the floor and had me stand inside it. (p. 26)	Tio Alfred desenhou um círculo com giz no chão e me fez ficar em pé dentro dele. (p. 96)
He waved and went bustling off. (p. 27)	Ele acenou e foi embora, agitado. (p. 98)
We all crowded toward the door and clattered down the steps into the road, every one of us, (p. 29)	Todos, sem nenhuma exceção, nos amontoamos para chegar à porta e descemos ruidosamente os degraus até a rua (p. 99)
(…) and impeccably creased fawn trousers, (p. 30)	e calças beges com pregas perfeitas. (p. 101)
Here a dog of some kind came lolloping from	Aqui um cachorro surgiu das árvores mais

the nearest trees and put on speed toward us. (p. 33)	próximas e veio correndo desengonçado em nossa direção. (p. 105)
My heart began to bang again, horribly. (p. 36)	Meu coração começou a martelar com uma força horrível de novo. (p. 108)
Meanwhile, a voice was distantly snapping out of the phone thing (...) (p. 45)	Enquanto isso, uma voz distante latia de dentro da coisa parecida com um telefone. (p. 121)
She was just as blond and just as slender (...) (p. 49)	Ela tinha os mesmos cabelos loiros e a mesma forma esbelta (p. 126)
(...) and a dismal old man with a snuffle (p. 53)	um senhor deprimente que respirava fazendo barulho (p. 131)
(...) and whispering gossipy things to each other. (p. 55)	e fofocando aos sussurros. (p. 135)
“Now you will learn to be mannerly,” (p. 64)	Agora vocês vão aprender a ter boas maneiras. (p. 146)
“ <i>Trouble</i> is not the word for what will happen if he catches up with me. (...)” (p. 72)	<i>Encrencado</i> não é a palavra para descrever como eu vou ficar se ele me encontrar. (p. 156)
(...) as soon as we panted into the attics, (p. 85)	assim que chegamos arfando no sótão, (p. 173)
Christopher scowled and sighed and fretted. (p. 86)	Enquanto nos trocávamos, Christopher suspirava, emburrado e impaciente. (p. 173)
We tiptoed speedily and cautiously (...) (p. 86)	Nós andamos nas pontas dos pés, rápido e com cuidado, (p. 174)
(...) nothing but flaking plaster ceiling above (...) (p. 86)	nada além de reboco esfarelando no teto acima (p. 174)
(...) an injured girl in mortal agony. (p. 89)	uma garota ferida e agonizando. (p. 177)
The Count gave him a disbelieving sideways look. (p. 97)	O conde lançou um olhar de soslaio, sem acreditar nele. (p. 187)
“And what’s supposed to be wrong with it?” (p. 99)	E qual é o suposto problema? (p. 190)

Christopher and I had to keep dribbling coffee for her (...) (p. 101)	Christopher e eu servíamos café aos pingos (p. 193)
When we leaned over the high stone side, we could see the two staircases spiraling down and down. (p. 104)	Quando nos debruçamos sobre o alto corrimão de pedra, pudemos ver as duas escadarias girando e girando para baixo. (p. 196)
there was a girl there, hurrying down to get to the same level as us. (p. 104)	havia uma garota nela, descendo apressadamente para chegar ao mesmo nível que nós. (p. 196)
“I don’t <i>understand</i> it!” he said, standing miserably beside the table in the second kitchen. (p. 106)	- Eu não <i>entendo</i> ! – disse ele, desconsolado, ao lado da mesa na segunda cozinha (p. 198)
Hugo was talking quickly and urgently, (p. 111)	Hugo falava rápido, com pressa, (p. 206)
It had <i>Illary Wines 1893</i> stamped on it, (p.117)	Tinha um carimbo de “ <i>Illary Vinhos 1893</i> ”, (p. 212)
Across the huge horizon, (p. 117)	Cortando o enorme horizonte, (p. 212)
I saw a sweep of dark hair blown unmovingly away (...) (p. 118)	Eu vi uma mecha de cabelo escuro ser soprada, imóvel, (p. 213)
I put the cork into the hand it was holding out. (p. 118)	Coloquei a rolha na mão estendida. (p. 213)
She and Lady Felice hurried away in a brisk clacking of heels. (p. 128)	Ela e Lady Felice saíram apressadamente, sob um rápido estalar de saltos. (p. 226)
Hugo rode broodingly up and down, (p. 131)	Hugo ficava subindo e descendo, emburrado, (p. 230)
(...) he said, slowly, quietly, and carefully. (p. 132)	ele disse devagar, baixinho e com cuidado: (p. 232)
Christopher’s back! was my first, rather guilty thought. (p. 139)	“Christopher voltou!” foi a primeira coisa que pensei, me sentindo culpado. (p. 240)
This time I felt as if there was a tight band around my head, (p.153)	Dessa vez eu senti como se houvesse uma faixa apertando a minha cabeça, (p.258)
He spread his arms pleadingly. (p. 165)	Ele abriu os braços, suplicando. (p. 273)

(...) my heart thundered into life again, (p.166)	meu coração voltou à vida com um estrondo, (p. 275)
I opened the door, and we tiptoed out. Really out, outside into the gardens. (p. 168)	Abri a porta, e saímos nas pontas dos pés. Saímos mesmo, fomos lá para fora, nos jardins. (p. 277)
You certainly have vilely bad luck. (p. 170)	Você certamente tem uma má sorte terrível. (p. 2280)
“Good idea,” Christopher said, looking worriedly at Millie. (p. 173)	Boa ideia – Christopher disse, olhando preocupado para Millie (p. 283)

3.2.7 Omissão

Em inglês, a repetição de pronomes, por exemplo, é necessária e bastante comum. Já em português, essa repetição, além de ser desnecessária, causa um efeito estético desagradável. Portanto, em muitos trechos, optamos por omitir o excesso de pronomes ou outras palavras repetidas.

Texto original	Nossa tradução
And she went, leaving us all staring. She didn't come back. She knew Uncle Alfred, you see. Uncle Alfred spent a lot of time in his workroom setting up spells to make sure that when Anthea came home at the end of the university semester she would find herself having to stay with us for good. Anthea guessed he would. She simply sent a postcard to say she was staying with friends and never came near us. She sent me cards and presents for my birthdays, but she never came back to Stallchester for years. (p. 10)	E foi, e nos deixou todos atônitos. Não voltou. Ela conhecia tio Alfred. Ele passava muito tempo em seu escritório criando feitiços para fazer com que, quando Anthea viesse para casa no fim do semestre, se sentisse obrigada a ficar conosco para sempre. Anthea imaginou que ele fosse fazer isso, então simplesmente enviou um cartão postal para dizer que estava com amigos, e nunca chegou perto de nós. Ela me mandava cartões e presentes nos meus aniversários, mas não voltou a Stallchester durante anos. (p. 77)
Unfortunately, Uncle Alfred came rushing	Infelizmente, Tio Alfred subiu as escadas

upstairs at this point and upset Mrs. Potts's cleaning bucket and Mrs. Potts's nerves along with it. (p. 17)	apressado bem nessa hora e tropeçou no balde da Sra. Potts, e no gênio dela também. (p. 86)
“You may have to wait awhile for the Walker,” Mayor Seuly went on, “and you mustn't be frightened when you see the Walker coming. It may turn out bigger than you expect. When it reaches you, the Walker will give you something. I don't know what. Walkers are designed to give you exactly the tool for the job. But take my word for it, the object you get will do just what you need it to do. And you <i>must</i> give the Walker this cork in exchange. Walkers never give something for nothing. Have you got all that?” (p. 25)	Pode ser que você precise esperar um pouco pelo Errante, – continuou o prefeito. – e você não deve se assustar quando o vir chegando. Ele pode ser maior do que você espera. Quando chegar, ele te dará alguma coisa. Eu não sei o quê. Os Errantes são feitos para te dar a ferramenta exata para o trabalho. Mas acredite em mim: o objeto que você receber vai fazer exatamente o que você precisar. E você <i>precisa</i> dar ao Errante esta rolha em troca. Eles nunca dão nada de graça. Entendeu tudo? – ele perguntou. (p. 95)
“You'll have to keep better time than this,” he said. “My father insists on it.” (p. 43)	- Vocês terão de ser mais pontuais – ele disse – Meu pai é insistente com isso. (p. 118)
She gave Christopher a damp linen sheet and me a pile of wettish neckcloths. She told us how to turn the irons on. Then she left. (p. 60)	Ela deu a Christopher um lençol de linho úmido e para mim uma pilha de gravatas molhadas, nos ensinou a ligar os ferros e foi embora. (p. 140)
He was sitting on the bottom step with his arms around the creature, and the creature was licking his face. (p. 89)	Ele estava sentado no último degrau com os braços em volta da criatura, que estava lambendo seu rosto. (p. 178)
“We went past the painted line in the attics. Champ was at the bottom of a wooden tower there, but we couldn't have got him back up it, so we waited until it changed into an empty slate building.” (p. 96)	Nós ultrapassamos a linha no sótão. Brutus estava embaixo de uma torre de madeira lá, mas não conseguimos fazê-lo subir, então esperamos até virar um prédio de pedra vazio. (p. 187)
There was a thumbprint on her wineglass, she said, a speck of dirt on her fork, she said, and iron mold on her napkin. (p. 98)	Havia uma marca de dedo na taça dela, ela disse, uma pontinho sujo no garfo, ela disse, e ferrugem no guardanapo. (p. 188)

I do remember Father saying to me when he was dying that he hoped Alfred would take his money and go, because he didn't trust him as far as he could throw him..." (p. 114)	eu me lembro do papai me falando quando estava morrendo que esperava que tio Alfred pegasse o dinheiro e fosse embora, por que não confiava nem um pouco nele... (p. 209)
Then I realized that I could see the Walker coming. (p. 117)	Então percebi que podia ver o Errante se aproximando. (p. 2013)
He had me and Christopher and Andrew and Gregor in there all that first afternoon, (p. 130)	Ele fez com que eu, Christopher, Andrew e Gregor passássemos toda a tarde do primeiro dia (p. 229)
Mr. Amos paced solemnly toward the front door. He took hold of the handles. He stopped. He called over his shoulder, (p. 132)	O Sr Amos andou solenemente até a porta da frente. Ele pegou os puxadores. Parou. E gritou por cima do ombro: (p. 231)
I thought of Christopher pressing that shift button. I thought of Mr. Amos. I thought my head was going to burst. And at the same time I knew I wasn't going to tell this horrible woman anything else. (p. 153)	Pensei em Christopher apertando aquela tecla alt. Pensei no Sr Amos. Pensei que minha cabeça fosse explodir. E, ao mesmo tempo, eu sabia que não diria mais nada àquela mulher horrível. (p. 259)
when I heard the flop, flop of slippers hurrying down the stairs behind me. (p. 174)	quando escutei chinelos descendo as escadas atrás de mim. (p. 285)

3.2.8 Explicação

A explicação é o procedimento usado quando é necessário incluir no texto traduzido algum elemento que foi omitido no original, de forma a deixar o texto mais claro para o leitor.

Texto original	Nossa tradução
"(...) I'm catching the nine-twenty to Ludwich, (...)" (p. 10)	Vou pegar o trem das nove e vinte para Ludwich, (p. 76)
This is because of my crime in my past life. (p. 13)	"Isto está acontecendo por causa do crime que eu cometi na minha vida passada." (p. 81)
"Can't you magic our clothes?" (p. 94)	Você não pode arrumar nossas roupas com

	magia? (p. 184)
“And deaf in one ear, too.” (p. 112)	E além de tudo estou surdo de um ouvido. (p. 206)
It held out to him the small crimson-stained wine cork labeled <i>Illary Wines 1893</i> . (p. 176)	O Errante estendeu a pequena rolha manchada de vinho com a inscrição <i>Illary Wines 1893</i> na direção do tio Alfred. (p. 288)

3.2.9 Decalque

O decalque foi usado nos casos em que optamos por traduzir literalmente os nomes de instituições, países ou siglas. Não é possível saber se usamos decalques de tipos frasais, pois seria necessária uma pesquisa diacrônica para identificá-los.

Texto original	Nossa tradução
<i>Slavo-Teutonic States</i> (p. 70)	Estados Eslavo-Teutônicos (p. 154)
Muscular dysfunctional debilitation – MDD (p. 136)	Debilitação muscular disfuncional – DMD (p. 236)
Stallchester Arms (p. 162)	Brasão de Stallchester (p. 270)
Royal Stag (p. 162)	Cervo Real (p. 270)
Royal Commissioner Extraordinary (p. 163)	Comissário Real Extraordinário (p. 271)

3.3 Breve comparação com as traduções já publicadas

Alguns dos volumes da série Crestomanci já foram publicados em português no Brasil pela Geração Editorial, com tradução de Eliana Sabino. No entanto, a editora não possui os direitos de publicação dos últimos livros, *Conrad’s Fate* e *The Pinhoe Egg*.

Em nossa tradução, procuramos seguir o mesmo estilo das outras traduções, ao mesmo tempo em que tentamos imprimir o estilo da autora e o nosso próprio. Em alguns casos, entretanto, temos propostas de traduções diferentes das já publicadas. É o caso de “encantador”, que é nossa proposta para “enchanter”. Nas traduções publicadas, a palavra é traduzida como “mago”, mas, em nossa opinião, as várias categorias de pessoas mágicas devem ser diferenciadas, pois isso é importante no texto.

Uma das principais mudanças que propomos é com relação aos títulos mágicos. Um dos motivos para tais mudanças é que o mundo criado pela autora tem várias categorias de pessoas mágicas, como *enchanters*, *sorcerers*, *wizards*, *witches*, entre outros. Nas traduções já publicadas, a palavra *enchanter* é traduzida como “mago”, palavra que, em nossa opinião, se encaixa melhor como tradução para “wizard”.

Texto original	Nossa tradução
Enchanter/enchantress	Encantador/encantadora
Sorcerer/sorceress	Feiticeiro/feiticeira
Wizard	Mago
Witch	Bruxa
Magician	Mago
Spell	Feitiço
Magic	Magia
Experiment	Experimento

A palavra *wizardry* foi traduzida como “magia”, pois no único trecho em que a palavra aparece, não há referência a bruxos, já que o trecho se refere à Mansão Stallery. Não fica claro se as pessoas que vivem na mansão são feiticeiros, magos ou bruxos.

I realized that I didn't know the first thing about the place, except that it was full of powerful wizardry and that someone up there was thoroughly wicked.
(p. 26)

Percebi que não sabia nada sobre o lugar. Só sabia que ele estava cheio de magia poderosa e que alguém lá em cima era completamente maligno. (p. 96)

Outro exemplo de proposta diferente das traduções já publicadas é para a palavra *nursery* (p. 43). Em “As Vidas de Christopher Chant”, tal palavra é traduzida como “aposentos infantis”. Nossa sugestão para *nursery*, no entanto, é “quartos de criança” (p. 119), uma expressão mais simples e que, em nossa opinião, está mais próxima do vocabulário de um livro infanto-juvenil.

4. Glossário

Apresentamos a seguir as listas de termos que produzimos durante a tradução para facilitar nosso trabalho. As listas estão divididas por temas. Esse glossário é importante devido aos muitos termos que não fazem parte do vocabulário diário da maioria das pessoas.

4.1 Partes da Casa

Texto original	Nossa tradução
Attic	Sótão
Bakery	Padaria
Ballroom	Salão de Bailes
Banquet Room	Salão de Banquetes
Bootroom	Sala de engraxar
Breakfast room	Salão de café da manhã
Cellar	Adega
Conservatory	Solário
Day nursery	Quarto de brinquedos
Grand Saloon	Salão Principal
Kitchen	Cozinha
Laundry	Lavanderia
Lobby	Saguão
Lower Hall	Salão Inferior
Middle Hall	Salão Médio
Music Room	Sala de Música
Nursery	Quartos de criança
Pantry	Despensa
Scullery	Copa
Stillroom	Despensa de bebidas

Undercroft	Galeria Subterrânea
Upper Hall	Salão Superior

4.2 Partes do Jardim

Texto original	Nossa tradução
Fern garden	Jardim de samambaias
Flower gardens	Jardins de flores
Fruit garden	Pomar
Ha-ha	Rego
Hedged garden	Jardim cercado
Hothouse	Estufa
Maze	Labirinto
Orangery	Laranjal
Oriental garden	Jardim oriental
Rose garden	Roseiral
Shrubbery	Arbusto
Topiary garden	Topiária
Vegetable garden	Horta
Water garden	Espelho d'água

4.3 Empregados da Mansão

Texto original	Nossa tradução
Bootboy	Engraxate
Footman	Lacaio
Gardener's boy	Ajudante de jardineiro
Groom	Cavaliariço
Head of Housemaids	Chefe das Camareiras
Head of Parlormmaids	Chefe das Criadas
Housekeeper	Governanta

Housemaid	Camareira
Improver	Ajudante
Lady's maid	Dama de companhia
Maid	Criada
Page boy	Pajem
Parlor Staff	Criados
Stableboy	Tratador
Underchef	Sous-chef
Upper Laundrymaid	Encarregada da Lavanderia
Upper Maids	Criadas Encarregadas
Upper Stillroom Maid	Encarregada da Despensa de Bebidas
Valet	Valete

4.4 Abreviações

Texto original	Nossa tradução
Bkfst Rm (Breakfast Room)	Sl Cfdm (Sala de Café da Manhã)
Blacking Rm (Blacking Room)	Sl Engx (Sala de Engraxar)
C Bthrm (C Bathroom)*	Bnhr C (Banheiro C)
CR Bdm (Count Robert's Bedroom)	Qto CR (Quarto do Conde Robert)
Dng Rm (Dining Room)	Sl Jntr (Sala de Jantar)
Hskpr (Housekeeper)	Gvrnt (Governanta)
Ldy Ste (Lady's Suite)	Ste Ldy (Suíte da Lady [Mary])
Mr. Amos	Sr Amos
Stbls (Stables)	Estbl (Estábulos)
Stl Rm (Stillroom)	Dsp Bbd (Despensa de Bebidas)

* Não é possível inferir pelo texto se o C se refere a *central, do Conde, da Condessa* ou a outra palavra. De qualquer forma, permanece a letra C, que se encaixa em todas as possibilidades.

4.5 Termos Relacionados a Magia

Texto original	Nossa tradução
Buzz	Formigamento
Chrestomanci	Crestomanci
Enchanter/Enchantress	Encantador/Encantadora
Evil Fate	Destino Sombrio
Lords of Karma	Senhores do Karma
Magician	Mago
Magician's Circle	Círculo de Magos
Pull the possibilities	Manipular as possibilidades
Sorcerer/Sorceress	Feiticeiro/Feiticeira
Walker	Errante
Witch	Bruxa
Wizard	Bruxo

4.6 Termos Diversos

Texto original	Nossa tradução
School Leaver's Form	Formulário do Formando
Upper School	Colégio Secundário
Stall High	Colégio Stall
Cathedral School	Escola Catedral
Stallchester Arms	Brasão de Stallchester
Stallchester News	Diário de Stallchester
Royal Stag	Cervo Real
My lady	Milady
My lord	Milorde

5. Texto traduzido

Um

Quando eu era pequeno, sempre achei que a Mansão Stallery fosse algum tipo de castelo de contos de fadas. Eu a via pela janela do meu quarto, lá no alto das montanhas sobre Stallchester: vidro e ouro cintilando ao sol. Quando eu finalmente fui até lá, não foi bem um conto de fadas.

Stallchester, onde ficava nossa loja, é uma cidade bem no alto das montanhas. Há muitas montanhas aqui na Série Sete, e Stallchester fica nos Alpes Ingleses. A maioria das pessoas achava que era por isso que o sinal da televisão só chegava a um lado da cidade, mas meu tio me disse que isso era obra de Stallery.

- São as proteções que eles colocam em volta do lugar pra não deixar ninguém investigá-los – ele dizia – A magia bloqueia o sinal.

Meu tio Alfred era mago nas horas vagas, então ele sabia dessas coisas. A maior parte do tempo ele nos sustentava cuidando da livraria perto da catedral. Ele era um homenzinho magro e preocupado, tinha uma faixa calva sob os cachos e era meio-irmão da minha mãe. Sempre pareceu um grande fardo para ele ter que cuidar de mim, minha mãe e minha irmã, Anthea. Ele andava para lá e para cá resmungando:

- E onde eu vou arrumar *dinheiro*, Conrad, com o mercado de livros indo tão mal?

A livraria estava em nosso nome também: estava escrito “Grant e Tesdinic” em letras douradas apagadas acima da vitrine e da porta verde escura, mas tio Alfred explicava que agora a loja era dele. Tio Alfred me contou que ele e meu pai haviam aberto a loja juntos. Então, logo depois que eu nasci, e pouco antes de sua morte, meu pai precisou de muito dinheiro de repente e vendeu a parte dele para tio Alfred. Logo depois, meu pai morreu e tio Alfred teve de nos sustentar.

- E ele devia mesmo – dizia minha mãe vagamente – Nós somos a única família que ele tem.

Minha irmã, Anthea, disse que queria saber para que meu pai havia precisado do dinheiro, mas nunca conseguiu descobrir. Tio Alfred dizia que não sabia.

- E as coisas que a mamãe fala não fazem sentido – Anthea me dizia – Ela só fala coisas tipo “A vida é uma loteria” e “Seu pai vivia quebrado”, então eu imagino que deviam ser dívidas de jogo. Afinal, o cassino fica logo ali no fim da rua.

Eu até que gostava da ideia de meu pai ter perdido metade da livraria no jogo. Eu também gostava de me arriscar. Quando tinha oito anos, eu peguei uns esquis emprestados e descii as pistas mais íngremes e escorregadias, e no verão fui fazer escalada. Eu realmente achava que estava seguindo os passos de meu pai. Infelizmente, alguém me viu subindo o Paredão de Stall e contou para meu tio.

- Ah, não, Conrad – disse ele sacudindo um dedo ossudo e ansioso em minha direção. – Você não pode ficar se arriscando assim.

- Meu pai se arriscou – respondi – quando apostou todo aquele dinheiro.

- Ele *perdeu* o dinheiro, e isso é outro assunto. Eu nunca soube muita coisa sobre os negócios dele, mas tenho um palpite, bem certo, de que ele foi roubado por aqueles aristocratas sem escrúpulos de Stallery.

- O quê? Quer dizer que o Conde Rudolf apareceu com uma arma e o rendeu? Meu tio riu e afagou minha cabeça.

- Nada tão dramático, Con. Eles fazem tudo discreta e elegantemente em Stallery. Eles manipulam as possibilidades como cavalheiros.

- Como assim?

- Eu explico quando você tiver idade para entender a magia das finanças. Por enquanto... – e seu rosto ficou todo murcho e sério – Por enquanto, você não pode sair se arriscando no Paredão, não pode mesmo, Con, com esse karma ruim que você tem.

- O que é karma?

- Essa é outra coisa que eu explico quando você for mais velho. Só não quero mais saber de você fazendo escalada, só isso.

Suspirei. Karma devia ser uma coisa muito séria, se não me deixava fazer escalada. Fui perguntar para minha irmã Anthea. Ela é quase dez anos mais velha que eu, e já era muito inteligente, mesmo naquela época. Ela estava sentada diante de uma fileira de livros abertos

na mesa da cozinha, com o longo cabelo preto caindo sobre a página em que ela fazia anotações.

- Não me amole agora, Con, - ela disse sem nem olhar para mim.

“Ela está ficando igualzinha à mamãe”, pensei.

- Mas eu preciso saber o que é karma.

- Karma?

Anthea levantou o olhar. Ela tem olhos negros enormes, e os arregalou para me olhar, surpresa.

- Karma é parecido com Destino, mas tem a ver com o que você fez em uma vida passada. Imagine que, numa vida que você teve antes, você fez alguma coisa ruim, ou deixou de fazer alguma coisa boa. Aí o Destino vai acertar as contas *nesta* vida, a não ser que você compense fazendo algo muito bom, claro. Entendeu?

- Entendi – disse, sem entender de verdade – As pessoas vivem mais de uma vez, então?

- Os magos dizem que sim – Anthea respondeu – Não sei se eu acredito mesmo nisso. Como alguém pode ter certeza que teve uma vida antes desta? Onde você ouviu falar de karma?

Eu não queria falar para ela sobre o Paredão de Stall, então disse vagamente:

- Ah, eu li em algum lugar. E o que é manipular possibilidades? Eu também li isso.

- É uma coisa que eu demoraria um *século* pra te explicar, e não tenho tempo. – Anthea falou se debruçando de novo sobre as anotações – Você não está entendendo que eu estou estudando para uma prova que pode mudar a minha vida!

- E que horas você vai fazer o almoço?

- Minha vida se resume a isso! – Anthea explodiu – Eu faço tudo por aqui, além de ajudar na loja duas vezes por semana, e ninguém nem *pensa* que eu posso querer alguma coisa diferente. Vá embora!

Era melhor não mexer com Anthea quando ela ficava brava assim. Eu fui embora e tentei perguntar para minha mãe. Devia ter imaginado que não ia dar certo.

Minha mãe tem um quartinho modesto, com um assoalho que range, no andar abaixo do meu quarto. Lá não há nada além de poeira e pilhas de papel. Ela fica lá sentada diante de uma mesa bamba, martelando em sua velha máquina de escrever, datilografando livros e artigos de revistas sobre os direitos da mulher. Tio Alfred tinha um monte de computadores novos e elegantes no quarto dos fundos onde a Sra. Sílex trabalhava, e ele vivia tentando persuadir minha mãe a mudar para um também. Mas nada a convencia a mudar. Ela dizia que a velha máquina de escrever era muito mais confiável. É verdade. Os computadores da loja davam problema pelo menos uma vez por semana – isso, dizia tio Alfred, era por causa das atividades em Stallery – mas o som da máquina de escrever da minha mãe era um martelar constante, por todos os quatro andares da casa.

Ela ergueu a cabeça quando eu entrei e afastou uma mecha de cabelos grisalhos. Nas fotos antigas ela se parece muito com Anthea, mas os olhos dela são cor de mel, como os meus. Mas agora ela não se parece nem um pouco com Anthea. Ela está desbotada e sempre usa o que Anthea chama de “aquele casaco cor de mostarda horrível” e se esquece de arrumar o cabelo. Eu gosto. Ela está sempre igual, como a catedral, e sempre me olha por cima dos óculos do mesmo jeito.

- O almoço está pronto? – ela perguntou.
- Não – disse eu – Anthea nem começou ainda.
- Então volte quando estiver pronto.

Ela disse isso se debruçando para olhar para o papel que saía de sua máquina de escrever.

- Eu vou quando você me explicar o que significa manipular possibilidades. – eu disse.

- Não me amole com essas coisas – ela disse, desenrolando o papel para conseguir ler a última linha – Pergunte para seu tio. É só alguma coisa de magos. O que você acha da descrição “geratrizes esbulhadas”? Boa, não é?

- Ótima – eu disse.

Os livros de minha mãe estão cheios dessas coisas. Nunca entendo direito o que significam. Dessa vez eu pensei que uma geratriz esbulhada fosse algum tipo de atriz com olhos esbugalhados, e saí pensando em todos os outros livros dela, com nomes como *Exploradas em troca de sonhos* e *Eunucos Inválidos*. Tio Alfred tinha uma mesa cheia deles

na loja. Uma das minhas tarefas era tirar o pó deles, mas ele quase nunca os vendia, por mais que eu tentasse empilhá-los de forma chamativa.

Eu tinha várias tarefas na loja: desembalar livros, arrumá-los, tirar o pó e limpar o chão nos dias em que a Sra. Potts não vinha por causa dos nervos. Isso sempre acontecia um dia depois de ela tentar arrumar o escritório de tio Alfred. A loja e a casa toda se enchiam de gritos:

- Eu falei que era só o *chão*, mulher! Você *arruinou* aquele experimento! Sorte sua de não ser um peixe dourado. Se encostar nisso de novo, vai *virar* um peixe dourado!

Mas a Sra. Potts, pelo menos uma vez por mês, não conseguia resistir a empilhar tudo e espanar o banco para tirar as marcas de giz. Então tio Alfred corria escada acima, gritando e, no dia seguinte, a Sra. Potts ficava em casa por causa dos nervos, e eu tinha que limpar o chão da loja. Como recompensa, eu podia ler qualquer livro das prateleiras infantis que eu quisesse.

Para ser brutalmente honesto (a expressão preferida de tio Alfred), essa recompensa não significava nada para mim até o dia em que eu ouvi falar de karma e Destino e comecei a pensar no que significava manipular as possibilidades. Até então, eu preferia fazer coisas arriscadas. Ou queria encontrar meus amigos na parte da cidade onde as televisões funcionavam. Ler era um trabalho mais pesado do que limpar o chão. Mas, de repente, um dia eu descobri os livros de Peter Jenkins. Com certeza você os conhece: *Peter Jenkins e o Professor Magro*, *Peter Jenkins e o Segredo do Diretor*, e todos os outros. São ótimos. Na nossa loja havia uma fileira inteira deles, pelo menos vinte, e eu comecei a ler todos.

Bem, eu já havia lido uns seis, e todos ficavam falando de um outro chamado *Peter Jenkins e a Fórmula do Futebol*, que parecia muito interessante. Então era esse que eu queria ler em seguida.

Terminei o chão o mais rápido que consegui. Então, quando estava indo tirar o pó dos livros de minha mãe, parei nas prateleiras infantis e olhei urgentemente toda a fileira de brilhantes livros vermelhos e marrons de Peter Jenkins, procurando *Peter Jenkins e a Fórmula do Futebol*. O problema é que todos os livros são iguais. Passei o dedo pelos livros, pensando que encontraria o livro na sétima posição. Eu sabia que já o tinha visto ali. Mas não estava lá. O que estava no lugar era *Peter Jenkins e o Golfista Mágico*. Passei o dedo até o final, e também não estava lá, e *O Segredo do Diretor* também estava faltando. No lugar, havia três

cópias de um chamado *Peter Jenkins e o Horror Oculto*, que eu nunca tinha visto. Eu peguei uma cópia e folheei, e era quase igual a *O Segredo do Diretor*, mas não exatamente (morcegos-vampiros no lugar de um zumbi no armário, coisas assim) e coloquei o livro no lugar me sentindo confuso e muito frustrado.

No final, peguei um qualquer antes de ir tirar o pó dos livros de mamãe. E os livros dela também estavam diferentes – só um pouquinho. A aparência deles era igual, com Franconia Grant escrito em grandes letras amarelas, mas alguns dos títulos eram diferentes. O grosso que se chamava *Mulheres em Crise* ainda era grosso, mas agora se chamava *Em Defesa das Mulheres*, e o fininho, mole, se chamava *Esperteza de Mãe*, em vez de *Usamos a Intuição?*, como eu me lembrava.

Nessa hora eu ouvi tio Alfred descer as escadas correndo, assobiando, indo abrir a loja.

- Ei, tio Alfred! – eu gritei – Você vendeu todos os *Peter Jenkins e a Fórmula do Futebol?*

- Acho que não. – ele disse, entrando na loja com sua cara preocupada.

Ele correu até as prateleiras de livros infantis, resmungando alguma coisa sobre ter que refazer o pedido enquanto trocava de óculos. Ele examinou toda a fileira de livros de Peter Jenkins através dos óculos, se inclinou para olhar os de baixo e ficou na ponta dos pés para olhar a prateleira de cima. Então se afastou, com uma expressão tão furiosa que eu achei que a Sra. Potts devia ter organizado os livros também.

- Olhe só pra isso! – ele disse, indignado – Um terço deles está diferente. É um crime! Eles fizeram um trabalho desse tamanho sem nem *considerar* os efeitos colaterais. Vá lá fora ver se a rua está igual, Conrad.

Fui até a porta da loja, mas até onde eu via, nada. Ah, a caixa de correio no fim da rua agora estava azul vivo.

- *Viu só.* – disse meu tio, quando contei para ele – Viu como eles são! Um monte de detalhes vão estar diferentes agora, detalhes *valiosos!* Mas *eles* nem se importam! *Eles* só pensam no dinheiro.

- Quem? – perguntei.

Eu não via como alguém poderia ganhar dinheiro trocando livros.

Ele apontou para cima e para os lados com o dedão.

- Eles. Aqueles aristocratas sem-vergonha de Stallery, para ser brutalmente honesto, Con. Eles ganham dinheiro manipulando as possibilidades, eles olham e, se acham que podem ter mais lucro com alguma de suas empresas se uma ou duas coisinhas forem diferentes, eles torcem, mexem e puxam essas coisinhas. Para eles não importa se *outras* coisas também mudarem. Ah, não. E dessa vez eles passaram dos limites. Ambiciosos. Perversos. As pessoas vão perceber e reclamar se eles continuarem fazendo isso.

Ele tirou os óculos e os limpou. Gotinhas de um suor de raiva borbulhavam em sua testa. Ele continuou:

- Vai haver problemas. Pelo menos eu espero.

Então era isso que significava manipular as possibilidades.

- *Como* eles mudam as coisas? – perguntei.

- Com magia muito poderosa – disse meu tio – Mais poderosa do que você e eu podemos imaginar, Conrad. Não se engane, o Conde Rudolf e sua família são pessoas muito perigosas.

Quando eu finalmente subi para o meu quarto para ler meu livro de Peter Jenkins, olhei pela janela primeiro. Como eu ficava bem no alto da casa, eu via Stallery como um lampejo brilhante no lugar onde as colinas verdes se transformavam numa montanha rochosa. Eu achava difícil acreditar que alguém naquele lugar alto e brilhante tivesse o poder de mudar um monte de livros e a cor das caixas de correio aqui em Stallchester. Eu ainda não entendia por que alguém iria querer fazer isso.

- É porque se você mudar para um conjunto novo de coisas que poderiam acontecer – Anthea me explicou, desviando a atenção dos livros – Você muda tudo, mas só um pouco. Dessa vez – ela acrescentou, virando com raiva as páginas de suas anotações – parece que eles deram um pulo grande e mudaram muita coisa. Eu tenho anotações aqui sobre dois livros que parecem não existir mais. Não é de se espantar que tio Alfred esteja irritado.

No dia seguinte, já tínhamos nos acostumado às mudanças. Às vezes era difícil lembrar que as caixas de correio antes eram vermelhas. Tio Alfred disse que nós só nos lembrávamos porque morávamos naquela parte de Stallchester.

- Para ser brutalmente honesto, - ele disse – metade de Stallchester acha que as caixas de correio sempre foram azuis. E o resto do país também. O Rei provavelmente as chama de azul real. Estão é mexendo com a nossa cabeça. A ganância deles é diabólica.

Isso aconteceu nos felizes dias em que Anthea estava em casa. Acho que minha mãe e tio Alfred pensavam que Anthea ficaria sempre em casa. Naquele verão, minha mãe disse, como de costume:

- Anthea, não se esqueça que Conrad precisa de uniformes novos para o ano que vem.

Tio Alfred também estava cheio de planos para expandir a loja quando Anthea saísse da escola e pudesse trabalhar lá em tempo integral.

- Se eu liberar o almoxarifado em frente ao meu escritório – ele dizia – podemos colocar o escritório ali. Então poderemos colocar os livros onde está o escritório, talvez expandir para o quintal.

Anthea nunca falava nada em resposta a esses planos. Ela ficou muito quieta e tensa durante o mês seguinte. Então, pareceu se alegrar. Ela trabalhou feliz na loja pelo resto do verão e, no início do outono, me levou para comprar uniformes novos, como havia feito no ano anterior, mas também comprou coisas para ela. Então, um mês depois de eu haver voltado à escola, ela se foi.

Ela desceu para o café da manhã com uma mala pequena.

- Vou embora – ela disse – A universidade começa amanhã. Vou pegar o trem das nove e vinte para Ludwich, então vou me despedir agora e como alguma coisa no trem.

- *Universidade!* – minha mãe exclamou – Mas você nem é tão inteligente assim!

- Você não pode ir. – disse tio Alfred – Tem a loja, e você não tem dinheiro.

- Eu fiz uma prova – disse Anthea – e consegui uma bolsa de estudos. Assim vou ter dinheiro suficiente, se tiver cuidado.

- Mas você *não pode!* – disseram os dois juntos.

Minha mãe disse ainda:

- Quem vai cuidar do Conrad?

E tio Alfred falou:

- Olhe aqui, minha garota, eu estava *contando* com você para a loja.
- Trabalhar de graça, eu sei. – disse Anthea.- Bem, sinto muito em estragar seus planos para mim, mas eu tenho vida própria, como você sabe, e já fiz meus planos sozinha porque sabia que vocês me impediriam se eu contasse. Já cuidei de vocês três por anos. Mas agora que Conrad está crescido o suficiente para cuidar de si mesmo, eu vou embora cuidar da minha vida.

E foi, e nos deixou todos atônitos. Não voltou. Ela conhecia tio Alfred. Ele passava muito tempo em seu escritório criando feitiços para fazer com que, quando Anthea viesse para casa no fim do semestre, se sentisse obrigada a ficar conosco para sempre. Anthea imaginou que ele fosse fazer isso, então simplesmente enviou um cartão postal para dizer que estava com amigos, e nunca chegou perto de nós. Ela me mandava cartões e presentes nos meus aniversários, mas não voltou a Stallchester durante anos.

Dois

A partida de Anthea fez uma diferença enorme, muito maior que qualquer mudança feita pelo Conde Rudolf lá na mansão. Minha mãe ficou de mau humor por semanas. Não sei ao certo se ela chegou a perdoar Anthea algum dia.

- Tão dissimulada! - ela dizia – Tão maldosa e sorrateira. Nunca aja assim, Conrad, e nem espere que eu tome conta de você. Eu tenho meu trabalho para fazer.

Meu tio Alfred também ficou irritadiço e mal-humorado por muito tempo, mas o humor dele melhorou depois que ele lançou os feitiços que deveriam prender Anthea em casa quando ela voltasse. Ele criou o hábito de me dar tapinhas no ombro e dizer:

- *Você não vai me decepcionar desse jeito, vai, Con?*

Às vezes eu respondia:

- Não se preocupe!

Mas, na maioria das vezes, eu me encolhia um pouco e não respondia. Eu senti uma falta terrível de Anthea por muito tempo. Ela era a pessoa a quem eu podia recorrer quando tinha uma pergunta ou quando estava desanimado. Quando eu caía ou me machucava, era ela que oferecia curativos e palavras de consolo. Costumava sugerir coisas para fazer quando eu estava entediado. Eu me sentia completamente perdido agora que ela havia ido embora.

Eu nunca tinha percebido quantas coisas Anthea fazia em casa. Por sorte, eu sabia usar a máquina de lavar, mas vivia me esquecendo de lavar a roupa, e, quando percebia, não tinha roupas limpas para ir à escola. Eu levei broncas por usar roupas sujas até me acostumar a me lembrar. Minha mãe simplesmente continuou a jogar as roupas delas no cesto de roupa suja como sempre tinha feito, mas Tio Alfred tomava muito cuidado com as camisas dele. Ele passou a ter que pagar a Sra. Potts para passá-las e reclamava muito sobre quanto ela cobrava.

- Os ingredientes para os meus experimentos estão custando uma fortuna ultimamente – dizia ele – Onde eu vou arrumar *dinheiro*?

Também era Anthea quem fazia as compras e cozinhava, e foi nesse ponto que nós mais sofremos. Na semana depois da partida dela, nós sobrevivemos comendo cereais matinais até acabarem. Então, minha mãe tentou resolver o problema encomendando duzentas

quiches congeladas e as enfiando no congelador. Você não imagina o quanto quiches enjoam rápido. E nenhum de nós se lembrava de deixar a próxima quiche descongelando. Tio Alfred sempre tinha que descongelá-las com magia e isso as deixava molengas e parecia afetar o gosto.

- Não existe mais nada que nós possamos comer que seja menos molenga e mais saboroso? – ele perguntava pateticamente – Pense, Fran. Houve uma época em que você cozinhava.

- Isso era quando eu estava sendo explorada como mulher – minha mãe respondia – O pessoal das quiches também faz pizzas congeladas, mas só aceitam encomendas de mais de mil.

Tio Alfred tremeu todo.

- Eu prefiro comer bacon e ovos – ele disse tristemente.

- Então vá comprar – disse minha mãe.

No final, ficou decidido que Tio Alfred faria as compras e eu tentaria cozinhar o que ele comprasse. Eu peguei livros chamados *Culinária Simples* e *Comidas Fáceis* na loja e me esforcei para seguir as instruções. Eu nunca me saía muito bem. A comida sempre ficava preta e grudava no fundo da panela, mas geralmente o que sobrava por cima era o suficiente. Nós comíamos muito pão, mas só minha mãe engordou visivelmente. Tio Alfred era naturalmente magro e eu estava crescendo. Minha mãe passou a ter que me levar para comprar roupas novas várias vezes ao ano. Parecia que isso sempre acontecia quando ela estava muito atarefada terminando um livro e isso a deixava tão irritada que eu tentava fazer minhas roupas durarem o máximo possível. Eu levei bronca na escola umas duas vezes porque parecia um espantalho.

No verão seguinte, já havíamos aprendido a nos virar. Acho que foi então que ficou óbvio que Anthea não ia mais voltar. Na época do Natal, eu já havia entendido que ela havia partido para sempre, mas minha mãe e Tio Alfred demoraram quase um ano.

- Ela *vai ter* que voltar para casa neste verão – minha mãe ainda repetia esperançosamente em maio – Todas as universidades fecham por meses durante as férias do meio do ano.

- Ela não vai voltar – disse Tio Alfred – Ela deixou Stallchester para trás. E para ser brutalmente honesto, Fran, eu não sei se eu *quero* que ela volte. Uma pessoa tão ingrata só nos perturbaria.

Ele suspirou, desfez o feitiço para manter Anthea em casa e contratou uma garota chamada Daisy Bolger para ajudar a cuidar da loja. Depois disso, estava sempre preocupado com o salário que tinha de pagar a Daisy para que ela não se demitisse e fosse trabalhar na loja de porcelanas perto da catedral. Daisy sabia como tirar dinheiro do Tio Alfred muito melhor do que eu. Ela sim era dissimulada! E ela sempre parecia achar que eu ia bagunçar os livros quando eu estava na loja. Um dia duas vezes o Conde Rudolf lá na mansão fez outra mudança das grandes, e ambas as vezes Daisy teve certeza de que eu é que tinha bagunçado os livros. Por sorte, Tio Alfred nunca acreditou nela.

Tio Alfred tinha pena de mim. Ele me olhava por cima dos óculos com sua expressão mais preocupada e balançava a cabeça tristemente.

- Eu imagino que você tenha sido o mais afetado pela partida de Anthea, Con – ele passou a dizer melancolicamente – Para ser brutalmente honesto, eu suspeito que foi o seu karma ruim que a fez partir.

- O que foi que eu *fiz* na minha vida passada? – eu perguntava ansioso.

Tio Alfred sempre respondia balançando a cabeça.

- Eu não sei *o que* você fez, Con. Somente os Senhores do Karma sabem. Você pode ter sido um policial corrupto, ou um juiz que aceitava propinas, ou um soldado desertor ou talvez um traidor da pátria, qualquer coisa! Tudo que eu sei é que ou você não fez algo que devia ter feito, ou fez algo que não devia. E, por causa disso, um Destino Sombrio continuará a te perseguir.

Então ele saía andando rapidamente, resmungando:

- A menos que encontremos uma maneira de você expiar esse erro, eu suponho.

Eu sempre me sentia péssimo depois dessas conversas. Algo ruim quase sempre acontecia comigo logo depois. Uma vez, quando eu estava escalando o Paredão de Stall, bem lá no alto, eu escorreguei e me esfolei inteiro. Outra vez, eu caí na escada e torci o tornozelo, e outra vez eu me cortei feio na cozinha – as cebolas ficaram cobertas de sangue – mas o pior de tudo era que toda vez eu pensava: “Eu *mereço* isto! Isto está acontecendo por causa do

crime que eu cometi na minha vida passada.” E eu me sentia terrivelmente culpado até que os arranhões ou o meu tornozelo ou o corte sarassem. Então eu me lembrava de Anthea dizendo que ela não acreditava que as pessoas tinham mais de uma vida e, depois disso, eu me sentia melhor.

Uma vez levei uma bronca da diretora porque minhas roupas estavam muito curtas. Ela me deu uma advertência, mas eu a joguei fora porque minha mãe tinha acabado de começar um novo livro e, de qualquer forma, eu sabia que *merecia* estar encrencado. Resolvi então perguntar ao tio Alfred:

- Você não pode descobrir quem eu fui e o que eu fiz? Se eu soubesse, eu poderia fazer alguma coisa.

- Para ser brutalmente honesto – disse meu tio – eu creio que você tem que ser um homem adulto para poder mudar seu Destino. Mas eu vou tentar descobrir. Vou tentar, Con.

Ele realizou experimentos na sua oficina para descobrir, mas nunca pareceu fazer muito progresso.

Mais ou menos um ano depois de Anthea ir embora, eu fiquei muito irritado com Daisy Bolger quando ela tentou me impedir de ler o novo livro de Peter Jenkins. Eu disse a ela que meu tio havia me dado permissão, mas ela simplesmente repetia:

- Devolva no lugar! Você vai amassá-lo e eu vou levar a culpa.

- Ah, por que você não vai trabalhar na tal loja de porcelana! – eu disse finalmente.

Ela balançou a cabeça, com raiva.

- Até *parece*! Eu não iria pra lá nem em *sonho*. É um *tédio*. Eu só digo que vou me demitir pra fazer o seu tio me pagar um salário decente e mesmo assim ele não me paga nem a metade do que deveria.

- Paga sim – respondi - Ele vive preocupado com o dinheiro que gasta com você.

- Isso – disse Daisy – é porque ele é pão-duro, não porque não tem dinheiro. Ele deve ser tão rico quanto o Conde de Stallery, pelo menos. Esta livraria está fazendo dinheiro à beça.

- É mesmo? – disse eu.

- Eu cuido do caixa. Eu sei. – disse Daisy – Nós estamos no lado pitoresco da cidade e recebemos *todos* os turistas, no inverno e no verão. Pergunte à Srta. Silex, se não acredita em mim. Ela cuida da contabilidade.

Eu fiquei tão chocado ao ouvir isso que me esqueci de ficar bravo e me esqueci do livro de Peter Jenkins também. Sem dúvida essa havia sido a intenção de Daisy. Ela era uma pessoa muito astuta. Mas eu não conseguia acreditar que ela estivesse certa, não com Tio Alfred sempre tão preocupado. Eu comecei a contar as pessoas que entravam na loja.

E Daisy estava certa. Stallchester é uma cidade famosa por sua beleza, cheia de prédios históricos e cercada de montanhas. No verão, as pessoas vinham ver a cidade, apostar no cassino e caminhar nas montanhas. No inverno, vinham esqui. Mas, como a cidade fica em um lugar muito alto, às vezes chove e faz frio no verão, e no inverno há sempre épocas em que a neve está muito baixa, muito fofa ou muito pesada, e é nesses dias que os turistas vêm à loja às centenas. Eles compram de tudo, de dicionários para ajudá-los com as palavras-cruzadas a profundos livros de filosofia, histórias de detetive, biografias, histórias de aventura e livros de culinária. Algumas até compram os livros da minha mãe. Só demorou alguns meses pra que eu percebesse que Tio Alfred realmente estava ganhando dinheiro à beça.

- Como ele gasta todo o dinheiro? – eu perguntei à Daisy.

- Só Deus sabe – disse ela – Aquela oficina dele é bem cara. E ele sempre compra o melhor vinho do porto para os Círculos de Magos. E todas as roupas dele são feitas à mão, sabe.

Eu também tive dificuldade para acreditar nisso. Mas, quando parei para pensar, percebi que um dos magos que vinham para as reuniões do Tio Alfred toda quarta-feira era o Sr. Hawkins, o alfaiate, e ele frequentemente chegava mais cedo com um pacote de roupas. E eu já havia ajudado a carregar garrafas de vinho do porto velhas e empoeiradas lá para cima para as reuniões muitas e muitas vezes. Eu simplesmente nunca havia percebido que aquilo era caro. Fiquei irritado com Daisy por perceber muito mais do que eu. Mas ela era mesmo uma pessoa muito astuta.

Você não acreditaria como Daisy era engenhosa no trabalho quando queria mais dinheiro. O processo várias vezes durava até duas semanas – dez dias de suspiros, resmungos e conversas sobre como ela estava trabalhando demais e recebendo de menos. Depois, um dia ela dizia que a moça simpática da loja de porcelana havia dito que ela

podia ir trabalhar lá quando quisesse. Por fim, ela soltava um brado de “Já *chega!* Eu vou *embora!*” E funcionava toda vez.

Tio Alfred detesta quando as pessoas vão embora, eu pensava. Foi por isso que ele deixou Anthea estudar na Escola Catedral, pra que ela pudesse ficar em casa e ser útil lá.

Eu não podia ameaçar ir embora ainda. Você tem que ficar na escola até os doze anos neste país. Mas eu podia fingir que não cozinharia mais. Não precisei fingir muito, na verdade.

Da primeira vez, eu agi ainda mais lentamente que Daisy. Eu passei mais de duas semanas suspirando e dizendo que estava de saco cheio de cozinhar.

No final foi minha mãe quem disse:

- Francamente, Conrad, se alguém te ouvisse falando assim, acharia que nós te exploramos.

Foi incrível. Eu fui de morno a fumegante em um segundo e gritei com vontade:

- Você estão me explorando! Já chega! Eu nunca mais vou cozinhar nada!

Então ficou ainda mais incrível. Tio Alfred me levou apressado para sua oficina e me implorou:

- Sabe, vamos ser brutalmente honestos, Com. Sua mãe não leva o menor jeito para cozinhar e eu sou pior ainda. Mas todos nós precisamos comer, não é? Seja um bom garoto e reconsidere agora.

Eu olhei em volta e vi os estranhos objetos de vidro e as máquinas brilhantes da oficina e me perguntei quanto tudo isso devia ter custado.

- Não – respondi amuado – Contrate alguém pra fazer isso.

Ele se retraiu. Quase estremeceu pensando na ideia.

- Suponhamos que eu te ofereça alguma coisa para assumir o posto de chef novamente – ele disse em tom persuasivo – O que eu poderia lhe oferecer?

Eu deixei que ele me bajulasse por um tempo. Então suspirei e pedi uma bicicleta. Ele concordou imediatamente. A bicicleta não era tão incrível quando chegou, porque Tio Alfred só arranhou uma de segunda mão, mas já era um começo. Eu conhecia a técnica agora.

Quando chegou o inverno, entrei em ação novamente. Eu me recusei a cozinhar duas vezes. Primeiro, ganhei uma mesada do meu tio e depois, ganhei esquis só pra mim. Na primavera, eu tentei de novo e ganhei kits de modelismo. No verão, eu ganhei tudo que precisava. No outono seguinte, eu forcei Tio Alfred a me dar uma câmera boa. Eu sei que isso era uma astúcia calculada tão ruim quanto a de Daisy – ainda que eu não pudesse deixar de perceber que os meus amigos da escola ganhavam esquis e mesadas como se tivessem direito a eles e nenhum deles tinha que cozinhar para ganhar essas coisas – mas eu dizia a mim mesmo que o meu Destino havia me tornado mau e que o melhor que eu podia fazer era me aproveitar disso.

Eu parei no ano em que ia fazer doze anos. Isso não aconteceu porque eu me arrependi. Era parte de um plano. Você pode sair da escola aos doze anos, entende, e eu sabia que Tio Alfred já devia ter pensado nisso. A regra é que você pode continuar e ir para um Colégio Secundário, mas só se a sua família pagar. Caso contrário, você arruma um emprego. Todos os meus amigos iam para Colégios Secundários, a maioria para a Catedral como Anthea, mas os meus melhores amigos iam para o Colégio Stall. Eu o imaginava parecido com o colégio nos livros de Peter Jenkins. O Colégio Stall custava mais caro, mas devia ser um lugar fantástico, e o melhor de tudo: os alunos aprendiam magia. Eu estava decidido a aprender magia com os meus amigos. Morando em uma casa como a minha, em que Tio Alfred enchia o corredor com cheiros peculiares e com o estranho formigamento de feitiços funcionando pelo menos uma vez por semana, eu mal podia esperar para fazer tudo isso também. Além disso, Daisy Bolger me disse que o próprio Tio Alfred havia estudado no Colégio Stall quando era garoto. Como aquela garota ficava sabendo dessas coisas eu nunca descobri.

Eu conhecia Tio Alfred e sabia que ele tentaria me manter em casa de algum jeito. Era até possível que ele despedisse Daisy e me fizesse trabalhar na loja a troco de nada. Então meu plano era ameaçar parar de cozinhar bem perto do fim do meu último ano e fazer com que ele me subornasse com o Colégio Stall. Se isso não funcionasse, eu pretendia ameaçá-lo com a ideia de ir arrumar um emprego fora da cidade e depois dizer que eu ficaria se pudesse estudar na Escola Catedral.

Eu planejei tudo isso sentado no meu quarto olhando para o alto em direção à Mansão Stallery, que reluzia entre as montanhas. Stallery sempre me fazia desejar todas as coisas

estranhas e emocionantes que eu não parecia ter. A Mansão me fazia pensar que Anthea devia ter se sentado no quarto *dela*, fazendo planos da mesma maneira – só que não dava para ver Stallery do antigo quarto de Anthea. Minha mãe o usava como depósito de papel agora.

De qualquer forma, Stallery virou notícia mais ou menos nessa época. O Conde Rudolf morreu de repente. As pessoas que fofocavam na livraria diziam que ele era bem jovem, na verdade, mas certas doenças não ligavam para a idade, não é?

- Morreu cedo demais – a Sra. Potts me disse – Ouça o que estou dizendo. E dizem que o novo Conde tem só vinte e um anos. A irmã dele é ainda mais nova. Eles vão ter que se casar logo para preservar o nome da família. Ela vai insistir.

Daisy tinha muito interesse em casamentos. Ela procurou em toda parte por uma revista que pudesse ter fotos do novo Conde, Robert, e da irmã dele, Lady Felice. Tudo que ela encontrou foi um jornal com o anúncio do noivado do Conde Robert e de Lady Mary Ogworth.

- Só texto, – reclamou ela – nenhuma foto.

- Daisy não vai encontrar fotos. – a Sra. Potts me disse – Stallery gosta de privacidade. Ah, se gosta. Eles sabem como manter a mídia fora das vidas deles lá em cima. Eu ouvi dizer que há cercas eletrificadas ao redor de toda a propriedade, e cães bravos patrulhando os jardins. *Ela* não vai querer ninguém bisbilhotando, não mesmo.

- Quem é *ela*? – eu perguntei.

A Sra. Potts fez uma pausa, ajoelhada na escada de costas para mim.

- Passe a cera – ela disse – Obrigada. *Ela*, - continuou, esfregando a cera lentamente – é a velha Condessa. Ela se livrou do marido. Ouvi dizer que o incomodou e perturbou até a morte... e agora não vai querer que ninguém a veja fazendo a cabeça do novo Conde. Dizem que ele já está comendo na mão dela e que isso é só o começo, pobrezinho. *Ela* gosta de ter todo o poder, todo o dinheiro. *Ele* vai se casar com a moça que *ela* escolheu, e então ela vai controlar os dois, espere pra ver.

- Ela parece horrível – disse eu, querendo saber mais.

- Ah, ela é – disse a Sra. Potts – Ela já esteve nos palcos. Ouvi dizer que conquistou o velho conde mostrando as pernas quando era corista. E...

Infelizmente, Tio Alfred subiu as escadas apressado bem nessa hora e tropeçou no balde da Sra. Potts, e no gênio dela também. Eu nunca mais consegui fazê-la fofocar sobre Stallery. “É meu Destino em ação”, eu pensei. Mas eu consegui mais algumas pistas do próprio Tio Alfred. Com o rosto todo enrugado de preocupação, ele me disse:

- O que vai acontecer lá em Stallery agora, heim? Pode ficar ainda pior. Não quero citar nomes, mas tem alguém muito ganancioso lá em cima. Eu temo a próxima série de mudanças, Con.

Ele estava tão preocupado que ligou para o Círculo de Magos e eles se reuniram em uma terça-feira, um fato quase inédito. Depois disso eles passaram a se reunir nas terças e nas quartas e eu ajudava a levar o dobro de garrafas de vinho empoeiradas lá para cima toda semana.

Essas semanas passaram lentamente até o dia fatídico em que a Diretora apareceu e entregou a todos no último ano um Formulário do Formando.

- Entreguem isto aos seus pais ou responsáveis – disse ela – Digam a eles que, se quiserem que vocês deixem a escola ao final deste ano letivo, eles devem assinar a Seção A. Se quiserem que vocês continuem a estudar e cursem um Colégio Secundário, devem assinar a Seção B. Peçam a eles para fazer isso hoje. Eu quero todos os formulários de volta amanhã sem falta.

Eu levei meu formulário para casa, preparado para a batalha e para usar minha astúcia. Entrei pelo quintal e fui direto para o segundo andar falar com minha mãe. Meu plano era fazê-la assinar a Seção B antes que tio Alfred sequer soubesse que eu havia recebido o formulário.

- O que é isto? – disse minha mãe desinteressadamente quando eu coloquei o papel amarelo na frente da máquina de escrever dela.

- Um Formulário do Formando. – eu expliquei – Se você quiser que eu continue na escola você tem que assinar a Seção B.

Ela penteou o cabelo para trás distraidamente.

- Não posso fazer isso, Conrad, não agora que você já tem um emprego. E em Stallery ainda por cima. Devo dizer que estou muito decepcionada com você.

Senti como se o mundo inteiro tivesse sido puxado debaixo dos meus pés como um tapete.

- *Stallery!* – eu disse.

- Se foi isso que você disse ao seu tio, então sim – minha mãe disse. E ela pegou o formulário e assinou a Seção A com o nome de casada. F. Tesdnic. – Tome – disse ela – Eu lavo minhas mãos, Conrad.

Três

Fiquei ali, me sentindo profundamente desapontado. Não sabia o que fazer e nem o que pensar. Então, quando dei por mim, estava correndo escada abaixo, abanando o Formulário do Formando. Entrei correndo na livraria, onde tio Alfred estava atrás do balcão, e sacudi o formulário com raiva na cara dele.

- O que *diabos* quer dizer *isto*? – eu praticamente guinchei.

Vários clientes que estavam olhando as estantes se viraram e me encararam. Tio Alfred olhou para eles, pestanejou para mim e disse a Daisy:

- Você pode assumir aqui por um momento?

Ele saiu de trás da mesa e me puxou pelo cotovelo.

- Venha até o meu escritório e me deixe explicar.

Ele meio que me arrastou para fora da loja. Eu ainda estava abanando o formulário com minha mão livre e acho que também estava berrando.

- Como assim, *explicar*? – gritei enquanto subíamos as escadas – Você não pode fazer isso comigo. Você não tem *direito*!

Quando chegamos ao escritório, tio Alfred me empurrou para dentro de um forte odor de magia recente e bateu a porta atrás de nós dois. Ele ajustou os óculos, que eu tinha entortado. Ele estava ofegante e parecia mais preocupado do que eu jamais o vira, mas não me importei. Abri a boca para gritar com ele de novo.

- Não, Con. – disse ele seriamente – Por favor. Estou fazendo o que posso por você. Honestamente. É seu Destino; esse seu karma miserável. Esse é problema, entende?

- O que isso tem a ver? – exigi.

- Tudo – disse ele – Tenho feito muitas previsões sobre você e parece que é ainda pior do que eu pensava. A menos que você conserte o que fez de errado na sua vida passada, e conserte *já*, você terá uma morte horrível e dolorosa até o fim do ano.

- *O quê?* – eu disse – Não acredito em você!

- É verdade. – ele garantiu – Os Senhores do Karma vão te descartar e deixar você tentar de novo da próxima vez que renascer. Eles são bem impiedosos, sabe. Mas eu não

espero que você simplesmente acredite em mim. Eu gostaria que você viesse comigo para o Círculo de Magos hoje à noite para ver o que *eles* dirão. Eles não te conhecem, e eu não falei de você para eles, mas aposto que vão perceber na hora esse seu karma. Para ser brutalmente honesto com você, ultimamente ele parece uma nuvem negra à sua volta, Con.

Eu me senti muito mal. Minha boca secou e meu estômago estremeceu, embrulhando e revirando. Quando falei, percebi que minha voz havia se tornado um sussurro.

- Mas o que ele tem a ver com *isto*?

Tentei fazer outro floreio com o formulário, mas só consegui abaná-lo abatido. Meu braço havia perdido a força.

- Ah, eu queria que você tivesse falado comigo primeiro. – disse meu tio – Eu teria explicado. Veja bem, eu descobri o que você fez de errado. Havia alguém na sua vida passada a quem os Senhores do Karma queriam que você desse um fim. E você não deu. Você perdeu a coragem e libertou essa pessoa. E ela renasceu e continuou suas maldades nesta vida também...

- Mas eu ainda não entendi... – comecei.

Ele ergueu uma mão para me calar. A mão tremia. Ele parecia estar tremendo todo de preocupação.

- Deixe-me terminar, Con. Deixe-me continuar. Desde que descobri o que causou seu Destino, fiz todo tipo de divinação para descobrir quem *é* essa pessoa a quem você não deu fim. Tem sido muito difícil, eu nem preciso te falar como a magia lá de Stallery interfere nos feitiços aqui, mas mesmo assim é bem certo. É alguém de Stallery, Con.

- Quer dizer que é o novo Conde? – perguntei.

- Não sei. – disse meu tio. – É *algum* deles lá de cima. *Alguém* lá em Stallery tem muito poder e está fazendo alguma coisa muito ruim, e tem exatamente o mesmo padrão da pessoa que você devia ter eliminado da última vez. Foi só isso que eu consegui descobrir, Con. Mas veja pelo lado bom. Sabemos onde encontrar essa pessoa. Foi por isso que eu dei um jeito de você arrumar um emprego em Stallery.

- Que tipo de emprego? – perguntei.

- Doméstico. – disse tio Alfred – O mesmo tipo de coisa que você já costuma fazer. O administrador de lá, mordomo, sei lá, é um tal de Sr. Amos e está pensando em receber alguns formandos em breve, para treiná-los como empregados do novo Conde. No dia

seguinte ao fim do ano escolar, ele vai entrevistar vários de vocês. E vai escolher você, Con, não se preocupe. Vou colocar um ótimo feitiço em você, e ele não vai ter escolha. Você não precisa se preocupar em conseguir o emprego. E aí vai estar bem no meio das coisas, limpando botas e levando recados, e vai ter *muitas* oportunidades de procurar a pessoa responsável por esse terrível karma que você carrega.

Pensei “Limpar botas!” e quase comecei a chorar. Meu tio continuou a falar, nervoso, persuasivo, mas eu não conseguia mais prestar atenção. Não era só o fato de meu plano tão cuidadoso não ter dado em nada. Era mais que eu de repente vi para onde o plano estava me levando. Eu não tinha admitido antes, mas sabia agora (sabia com muita certeza) que o que eu queria era ser como Anthea, abandonar a livraria, ir embora de Stallchester, para algum lugar completamente diferente e perseguir algum tipo de carreira. Ainda não tinha pensado em *qual* carreira até então, mas agora eu pensava em ser piloto de avião, um grande cirurgião, um cientista famoso, ou talvez, e esse era o melhor de todos, aprender a ser o mais poderoso mago do mundo.

Parecia que eu estava espiando por uma porta que agora se fechava na minha cara. Eu poderia ter feito tantas coisas interessantes se tivesse a educação certa. Ao invés disso, ia passar o resto da vida *limpando botas*.

- Eu não quero! – exclamei – Quero ir para o Colégio Stall!

- Você não prestou atenção no que eu estava dizendo – disse tio Alfred – Você tem que desfazer esse seu Destino sombrio *antes*, Con. Se não vai morrer agonizando antes do fim do ano. Depois que for para Stallery, descobrir quem é essa pessoa e der fim nele ou nela, poderá fazer o que quiser. Eu darei um jeito de você ir para o Colégio Stall logo depois. É *claro* que darei.

- Sério? – disse eu.

- Sério. – disse ele.

Foi como se aquela porta se abrisse devagarzinho mais uma vez. É verdade que tinha uma soleira horrível no caminho que dizia “Karma Ruim, Destino Sombrio”, mas eu podia passar por cima dela. Percebi que estava soltando um suspiro muito, muito longo.

- Tudo bem. – eu disse.

Tio Alfred deu um tapinha no meu ombro.

- Bom rapaz. Eu sabia que você entenderia. Mas não peço que você acredite só na minha palavra. Venha para o Círculo de Magos hoje à noite, para ver o que eles têm a dizer. Tudo bem?

Eu achava que sim. Balancei a cabeça.

- Então eu *posso* voltar para a livraria agora? – ele disse – Daisy não tem muita experiência ainda.

Balancei a cabeça de novo. Mas quando ele me empurrou em direção às escadas, me ocorreu uma coisa.

- Quem vai cozinhar quando eu for embora? – perguntei, surpreso pro não haver pensado nisso antes.

- Não se preocupe com isso. – disse meu tio. – Vamos contratar a mãe de Daisy. Ela vive falando como a mãe dela cozinha bem.

Fui tropeçando para o meu quarto e olhei para Stallery, que brilhava em seu nicho nas montanhas. Minha mente era como alguém no escuro, tropeçando por entre grandes móveis com quinas pontudas. E eu ficava dando topadas nas quinas. Nada de Colégio Stall a menos que eu fosse limpar botas em Stallery: essa era uma quina. Os Senhores do Karma te descartavam se você não fosse bom: essa era outra. Uma pessoa lá em cima, entre as janelas cintilantes, era tão perversa que precisava que alguém desse um fim nela (era outra quina) e eu tinha que lidar com essa pessoa agora porque tinha sido fraco demais em minha última vida: essa era mais outra. Então minha mente topou com a quina mais importante de todas: se eu não fizesse isso tudo, morreria. Era essa pessoa ou eu, ele ou eu.

Ele ou eu, eu ficava repetindo. Ele ou eu.

Essas palavras estavam passando pela minha cabeça enquanto eu ajudava tio Alfred a levar as garrafas de vinho do porto para o escritório dele aquela noite. Tive que entrar de costas na sala porque estava com duas garrafas em cada mão.

- Puxa vida. – alguém disse, atrás de mim. – Que karma espantoso!

Antes que eu pudesse me virar, outra pessoa disse:

- Meu caro Alfred, você havia percebido que seu sobrinho carrega um dos Destinos mais negros jamais vistos?

Todos os magos do Círculo estavam lá, apesar de eu não ter ouvido quando eles chegaram. Dois deles fumavam charutos, enchendo o escritório com uma forte fumaça azul, que dava ao cômodo uma forma e um tamanho diferentes. Ao invés da escrivaninha, tubos de vidro e máquinas de sempre, havia um círculo de poltronas confortáveis, cada uma com uma mesinha ao lado. Havia outra mesa no meio, cheia de garrafas, taças e vários decantadores.

Eu conhecia a maioria das pessoas sentadas nas poltronas, pelo menos de vista. O que estava servindo uma taça de um fino vinho tinto era o Sr. Seuly, o Prefeito de Stallchester, que era dono da fundição do outro lado da cidade. Ele passou o decantador para o Sr. Johnson, que era dono das pistas de esqui e dos hotéis. O Sr. Pridy, ao lado dele, era dono do cassino. Um dos que estavam fumando charuto era o Sr. Hawkins, o alfaiate, e o outro era o Sr. Fellish, dono do jornal *Diário de Stallchester*. O Sr. Goodwin, depois deles, era dono de uma grande cadeia de lojas em Stallchester. Eu não tinha certeza dos nomes dos outros, mas sabia que o alto era dono de todas as terras aqui em volta e que o gordo gerenciava os bondes e ônibus. E tinha também o Sr. Loder, o açougueiro, ajudando o tio Alfred a abrir as garrafas e colocar o vinho nos decantadores com cuidado. O cheiro forte de nozes do vinho do porto penetrava o cheiro dos charutos.

Todos esses homens tinham expressões astutas e respeitáveis e vestiam roupas caras. Por isso era terrível ver todos eles me encarando, preocupados. O Prefeito Seuly bebericou seu vinho e balançou a cabeça um pouco.

- Esta vida não vai durar muito, a não ser que se faça algo logo. – ele disse. – O que está causando isso? Alguém sabe?

- Algo, não, *alguém* que ele devia ter eliminado na última vida, pelo jeito. – disse o Sr. Hawkins, o alfaiate.

O senhor alto, dono das terras, concordou com a cabeça.

- E existe a oportunidade de curar isso agora, mas ele não fez isso. – disse ele, grave e melancólico. – Por que não?

Tio Alfred acenou para que eu parasse de encará-los e colocasse as garrafas na mesa.

- Porque – ele disse – para ser brutalmente honesto com vocês, eu acabei de descobrir com quem ele deve lidar. É alguém lá de Stallery.

Houve um gemido geral.

- Então *mande-o* para lá. – disse o Sr. Fellysh.
- Vou mandar. Ele vai na semana que vem. – disse meu tio – Não consegui arranjar isso antes.

- Bem. Antes tarde do que nunca. – disse o Prefeito Seuly.
- Sabe... - observou o Sr. Priddy – Não me surpreende nem um pouco que seja alguém de Stallery. O garoto tem um Destino tão forte. Parece igual ao poder lá de cima, e o de lá é tão forte que interfere com as comunicações e impede esta cidade de prosperar como deveria.

- Não é só nesta cidade que Stallery interfere. – disse o Prefeito Seuly – O controle financeiro deles cobre o mundo inteiro, como uma rede. Eu o enfrento quase todos os dias. Eles causam interrupções mágicas o tempo todo, para eles ganharem dinheiro e eu não. Se eu tento passar por cima do que eles fazem: *bum*. Perco metade dos meus lucros.

- Ah, todos nós já passamos por isso. – concordou o Sr. Goodwin. – É estranho pensar que está nas mãos desse rapaz salvar a nós, além dele mesmo.

Fiquei ali, ao lado da mesa, olhando para um e para outro, conforme eles falavam. Minha boca ficava mais seca a cada coisa dita. Nessa hora, eu já estava tão horrorizado que mal conseguia engolir. Tentei fazer uma pergunta, mas não consegui.

Meu tio pareceu perceber o que eu queria saber. Ele se virou. Estava segurando sua taça perto da luz, de forma que uma mancha vermelha de luz oscilava em sua testa quando ele disse:

- Esses são todos fatos funestos, mas como meu sobrinho vai saber quem é essa pessoa, quando a vir? Era isso que você queria perguntar, não era, Con?

Era, mas a essa altura eu não consegui nem acenar com a cabeça.

- Simples. – disse o Prefeito Seuly. – Vai chegar um momento em que ele vai *saber*. Sempre há um momento de reconhecimento nos casos de karma. A pessoa de quem ele precisa vai dizer ou fazer alguma coisa, e vai ser como ligar um interruptor. Uma luz vai se acender na cabeça do garoto, e ele vai *saber*.

Os outros balançaram a cabeça e resmungaram, concordando. Era *mesmo* daquele jeito, e tio Alfred disse:

- Entendeu, Con?

Dessa vez, consegui acenar com a cabeça. Então o Prefeito Seuly disse:

- Mas ele vai querer saber como lidar com a pessoa quando souber. Isso também é muito importante. Que tal ele usar a Equação de Granek?

- Complicada demais. – disse o Sr. Goodwin. – Ele devia tentar o Feitiço de Beaulieu.

- Eu preferiria um simples Whitewick. – disse o Sr. Loder, o açougueiro.

Depois disso todos eles começaram a sugerir coisas que não significavam nada para mim, e cada um ficou muito exaltado defendendo sua própria sugestão. Não demorou muito, e o senhor alto dono das terras bateu com sua taça na mesinha do lado de sua poltrona e gritou:

- Ele *tem* que eliminar essa pessoa para sempre, rápido e sem complicações! A única resposta é um Persholt!

- Por favor, lembre-se de que Con é só um menino, e não sabe magia nenhuma. – disse meu tio ansiosamente.

Isso causou um silêncio. Depois de um tempo, o prefeito Seuly falou:

- Ah. Sim, claro. Bem, então eu acho que o melhor plano é prepará-lo para invocar um Errante.

Com isso, começou um som de resmungos de “Exatamente! É *claro!* Um Errante! Como não pensamos nisso antes?”. O Prefeito Seuly passou os olhos pelo círculo e disse:

- Todos concordam? Bom. Agora, o que podemos dar a ele para usar? Precisa ser algo muito simples e comum, para não levantar suspeitas. Ah, sim. Uma rolha de uma dessas garrafas vai servir bem.

Ele estendeu a mão com um belo anel de ouro brilhando em um dos dedos, e o Sr. Loder lhe deu a rolha manchada de roxo da garrafa que havia acabado de derramar no decantador. O Sr. Seuly pegou a rolha e a segurou nas duas mãos por um momento. Então balançou a cabeça e a passou para o Sr. Jonhson, que fez o mesmo. A rolha passou lentamente por todo o círculo, inclusive por tio Alfred e pelo Sr. Loder, que estavam em pé junto à mesa, e voltou para o prefeito.

O Prefeito Seuly segurou a rolha entre os dedos e fez um gesto, me chamando para ir até perto dele. Eu ainda não conseguia falar. Fiquei ali, olhando para seu cabelo bem cortado, que quase escondia a falha no alto da cabeça, e pensando em como ele parecia roliço e rico.

Inalei o aroma de nozes e frutas do vinho, de tecido suave e caro, e um toque de loção pós-barba, e concordei com a cabeça com tudo o que ele dizia.

- Tudo o que você tem que fazer – disse ele – é ter seu momento de reconhecimento e então pegar esta rolha. Então você deverá segurá-la como estou fazendo agora, e dizer “Eu invoco um Errante para me trazer o que preciso”. Entendeu?

Balancei a cabeça. Parecia bem fácil de lembrar.

- Pode ser que você precise esperar um pouco pelo Errante, – continuou o prefeito. – e você não deve se assustar quando o vir chegando. Ele pode ser maior do que você espera. Quando chegar, ele te dará alguma coisa. Eu não sei o quê. Os Errantes são feitos para te dar a ferramenta exata para o trabalho. Mas acredite em mim: o objeto que você receber vai fazer exatamente o que você precisar. E você *precisa* dar ao Errante esta rolha em troca. Eles nunca dão nada de graça. Entendeu tudo? – ele perguntou.

Balancei a cabeça mais uma vez.

- Então pegue esta rolha e fique com ela o tempo todo, - ele disse – mas não deixe ninguém vê-la. E eu espero que, da próxima vez que nos encontrarmos, você não carregue mais karma nenhum.

Quando eu peguei a rolha, que parecia uma rolha comum para mim, o Sr. Johnson disse:

- Certo. Está feito. Mande-o embora, Alfred, e vamos começar a reunião.

Eu não precisava que tio Alfred me acenasse com a cabeça para ir embora. Saí o mais rápido que pude, e corri pelas escadas até a cozinha para beber água. Mas, quando cheguei lá, minha boca nem estava mais seca. Era estranho, mas era um alívio tão grande que eu nem pensei muito nisso. Eu nem estava mais com tanto medo, o que também era estranho, mas não pensei nisso na hora.

Quatro

Eu fiquei ainda mais nervoso com o passar da semana. A pior parte foi a reunião de encerramento do ano, durante a qual eu tive que me sentar do lado esquerdo com os alunos que iam parar de estudar, enquanto todos os meus amigos estavam sentados do outro lado do corredor porque iam para Colégios Secundários. Eu me senti completamente excluído. E, sentado lá, percebi que, mesmo quando encontrasse a pessoa responsável pelo meu karma e a eliminasse, eu ainda estaria um ano atrás dos meus amigos no Colégio Stall. E do mesmo lado do corredor que eu estava, o garoto sentado ao meu lado havia arrumado um emprego na fundição do Prefeito Seuly e a menina do meu outro lado ia treinar para ser empregada na casa do Sr. Goodwin. Eu ainda precisava conseguir o meu emprego.

Então, de repente, me dei conta de que eu teria que ir sozinho para um lugar estranho onde eu não saberia o que fazer ou como me portar, o que já era ruim o bastante, e eu ainda ia ter que encontrar a pessoa que estava causando meu Destino Sombrio também. Eu tentei me convencer de que era ou ele ou eu, mas isso não ajudou nem um pouco. Quando cheguei em casa, olhei pela minha janela em direção a Stallery e me senti apavorado. Percebi que não sabia nada sobre o lugar. Só sabia que ele estava cheio de magia poderosa e que alguém lá em cima era completamente maligno. Quando tio Alfred veio e me levou para o escritório dele, para colocar em mim o feitiço que faria com que o tal de Sr. Amos me contratasse, eu o segui bem devagar. Minhas pernas estavam tremendo.

O escritório estava de volta ao seu estado de sempre. Não havia nem sinal das poltronas confortáveis e do vinho do porto. Tio Alfred desenhou um círculo com giz no chão e me fez ficar em pé dentro dele. Fora isso, a magia era como a vida normal. Eu não senti nada em particular, nem percebi qualquer coisa além de um formigamento bem fraco, bem no final. Mas tio Alfred estava sorrindo de orelha a orelha quando terminou.

- Pronto! – disse ele – Eu desafio qualquer um a se recusar a contratar você agora, Con! Parece uma roupa de mergulho, de tão bem vedado.

Eu saí, tremendo de nervoso. Eu estava tão cheio de dúvidas e me sentindo tão ignorante que fui interromper minha mãe. Ela estava sentada em frente à mesa barulhenta, lendo longas folhas de papel e fazendo marcas nas margens à medida que lia.

- Fale rápido – disse ela – ou vou me perder nesse bendito manuscrito.

De todas as coisas que eu queria saber, a única que me ocorreu foi:

- Eu preciso levar alguma roupa para Stallery amanhã?

- Pergunte ao seu tio – disse minha mãe – você tramou tudo isso com ele. E lembre-se de tomar banho e lavar o cabelo hoje à noite.

Então eu desci, encontrei tio Alfred desempacotando guias de viagens nos fundos e fiz a mesma pergunta a ele.

- E eu posso levar minha câmera? – eu disse.

Ele enrugou o lábio e pensou.

- Para ser honesto, o certo seria você não levar nada, – disse ele – amanhã é para ser só uma entrevista. Mas obviamente se o feitiço funcionar e você for contratado, você provavelmente vai começar a trabalhar imediatamente. Eu sei que eles fornecem os uniformes, mas eu não sei a respeito de roupas de baixo. Sim, talvez você deva levar roupas de baixo. Mas não deixe transparecer que você espera ficar lá. Eles não gostariam disso.

Isso me deixou mais nervoso do que nunca. Eu achava que o feitiço fosse uma *garantia*. Depois disso, por um breve e doce momento, eu pensei que, se eu fosse extremamente rude com o pessoal de Stallery, eles me expulsariam e não me contratariam. Então eu poderia ir para o Colégio Stall no próximo semestre. Mas é claro que isso não funcionaria, por causa do meu Destino Sombrio. Eu suspirei e comecei a arrumar as coisas.

O bonde que passava por Stallery partia da praça do mercado ao meio-dia. Tio Alfred foi comigo até lá. Eu estava usando minhas melhores roupas e carregando uma sacola plástica que parecia conter meu almoço. Eu havia colocado engenhosamente um embrulho de sanduíches e uma garrafa de suco por cima. Por baixo, estavam todas as minhas meias e cuecas enroladas em volta da minha câmera e o último livro de Peter Jenkins – achei que tio Alfred não sentiria falta de *um* livro na loja.

Quando chegamos à praça, o bonde estava lá, se enchendo de gente.

- É melhor você subir ou não vai conseguir um lugar para sentar – disse meu tio – Boa sorte, Con, vou amá-lo e deixá-lo partir. Ah, e Con, - ele disse enquanto eu subia a

escada de metal para entrar no bonde. Ele me chamou acenando e eu voltei – Uma coisa que esqueci – ele disse. Nós nos afastamos um pouco, cruzando a rua.

- Você deve dizer ao Sr. Amos que seu nome é Grant – ele disse – como o meu. Se você der um nome elegante como Tesdinic, eles vão achar que você é importante demais para o emprego. Então de agora em diante seu nome é Conrad Grant. Não se esqueça, está bem?

- Tudo bem – eu disse – Grant.

De certa forma isso me fez sentir muito melhor. Era como ter um pseudônimo, como os das pessoas nos livros de Peter Jenkins que tinham vidas duplas cheias de aventura. Comecei a pensar em mim mesmo como uma espécie de agente secreto. Grant. Eu sorri e acenei alegremente para tio Alfred enquanto subia de novo no bonde e comprava minha passagem. Ele acenou e foi embora, agitado.

Cerca de metade das pessoas no bonde eram meninas e meninos da minha idade. A maioria deles estava levando sacolas plásticas como a minha, com seus almoços. Achei que eles deviam fazer parte de uma excursão de final de semestre até Stallstead, de uma das outras escolas da cidade. O bonde de Stallery percorria um circuito com uma só linha que subia as montanhas até Stallstead e depois descia novamente até a fundição de Stallchester. Stallstead é uma vila muito bonita que fica bem lá no alto entre os alpes verdes. As pessoas costumam ir para lá no verão para passear e tomar o chá das cinco.

Então o bonde fez um *blem* e começou a andar com um solavanco. Meu coração e meu estômago também deram um solavanco, na direção oposta, e eu parei de pensar em tudo exceto no quanto eu estava nervoso. “É agora”, pensei. “Eu realmente estou a caminho agora.” Eu não me lembro de ver as lojas, ou as casas ou os bairros pelos quais passamos. Só comecei a reparar nas coisas quando chegamos ao sopé das montanhas, em meio ao bosque, e as engrenagens debaixo do bonde engataram com as engrenagens dos trilhos, *clunk*, e começamos uma subida íngreme e aos trancos, *croink, croink, croink*.

Isso me acordou um pouco. Eu observei o sol brilhando sobre rochas e árvores verdes e pensei, distraidamente, que a paisagem provavelmente era muito bonita. Então eu me dei conta de que no bonde não havia nada da conversa, das risadas e da bagunça que se esperaria de uma excursão de escola. Todas as outras crianças estavam sentadas observando a floresta em silêncio como eu.

“Não é *possível* que todos estejam indo para Stallery para serem entrevistados!”, pensei. “Não pode ser!”. Mas não parecia haver nenhum professor com eles. Eu apertei a rolha levemente grudada no meu bolso e me perguntei se eu teria chance de usá-la para chamar um Errante, seja lá o que fosse. Mas eu *precisava* chamar um, ou morreria. E percebi que, se algum desses garotos fosse contratado no meu lugar, isso seria como uma sentença de morte.

Eu estava muito assustado. Fiquei pensando em como tio Alfred havia me dito para não deixar óbvio que eu estava levando roupas e depois para dizer que me chamava Grant, como se ele não tivesse muita certeza que o feitiço funcionaria, e me senti mais apavorado do que nunca. Quando o bonde chegou à próxima parte plana do caminho, eu observei pela janela a vista de Stallchester, aninhada lá embaixo, e os picos azuis da geleira e o Paredão de Stall, e todo esse cenário ficou embaçado com o meu terror.

O bonde leva mais de uma hora para chegar até Stallery, subindo aos trancos nas partes mais íngremes, ressoando através de fendas rochosas e parando em pousadas solitárias e pares isolados de casas nas alturas. Uma ou duas pessoas subiam ou desciam em cada parada, mas eram todos adultos. As outras crianças permaneciam sentadas, como eu. “*Tomara* que todos estejam indo para Stallstead!”, pensei. Mas eu percebi que nenhum dos que tinham sacolas com comida tentavam comê-la, como se estivessem nervosos demais para isso, assim como eu. Se bem que eles *poderiam* estar guardando tudo para comer em Stallstead. Eu torcia para que fosse isso mesmo.

Enfim chegamos a um trecho quase plano, onde havia amontoados de árvores, pastos e até mesmo uma fazenda de um lado. Esse lugar parecia até um vale das planícies. Mas do outro lado dos trilhos havia um muro alto e escuro com espetos no topo. Eu sabia que esse era o muro ao redor de Stallery e que agora estávamos muito alto. Eu podia até sentir as magias aqui, como um formigamento muito sutil. Meu coração começou a bater com tanta força que quase doía.

O muro parecia se estender por *quilômetros*, com o caminho fazendo a curva ao seu lado. Não havia nenhuma abertura na superfície escura, até que o bonde fez uma curva ainda maior e começou a desacelerar. Havia um portão com altos torreões mais adiante no muro – que também parecia ser algum tipo de casa (pelo menos, eu vi janelas nele) e do outro lado da

estrada, em frente a esse portão, no gramado, perto da cerca viva, fiquei surpreso em ver um grupo de ciganos acampados. Contei dois trailers caindo aos pedaços, um velho cavalo cinza tentando comer a cerca viva e um cachorro branco correndo de um lado para o outro no gramado. Me perguntei, sem pensar muito nisso, por que eles ainda não haviam sido retirados. Parecia improvável que Stallery permitisse que ciganos acampassem em frentes aos seus portões. Mas eu estava nervoso demais para pensar sobre isso.

Blem, blem, fez o bonde, anunciando sua parada.

Um homem de uniforme marrom veio até o portão e ficou em pé esperando.

Ele estava carregando dois embrulhos de papel pardo e de formato estranho.

“Barômetros?”, pensei. “Relógios?”. Quando o bonde parou, ele se aproximou e entregou os embrulhos ao condutor.

- Para o relojoeiro em Stallstead – disse ele. Então, assim que o condutor abriu as portas, o homem subiu no bonde. – Este é o portão sul de Stallery – ele disse alto – Todos os jovens que são candidatos a empregos devem descer aqui, por favor.

Eu levantei com um pulo. Os outros garotos, para minha consternação, fizeram o mesmo. Todos, sem nenhuma exceção, nos amontoamos para chegar à porta e descemos ruidosamente os degraus até a rua e a guarita pareceu se erguer sobre nossas cabeças. O bonde ressoou novamente e foi chiando para longe sobre seus trilhos, deixando-nos para enfrentar nosso destino.

- Sigam-me – o homem de uniforme marrom disse e se dirigiu ao portão. O portal era tão grande que o bonde poderia ter passado por ele. Era como uma enorme boca aberta na imensa entrada, e estava se abrindo lentamente para nos deixar passar.

Então, todos se moveram em grupo e, de alguma forma, fui parar na parte de trás. Meus pés se arrastavam. Eu não conseguia evitar. Atrás de mim, do outro lado dos trilhos, alguém gritou com uma voz potente e alegre:

- Então adeus. Obrigado pela carona.

Eu olhei para trás e vi um garoto alto saltar do trailer do meio (eu não tinha percebido antes que havia três) e atravessar a estrada a passos largos para se unir a nós.

Seria difícil imaginar uma pessoa que pareceria mais deslocada saindo de um trailer velho e caindo aos pedaços. Ele estava finamente vestido em uma camisa de seda, um paletó de linho azul e calças beges com pregas perfeitas. Seu cabelo preto tinha um corte elegante e que parecia caro. Ele parecia mais velho que o resto de nós – achei que devia ter pelo menos quinze anos – e a única coisa cigana nele eram os olhos extremamente escuros em seu rosto belo e confiante.

Meu coração despencou quando o vi. Se alguém conseguiria o emprego em Stallery, seria esse garoto.

O porteiro passou esbarrando no rapaz e sacudiu o punho para o acampamento dos ciganos.

- Eu avisei vocês! – ele gritou – Sumam!

Alguém que estava sentado na direção do trailer da frente gritou de volta:

- Desculpa, patrão! Já estamos indo!

- Então vão *logo!* – berrou o porteiro – Andem. Caiam fora. Senão...

Para minha grande surpresa, todos os cinco trailers começaram a se mover ao mesmo tempo. Eu não havia percebido que eram tantos e, além disso, eu havia pensado que o cavalo cinza estava comendo a cerca viva ao invés de estar amarrado em um dos trailers. Eu também me lembrava vagamente de uma fogueira com uma panela de ferro em cima. Mas achei que devia ter me enganado a respeito disso quando todas as seis carroças desceram balançando até a estrada, deixando um gramado vazio para trás e partiram, chacoalhando em direção a Stallstead. O cachorro branco, que estava cheirando a cerca viva mais longe, veio correndo atrás deles e ficou pulando no encaixe do último trailer. Um braço moreno e magro saiu da traseira desse trailer e o cachorro foi puxado para dentro esperneando. O cachorro parecia tão surpreso quanto eu.

O porteiro resmungou e passou abrindo caminho entre nós para abrir o portão.

- Podem entrar – disse ele.

Obedientemente, passamos devagar por entre as paredes da entrada. No exato momento em que me alinhei com o portão, senti as defesas mágicas de Stallery cortando meu corpo como uma serra elétrica. Por sorte era só uma linha fina, mas quando a cruzei, foi como

se meu corpo tivesse sido coberto por um enxame de abelhas elétricas. Eu guinchei. O garoto alto, que estava andando ao meu lado, fez um barulho baixo como “Uf!”. Eu não notei se algum dos outros também havia sentido aquilo porque quase ao mesmo tempo nós saímos da sombra da entrada e nos deparamos com uma ampla vista de jardins perfeitos. Todos emitimos pequenos murmúrios de satisfação.

Havia perfeitos gramados verdejantes em todo lugar que se olhasse, com um caminho para carros lindamente cuidado se estendendo como uma fita por entre grupos de árvores graciosas. O verde subia em colinas aqui e ali e essas colinas eram coroadas ou por árvores ou por pequenos gazebos com pilares brancos. E tudo isso se estendia eternamente, até o horizonte azulado.

- Onde fica a casa? – perguntou uma das meninas.

O porteiro riu.

- A alguns quilômetros de distância. Comecem a andar. Quando chegarem ao caminho que segue para a direita, sigam-no e continuem andando. Quando conseguirem ver a mansão, sigam pela direita mais uma vez. Alguém os encontrará lá e os guiará pelo resto do caminho.

- Então você não vem junto? – perguntou a menina.

- Não – disse o homem – Eu fico no portão. Vão andando.

Nós começamos a marchar sem convicção em um pequeno grupo pelo caminho, como um rebanho de ovelhas perdidas. Andamos até que o muro e o portão desaparecessem de vista atrás de duas colinas verdes, mas ainda não havia nem sinal da mansão. Alguns, principalmente meninas, começaram a suspirar e arrastar os pés. Todas estavam calçando o tipo de sapatos que machucam os pés só de olhar pra eles e a maioria delas também estava usando a última moda em vestidos, que prendiam seus joelhos e as forçavam a dar pequenos passinhos desajeitados. Alguns dos meninos haviam vestido seus melhores ternos feitos de tecido grosso. E estavam morrendo de calor. Um dos garotos, que estava usando botas costuradas à mão, estava mancando mais que as meninas.

- Eu já estou com uma bolha – anunciou uma das meninas – Será que ainda falta *muito*?

- Vocês acham que isto é algum tipo de teste? - perguntou o menino das botas.

- Ah, com certeza – disse o rapaz alto do acampamento cigano – Este caminho foi desenhado para nos conduzir em círculos até que apenas os mais fortes sobrevivam. Isso foi uma piada. – ele acrescentou quando quase todos gemeram. – Por que não descansamos? – seus olhos escuros e brilhantes passaram por cima de nossas várias sacolas de plástico – Por que não nos sentamos nesta bela grama macia e fazemos um piquenique?

Essa sugestão causou consternação imediata.

- Nós não *podemos!* – exclamou metade do grupo – Eles estão esperando por nós!

E quase todos os outros disseram:

- Não posso sujar minhas roupas boas!

O rapaz alto ficou parado com as mãos nos bolsos, analisando os rostos calorentos e ansiosos de todos.

- Se eles nos querem tanto assim – ele disse tentativamente – Eles poderiam ter tido a decência de mandar um carro nos buscar.

- Ah, eles não fariam isso. Não para os *empregados*. – disse uma das garotas.

O rapaz alto fez que sim com a cabeça.

- É, suponho que não.

Eu tive a impressão que, até aquele momento, esse garoto não tinha a menor ideia de porque estávamos todos lá. Eu podia vê-lo processando a ideia.

- Mesmo assim – ele disse – empregados ou não, nada nos impede de tirar os sapatos e andar por esta bela grama macia, não é? Não tem ninguém para ver.

Rostos se voltaram para ele com anseio.

- Vamos – disse ele – Vocês podem calçá-los de novo quando avistarmos a casa.

Mais da metade seguiu o conselho dele. Meninas tiraram sapatos; meninos desamarraram botas apertadas. O garoto alto os seguiu calmamente com um sorriso contente mas levemente superior, vendo-os correr descalços pelo gramado liso. Algumas das meninas ergueram suas saias apertadas. Meninos tiraram paletós quentes.

- Bem melhor – disse ele. Ele se voltou para mim. – E você?

- Sapatos velhos – eu disse, apontando para eles – Eles não machucam.

Os sapatos dele pareciam feitos a mão. Eu podia ver que serviam como luvas. Senti uma grande suspeita dele.

- Se você realmente achava que era um teste, - eu disse – você fez com que todos eles falhassem.

Ele deu de ombros.

- Isso depende se Stallery quer criados descalços com dedos dos pés peludos – ele disse e eu poderia jurar que ele me olhou atentamente nesse momento, para ver se eu achava que era isso que nós pretendíamos ser. Seus olhos escuros e penetrantes desceram até a minha sacola.

- Você não tem um sanduíche sobrando, tem? Eu estou morto de fome. Os Viajantes só comem quando calham de ter comida e isso não aconteceu muitas vezes enquanto eu estive com eles.

Eu peguei um sanduíche para ele e outro para mim.

- Você não pode ter passado tanto tempo assim com os ciganos, – eu disse – senão suas roupas teriam ficado amassadas.

- Você ficaria surpreso – disse ele – Foi quase um mês, na verdade. Obrigado.

Nós continuamos andando, mastigando o sanduíche de ovo e agrião, enquanto o caminho se desenrolava à nossa frente e mais colinas com árvores e delicadas casinhas brancas surgiam e as outras crianças corriam adiante em um grupo. A maioria deles estava tentando comer sanduíches também, ao mesmo tempo em que tentavam segurar seus casacos, sapatos e sacolas.

- Qual é o seu nome? – eu perguntei depois de um tempo.

- Pode me chamar de Christopher – disse ele – E você?

- Conrad Te- Grant – eu disse, me lembrando do meu pseudônimo bem a tempo.

- Conrad T. Grant? – disse ele.

- Não – eu disse – Só Grant.

- Tudo bem – disse ele – Grant você será. E você pretende ser um criado para desfilar por Stallery usando meia-calça de veludo, é, Grant?

“Meia-calça?”, pensei. Tive uma visão de mim mesmo usando uma calça com só uma perna.

- Eu não sei o que eles fazem você vestir – eu disse – Mas eu sei que eles certamente não vão escolher mais de um ou dois.

- Isso parece óbvio – respondeu Christopher – Eu o considero meu principal rival, Grant.

Isso era tão precisamente o que eu pensava a respeito dele que fiquei bem abalado. Não respondi e nós passamos por outra curva no caminho para descobrir que agora havia canteiros de flores debaixo de algumas das árvores, como se estivéssemos nos aproximando da casa. Aqui um cachorro surgiu das árvores mais próximas e veio correndo desengonçado em nossa direção. Era um cachorro bem grande. As crianças no gramado começaram a andar sem rumo, gritando que aquele era um dos ferozes cães de guarda à solta. Uma menina gritou. O menino das botas costuradas à mão girou-as no ar, pronto para jogá-las no cão.

- *Não faça isso, seu tolo!* – bradou Christopher – Você *quer* que ele te ataque?

Ele saiu a passos largos pelo gramado em direção ao cachorro. O animal ganhou velocidade e veio como uma cobra na direção dele, com o corpo baixo e esticado.

Eu tenho certeza que as crianças estavam certas a respeito daquele cachorro. Ele estava rosnando como se quisesse arrancar a garganta de Christopher e, quando chegou perto, ele se encolheu todo, preparado para dar o bote. Outra menina gritou.

- Pare com isso, seu cachorro idiota – disse Christopher – Pare já com isso.

E o cão parou mesmo. Não só ele parou como abanou o rabo, balançou o traseiro encolhido, veio rastejando em direção a Christopher e tentou lambe seus lindos sapatos.

- Nada de baba – ordenou Christopher e o cão parou e permaneceu prostrado aos pés dele.

- Você se enganou – ele disse ao cão – Nenhum de nós é um invasor. Vá embora. Volte para o lugar de onde veio.

Ele apontou severamente em direção às árvores. O cão se levantou e andou lentamente de volta até elas, olhando para trás de vez em quando na esperança que Christopher permitisse que ele voltasse e rastejasse novamente. Christopher desceu a colina dizendo:

- Acho que ele foi treinado para atacar qualquer um que não esteja no caminho. Coloquem os sapatos de volta, pessoal. Sinto muito.

Todos o olhavam como uma espécie de herói, salvador e comandante agora. Várias garotas lhe dirigiram olhares apaixonados enquanto calçavam os sapatos e todos nós mancamos e vagueamos por outra curva na trilha. Aqui havia sebes, com relances de flores resplandecendo ao longe e, mais além, o brilho de muitas janelas por trás das árvores. O caminho se dividia em seguida para a direita. Christopher disse:

- Por aqui, soldados – e guiou todos pela direita.

Passamos por mais jardins, mas foi bom que todos tivessem calçado os sapatos, pois este caminho era bem curto e logo se dividia em outro que seguia entre altos e brilhantes arbustos e terminava em uma escadaria de pedra.

Os meninos vestiram seus paletós apressadamente. Um homem relativamente jovem estava esperando por nós no alto da escadaria. Ele era bastante magro e só alguns centímetros mais alto que Christopher. Seu rosto era simpático e achatado. Mas todos nós, inclusive Christopher, o encaramos com admiração porque ele estava usando calções de veludo preto com meias listradas de amarelo e marrom por baixo e sapatos pretos de fivela depois das meias. Ele usava um colete listrado, combinando com as meias, por cima de uma camisa branca acima dos calções e seu cabelo claro era comprido e estava amarrado atrás do pescoço com um elegante laço negro.

Era o bastante para fazer qualquer um encará-lo.

Christopher deu um passo atrás ao meu lado.

- Ah, - disse ele – eu estou vendo um criado ou lacaio, mas são os calções que parecem ser de veludo. A meia calça é de seda listrada.

- Meu nome é Hugo – disse o rapaz. Ele sorriu para nós de maneira muito simpática – Se puderem me acompanhar, eu os mostrarei aonde ir. O Sr. Amos está aguardando para entrevistá-los na galeria subterrânea.

Cinco

Todos ficaram quietos e nervosos. Nem Christopher falou mais nada. Todos subimos os degraus em formação, e, com os sapatos de fivelas e meias listradas do rapaz reluzindo à nossa frente, nós o seguimos por entre caminhos confusos de arbustos. Já estávamos bem perto da mansão. Em vários momentos, víamos de relance as paredes altas e as janelas por cima dos arbustos, mas só conseguimos ver a casa toda quando Hugo nos guiou por um canto da casa até uma porta em um pátio. Apenas por um momento, houve um espaço por onde era possível olhar a frente da mansão. Todos esticamos os pescoços para o lado.

A casa era enorme. Havia fileiras de janelas. Parecia que a porta principal ficava a meia altura da parede da frente, com duas grandes escadarias de pedra curvadas levando até ela e todo tipo de rococós e coisinhas douradas num pequeno telhado pesado que ficava acima da porta. Havia uma fonte jorrando, lá embaixo, entre as duas escadas, e um enorme caminho circular para carros à frente.

Eu só tive tempo de ver isso. Hugo nos guiou num passo rápido pelo pátio, até entrarmos por um grande portal quadrado na parte mais baixa da casa. Logo estávamos todos enchendo uma grande sala com assoalho e painéis de madeira, onde o Sr. Amos nos aguardava.

Ninguém tinha nenhuma dúvida de quem era ele. Dava para ver que ele era um empregado de Stallery porque estava usando um colete listrado igual ao de Hugo, mas o resto das roupas dele eram pretas, como as de alguém que vai a um funeral. Ele tinha pés surpreendentemente pequenos, calçados com sapatos pretos muito brilhantes. Ele estava com as mãos apertadas às costas, como se fosse algo truncado prestes a criar raízes no chão. Seus diminutos sapatos pretos estavam afastados um do outro, seu rosto duro e em formato de pera voltado para frente, e ele emanava um ar de reverência quase religiosa. O Bispo de Stallchester inspirava muito menos reverência do que o Sr. Amos, apesar de ser difícil entender o porquê. Ele era o homem mais rotundo que eu já havia visto. O colete listrado se projetava para frente, o paletó preto se esticava para os lados e ele tinha de estender bem os braços para unir as mãos atrás das costas. O rosto dele era arroxeado e também tinha formato de pera. Os lábios eram bem grossos sob seu grande nariz chato. Ele não era muito mais alto

do que eu. Mas a sensação era que, se Sr Amos ficasse zangado e desenraizasse seus sapatinhos brilhosos do chão, o chão tremeria, e o mundo tremeria junto.

- Obrigado, Sr. Hugo. – ele disse.

Ele tinha uma voz grave e ressonante.

- Agora eu quero que todos fiquem em pé em linha, com as mãos ao lado do corpo, e deixem que eu os avalie.

Todos nos apressamos em fazer uma fileira. Os que tinham sacolas de plástico tentaram apoiá-las atrás das canelas, fora de vista. O Sr Amos levantou suas raízes, e o chão tremeu mesmo um pouco enquanto ele andava diante de nós, olhando intensamente o rosto de cada um. Os olhos dele eram tão impressionantes quanto o resto dele. Pareciam pedras em seu rosto arroxeadado. Quando ele parou diante de mim, tentei olhar rigidamente por cima de sua cabeça grisalha e alinhada. Parecia o jeito certo de me comportar. Ele tinha um cheiro parecido com o do Prefeito Seuly, mas mais forte, de tecido bom, vinho fino, e charutos. Quando ele parou diante de Christopher, no final da fila, ele pareceu olhar mais intensamente para ele do que para qualquer um dos outros, o que me preocupou muito. Então ele se virou pesadamente e estalou os dedos.

Imediatamente, dois outros rapazes vestidos como Hugo entraram na sala e ali ficaram, educados e prestativos.

- Gregor – disse o Sr. Amos a um deles – leve estes dois meninos e esta menina para serem entrevistados pelo *Chef*. Andrew, estes meninos devem ir ver o Sr. Avenloch. Leve-os para o solário, por favor. Sr. Hugo, todas as outras meninas devem ir ver a Sra. Baldock na Sala da Governanta.

Os três rapazes acenaram com a cabeça, sussurraram “Sim, Sr. Amos”, e levaram seu grupo embora. Acho que a maioria deles teve de pegar o próximo bonde para Stallchester. Nunca mais vi mais de dois deles. Em segundos, a sala estava vazia, exceto pelo Sr. Amos, Christopher e eu. Meu coração começou a martelar com uma força horrível de novo.

O Sr Amos se plantou em frente a nós.

- Vocês dois me parecem os mais prováveis. – ele disse, e sua voz ressoou pela sala vazia. – Posso saber seus nomes, por favor?

- Hum... – eu disse – Conrad Grant.

Christopher disse, com muita elegância:

- Sou Christopher Smith, Sr Amos.

“Aposto que é mentira”, pensei. “Ele também tem um pseudônimo, igual a mim.”

Os olhos de pedra do Sr Amos se viraram para mim.

- E de onde você vem?

- Da livraria – eu disse – lá de Stallchester.

Os olhos de pedra me examinaram de cima a baixo.

- Então – disse o Sr. Amos – imagino que você não tenha experiência com serviços domésticos.

- Eu limpo a loja com bastante frequência. – eu disse.

- Não é *bem* o que eu tinha em mente. – o Sr Amos disse friamente. – Sem experiência em servir seus superiores, eu quero dizer. Ser educado. Adivinhar o que precisam antes de pedirem. Ser invisível até que precisem de você. Você tem?

- Não. – disse eu.

- E você? – o Sr. Amos perguntou, voltando seus olhos pétreos para Christopher. – Você é mais velho. Deve ter ganhado algum dinheiro, ou não teria condições de comprar essas roupas elegantes.

Christopher curvou sua cabeça coberta de cabelos escuros e bem cortados.

- Sim, Sr. Amos. Confesso que já passei três anos em uma casa de bom tamanho, apesar de menor do que esta, é claro. Mas, caso o senhor esteja com a impressão errada, eu era mais um aproveitador do que parte da força de trabalho propriamente.

O Sr. Amos encarou Christopher com intensidade.

- Um parente pobre, você diz? – ele disse.

- Esse tipo de coisa, sim. – Christopher concordou. Ele me pareceu um pouco desconfortável com isso.

- Então nenhum dos dois tem a experiência que eu mencionei. – disse o Sr Amos. – Bom. Gosto que meus empregados em treinamento sejam completamente ignorantes. Isso significa que eles não chegam a Stallery com um monte de maus hábitos. Próxima grande

pergunta. Como vocês se sentem com relação a trabalharem como valetes, ou cavalheiros de um cavalheiro? Isso significa vestir seu senhor, cuidar das roupas dele, do conforto, cumprir tarefas se ele as pedir, e até cozinhar para ele em alguns casos e, no geral, saber os segredos do cavalheiro, mas nunca, nunca falar uma palavra desses segredos a uma alma sequer. Vocês conseguem fazer tudo isso?

Christopher pareceu um pouco chocado com isso. Eu me lembrei de como era estranho que Christopher não parecia saber por que estava ali e percebi que esta era minha melhor chance de garantir esse emprego.

- Eu gostaria muito de fazer isso. – eu disse.

- Eu também. – disse Christopher logo em seguida. – Cuidar de roupas e guardar segredos são duas das coisas que faço melhor, Sr Amos.

Comecei a pensar que eu o odiava.

- Bom, bom. – disse Sr. Amos – Fico feliz de ver que vocês dois são tão ambiciosos. Porque é claro que serão necessários alguns anos de treinamento antes que vocês estejam aptos a uma posição que requer tanta confiança. Mas ambos parecem material muito promissor.

Ele se balançou para frente e para trás em seus pezinhos brilhosos. Continuou:

- Deixem-me explicar. Em alguns anos, eu provavelmente me aposentarei. Quando isso acontecer, meu filho, o Sr. Hugo, naturalmente assumirá minha posição no comando de Stallery, assim como eu a herdei do *meu* pai. Isso deixará vago o cargo atual do Sr. Hugo como valete do Conde Robert. Meu objetivo é treinar mais de um candidato para essa posição, de maneira que, quando chegar a hora, o Conde Robert possa escolher. Com isso em mente, proponho apontar vocês dois para a posição de Ajudantes, e espero que vocês se considerem rivais pela honra de se tornarem, após um tempo, um valete propriamente dito. Eu naturalmente recomendarei ao Conde aquele que mais se aproximar da minha aprovação.

Que sorte! Eu senti meu rosto se espichando em um sorriso de alívio.

- *Obrigado!* – eu disse, e logo acrescentei, para ser mais respeitoso – Senhor Amos.

Christopher também parecia bastante aliviado, mas ao mesmo tempo levemente perplexo.

- Hãã... O senhor não precisa de nenhuma das minhas referências? – ele perguntou. – Uma delas é só elogios.

- Guarde-as como incentivo. – disse o Sr. Amos – A única referência de que preciso é meu próprio poder de observação, refinado ao longo de muitos anos de exames detalhados de jovens candidatos. Sem dúvida vocês viram como eu distingi facilmente aqueles, entre seus companheiros, que poderiam ser aprendizes na cozinha, quem eram as potenciais criadas, e quem só poderia ser ajudante de jardineiro. Consigo fazer isso em segundos e quase nunca erro. Erro, Sr. Hugo?

- Muito raramente. – Hugo concordou, do outro lado da sala.

Nenhum de nós dois o tinha visto entrar. Ambos demos saltos.

- Leve Christopher e Conrad para os aposentos deles, Sr. Hugo, mostre o estabelecimento a eles e informe a eles os horários. – disse o Sr. Amos – Fico feliz em dizer que encontramos nossos dois Ajudantes.

- Sim, senhor. Onde eles comerão? – perguntou Hugo.

Percebemos que essa era uma questão importante. O Sr. Amos olhou seriamente para nós, olhou para o teto, e se balançou um pouco.

- Certo. – ele disse. – O Salão Médio será a estação deles quando estiver em uso, mas como não está... O Salão Inferior *não*, eu creio. Jovens rapazes tendem a fazer muitas gracinhas com as criadas. Acho que deveremos relutantemente fazer como fizemos temporariamente com os lacaios e deixá-los comer no Salão Superior até que tenha passado o período de luto pelo Conde e tenhamos Stallery cheia de hóspedes novamente. Mostre tudo a eles, por favor. Eu quero que eles estejam presentes e vestidos de maneira apropriada quando eu Servir o Chá.

Hugo segurou a porta aberta a seu lado e disse, de seu jeito agradável:

- Queiram me acompanhar.

Quando peguei minha sacola de plástico e segui Christopher pela porta, estava nervoso de novo, de uma maneira nova. Eu me sentia como se tivesse entrado sem querer no sacerdócio e não levasse jeito para isso. Hugo nos guiou para dentro de um elevador marrom e lento e apertou o botão S, para o sótão e disse:

- Estritamente para Empregados. *Nunca* conduzam a Família ou amigos dela pelo elevador de Empregados.

Achei que Christopher estaria se sentindo do mesmo jeito que eu, mas enquanto Hugo dizia isso, percebi que Christopher estava completamente encantado, transbordando de encanto, como se tivesse acabado de ganhar um jogo. A expressão dele era a que eu sentia sempre que tio Alfred me implorava para continuar cozinhando.

Christopher parecia incapaz de conter sua alegria enquanto o elevador subia lentamente.

- Diga, - ele perguntou de repente para Hugo – Conrad e eu vamos aprender o seu truque de entrar num cômodo por uma fresta no assoalho? Uma vez eu li um livro em que um criado sempre escorria para dentro dos lugares, como um líquido silencioso, mas com você foi mais como se fosse um *gás* silencioso. Você simplesmente *apareceu!* Foi magia?

Hugo sorriu. Agora que eu sabia que ele era filho do Sr Amos, conseguia ver a semelhança. Ele tinha os lábios grossos e o nariz curto, mas em Hugo ficava bastante bonito. Fora isso, ele era de tamanho e formato tão diferentes, e parecia um tipo tão diferente de pessoa, que era difícil imaginá-lo assumindo o lugar do pai quando o Sr Amos se aposentasse.

- Vocês vão aprender como entrar em um cômodo. – ele falou, se encostando na parede do elevador. – Meu pai me fez praticar por horas antes de me deixar entrar em algum cômodo onde estivesse a Família. Mas a coisa mais importante que vão aprender, já vou avisando, é como ficar em pé por quatorze horas direto. Os Empregados nunca se sentam. Mais alguma pergunta?

- Centenas. – disse Christopher. – Tantas que eu não sei nem o que perguntar primeiro.

Isso era claramente verdade. Ele precisou parar e ficar olhando para a parede, tentando decidir.

Aproveitei a pausa para perguntar:

- Devemos te chamar de Sr. Hugo?

- Só na frente do meu pai. – disse Hugo com outro sorriso. – Ele é muito rígido com relação a isso.

- Porque você é o herdeiro do título de “Vossa Mordomia”? – perguntou Christopher, sem conseguir se controlar.

- Isso mesmo. – respondeu Hugo.

- Antes você do que eu! – disse Christopher.

- De fato. – respondeu Hugo tristemente.

Christopher olhou para ele com sagacidade, mas não disse mais nada até que o elevador finalmente chegou ao sótão. Então ele disse:

- Meu Deus! Um labirinto!

Hugo e eu rimos, porque realmente era assim lá em cima. O telhado era bem baixo, com claraboias, e era possível ver corredores estreitos de madeira com portas se estendendo em todas as direções. Era quente ali e cheirava a madeira. “Vou me perder aqui”, pensei.

- Vocês vão dividir um quarto por aqui. – disse Hugo, nos guiando por um corredor que era igual a qualquer um dos outros.

Todas as portas eram pintadas com o mesmo marrom-avermelhado apagado. Ele abriu uma porta igual às outras.

- Vocês vão ter que tomar cuidado para não fazer muito barulho aqui em cima. – ele observou. – Vão estar junto com os Empregados bem antigos.

Do outro lado da porta havia um quarto fresco e branco, com o teto inclinado e duas camas brancas e estreitas. A janelinha baixa dava para as montanhas azuis, e o sol jorrava por ela. Tinha cheiro de cal morna. Havia um tapete, uma cômoda e um canto com uma cortina para pendurarmos coisas. Era bem melhor que o quarto que eu tinha em casa. Olhei para Christopher, esperando que ele fosse acostumado a quartos muito mais chiques. Mas havia me esquecido que ele havia acabado de passar um mês em um acampamento cigano. Ele olhou em volta, satisfeito.

- Bonito. – ele disse. – Amigável. Duas vezes maior que um trailer. É... Banheiro?

- No final do corredor. – disse Hugo. – O cômodo do canto em todos os corredores é sempre um banheiro. Agora, venham e peguem seus uniformes. Por aqui.

Joguei minha sacola plástica de qualquer jeito na cama, pensando se eu conseguiria achá-la novamente, e nós dois seguimos Hugo de volta pelo corredor. Então, Christopher disse:

- Só um segundo.

Ele tirou sua gravata estreita de seda e a enrolou na maçaneta pelo lado de fora da porta.

- Agora conseguiremos nos encontrar. – ele disse, e perguntou para Hugo – Ou não é permitido?

- Não faço ideia. – respondeu Hugo. – Acho que ninguém nunca pensou em fazer isso antes.

- Então vocês todos devem ter um senso de direção maravilhoso. – disse Christopher. – Este é o banheiro?

Hugo confirmou com a cabeça. Nós dois enfiamos a cabeça pela porta, e Christopher comentou, com aprovação.

- Tem tudo o que é essencial. – disse ele. – Muito melhor que uma bacia de metal ou uma cerca viva. Toalhas?

- No armário de roupas brancas, ao lado dos uniformes. – Hugo disse a ele. – Por aqui.

Ele nos guiou pelos zigue-zagues dos corredores estreitos até um lugar com uma claraboia maior do que o normal. Aqui as portas tinham venezianas, mas tinham o mesmo marrom-avermelhado das outras. Ele abriu a primeira delas.

- Melhor pegarem uma toalha cada. – ele disse.

Olhamos para um quarto que tinha o dobro do tamanho do que recebemos, cheio de prateleiras com pilhas de toalhas dobradas, lençóis e cobertores. O suficiente para um exército, me pareceu.

- Quantos Empregados são? – Christopher perguntou, enquanto pegávamos grandes toalhas marrom-avermelhadas.

- Somos apenas cinquenta Empregados internos no momento. – disse Hugo. – Quando começarmos a receber hóspedes novamente, teremos quase cem. Mas o período de

luto pelo Conde Rudolf só terminará daqui a duas semanas, por isso estaremos muito quietos até então. Bastante tempo para vocês se acostumarem. Os uniformes ficam por aqui.

Ele nos levou para a próxima porta de venezianas. Atrás dela havia um quarto maior ainda. Havia prateleiras como em uma biblioteca pública, e todas tinham pilhas de roupas. Eram pilhas e mais pilhas de imaculadas camisas brancas, uma parede de calções de veludo, torres perfeitas de coletes dobrados, montes atrás de montes de meias listradas, cabides cheios de gravatas engomadas, e mais prateleiras com aventais amarelos listrados. Abaixo das prateleiras, havia caixas de papelão com sapatos de fivela. Um forte feitiço contra traças fez meus olhos lacrimejarem. Os olhos de Christopher se arregalaram, mas só vagamente eu vi Hugo andar pelo quarto, conferindo etiquetas, nos medindo com o olhar e então pegando roupas nas prateleiras.

Cada um de nós recebeu duas camisas, dois aventais, quatro cuecas, quatro pares de meias, um colete e um par de calções de veludo. Tudo isso seguido por gravatas, que Hugo colocou cuidadosamente sobre as pilhas que cresciam em nossos braços, e depois, um camisolão listrado para cada.

- Vocês sabem que números calçam?

Não sabíamos. Hugo sacou uma régua de uma das caixas de papelão e rapidamente descobriu. Então ele pegou sapatos de fivelas das caixas e nos fez experimentá-los, conferindo até onde iam nossos dedões e como ficavam os calcanhares.

- É muito importante que os sapatos não machuquem. – disse ele. – Vocês vão passar muito tempo em pé.

Eu percebi que ele devia ser um ótimo valete.

Jogando um par de sapatos brilhantes sobre cada um dos camisolões, ele disse:

- Certo. Vão vestir os uniformes, guardem o resto e me encontrem no elevador em dez minutos.

Ele tirou um elegante relógio de ouro do bolso de seu colete e olhou as horas.

- Melhor sete minutos. – disse. – Senão não terei tempo de mostrar a casa a vocês. Tenho que partir para Ludwich com o Conde Robert às quatro.

Apoiei o queixo nos sapatos para firmá-los e tentei me lembrar por que caminho havíamos chegado ali. Christopher fez o mesmo. Fui para um lado com minha pilha de roupas. Christopher, com um ar vago mas decidido, marchou exatamente na direção oposta.

Hugo saiu correndo atrás de Christopher, gritando:

- *Pare! Aí não!*

Ele parecia tão horrorizado que Christopher se virou, alarmado.

- O que foi? – perguntou.

Hugo apontou para uma larga linha marrom-avermelhada pintada na parede, ao lado de Christopher.

- Você *nunca* deve ultrapassar esta linha. – disse. – Para lá fica o lado feminino do sótão. Você seria demitido na hora se alguém te visse do lado errado da linha.

- Ah. – disse Christopher. – *Só isso?* Do jeito que você gritou, eu achei que havia uma queda de uns cem metros ali. Para que lado fica o nosso quarto, então?

Hugo apontou. Era numa direção que nenhum de nós havia escolhido. Fomos rapidamente nessa direção, nos sentindo meio bobos, e depois de algum tempo, mais por sorte do que qualquer outra coisa, chegamos ao corredor onde a gravata de Christopher estava pendurada na maçaneta.

- Eu fui muito esperto de fazer isso! – disse Christopher, enquanto largávamos nossas pilhas de roupas nas camas. – Não sei você, Grant, mas eu sei que vou parecer e me sentir um perfeito idiota com essas roupas, mas não tão bobo quanto vou me sentir com esse camisolão hoje à noite.

- Vamos nos acostumar. – eu disse, mal-humorado enquanto tirava minhas roupas.

O jeito confiante de Christopher já estava começando a me irritar.

- Estou detectando – Christopher perguntou, tirando as calças e as pendurando com cuidado na grade da cama – uma certa hostilidade em você, Grant? Você, por acaso, deixou as ideias do Sr Amos te afetarem? Você está *mesmo* me considerando um rival?

- Acho que eu preciso. – eu disse.

Virei os calções pretos para ver onde ficava a frente e onde era a parte de trás. Não era fácil distinguir.

- Então deixe-me tranquilizá-lo, Grant. – disse Christopher, também confuso com as calças. – E espere. Acho que temos de colocar as meias primeiro. Essas coisas abotoam por cima das meias listradas, e, espero, ajudam a segurar essas porcarias. Sinceramente, espero que sim. Odeio meias emboladas nos tornozelos. Enfim, esqueça o Sr. Amos. Eu só devo ficar aqui por pouco tempo.

- Por quê? – perguntei. – Tem certeza?

- Absoluta. – Christopher falou, enfiando um pé descalço sem muita certeza dentro de uma meia listrada. – Só estou fazendo isso enquanto não parto para uma coisa muito diferente. Quando encontrar o que quero, irei embora imediatamente.

Naquele momento, eu estava em um pé só, tentando colocar uma meia frouxa também. Ela ficava se torcendo, e o cano se fechava. Fiquei tão espantado em saber que Christopher estava exatamente na mesma posição que eu, que perdi o equilíbrio. Depois de alguns momentos pulando desesperadamente em um pé só, caí sentado no chão com um estrondo.

- Vejo que seus sentimentos te dominam. – observou Christopher. – Você não precisa mesmo se preocupar, Grant. Considere-me um completo amador. Eu nunca serei um laçao sério, muito menos um valete ou mordomo.

Seis

Depois do que Christopher disse, eu esperava que ele fosse ficar completamente estranho com suas roupas novas. Mas não foi nada disso. Assim que apertou as faixas de seu colete listrado, para que ficasse justo ao redor da cintura, e amarrou a gravata branca debaixo do queixo, ele ficou a própria imagem de um jovem lacaio garboso. Era eu que parecia estranho. Eu podia me ver na longa faixa do espelho pendurado na porta com uma aparência ligeiramente bagunçada. Isso era estranho e injusto, pois meu cabelo era tão negro quanto o de Christopher, eu não era gordo e não havia nada errado com o meu rosto. Mas parecia que eu havia enfiado a cabeça numa fantasia feita para outra pessoa, daquelas que se usam para tirar fotos com um corpo de mentira.

- Os sete minutos já passaram – disse Christopher, puxando os babados no punho da camisa para olhar o relógio de pulso – Não temos tempo para você ficar se admirando, Grant.

Assim que saímos do quarto eu me lembrei que havia deixado a rolha de vinho do porto no bolso das minhas próprias calças. O Prefeito Seuly havia me dito para levá-la comigo o tempo todo. Eu tive de voltar rapidamente para pegá-la e guardá-la no... Oh. Os benditos calções não tinham bolsos. Eu meti a rolha em um bolso apertado do colete enquanto seguia Christopher pelo corredor. Eu pretendia dizer a ele que a rolha era uma lembrança de casa, caso ele perguntasse, mas ele pareceu não perceber nada.

Hugo estava olhando o relógio quando o encontramos.

- Vocês terão de ser mais pontuais – ele disse – Meu pai é insistente com isso.

Ele guardou o relógio de bolso para arrumar minha gravata, depois a de Christopher. Todo mundo em Stallery estava *sempre* tentando ajeitar nossas gravatas, mas nós não sabíamos disso ainda e ambos nos afastamos, surpresos.

- Sigam-me – disse Hugo.

Nós não descemos de elevador. Hugo nos levou até o andar de baixo por uma escada estreita e rangente. Ali o teto era mais alto e os corredores mais largos, com tapetes rústicos no chão, mas a atmosfera era um tanto escura.

- Este é o andar dos quartos de criança – disse ele – No momento, estamos usando alguns quartos para as governantas e para os hóspedes que não comem com a Família: valetes, o contador e assim por diante.

A caminho do próximo lance de escadas, ele abriu uma porta para nos mostrar um quarto comprido, escuro e bem polido, com um cavalo de balanço no meio, parecendo muito solitário.

- Quarto de brinquedos – disse ele.

O próximo lance de escadas era mais largo e também era recoberto com um tapete rústico. Ao final dessa escada, o teto era um pouco mais alto e o chão era completamente coberto por carpetes novos, cinza claros e com um cheiro forte. Havia quadros nas paredes.

- Quartos de hóspedes? – arriscou Christopher alegremente.

- Quartos de hóspedes *extras*. – corrigiu Hugo – Os aposentos de meu pai ficam neste andar – ele acrescentou, nos conduzindo ao próximo lance de escadas.

Estas eram bem largas e eram forradas com carpetes muito melhores que os do melhor hotel em Stallchester.

O próximo andar era opulento. Christopher assobiou baixinho enquanto encarávamos um largo corredor com carpetes azul-acinzentados se estendendo por entre arcos vermelhos e dourados, estátuas brancas e ornamentos sobre mesas com tampos de mármore e pernas de ouro curvadas. Havia vasos de flores em toda parte. O ar era pesado e fragrante.

Hugo nos conduziu rapidamente por esta passagem.

- Vocês precisam conhecer este andar – disse ele – Caso tenham que entregar algo nos quartos da Família.

Ele apontou para cada uma das enormes portas duplas brancas quando passamos por elas, dizendo:

- Quarto de hóspedes principal, quarto de hóspedes vermelho, aposentos do Conde Robert, quarto de hóspedes azul, quarto de hóspedes pintado. A Condessa está nos aposentos rosados, por aqui. Este é o quarto de hóspedes branco e Lady Felice está nos aposentos neste canto. Por ali estão o quarto lilás e o quarto amarelo. Nós não os usamos com tanta frequência, mas é bom saberem. Vocês decoraram tudo?

- Mais ou menos – admitiu Christopher.
- Há um mapa na galeria subterrânea – Hugo disse.

Ele continuou a nos conduzir, desta vez descendo degrauzinhos largos, azuis e macios como o corredor, até um andar ainda mais suntuoso. Minha cabeça já estava girando àquela altura, mas eu olhava para onde Hugo estava apontando e tentava parecer inteligente.

- Salão de festas, salão de banquetes, sala de música, Salão Principal – disse ele e vi vastos espaços, enormes candelabros, longos sofás com bordas douradas e um cômodo com uma mesa de quase cem metros rodeada de frágeis cadeiras douradas.

- Só usamos estes umas duas ou três vezes por ano, – ele continuou – mas todos eles têm que ser mantidos arrumados, é claro. Era para acontecer um grande baile aqui para comemorar o aniversário de dezoito anos de Lady Felice, mas ele teve de ser cancelado por conta da morte do Conde. Uma pena. Mas nós os usaremos novamente daqui a duas semanas para comemorar o noivado do Conde Robert. Tivemos um baile espetacular há quatro anos quando o atual Conde fez dezoito anos. Quase todos os nobres da Europa estiveram presentes. Nós usamos dez mil velas e quase duas mil garrafas de champanhe.

- Uma baita festa – comentou Christopher quando passamos em frente à grande escadaria principal. Esticamos os pescoços e vimos que ela descia até um enorme hall com um piso de mármore negro cheio de veios.

Hugo apontou lá para baixo.

- Os quartos lá embaixo são usados pela Família a maior parte do tempo: salas de estar, salas de jantar, a biblioteca e assim por diante. Os Empregados não têm permissão para usar estas escadas. Não se esqueçam.

- Me dá vontade de descer escorregando por esse corrimão agora mesmo – murmurou Christopher.

Hugo nos conduziu a um lance de escadas muito mais estreitas, que terminavam no corredor atrás do elevador da Família. Ele apontou para as várias portas pretas e nos disse qual era qual, mas explicou que não podíamos olhar dentro dos cômodos pois algum membro da Família poderia estar usando algum deles. Nós concordamos com a cabeça e nossos novos sapatos derraparam no chão negro.

Então passamos por uma porta coberta com tecido verde e, de repente, tudo que víamos era pedra cinza e madeira sem verniz. Hugo apontou:

- A despensa do meu pai, copa de louças da Família, sala da prataria, sala de flores, banheiros dos Empregados. Descendo aqui fica a galeria subterrânea.

Ele desceu galopando um lance de degraus de pedra íngreme. Enquanto descíamos ruidosamente atrás dele, eu me senti como se tivesse voltado à escola. Havia aquele cheiro abafado e misturado com pó de giz e comida e, como na escola, havia a sensação de muitas pessoas por perto, muitas vozes distantes e uma grande quantidade de pés se arrastando e andando com pressa. Uma garota riu, causando ecos, e – também como na escola – um sinal tocou em algum lugar.

A campainha estava tocando no grande saguão de pedra no final das escadas. Havia um enorme quadro lá, com fileiras e mais fileiras de pequenas luzezinhas redondas. Mais ou menos no meio, uma lampadinha vermelha estava piscando. Uma senhora em um aprumado vestido listrado de marrom e amarelo e com uma touca amarela por cima dos cabelos brancos estava olhando ansiosamente para a luzinha.

- Oh, Hugo – ela disse, aliviada, quando surgimos ao pé da escada – É o Conde Robert.

Hugo atravessou a sala até o quadro.

- Certo – disse ele e tirou do gancho uma espécie de telefone da lateral, o que pareceu fazer a lâmpada parar de piscar imediatamente. Eu olhei para ela quando ela desligou e notei letras brancas debaixo da lâmpada que diziam *Qto CR*. Todas as luzezinhas tinham legendas igualmente incompreensíveis. *Dsp Bbd*, eu li. *Sl CfdM*, *Sl Jntr*, *Gvrnt*, *Bnhr C*, *Estbl*. A única legenda clara ficava na parte de baixo, no centro. Ela dizia *Sr. Amos*.

Enquanto isso, uma voz distante latia de dentro da coisa parecida com um telefone. Ela soava nervosa e autoritária.

- É pra já, milorde – respondeu Hugo. Ele desligou o telefone e se voltou para nós. – Eu tenho que ir. Vou ter que deixar vocês aqui com a Sra. Semple. Ela é nossa Subgovernanta. Você se importa em mostrar a galeria subterrânea a estes Ajudantes? – ele perguntou à senhora.

- De modo algum – respondeu ela – É melhor você ir. Ele já está chamando há três minutos.

Hugo sorriu para todos nós e subiu a escada correndo. Fomos deixados com a Sra. Semple, que nos deu um sorriso ameno e alegre.

- E como vocês se chamam?

- Conrad T- Grant – eu disse. Só me lembrei do meu pseudônimo no último instante.

Christopher fez exatamente a mesma coisa. Ele disse:

- Christopher... hã, é... Smith – e se afastou um pouco dela.

- Conrad e Christopher – disse ela – Dois Cs.

Então ela avançou para cima de nós e ajustou nossas gravatas, e fez nós dois nos esquivarmos.

- Bem melhor! – disse ela – Eu acabei de colocar suas grades horárias no quadro de avisos. Venham ver.

Estava tudo ficando cada vez mais parecido com a escola. Havia um quadro muito, muito comprido ocupando toda a parede ao lado da escada. Esse quadro estava dividido por grossas linhas pretas em seções, com títulos negros sobre cada uma: Faxineiras, Lacaio, Criados, Despensa de Bebidas, Lavanderia, Cozinha, nós lemos. Bem no final, ao lado da escada, encontramos Ajudantes. Havia listas e grades horárias pregadas debaixo de cada título, mas, de novo, era semelhante à escola, pois havia outros avisos, menos oficiais, espalhados pelo quadro. Uma grande folha rosa dizia, “Festinha das Faxineiras, 8:30 Quinta. Todas convidadas”. A Sra. Semple fez *tsc tsc* e arrancou esse aviso quando o viu. Outro dizia, em letras azul escuras, “O *Chef* quer seu chapéu de volta AGORA!!” A Sra. Semple deixou esse onde estava. Ela também deixou um papel amarelo que dizia, “A Sra. Baldock ainda quer saber quem espalhou aqueles alfinetes no Solário.”

Quando chegamos à coluna dos Ajudantes, vimos duas grandes folhas de papel cuidadosamente divididas em sete colunas e marcadas com os dias da semana. As horas do dia, das seis da manhã até a meia-noite, estavam escritas à esquerda e cada hora ficava em uma linha. Quase todos os retângulos desenhados dessa forma estavam preenchidos com uma caligrafia elegante e delicada. “6:00,” eu li na folha da esquerda, “Recolher sapatos para serem levados para a SI de Engraxar para limpeza. 7:00, Reunir-se com Lacaio para preparar a SI de Cfdm. 8:00, A postos na SI de Cfdm...” Meus olhos desceram pela lista, com crescente consternação, até itens como “14:00, Sessão de treinamento na Lavanderia. 15:00, Sessão de treinamento na Despensa de Bebidas e no anexo 3 da Cozinha com o segundo *Sous-chef*”. Era quase um alívio encontrar um quadrinho marcado somente com “Sr. Amos” de tempos em

tempos. Meus olhos continuaram descendo ansiosamente até o último retângulo, “23:00-00:00”. Este dizia, “A postos no Salão Superior”. “Isso é mau”, pensei. Eu não conseguia ver sequer um minuto livre no qual eu poderia invocar o Errante, uma vez que descobrisse quem estava causando meu Destino. E também não parecia haver nenhum quadrinho marcado com refeições.

Christopher parecia estar tentando esconder uma consternação ainda maior do que a minha.

- Isto é um *desastre!* – eu o ouvi murmurar enquanto examinava a folha da direita, também quase completamente preenchida. Ele apontou para um dos únicos retângulos vazios na folha.

- Hã, parece que alguém se esqueceu de preencher este quadrinho.

- Não, está certo – disse a Sra. Semple em sua voz alta e animada. Ela era uma daquelas pessoas simpáticas e gentis que não têm nenhum senso de humor – Vocês dois têm duas horas livres nas quartas à tarde e mais duas nas quintas de manhã. É uma exigência legal.

- Bom saber disso! – disse Christopher, desanimado.

- E mais uma hora de descanso um domingo por mês para poderem escrever para casa - acrescentou a Sra. Semple – Seu dia de folga é a cada seis semanas e vocês podem...

Uma campainha começou a tocar no quadro do outro lado do saguão. A Sra. Semple se virou para olhá-lo.

- É o Sr. Amos! – ela correu até o quadro e tirou o telefone do gancho.

Enquanto ela estava ocupada dizendo “Sim, Sr. Amos... Não, Sr. Amos...”, eu falei para Christopher:

- Por que você disse que isto era um desastre?

- Bom, hã – disse ele – Grant, você *sabia* que nós ficaríamos tão ocupados quando se candidatou a este emprego?

- Não – respondi, pesaroso.

Christopher estava prestes a falar mais, mas a Sra. Semple colocou o telefone de volta no gancho e atravessou o saguão com pressa, dizendo de maneira confusa:

- Vocês podem tirar dois dias de folga a cada três meses se preferirem, mas eu terei que lhes mostrar a galeria subterrânea mais tarde. Corram lá para cima, meninos. O Sr. Amos quer conversar com vocês antes que o Chá seja Servido.

Nós subimos correndo as escadas de pedra. Como Christopher comentou mais tarde naquela mesma noite, nós já havíamos entendido uma coisa sobre Stallery: que você devia fazer tudo o que o Sr. Amos mandasse, e devia fazê-lo rápido.

- Antes que ele mande, se possível – acrescentou Christopher.

O Sr. Amos estava esperando por nós na passagem de madeira e pedra no andar de cima. Ele estava fumando um charuto. Nuvens de uma forte fumaça azul nos cercaram quando ele disse:

- Não fiquem arfando. Os Empregados nunca devem parecer apressados a menos que um membro da Família lhes diga para se apressarem. Essa é sua primeira lição. Segunda... Endireitem essas gravatas, os dois.

Ele esperou, parecendo irritado, enquanto nós nos atrapalhávamos com as faixas brancas e tentávamos não ofegar e não tossir em meio à fumaça.

- Segunda lição: - ele continuou – Lembrem-se sempre que vocês não passam de mobília viva.

Ele apontou o charuto para nós duas vezes, marcando as palavras:

- Mobília. Viva. Entenderam?

Nós fizemos que sim com a cabeça.

- Não, *não*! – disse ele – Digam “Sim, Sr. Amos”!

- Sim, Sr. Amos – nós entoamos.

- Melhorou – disse ele – Falem com mais empolgação da próxima vez. E, como os móveis, vocês devem ficar junto à parede e dar a impressão de que são feitos de madeira. Quando um membro da Família lhes pedir alguma coisa, vocês devem providenciá-lo da maneira mais graciosa e correta possível, mas vocês não devem falar a menos que alguém da Família fale diretamente com vocês. O que vocês diriam se a Condessa lhes desse uma ordem direta?

- Sim, Senhora Condessa? – sugeri.

- Não, *não!* – disse o Sr. Amos, soprando fumaça em cima de mim – Terceira lição: vocês devem se dirigir à Condessa e a Lady Felice como “milady” e ao Conde Robert como “milorde”. Lembrem-se bem dessas lições. Vocês serão apresentados à Condessa durante o Chá. Vocês estarão lá, por enquanto, apenas para observar e aprender. Observem-me, observem o lacaio em serviço e, fora isso, comportem-se como duas cadeiras encostadas na parede.

Seus olhos cor de pedra nos observaram com expectativa. Depois de um momento, percebemos porque e entoamos novamente:

- Sim, Sr. Amos.

- Cadeiras seriam um pouco mais úteis – disse ele – Agora, repitam depois de mim...

Por sorte, naquele momento um sino soou estridentemente lá embaixo no saguão.

- Ah – disse o Sr. Amos – A Condessa está pedindo o Chá.

Ele apagou o charuto em um pedaço da parede que já estava preto e cinza de tanto apagarem charutos nele e guardou o toco apagado em um bolso do colete listrado. Então ele estendeu os dois braços, como um pinguim, para fazer os punhos da camisa aparecerem e sacudiu os grossos ombros para ajeitar o paletó.

- Sigam-me – ele disse e saiu pela porta forrada de tecido verde.

Nós seguimos suas graves costas em forma de pera até o meio do enorme hall de piso negro. Lá a voz dele ecoou ao nosso redor.

- Esperem aqui.

Então nós esperamos. Ele foi até uma das grandes portas do outro lado do hall e empurrou gentilmente as duas metades para abri-las.

- A senhora chamou, milady? – Sua voz chegou até nós, suave, encorpada e respeitosa.

Alguém deve ter dito algo dentro da sala. O Sr. Amos fez uma reverência e recuou, fechando as portas gentilmente. Por alguns momentos depois disso, eu mal conseguia ver ou ouvir qualquer coisa, porque eu sabia que estava prestes a ver a pessoa responsável pelo meu karma ruim. Eu estava prestes a *saber* quem ela era e teria de invocar um Errante. Meu coração martelava no peito e eu mal conseguia respirar. Minha cara deve ter ficado estranha,

porque eu vi Christopher me olhando com uma expressão de surpresa e curiosidade, mas ele não teve tempo de dizer nada. Nesse momento, o laçao chamado Andrew saiu de costas pela distante porta verde, puxando cuidadosamente um carrinho de chá.

Mais tarde naquele dia, Christopher disse que este foi o momento em que ele começou a se sentir como se estivesse na igreja. O Sr. Amos gesticulou para que ficássemos um de cada lado de Andrew, enquanto ele mesmo entrou na frente do carrinho e escancarou as portas duplas para que pudéssemos entrar como uma procissão solene na sala, com o carrinho chacoalhando no meio de nós. Mas as coisas não saíram como esperado. Assim que chegamos à porta, Andrew teve de parar o carrinho para deixar uma jovem loira passar primeiro.

Ela era muito bonita. Christopher e eu concordamos a respeito disso. Ambos a encaramos, apesar de percebermos que Andrew tomava o cuidado de não olhar para ela. Mas ela não pareceu me notar, ou a Christopher, ou a Andrew. Ela apenas acenou com a cabeça para o Sr. Amos e disse:

- Ah, que bom. Cheguei na hora do Chá.

Ela entrou na sala e se sentou animadamente em um dos vários sofás de seda, de frente para a senhora que já estava sentada.

- Adivinhe só, Mãe...

- Silêncio, Felice querida – disse a mulher.

A missa ainda estava acontecendo e a senhora – a Condessa – não queria que ela fosse interrompida. Ela era uma daquelas pessoas que querem que tudo seja feito de um jeito e em uma ordem específica.

Olhando para ela rapidamente, você poderia pensar que a Condessa tinha a mesma idade da bela moça, Lady Felice. Ela tinha os mesmos cabelos loiros e a mesma forma esbelta, e seu vestido lilás escuro fazia seu rosto parecer puro e delicado, quase como o de uma adolescente. Mas, quando ela se mexia, era possível ver que ela havia estudado por anos e anos para aprender a se mover graciosamente. Quando ela falava, seu rosto assumia expressões exageradamente *doces*, que mostravam que ela também havia passado anos a estudando. Depois disso, era fácil perceber que a aparência delicada da Condessa não passava de uma maquiagem extremamente cuidadosa e calculada.

A essa altura, com dois pequenos movimentos do queixo, o Sr. Amos havia mandado Christopher e eu ficarmos em pé contra a parede, um de cada lado da entrada. Andrew parou o carrinho e fechou as portas duplas praticamente sem nenhum som e o Sr. Amos cuidadosamente trouxe um conjunto de mesinhas e as distribuiu em volta das damas. Então ele e Andrew começaram a se mover de lá para cá, do carrinho para as mesinhas, colocando um delicado prato com bordas douradas, um pires e uma xícara em cada uma de três mesinhas, seguidos de guardanapos e pequenos garfos e colheres. Então o bule de chá foi colocado sobre uma esteirinha especial em outra mesa. Havia ainda um coador em uma tigela, uma jarra de leite de bordas douradas e uma coisa em forma de barco cheia de cubos de açúcar. Tudo arrumado perfeitamente.

Então houve uma pausa. As damas esperaram. O bule também esperou, soltando um pouco de vapor.

Christopher, que estava com o olhar fixo a sua frente e com uma expressão tão vazia que parecia não ter cérebro, disse que nesse momento ele estava pensando que o chá no bule logo esfriaria. Ou passaria do ponto. Eu também estava pensando isso, mais ou menos. Mas, no geral, eu estava me sentindo muito decepcionado. Eu encarei e encarei a Condessa, esperando a qualquer momento *saber* que ela era a pessoa que estava causando o meu Destino. Eu até olhei para Lady Felice e me perguntei se não seria ela, mas logo percebi que ela não passava de uma pessoa normal e feliz que estava sendo forçada a agir de maneira polida na frente da Condessa. A Condessa era um tipo de dragão disfarçado. Por isso achei que ela poderia ser a pessoa. Ela lembrava muito uma professora com quem tive aulas no na terceira série. A Sra. Polak *parecia* muito gentil, mas ela sabia dar uma bronca bem dada e eu podia ver que a Condessa era exatamente igual. Mas eu não consegui *saber* nada.

“Então só pode ser o Conde Robert”, eu pensei.

- Amos – disse a Condessa com uma voz agradável e melodiosa – Amos, você poderia avisar ao meu filho, o Conde, que o estamos aguardando para tomar chá?

- Certamente, milady.

O Sr. Amos acenou com a cabeça para Andrew, que saiu rapidamente da sala.

Nós esperamos um pouco mais. Passaram-se pelo menos cinco minutos, a julgar pela dor nos meus pés. Então Andrew deslizou por entre as portas e sussurrou algo para o Sr. Amos. Ele se voltou para a Condessa:

- Sinto ter de informar-lhe, milady, que o Conde Robert partiu para Ludwich há cerca de vinte minutos.

- Ludwich! – exclamou a Condessa. Eu me perguntei por que ela não sabia. – Por que raios ele foi para Ludwich? E ele deu alguma indicação de quanto tempo pretendia ficar fora?

O corpo em forma de pera do Sr. Amos se curvou em uma reverência.

- Parece-me que ele pretende ficar em Ludwich por cerca de uma semana, milady.

- Era isso que eu ia lhe dizer, Mãe – comentou Lady Felice.

Nesse momento algo aconteceu no rosto da Condessa, uma espécie de movimento rígido sob as feições delicadas. Ela soltou uma risadinha tilintante.

- Bem – disse ela – Pelo menos o chá teve tempo de descansar. Por favor, sirva-nos, Amos.

“Ai!”, pensei. “O Conde Robert vai estar bem encrencado quando voltar!”

Esse foi o sinal para que a missa continuasse. O Sr. Amos serviu o chá como se fosse a água da vida. O chá estava soltando vapor tão vigorosamente que Christopher disse mais tarde que tinha certeza que havia um feitiço na esteirinha para mantê-lo quente. Andrew ofereceu leite. A Condessa o dispensou com um gesto e recebeu do Sr. Amos rodela de limão tão finas que pareciam transparentes. Então Andrew se aproximou com o barquinho de açúcar e a Condessa deixou que ele lhe desse quatro torrões.

Quando o espetáculo foi transferido para Lady Felice, a Condessa disse, como se estivesse encobrendo um silêncio desconfortável:

- Percebi que temos dois novos pajens, Amos.

- Ajudantes, milady – disse o Sr. Amos – que atuarão como pajens até aprenderem as habilidades necessárias.

Ele inclinou a cabeça rapidamente em direção a Christopher.

- Christopher, faça a gentileza de servir os sanduíches.

Christopher deu um salto. Eu podia ver que a mente dele havia estado a quilômetros de distância, mas ele se recompôs e pegou os sanduíches no carrinho. Havia dezenas deles: pequenas coisinhas finas, sem cascas e com recheios de aroma apetitoso, empilhadas em uma grande bandeja de prata oval. Christopher os cheirou desejosamente enquanto erguia a bandeja, mas em seguida a ofereceu muito elegantemente à Condessa, com uma reverência floreada que combinava com a aparência dele.

A Condessa pareceu surpresa, mas pegou seis sanduíches. O Sr. Amos franziu o cenho quando Christopher trouxe a bandeja até Lady Felice e se apoiou em um joelho para oferecê-la a ela.

Christopher teve que ficar indo e voltando. Era impressionante o quanto aquelas duas damas esbeltas comiam. E o tempo todo o Sr. Amos ficou em pé como um pinguim empalhado franzindo as sobrancelhas. Eu percebi que ele achava que Christopher era muito espalhafatoso.

- Ludwich! – reclamou a Condessa depois do décimo quinto sanduíche – Onde Robert está com a *cabeça*? E sem nem avisar!

Ela não parava de falar nisso. Finalmente, Lady Felice largou seu décimo oitavo sanduíche no prato com irritação e disse:

- Francamente, Mãe, faz *diferença*?

A Condessa a fitou. Seus olhos eram grandes, azul-gelo, e seu olhar era congelante.

- É claro que importa, querida. É uma enorme falta de cortesia para *comigo*.

- Mas ele provavelmente teve que viajar a negócios – disse Lady Felice – Ele estava me dizendo que os títulos e ações...

Eu podia ver que dizer isso era uma estratégia muito astuta, parecida com a maneira como Anthea e eu costumávamos pedir dinheiro para o Tio Alfred parar de gritar conosco quando quebrávamos alguma coisa. A Condessa ergueu uma pequena e delicada mão coberta de anéis para interromper Lady Felice.

- Por favor, querida! Eu não entendo nada de finanças. Amos, temos bolos?

Foi minha vez de dar um salto. O Sr. Amos disse:

- Conrad, sirva os bolos agora, por favor.

Os bolos estavam na parte de baixo do carrinho, sobre outra enorme bandeja de prata. Eu quase perdi o equilíbrio quando a levantei. A bandeja em si já pesava muito e estava ainda mais pesada por estar coberta com todos os mais diminutos e deliciosos doces imagináveis. O aroma de creme, frutas, água de rosas, amêndoas, merengue e chocolate inundou meu nariz. Senti meu estômago roncar. O som me pareceu tão alto que não consegui pensar em nenhuma maneira elegante de servir aqueles bolos. Eu simplesmente caminhei até a Condessa e segurei a bandeja ao lado dela.

O Sr. Amos fez outra careta. Percebi que ele me achava simples demais. Por sorte, não tive que carregar a bandeja por muito tempo. A intenção da Condessa fora apenas mudar de assunto, eu acho. Ela só pegou três doces. Lady Felice pegou um. Nunca saberei como elas foram capazes de não comer todos eles.

Depois disso a missa começou novamente: recolhemos tudo e guardamos no carrinho na mais perfeita e religiosa ordem. O Sr. Amos e Andrew fizeram reverências. Ambos nos encararam de canto de olho até percebermos que devíamos fazer o mesmo. Então pudemos empurrar o carrinho de volta até o hall.

- Cerimônia do chá encerrada – resmungou Christopher sob o chocalhar do carrinho.

Mas ainda não estava completamente encerrado. No meio do hall, o Sr. Amos nos fez parar e nos deu uma bronca. Pelo menos eu me senti péssimo.

- Na frente da *Família!* – ele repetia – Um é pomposo feito um pavão e o outro é desengonçado feito um caipira! – depois ele começou a falar da nossa postura – Vocês *não devem* ficar sonhando acordados como tontos e *nem* ficar em posição de sentido como simples soldados. Vocês estão em uma residência de respeito. Comportem-se *direito*. Observem Andrew da próxima vez. Ele fica em pé contra a parede como se isso fosse *natural*.

- Sim, Sr. Amos – respondemos miseravelmente.

No final ele permitiu que fôssemos embora descendo a escada de pedra. E lá, aquele dia desconcertante parecia não ter fim. A Sra. Semple estava esperando para nos mostrar a galeria subterrânea. Christopher escapuliu, mas ela se virou e o fitou com um olhar ameno, mas onisciente, e balançou a cabeça. Ele voltou, abatido. Eu a segui resignadamente. Estava

claro para mim que eu teria de ficar aqui por uma semana, até que o Conde Robert retornasse, então achei que deveria pelo menos aprender onde ficava cada coisa.

A galeria subterrânea era vasta. Eu precisei aprender tudo de novo no dia seguinte, porque o lugar era grande demais para memorizar na primeira vez. Eu só me lembrava de uma confusão de vapores e cheiros de várias cozinhas e de uma lavanderia, e de pessoas usando uniformes listrados andando apressadamente de um lado para o outro. Havia câmaras frias e câmaras secas cheias de comida, e uma porta trancada que levava à adega. Havia pelo menos um cômodo usado apenas para cuidar da louça, onde duas garotas sempre pareciam estar lavando algo. Fiquei muito surpreso quando a Sra. Semple nos disse que essas eram só as louças dos Empregados. A porcelana boa, usada pela Família, ficava no andar de cima, em outra despensa com outro grupo de empregadas para lavá-la. A Família e os Empregados eram como dois mundos diferentes que só entravam em contato em certos momentos e lugares.

Christopher ficou fascinado com isso.

- É a minha condição de amador, Grant – ele me disse – Ela me permite ter uma visão imparcial dos costumes tribais daqui. Você tem que admitir que é muito estranho ter todas essas pessoas perambulando no porão só para tomar conta de duas mulheres.

Ele estava tão fascinado que fez pergunta após pergunta durante a janta. O nosso grupo de Empregados jantava no Salão Superior às sete, para estarmos prontos para servir a Família durante o jantar deles, às oito. A refeição deles era chamada de Jantar e era muito formal, mas a nossa também era um pouco formal. Um grande grupo de Empregados se reunia em torno de uma grande mesa nos fundos de uma espécie de ampla sala de estar. Havia cadeiras e revistas do outro lado da sala, e uma versão menor do quadro com as lampadzinhas, para o caso de alguém precisar de nós enquanto estávamos lá, mas não havia nenhuma televisão. Andrew me contou, triste, que não dava para pegar um sinal em Stallery de jeito nenhum. Andrew era, de longe, o lacaio mais simpático de todos.

De qualquer forma, havia seis lacaios além de nós, um senhor deprimente que respirava fazendo barulho (ele era administrador ou contador ou alguma coisa assim) e um monte de mulheres. A Sra. Semple estava lá, é claro, e ela me disse que a senhora elegante era a dama de companhia da Condessa e a moça quase tão elegante quanto ela era a de Lady

Felice. Essas duas não eram muito simpáticas. Elas só conversavam entre si. Mas havia a Encarregada da Despensa de Bebidas, a Chefe das Camareiras, a Chefe das Criadas, e muitas outras Chefes de Alguma Coisa. Aparentemente, Hugo deveria estar lá também, mas ele havia ido para Ludwich com o Conde Robert. Todos os outros Empregados comiam no Salão Inferior, exceto o Sr. Amos, que fazia as refeições sozinho, segundo a Sra. Semple.

Havia ainda a Sra. Baldock. Ela era a Governanta, mas eu me referia mentalmente a ela como a Diretora. Ela era a maior mulher que eu já havia visto, com mais de um metro e oitenta, cabelos cinza como ferro e um busto enorme. Sua característica mais marcante eram as manchas arroxeadas de ambos os lados de seu vasto rosto. Christopher disse que isso não parecia saudável.

- Ela provavelmente bebe, Grant – disse ele, mas isso foi mais tarde.

Naquela noite ela entrou esvoaçando depois de todos nós. Todos se levantaram para recebê-la. A Sra. Baldock fez uma rápida oração e depois correu os olhos pela mesa até encontrar Christopher e eu.

- Eu os estarei esperando na Sala da Governanta amanhã às nove e meia, pontualmente – disse ela.

Isso me soou tão agourento que fiquei de cabeça baixa e não disse nada durante a maior parte da janta. Mas com Christopher era outra estória. Quando a comida chegou – e era uma torta de carne maravilhosa, com uma grande quantidade de batatas na manteiga – foi trazida por quatro criadas. A Sra. Baldock cortou a torta e as criadas distribuíram os pedaços. Ninguém começou a comer antes de a Sra. Baldock começar.

- O que é isto? – perguntou Christopher quando a criada lhe trouxe uma fatia.

- Torta de carne, senhor – disse a garota.

Ela tinha mais ou menos a idade de Christopher e estava na cara que ela o achava muito bonito.

- Não, eu quero dizer, por que há Empregados para servir os Empregados? – disse Christopher – Quando é que *vocês* comem?

- Nós lanchamos às seis e meia, senhor – disse a garota – mas...

- Quantas refeições! – disse Christopher – E não é preciso outra cozinha e ainda mais Empregados para servir *vocês*?

- Bem, mais ou menos – disse a garota.

Os olhos dela se voltaram nervosamente para a Sra. Baldock.

- Por favor, senhor, nós não devemos conversar enquanto estamos servindo.

- Então eu perguntarei a *você* – Christopher se dirigiu a Andrew – Você consegue ver onde essa estória de uns servindo outros vai parar? *Nós* estamos jantando agora para servir a Família mais tarde e estas jovens encantadoras comem às seis e meia para *nos* servir. E, para que *elas* sejam servidas, outras pessoas devem ter de comer às seis e antes disso *outras* pessoas têm de comer ainda mais cedo para servi-las. Deve haver Empregados que jantam na hora do café da manhã para acomodar toda essa *serviço*.

Andrew riu, mas alguns dos outros lacaios não acharam graça. O laçao chamado Gregor rosnou:

- Pirralho atrevido!

E o outro, chamado Philip, disse:

- Você se acha muito engraçado, não é?

Atrás dele, todas as quatro criadas estavam tentando não rir e, na cabeceira da mesa, a Sra. Baldock olhava fixamente. Bem, todos estavam olhando. A maioria das Criadas-Chefes estava irritada e as duas Damas de Companhia estavam escandalizadas, mas a Sra. Baldock estava encarando Christopher sem demonstrar nenhuma emoção. Era impossível saber se ela havia gostado do Christopher ou se estava prestes a despedi-lo ali mesmo.

- Deve ter alguém cozinhando o tempo todo – disse Christopher – Como vocês conseguem, com só três cozinhas?

A Sra. Baldock falou. Ela disse:

- E uma padaria. Já chega, meu jovem.

- Sim, senhora – disse Christopher – Esta torta está deliciosa, seja lá de qual cozinha tiver vindo.

Ele e a Sra. Baldock se fitaram sobre a longa mesa. As cabeças de todos se viravam de um para o outro, como se estivessem assistindo a um jogo de tênis. Christopher sorriu amavelmente.

- Pura curiosidade, senhora – disse ele.

A Sra. Baldock disse apenas “hmm” e voltou sua atenção para o prato.

Christopher se manteve cautelosamente de olho nela, mas continuou fazendo perguntas.

Sete

Tivemos de pular das cadeiras assim que terminamos a janta. Deixamos as criadas tirando os pratos e rindo às costas de Christopher, e corremos escada acima com os lacaios até a sala de jantar. Esta era uma sala alta e sombria, parecida com o corredor de piso escuro. O Sr. Amos estava esperando para nos mostrar como dobrar guardanapos engomados em forma de barco e para nos instruir sobre como era o jeito certo de fazer duas pequenas ilhas com os talheres e taças na mesa escura e brilhante. Tivemos que colocar cada garfo, faca e colher no lugar exato.

Christopher ficou bastante pálido enquanto tentávamos acertar.

- Indigestão, Grant. – ele sussurrou, triste. – Não estou acostumado a comer às pressas e depois subir escadas correndo.

- Não vai ser só isso que vai te fazer mal se o Sr Amos te escutar. – disse Gregor, o laçao rabugento. – Cuidado com o que fala. Coloquem esta toalha sobre o braço, vocês dois, e fiquem ali ao lado daquela parede. Não se mexam, ou vão apanhar.

Passamos a hora seguinte fazendo exatamente isso. Nós devíamos estar prestando atenção ao que o Sr Amos e os lacaios faziam enquanto estavam às voltas com as duas damas sentadas à frente de cada uma das ilhas de vidro e prata, mas acho que cochilei em pé a maior parte do tempo. O resto do tempo eu passei olhando um grande quadro de um pássaro morto e algumas frutas pendurado na parede à minha frente, desejando estar em casa, na livraria. As duas damas estavam me matando de tédio. Falavam o tempo todo sobre as roupas que iriam comprar assim que terminasse o período de luto, e onde ficariam hospedadas em Ludwich quando estivessem fazendo compras. E pareciam não parar nunca de comer.

Quando finalmente terminaram, pudemos voltar para a galeria subterrânea, mas tivemos de ficar no Salão Superior para o caso de precisarmos levar alguma coisa para as damas na sala de estar. Gregor nos vigiou para ter certeza de que não fugiríamos. Sentamos um ao lado do outro num sofá duro, o mais longe possível de Gregor, tentando não escutar o que diziam as duas Damas de Companhia, que estavam bordando bem perto de nós e fofocando aos sussurros.

- Ela já tem uma gaveta cheia de lembranças dele. – disse uma.
- Se alguém descobrir, os *dois* vão estar em apuros. – respondeu a outra.
- Eu não queria estar no lugar dela, por dinheiro nenhum.

Bocejei. Não consegui evitar.

- Vamos, Grant. Nessas ocasiões você precisa se interessar por *pequenas* coisas para dar conta, como essas duas criadas fazem. Já faz umas sete horas que estamos aqui. Eu sei que parecem as mais longas das nossas vidas, mas você deve ter visto *alguma* coisinha para se impressionar em *algum* lugar.

E eu tinha mesmo, agora que ele falava.

- Sim. Como a Condessa e Lady Felice comem tanto e continuam tão *magras*?
- Boa pergunta. Elas são mesmo boas de garfo, não são? A mais nova provavelmente não para quieta, mas a mais velha lembra uma estátua. Ela devia ser do tamanho da Sra. Baldock. Talvez o cozinheiro enfeite a comida dela. Mas eu acho que ela usa feitiços para emagrecer. Duvido que você vá ali perguntar para a criada dela se eu estou certo.

Olhei em volta, para as duas fofoqueiras e ri.

- Não, vá você.

Christopher também não ousou, então começamos a falar de outras coisas que havíamos notado. Foi então que ele me contou sobre sua teoria de que Sra. Baldock bebia. Mas, bem no final, logo antes de Andrew entrar e nos dizer que podíamos ir dormir, Christopher me surpreendeu com a pergunta:

- Aliás, onde ou o que é esse Ludwich onde a Condessa ficou tão incomodada de o Conde ter ido?

Eu o encarei. Como era possível ele não saber?

- É a capital, lógico. Na Planície de Sussex, às margens do Pequeno Reno. Todo mundo sabe disso!

- Ah. Então o Conde foi para a farra, é? O fato, Grant, é que a geografia fica um pouco confusa quando se vive com os Viajantes. Eles nunca se preocupam em falar onde estamos ou para onde vamos. E em que parte do país estamos agora?

- Nos Alpes Ingleses. Logo acima de Stallchester. – eu ainda estava espantado.

- Os Alpes Ingleses. – repetiu Christopher, com um ar sério e sábio – E que outros Alpes existem? Só por curiosidade.

- Os Franceses, os Italianos, os Austríacos. Esses Alpes são mais ou menos juntos. Os Alpes Ingleses são divididos pela Frísia.

Christopher parecia perplexo. Ele parecia não saber nada de geografia. Continuei.

- Frísia é o país que faz fronteira com a Inglaterra. Toda a Europa é bem plana entre Ludwich e Mosskva, e os Alpes fazem uma meia-lua circulando a parte sul. Os Alpes Ingleses ficam ao norte das planícies.

Christopher balançou a cabeça para si mesmo. Achei que o ouvi sussurrar “Série Sete. É claro, a Grã-Bretanha não é uma ilha aqui.”

- O quê? Do que você está falando?

- Nada. Estou quase dormindo.

Acho que ele não estava, mas eu com certeza sim. Quando Andrew disse que estávamos liberados, entrei cambaleando no elevador, saí do mesmo jeito, caí dentro do camisolão e na cama, e peguei no sono imediatamente. Eu mal ouvi Christopher se levantando mais tarde. Imaginei que ele estivesse indo ao banheiro no final do corredor e esperei, quase dormindo, pela volta dele. Mas ele demorou tanto que eu dormi de uma vez e não o escutei chegando. Só sei que ele estava na cama dormindo na manhã seguinte.

Fomos despertados ao nascer do sol.

Acabamos nos acostumando com isso, mas aquela primeira manhã foi horrível. Tivemos que colocar os aventais e sair carregando uma cesta grande, recolhendo sapatos para serem limpos, começando pelo sótão. Do lado de fora da maioria das portas havia pelo menos um par de sapatos. Mas o Sr Amos colocou quatro pares de pequenos sapatos pretos. A Condessa colocou doze pares, todos chiques. Lady Felice colocou uma pilha de botas de montaria. Tivemos que equilibrar isso tudo até a galeria subterrânea, onde ficamos aliviados ao saber que outra pessoa era encarregada de limpá-los. Eu mal consegui limpar meu rosto aquela manhã, que dirá sapatos?

Então pudemos tomar café da manhã com um grupo de lacaios mal humorados e com os olhos vermelhos. Andrew estava de folga aquela manhã, e Gregor estava encarregado, e não gostava de nós, principalmente de Christopher. Ele nos mandou subir para a sala de café

da manhã da Família antes que houvésemos terminado de comer. Ele disse que era importante que alguém estivesse de plantão lá, caso alguém da Família descesse mais cedo.

- Aposto que é mentira! – Christopher falou.

Eu fiquei bem chocado ao ver que ele estava se servindo de pão com geleia do aparador. Descobrimos que todos os lacaios faziam o mesmo, quando finalmente chegaram se arrastando.

E foi bom eles resolverem dar o ar da graça. Lady Felice chegou antes das sete, pálida e pensativa, e com roupas de montaria. Ninguém a estava esperando. Gregor teve de enfiar o pão que estava comendo embaixo do aparador com pressa, e a boca dele estava tão cheia que um dos outros lacaios teve de perguntar a Lady Felice o que ela gostaria de comer. Ela disse, meio triste, que só queria pãezinhos e café. Disse que ia cavalgar. E Gregor poderia, por favor, ir até o estábulo e pedir que selassem Iceberg. Gregor ainda não conseguia falar, ou teria mandado Christopher, mas teve que ir ele mesmo, carrancudo.

Quando a Condessa entrou, claramente furiosa por algum motivo, o aparador já tinha filas de pratos sob redomas de prata, a maioria pega no elevador de comida por Christopher ou por mim, e ela podia escolher de grelhados variados até rins e peixe defumados. Ela comeu quase tudo enquanto entrevistava o pobre contador arfante.

O nome dele era Sr Smithers, e acho que ele havia acabado de começar a tomar café quando ela mandou chamá-lo. Ele olhava com tristeza para os pratos dela. Mas ele demorou muito para chegar, e Gregor mandou Christopher buscá-lo, enquanto a Condessa, irritada, tamborilava as longas unhas na toalha de mesa.

Christopher saiu marchando diligentemente e voltou quase imediatamente com o Sr Smithes, que agia como se Christopher o tivesse arrastado pelo colarinho. Gregor lançou olhares fulminantes para Christopher e, para ser sincero, essa foi uma das muitas vezes em que eu não culpei Gregor. Christopher parecia tão satisfeito. Quando ele estava assim, eu queria bater nele tanto quanto Gregor.

O Sr Smithers estava em apuros com a Condessa. Ela tinha um jeito terrível de arregalar muito os olhos azuis gelados, e dizer numa voz doce, fria e meiga:

- *Explique-se, Smithers. Por que é assim?*

Às vezes ela só dizia “*Por quê?*”, o que era pior ainda.

O pobre Sr Smithers fungava, se mexia na cadeira e tentava explicar. Era alguma coisa sobre um dinheiro dela que estava demorando a chegar. Tivemos que ficar ali escutando as tentativas de explicação dele.

E foi muito estranho. Eram coisas muito corriqueiras, como o dinheiro que vinha das fazendas, da pousada que ela tinha em Stallstead e da propriedade em Ludwich. Eu me lembrei de tio Alfred me falando sobre os negócios internacionais de Stallery e os enormes mercados que precisavam da manipulação de possibilidades para funcionarem, e comecei a pensar se tio Alfred estava certo. Ele havia me falado sobre *milhões* na bolsa de valores, e ali estava a Condessa perguntando sobre sessenta, oitenta e cem. Eu fiquei muito confuso. Mas então pensei que era o Conde que mexia com as quantias altas. *Alguém* tinha de mexer. Era só olhar para Stallery para se perceber que custava uma fortuna manter o lugar.

Mas eu não tive muito tempo para pensar. A Sra. Baldock nos chamou bem na hora que a Condessa terminou com o Sr Smithers e com o café da manhã. Christopher e eu tivemos que correr para a Sala da Governanta. Quando chegamos lá, a Sra. Baldock estava andando por entre suas belas poltronas floridas e mesinhas ornamentadas. As manchas rosadas nas bochechas dela estavam quase violeta de impaciência.

- Só posso perder cinco minutos com vocês. Tenho ir à minha conferência diária com a Condessa depois disto. Só tenho tempo para resumir a natureza do seu treinamento agora. Nosso objetivo é garantir que qualquer um de vocês que consiga o posto de valete do Conde seja completamente versado em todos os aspectos da ciência doméstica. Vocês aprenderão, em primeiro lugar, o cuidado correto com as roupas e a maneira correta de tudo que um cavalheiro faz. As roupas certas para pescar são tão importantes quanto um traje de gala, sabem, e existem seis tipos de trajes formais de noite.

Ela falou sobre roupas por pelo menos um minuto. Eu só pude pensar que o Conde teria de contratar um caminhão quando fosse para Ludwich se realmente levasse todas as roupas que a Sra. Baldock dizia que ele precisava. Eu observei os pés pesados dela no carpete florido. Ela tinha tornozelos enormes que faziam dobras por cima dos sapatos de fivelas.

- Mas também é muito importante saber lavar roupas, limpar a casa e arrumar a cama. E para aprender a cuidar do seu cavalheiro de todas as maneiras, vocês farão cursos de arranjo de flores, corte de cabelo e culinária também. Algum de vocês cozinha?

Quando disse “Sim, senhora”, vi um breve momento de horror estampado no rosto de Christopher. Então, de alguma forma, ele conseguiu dar um sorriso encantador.

- Não. E não conseguiria fazer um arranjo de flores nem se minha vida dependesse disso. Parece que Conrad vai ser o próximo valete, não é?

- O Conde se casará em breve. – comentou a Sra. Baldock – A Condessa está insistindo. Quando o filho *dele* tiver idade para precisar de um valete, até *you* já terá aprendido o necessário.

Ela deu a Christopher um de seus olhares longos e sem expressão.

- Mas por que *cozinhar*? – ele disse, desesperadamente.

- É o costume que o filho do Conde seja mandado à Universidade acompanhado por seu tutor e seu valete. Eles ficam em acomodações conjuntas e o valete é responsável por criar as refeições.

- Eu prefiro *criar* uma refeição a *cozinhar*. – Christopher disse, honestamente.

A Sra. Baldock até sorriu. Ela parecia começar a gostar de Christopher.

- Andem logo! Vejo muito bem que você pode fazer qualquer coisa à qual se dedicar, meu jovem. Agora vão e se apresentem para a Encarregada da Lavanderia e digam a ela que eu os enviei.

Fomos errando o caminho pelo labirinto de pedra da galeria subterrânea até finalmente encontrarmos a lavanderia. Lá, a mulher no comando olhou para nós em dúvida, ajeitou nossas gravatas e deu um passo para trás para ver se havia mudado de opinião a nosso respeito. Ela suspirou, e disse, pessimista:

- Vou começar ensinando vocês a passar roupa. Coisas que não importem muito. Paula! Leve estes dois para a sala de passar e mostre a eles o que fazer.

Paula se materializou em meio ao vapor e nos levou atrás dela, mas, infelizmente, ela acabou não sendo muito boa em explicar as coisas. Ela nos levou até um cômodo simples de pedra com tábuas de passar de vários tamanhos. Ela deu a Christopher um lençol de linho úmido e para mim uma pilha de gravatas molhadas, nos ensinou a ligar os ferros e foi embora.

Olhamos um para o outro. Christopher disse:

- O que está pensando, Grant?

- É mais ou menos como aquela história em que eles têm que transformar palha em ouro.

- É mesmo! E não tem Rumpelstiltskin para ajudar.

Ele experimentou empurrar o ferro pelo lençol.

- Não faz diferença. Ou talvez esteja enrugando mais ainda.

- Você tem que esperar o ferro esquentar. Eu *acho*.

Christopher levantou o ferro e o virou para um lado e para o outro em frente ao rosto.

- Está quentinho, agora. Como essas coisas funcionam? Não estão ligados na tomada. Tem uma salamandra dentro ou algo do tipo?

Eu ri. A ignorância de Christopher era mesmo impressionante. Imagine só, um lagarto de fogo esquentar um ferro!

- Tem um gerador dentro, igual a lâmpadas, fogões e televisões.

- Tem, é? Ah! Uma luzinha acendeu neste ferro!

- *Acho* que isso quer dizer que já está quente. O meu acendeu. Vamos tentar.

Começamos. Minha primeira ideia, de que seria possível economizar tempo e esforço passando dez gravatas ao mesmo tempo, não deu certo. Diminuí a pilha para cinco, depois duas e depois para uma só, que logo ficou amarelada e começou a cheirar mal. Christopher resmungava:

- Parece que eu não estou correspondendo à opinião da Sra. Baldock sobre mim.

Nem um pouco!

E me deu um susto ao gritar:

- Minha nossa! *Um janela de igreja!* Olhe!

Olhei. Ele tinha queimado uma forma de ferro de passar marrom escura bem no meio do lençol. Ele perguntou:

- Será que vai acontecer de novo?

Ele tentou, e aconteceu. Assisti, fascinado, enquanto Christopher imprimia uma fileira inteira de janelas de igreja por todo o lençol. Então ele resolveu fazer uma margarida na parte de baixo.

Mas, nesse ponto, eu fui lembrado do meu próprio trabalho por uma nuvem de fumaça preta e um cheiro muito forte. Quando olhei, vi que meu ferro havia partido uma gravata ao meio e já começava a queimar a tábua embaixo dela. Eu tinha feito uma janela de igreja preta e muito funda. Quando levantei o ferro, vi brasas vermelhas.

- Socorro! – eu disse.

- Não entre em pânico, Grant.

- Não *consigo!* Vamos nos meter em tremendos apuros! – eu disse, tentando abanar a fumaça marrom.

- Só se as coisas ficarem assim. – ele disse e veio ver de perto meu desastre. – Grant, isto está fundo demais para ser uma janela. O que você tem aqui é provavelmente uma canoa. Meus parabéns.

Ele desligou o ferro e o balançou na minha frente. Eu quase gritei com ele.

- Não tem *graça!*

- Tem, sim. Olhe.

Olhei e meu queixo caiu. A fumaça tinha ido embora. A forma negra de barco não estava mais lá. A tábua de passar estava plana e completa, com sua superfície manchada de marrom bem lisa. Sobre ela havia uma simples gravata branca e mal passada.

- Como...?

- Sem perguntas. Eu vou só me livrar da minha obra de arte.

Ele levantou um canto de seu lençol estragado e o sacudiu. Todas as janelas de igreja simplesmente desapareceram. Ele se virou para mim, muito sério:

- Grant, você não me viu fazer isso. Jure que não viu, senão sua canoa vai voltar mais funda, mais preta e mais fumacenta do que nunca.

Olhei para ele e para a tábua recuperada.

- Se eu prometer, posso perguntar como você fez isso?

- Não. Só prometa.

- Tudo bem, prometo. Mas é obvio. Você é um mago.

- Um mago – disse Christopher – é alguém que coloca velas de ritual em volta de um pentagrama e murmura palavras de poder. Você me viu fazer isso?

- Não. Você deve ser muito avançado.

Então fiquei meio assustado, meio satisfeito, porque pensei que tinha irritado Christopher o suficiente para que ele me falasse alguma coisa sobre si mesmo.

- *Toupeira!* – ele começou – Você é uma *toupeira* teimosa! Grant...

Para meu grande desapontamento, a Sra. Semple entrou correndo e o interrompeu.

- Vocês precisam parar agora, meninos. Vejam se os ferros estão desligados. O Sr Avenloch acabou de trazer as verduras e legumes para hoje, e o Sr Maxim quer que vocês comecem o curso de culinária aprendendo a escolher os melhores.

Então saímos correndo mais uma vez, para uma despensa de pedra fria que se abria para o pátio, onde o Sr Avenloch assistia a um grupo de jardineiros trazerem cestas de frutas e caixas de verduras. Um deles era o garoto com as botas feitas à mão. Ele sorriu para nós, e sorrimos de volta, mas eu não tive inveja dele. O Sr Avenloch era um daqueles tipos altos, magros e com cara de águia. Ele parecia ser um completo tirano.

- Apague esse sorriso do rosto, Smedley – ele disse - E *vorte* logo a capinar.

Quando o grupo todo se apressou em ir embora, o Sr Maxim se aproximou afetadamente. Ele era quase tão cheio de si quanto Christopher. Ele era o segundo *Sous-Chef* e havia recebido a responsabilidade extra de nos ensinar, o que o deixava muito convencido. Ele esfregou as mãos ansiosamente e disse a Christopher:

- Você vai escolher para a mesa da própria Condessa. Escolha, apenas olhando, os melhores vegetais para ela.

Pela expressão de Christopher, tive bastante certeza de que ele nunca havia visto um vegetal cru na vida. Mas ele se lançou, cheio de confiança, em direção a uma cesta de quiabos.

- Aqui estão algumas vagens esplêndidas, bem gordinhas. Ah, não, são peludas. Será que é bom que vagens tenham cabelinhos?

- Esses são quiabos. Tente mais uma vez.

Com um pouco mais de cuidado, Christopher se aproximou de uma pequena caixa de pimentas vermelho vivo.

- Estas são ótimas cenouras, bem brilhantes. Devem perder um pouco a cor quando cozidas.

Ele olhou para o Sr Maxim, que quase arrancou o grande chapéu branco da cabeça. Christopher perguntou:

- Não? São o que então? Morangos sem sementes? Cerejas longas e finas?

Eu já estava me apoiando na parede, dobrando de rir. O Sr Maxim se virou para mim e gritou:

- Isto não é piada! Ele está me provocando, não está?

Eu percebi que ele estava furioso. Gente convencida não gosta de ser zombada. Balancei a cabeça e consegui me controlar.

- Não está, não. Ele não sabe mesmo. Veja só, ele viveu a vida toda como herdeiro de uma grande propriedade (meio parecida com Stallery, na verdade), mas a família teve problemas financeiros e ele teve que arranjar um emprego.

Olhei de soslaio para Christopher. Ele fez uma cara modesta e não tentou negar o que eu disse. Interessante.

O Sr Maxim ficou compadecido de Christopher.

- Meu caro rapaz, eu compreendo. Por favor, vá com Conrad e deixe que ele identifique os vegetais para você.

Ele foi maravilhosamente simpático com Christopher depois disso, e até simpático comigo quando confundi um tomate com um caqui.

- Obrigado. Estou te devendo uma, Grant. – Christopher sussurrou para mim enquanto arrumávamos as frutas que eu escolhi em uma grande tigela de vidro.

- Não está não. – eu sussurrei de volta – Canoa.

Mas ele acabou mesmo me devendo uma no final daquele dia. Foi depois que ficamos encostados à parede em outra sala de comer, cada um com um pano branco inútil pendurado em um braço, assistindo à Condessa e a Lady Felice almoçarem. Uma parte da refeição foi a tigela de frutas que nós arrumamos de manhã. Eu me senti bem com isso, como se eu tivesse

finalmente *feito* alguma coisa. A Condessa atacou as frutas com vontade, mas Lady Felice pegou uma uva, e só.

- Querida, você não comeu quase nada. – disse a Condessa – *Por quê?*

Era o “*Por quê*” ruim, com o olhar fixo. Lady Felice olhou para o prato, para não encontrar o olhar e resmungou que não estava com fome. A Condessa não ficou nem um pouco satisfeita. Ela continuou insistindo e insistindo. Felice estava doente? Ela devia chamar um médico? Quais eram os sintomas? Ou o café da manhã não tinha feito bem a ela? Tudo naquela voz doce e aguda.

Por fim, Lady Felice disse:

- Só não quero comer, Mãe. Está bem?

O rosto dela ficou vermelho, e ela olhava quase com raiva para a Condessa.

E a Condessa disse:

- Não precisa guardar segredos, querida. Se está tentando perder peso, pode pegar minhas pílulas.

Os olhos de Christopher se desviaram e encontraram os meus. Então ela toma *mesmo* pílulas mágicas, a expressão dele dizia. Quase explodimos tentando não rir. O Sr Amos lançou um olhar zangado para nós. E Gregor também. E quando conseguimos nos controlar, Lady Felice havia jogado o guardanapo sobre a mesa e saído correndo da sala, deixando a Condessa com um ar irritado e confuso.

- Amos, eu *nunca* vou entender os jovens.

- Naturalmente que não, milady. – o Sr. Amos respondeu.

Ela sorriu graciosamente, dobrou perfeitamente o guardanapo e andou com elegância até a porta. Ela disse ao sair:

- Diga a Smithers que venha a meu boudoir com as contas revisadas.

Por algum motivo (acho que estava observando como ela andava) me lembrei da Sra. Potts dizendo que a Condessa costumava ser corista. Estava olhando para ela, me esforçando tanto para imaginá-la dançando (sem conseguir), que dei um salto quando o Sr Amos gritou comigo. Ele estava muito zangado. Ele se plantou no carpete de frente para nós, e nos deu uma bronca enorme por ousar rir na frente das damas. Ele me fez sentir muito mal. Parecia

não importar que ele tivesse a mesma altura que eu e fosse mais baixo que Christopher. Ele era como um profeta ou um santo ou algo assim, nos repreendendo por sermos hereges e derramando a ira dos céus sobre nós.

- Agora vocês vão aprender a ter boas maneiras. – ele disse no final – Vocês dois vão sair por esta porta e entrar de novo da maneira mais suave e educada que conseguirem. Vão.

Até Christopher ficou com medo. Deslizamos para a porta dupla, deslizamos para o corredor e entramos na ponta dos pés, contritamente. E é claro que não fizemos certo. O Sr Amos nos fez repetir a ação várias vezes, enquanto Gregor nos lançava sorrisos maldosos enquanto tirava a mesa do almoço. Acho que entramos e saímos umas cinquenta vezes, e o Sr Amos estava justamente falando que continuaríamos até acertarmos quando um dos outros lacaios veio dizer que o Sr Amos precisava atender o telefone.

- Que *alívio!* – Christopher resmungou.

- Gregor – disse o Sr Amos – coloque esses dois para limpar a prataria até a hora de Servir o Chá. Se essa for a ligação que estou esperando, vou ficar ocupado a tarde inteira, então você deve se certificar de que eles continuem trabalhando. – e saiu com pressa em seus pezinhos brilhantes.

- Eu falei cedo demais. – disse Christopher, quando Gregor vinha em nossa direção.

- Por aqui. Andem logo.

Gregor estava exultante. Além de seus outros defeitos, Gregor era grande. Pesado. Ele tinha o tipo de mãos gordas que eram fáceis de imaginar dando um tabefe em sua orelha. Corremos atrás dele sem dizer uma só palavra, os três pares de pés estalando, *clec-clec-clec* pelo corredor. Ele nos levou pela porta de tecido verde e pela passagem de madeira e pedra até uma sala bem no final, onde havia uma longa mesa coberta de jornais.

- Certo. Aventais atrás da porta. Arregacem as mangas. Aqui estão os panos, e este é o polidor. – Ele puxou o jornal – Comecem. Eu voltarei para checar, e preciso ver minha cara em tudo isto quando vier.

Ele nos deixou olhando para duas caixas fundas, cheias de talheres, bules de prata, chaleiras, várias jarras, conchas e duas fileiras das enormes bandejas de prata, tudo sobre mais

jornal. Atrás de tudo havia tigelas, sopeiras, vasos e candelabros complicados e cheios de voltas, a maioria deles enormes.

- Palha em ouro de novo, Grant. – Christopher disse – Acho que isso seria até mais fácil.

- Muitas dessas coisas já estão bem brilhantes. Veja pelo lado bom.

- *Odeio* lados bons.

Mas nós sabíamos que Gregor ia adorar nos pegar enrolando, e começamos a trabalhar. Deixei Christopher esfregar a pasta rosa fedorenta, porque essa era a parte fácil, e eu tinha bastante certeza de que limpar pratarias era outra coisa que Christopher nunca havia feito antes. Enquanto isso, peguei uma pilha de trapos e comecei a lustrar e lustrar. Depois de um tempo, eu peguei o jeito e comecei a ler os jornais sob a prata e a pensar em outras coisas. A sala devia ser ao lado da despensa do Sr Amos. Enquanto trabalhava, eu ouvia a voz dele, monótona e ressonante, e às vezes como um tipo de latido forte, mas eu não ouvia as palavras, só a voz. Isso me deprimiu.

Falei isso para Christopher, e ele suspirou.

Fiz várias outras observações para Christopher, e ele não respondeu nenhuma delas. Virei-me para olhar para ele. Ele estava encurvado sobre a mesa, arfando um pouco, e o rosto dele estava quase da mesma cor do jornal, branca e cinza. Ele havia virado a gravata para trás para não sujá-la de polidor, e eu percebi que havia uma corrente de ouro com um anel pendurado nela caindo para fora da camisa dele. O anel ficava tilintando no candelabro que ele estava polindo porque ele estava todo curvado.

Eu me lembrei de um garoto chamado Hamish na minha escola, que nunca fazia aula de artes porque as tintas causavam asma nele. Parecia que estava acontecendo alguma coisa parecida com Christopher.

- Qual o problema? O polidor está te fazendo mal?

Christopher colocou o candelabro na mesa e se apoiou em ambas as mãos.

- Não é o polidor, é a prata. – ele disse – Tem alguma coisa na Série Sete que a deixa pior que o normal. Acho que não consigo continuar, Grant.

Por sorte, Gregor tinha preguiça demais para nos vigiar constantemente. Mas ele viria mais cedo ou mais tarde. E era de Christopher que ele gostava menos.

- Certo. – eu disse – Fique vigiando a porta, para parecer ocupado quando Gregor aparecer, e eu faço o resto. Não adianta você ficar doente.

- *Sério?*

- *Mesmo.* – eu disse e esperei. Agora ele me devia mesmo.

Christopher disse “*Obrigado!*” de forma agradecida, e se afastou da prata. A cor dele melhorou quase na hora. Eu o vi olhar para baixo e perceber o anel de outro pendurado para fora da camisa. Ele pareceu horrorizado por um momento, então tirou o anel de ouro e a corrente de vista, muito rápido, e colocou a gravata de volta para esconder.

- Eu te devo uma, Grant. – ele disse, indo até a porta – O que posso fazer por você?

“Sucesso!”, pensei. Estava tão curioso sobre Christopher que quase deixei escapar que queria que ele me dissesse tudo sobre si. Mas não deixei. Christopher era o tipo de pessoa com que se precisa ir devagar. Então eu disse:

- Não quero nada *no momento*. Eu aviso quando quiser.

- É justo. O que é esse som maçante vindo pela parede?

- O Sr Amos no telefone. – eu disse, pegando o candelabro e começando a polir.

- O que um mordomo tem a resolver por telefone esse tempo todo? A safra exata do champanhe? Ou será que ele tem uma mãe velha que quer um relatório diário? Amos, querido, você está usando aqueles curativos de calos que eu mandei? Ou será a esposa dele? Hugo deve ter uma mãe. Onde será que escondem ela?

Eu sorri. Dava para perceber que Christopher estava se sentindo bem de novo.

- Falando em mães, eu não gosto nada da Condessa. E você, Grant?

- Não. A Sra Potts, que limpa a livraria, disse que ela já foi dançarina.

Christopher ficou completamente maravilhado.

- Não! *Sério?* Conte tudo o que Sra Potts já falou sobre ela!

Então eu contei enquanto lustrava. Dali, de alguma maneira, eu comecei a falar sobre a livraria, e sobre minha mãe e tio Alfred, e sobre como Anthea havia ido embora. Conforme eu falava, me ocorreu que, ao invés de *eu* descobrir sobre Christopher, *ele* estava descobrindo

coisas sobre *mim*. E pensei que isso era bem típico dele. De qualquer maneira, não me importava em contar para ele, desde que ele não descobrisse sobre o meu Destino Sombrio e o que eu deveria fazer, e isso tudo ajudou muito na tarefa. Quando Gregor enfiou a cabeça pela porta, e Christopher correu para a mesa e fingiu que estava lustrando uma jarra, já havíamos quase terminado. Gregor ficou muito irritado.

- O Chá será Servido em dez minutos. – ele disse, carrancudo – Lavem-se, vocês vão levar o carrinho de chá hoje.

- Não temos um segundo de descanso, não é mesmo? – disse Christopher.

Oito

Nós nunca tínhamos um segundo de descanso. Trabalhávamos tão duro que eu nunca consegui ler nem uma palavra do meu livro de Peter Jenkins. Na maioria das noites eu caía na cama e dormia imediatamente. Mas eu percebi, naquela segunda noite, enquanto estávamos vestindo os camisolões, que não havia nem sinal do anel ou da corrente em volta do pescoço de Christopher. “Escondidos com magia”, eu pensei e caí no sono.

Então – sabe como é – depois de mais três dias eu comecei a aprender o ritmo e os caminhos da mansão. Tudo começou a parecer muito mais tranquilo. Naquele dia, eu tive tempo para enlouquecer de curiosidade sobre o que Christopher realmente estava fazendo em Stallery e sobre o lugar de onde ele viera. Na verdade, eu tive tempo de enlouquecer com o próprio Christopher. Ele ficava me chamando de Grant naquele tom superior e havia vezes em que eu tinha vontade de bater nele por causa disso, ou gritar que aquele era só o meu pseudônimo, ou – bom, ele estava realmente me irritando. Então ele dizia alguma coisa que me fazia rir incontrolavelmente e eu descobria que gostava dele de novo. Era realmente confuso.

Havia uma lua cheia naquela quinta noite.

- Grant, essa maldita lua está batendo bem nos meus olhos – Christopher disse e fechou as cortinas, deixando o quarto quase completamente escuro.

Quando me deitei e fechei os olhos, eu pensei: “Ah! Ele quer que eu durma para poder sair como antes”. Fiquei bem irritado e me esforcei para ficar acordado.

Não consegui. Eu estava dormindo profundamente quando, de alguma forma, percebi que a porta havia acabado de se fechar suavemente atrás de Christopher.

A essa altura eu estava tão louco de curiosidade que consegui acordar à força. Eu cambaleei para fora da cama. Estava frio. Stallery não fornecia roupões ou pantufas, então tive de vestir rapidamente meus calções de veludo e arrancar a colcha da cama para usar como uma capa. Com os botões dos calções soltos e batendo nos meus joelhos, eu saí correndo do quarto no mesmo momento em que Christopher deu a descarga e saiu do banheiro. Eu saltei de volta para dentro do quarto e fiquei esperando para ver aonde ele iria.

“E eu vou ficar parecendo um idiota se ele simplesmente voltar para a cama!”, pensei.

Mas Christopher passou direto pelo nosso quarto e seguiu na direção do elevador. Eu o segui silenciosamente nas pontas dos pés, tentando pisar nas partes das gélidas tábuas do assoalho que não rangiam. Mas o próprio Christopher estava fazendo o chão ranger tanto que eu nem precisava ter me preocupado. Ele continuou andando como se achasse que era a única pessoa acordada no sótão.

Ele passou direto pelo elevador e pela rouparia. Ele parou em pé diante das portas de venezianas por um momento, com o luar fulgurando através das grandes claraboias sobre ele, e eu o ouvi murmurar:

- Não, então é *mesmo* mais para lá.

Então ele se virou para o lado e saiu andando decidido pelo corredor que levava à faixa pintada na parede e aos quartos das mulheres.

Tenho de admitir que quase não o segui. Seria um desastre se eu fosse despedido de Stallery antes de conhecer o Conde Robert e consertar o meu Destino Sombrio. Mas aí me ocorreu que não fazia sentido levantar meio vestido para seguir Christopher e *não* segui-lo. Então eu fui atrás dele.

Quando o alcancei, Christopher estava em um grande espaço vazio onde o luar brilhava, claro e alvo, através de uma fileira de janelas. Ele tremia dentro do camisolão, e estava girando lentamente no mesmo lugar. - É aqui mesmo – ele estava dizendo para si mesmo, bem alto – Eu *sei* que é! Então por que não consigo *encontrar*?

- O que você está procurando? – eu disse.

Ele fez um barulho parecido com “Hiii!” e se virou para mim com um pulo. Foi a única vez que eu vi Christopher parecer desconcertado.

- Ah – disse ele – É você. Por um momento eu pensei que você fosse o fantasma de um corcunda. O que você está fazendo aqui? Eu pus um feitiço de sono bem forte em você.

- Eu me forcei a acordar – eu disse.

- Que amolação! – disse ele – Seu talento para a magia deve ser maior do que eu pensava.

- Mas *o que* você está fazendo aqui? – eu disse – Você vai ser mandado embora. Este é o lado das mulheres.

- Não é, não. – disse Christopher – O lado das mulheres é para lá – ele apontou – Há uma faixa pintada lá também, que eu suponho que elas também sejam proibidas de ultrapassar. Vá lá ver se quiser. Esta parte do sótão está vazia, da frente até os fundos, e há algo muito estranho nela. Você consegue sentir?

Eu estava prestes a dizer “Que bobagem!”. Eu tinha certeza de que ele estava tentando desviar a minha curiosidade. Mas, quando terminei de tomar fôlego para falar, eu soltei todo o ar sem dizer nada. Havia *mesmo* algo estranho. Era parecido com o formigamento peculiar que eu costumava sentir no escritório do tio Alfred quando ele havia andado fazendo magia, mas esta vibração estranha parecia antiga e rançosa. E ela não parecia ter sido criada por uma pessoa. Era semelhante a uma espécie de tremor de terra, só que mágico ao invés de natural.

- Consigo. E é bem esquisito – disse eu.

- Ela desce por toda a casa– disse Christopher – Mas é mais forte aqui em cima. Eu já zanzei por toda esta mansão horrorosa, então eu sei.

Eu me distraí, apesar de saber que essa era a intenção dele.

- Até no lado das mulheres e na despensa do Sr. Amos? – eu disse – Isso é impossível.

- Eu não consegui entrar na adega – disse Christopher com pesar – Mas já estive em todos os outros lugares. A despensa do Sr. Amos fede a charutos e álcool, e o quarto da Sra. Baldock é cheio de bonecas antigas. O quarto do Sr. Amos é ainda mais espetacular que o da Condessa. Ele tem uma cama redonda. De seda lilás.

Eu fiquei ainda mais distraído. Tentei imaginar o Sr. Amos rolando em uma cama redonda e lilás. Era quase tão difícil quanto imaginar a Condessa em uma fileira de coristas.

- Você está brincando – eu disse – Eu estive com você o tempo todo.

Christopher deu um risinho que era um pouco por causa do frio. Ele cruzou os braços sobre o camisolão e disse:

- Ah, Grant, como você é inocente! Não é difícil produzir uma imagem de si mesmo. Eu simplesmente criei uma ilusão de mim mesmo em pé contra a parede enquanto a Condessa devorava o jantar. É o único momento em que eu *sei* que o Sr. Amos está muito

ocupado servindo-a. Pense bem, Grant. Eu olhei para você ou falei alguma coisa durante os últimos jantares?

Eu percebi que não. Fiquei estupefato. Foi difícil não ficar ainda mais distraído e azucrinar Christopher para que ele me dissesse como havia feito aquilo, mas consegui me controlar.

- Está bem, mas o que você esteve *procurando*? Conte-me. Você me deve uma.

- Grant – disse Christopher – Você é uma praga. Você segue o meu rastro como um cão farejador. Está bem, vou te contar. Mas vamos voltar para o quarto primeiro. Estou começando a congelar.

- De volta no nosso quarto, Christopher vestiu seu paletó de linho elegante e se enrolou nas cobertas.

- Bem melhor – disse ele – Por que fica tão frio à noite? É porque este lugar fica no alto das montanhas? A que altitude fica Stallery afinal, Grant?

- Novecentos metros, e você está tentando me distrair de novo – disse eu.

Christopher suspirou.

- Tudo bem. Eu só não sabia por onde começar, sério. Acho que eu deveria começar admitindo que eu não sou deste mundo aqui. Eu vim de outro mundo, de outro universo, que nós chamamos de Série Doze. Este mundo em que você vive é chamado de Série Sete. Você acha difícil acreditar que o seu mundo não é o único do mundo, Grant?

- Na verdade não – disse eu – Tio Alfred me disse que poderia haver outros. Ele disse que isso tem a ver com possibilidades.

- Certo. Bom – disse Christopher – Passamos pelo primeiro obstáculo. A próxima coisa que você precisa saber é que eu nasci como um encantador de nove vidas, e isso, confie em mim, Grant, é *muito* mais especial que ser um simples mago, e apesar de eu só ter algumas vidas restantes agora isso não faz nenhuma diferença sobre o tipo de poderes que eu tenho. E isso quer dizer que, lá no meu mundo, eu estou sendo treinado para me tornar algo que chamamos de Crestomanci. O Crestomanci é um encantador nomeado pelo governo para controlar o uso da magia. Você está me acompanhando?

- Sim – eu disse – E o que acontece se você não quiser esse emprego?

- Boa pergunta. – disse Christopher – Eu me mando para a Série Sete, eu suponho.

Ele riu de uma maneira que não era exatamente feliz.

- Para ser honesto, – continuou – eu estava quase ansioso para ser o Crestomanci até me desentender feio com o meu guardião, que por acaso é o Crestomanci atual. Ele é uma pessoa muito séria e correta, o meu guardião, uma daquelas pessoas que *sabe* que está sempre certa, se é que você me entende, Grant.

- Então ele não pode treinar outra pessoa com que ele se dê melhor? – eu perguntei.

Eu pude ver Christopher abanando a cabeça do outro lado do quarto escuro.

- Não. Até onde sabemos – disse ele – não *existe* outra pessoa que ele possa treinar. Gabriel de Witt e eu parecemos ser os únicos encantadores de nove vidas em todos os mundos conhecidos. Então nós estamos presos um com o outro. Ele não me aceita e eu acho que ele é um tédio. Mas nosso desentendimento não foi por causa disso. Ele é guardião de muitos garotos da minha idade. A maioria de nós vive com ele no Castelo Crestomanci, mas uma de nós, uma encantadora da Série Dez que gosta de ser chamada de Millie, é um caso especial. Ela só mora conosco durante as férias porque as pessoas com quem ela vivia antes exigiram que ela fosse para um internato. O colégio atual fica na Suíça...

- Onde é isso? – eu perguntei.

- Não existe na Sete – disse Christopher – Fica nos Alpes, espremida entre a França, a Alemanha e a Itália...

- Eu também não conheço nenhuma Alemanha – eu disse.

- Os Estados Teutônicos então? – chutou Christopher.

- Ah, você quer dizer os Estados *Eslavo*-Teutônicos! – eu disse – Esses eu conheço. Minha mãe disse que os Tesdi... Que os antepassados do meu pai vieram de lá durante a Conquista.

- Você não precisa me dizer que a história e a geografia são diferentes aqui – disse Christopher – Eu *tive* uma boa educação. Você quer ouvir o resto ou não?

- Vá em frente – disse eu.

- Bom – disse Christopher – Millie estava muito infeliz nesse colégio suíço. Ela disse que as outras garotas e as professoras eram terríveis e que ela não estava aprendendo *nada* e que eles estavam sempre a punindo só por ser diferente e ela não queria voltar no semestre passado. Mas é claro que o nosso guardião a mandou de volta porque essa era a

coisa *certa* a fazer. Ela chorou. Ela não é de chorar por qualquer motivo, então eu soube que ela realmente estava se sentindo horrível. Eu tentei dizer isso ao nosso guardião, mas ele não me deu ouvidos e nós tivemos nossa primeira briga. Então a Millie ficou desesperada e fugiu do colégio. Como é uma encantadora, ela planejou tudo de uma maneira muito esperta, que fez com que as pessoas do colégio e o nosso guardião pensassem que ela estava em algum lugar na Série Doze. Mas eu sabia, desde o começo, que ela estava em outra Série. Eu avisei ao meu guardião, mas ele disse que não queria saber de divagações juvenis. Essa foi nossa segunda briga.

Depois disso houve um breve silêncio. Eu podia sentir que Christopher estava ruminando o assunto. Percebi que havia sido uma briga muito séria. Após alguns momentos Christopher suspirou e prosseguiu.

De qualquer forma, pouco depois disso eu comecei a ter certeza de que, onde quer que Millie estivesse se escondendo, ela estava em algum tipo de apuro. Eu fiquei tão preocupado que procurei meu guardião mais uma vez. Ele basicamente me disse para calar a boca e ir embora. – houve outro breve silêncio pensativo – Isso causou nossa terceira briga.

Christopher continuou:

- *Ele* disse que eles estavam fazendo tudo que podiam para encontrar a Millie e que eu devia parar de desperdiçar o tempo dele, e *eu* disse que não, que eles não estavam porque ele não me dava *ouvidos*. Sinceramente, Grant, se ele também não fosse um encantador de nove vidas, eu o teria transformado em uma *lesma* de tão bravo que eu estava!

- Então você veio procurar por ela você mesmo – eu disse.

- Assim parece muito mais fácil do que realmente foi. – disse Christopher – Eu demorei *semanas* só para chegar até aqui. Descobrir, em segredo, é claro, para onde Millie havia ido já foi muito difícil, e agora eu vejo que essa foi a parte *simples*. Eu consegui localizá-la nesta parte da Série Sete em dois dias, e planejei o que ia fazer para impedi-los de vir atrás de mim em algumas *horas*. Meu guardião acha que eu estou escondido no Doze B, mas isso é só um disfarce, porque consegui mendigar uma carona dos Viajantes. Foi aí que começaram os atrasos. Os Viajantes são algumas das poucas pessoas que estão sempre indo de um mundo para outro, entende...

- Quer dizer que aqueles dois, três, cinco trailers e aquele cavalo vão para outros mundos? – eu disse.

- O tempo todo, Grant – disse Christopher – E há muitas outras tribos deles, muito mais bem organizadas do que deixam transparecer. Eles viajam em uma espécie de espiral pelos mundos... Isso é algo que eu também não sabia e eu quase enlouqueci no processo. E eles são mais importantes do que todo mundo imagina. Você nem imagina os desastres e atrasos que aconteceram, enquanto eles lidavam com crises na Série Um e assim por diante, e eu só roía minhas unhas. Demorou um mês para sequer chegarmos perto da Série Sete. Então nós tivemos de chegar aqui. Por sorte, eles sempre vêm a Stallery. Há algo em Stallery que eles precisam manter contido, foi o que me disseram. O único lado positivo é que o meu guardião provavelmente está tão confuso quanto eu sobre meu paradeiro.

- Você vai estar muito encrencado com ele, não vai? – disse eu.

- Grant, você está sendo bondoso – respondeu Christopher – *Encrencado* não é a palavra para descrever como eu vou ficar se ele me encontrar. Sabe...

Christopher fez uma pausa e, desta vez, ele parecia estar remoendo uma tristeza acumulada ao invés de estar só pensativo.

- Sabe, Grant, quando eu era mais novo, eu perdi várias vidas. E o meu guardião, do jeito tirânico dele, tentou me impedir de perder mais vidas tirando uma delas de mim e a guardando em seu cofre sob nove encantamentos muito poderosos que só ele podia quebrar. Enquanto ele tivesse aquela vida, eu sabia que ele conseguiria me encontrar aonde quer que eu fosse. De qualquer forma, eu achei que tinha direito à minha própria vida. Por isso, antes de partir com os Viajantes, eu quebrei os encantamentos, abri o cofre e levei minha vida junto comigo. Ele não vai me perdoar por isso, Grant.

“O anel de ouro!”, pensei. “Aposto que aquela é a vida dele.” O tal guardião dele soava como um completo monstro.

- Então o que você vai fazer – perguntei – quando encontrar a Millie?

- Eu não *sei*! O problema é exatamente esse, Grant. Eu não *consigo* encontrá-la!

Ouvi sons de pancadas vindo do outro lado do quarto, onde eu conseguia ver com dificuldade o punho de Christopher subindo e descendo, batendo contra os joelhos.

- Eu *consigo senti-la* – disse ele – Ela está *aqui*, eu *sei* que está! Eu a senti quando estávamos atravessando a propriedade e eu *continuo* sentindo-a dentro desta mansão. Quando eu chego àquela parte esquisita depois da faixa pintada, é quase como se estivesse

pisando em cima dela. Mas ela não está *lá!* Eu não entendo, Grant, e isso está me deixando *louco!*

Ele estava socando os joelhos freneticamente a essa altura. Fiquei surpreso porque Christopher sempre parecia tão calmo.

- Fique calmo – eu disse – Ela parece infeliz, como se fosse prisioneira ou algo assim?

- Na verdade não.

Christopher se acalmou um pouco, o bastante para parar de bater nos joelhos e pensar sobre o que eu havia perguntado.

- Não, eu não acho que ela esteja sendo mantida prisioneira. Não exatamente. Mas ela não está feliz. É... É mais como se ela estivesse presa de alguma forma, de uma maneira que ela não esperava. Em um labirinto ou algum lugar assim. E ela não consegue achar um caminho que leve até a saída. Eu acho que ela entra em pânico com frequência. Minha primeira hipótese era que ela estava trabalhando aqui como empregada e tinha assinado um contrato de cinquenta anos ou algo assim, mas eu já vi todas as garotas que trabalham aqui e nenhuma delas é a Millie, nem disfarçada.

- E o único lugar em que você *não* procurou é a adega? – eu disse.

- É, mas eu não senti nenhum sinal dela quando fiquei na porta da adega – disse Christopher – Se bem que, pensando bem, a porta da adega fica *bem* no centro da parte estranha da casa...

- É melhor entrarmos lá, então – eu disse – Nós podíamos convencer o Sr. Maxim a nos levar lá para uma degustação de vinhos. E você já procurou do lado de fora? Pode haver um labirinto no jardim onde ela pode estar presa. Não se esqueça que amanhã temos a tarde de folga. Vamos sair e procurar na propriedade.

- Grant, você é um gênio – disse Christopher – Eu sinto que o lugar onde ela está se parece com um labirinto, apesar de que ela estaria presa lá dentro há meses. Deve haver magia nele, ou ela já teria morrido de fome.

- Há mesmo muita magia em Stallery – eu disse – Todo mundo em Stallchester reclama. Nós não conseguimos pegar nenhum sinal de televisão por causa disso.

- Ah, eu sei muito bem que há muita magia aqui – concordou Christopher – Está em toda parte, mas eu não faço ideia do que a maior parte dela está fazendo. Uma parte é para manter invasores fora, pra que o *resto* da magia não seja interrompido, mas...

Acho que caí no sono nesse ponto. Eu não me lembro de mais nada do que Christopher disse e, quando dei por mim, aquele bruto do Gregor estava esmurrando nossa porta, gritando que éramos duas lesmas lerdas e nos mandando sair e recolher os sapatos ou ele contaria ao Sr. Amos.

- Eu odeio o Gregor – eu disse enquanto estávamos descendo no elevador com a cesta de sapatos – Você não pode fazer uma magia para fazê-lo cair de cara nos sanduíches durante o Chá, pode?

Christopher estava pálido, cansado e pensativo naquela manhã.

- É tentador – disse ele.

Mas eu percebi que ele estava com a cabeça nessa tal de Millie por quem ele estava procurando. Se eu fosse ele, estaria mais preocupado com aquele guardião horrível dele, mas dava para ver que Christopher na verdade só estava bravo, e quase não estava com medo do guardião dele.

“Fazer o quê”, pensei e continuei com o meu dia.

Nove

Durante o café da manhã, Lady Felice parecia mais alegre que o normal, apesar de só haver ficado esfarelado o pão na mesa toda, fazendo uma sujeira que Gregor me fez limpar antes que a Condessa chegasse.

Era uma manhã chuvosa. Lady Felice olhou para o céu e disse que cavalgaria mais tarde, quando a chuva parasse. Andrew teve de correr até os estábulos para mandar que não preparassem o cavalo dela. Eu queria que ela houvesse mandado Gregor. Andrew voltou todo molhado e com o rosto bem vermelho.

Nós tínhamos de ir ver o Sr Maxim logo que a Condessa terminasse de tomar café, mas a Sra. Baldock nos chamou antes.

- Você já olhou nos estábulos? – perguntei a Christopher, a caminho da Sala da Governanta.

- Mais ou menos. Só senti a área. Eu não me dou muito bem com cavalos. Mas você tem razão, Grant. É melhor investigarmos lá também, hoje à tarde.

Era sobre nossa tarde de folga que a Sra Baldock queria falar conosco.

- Vocês terão tempo de ir a Stallstead. E, se quiserem fazer isso, posso adiantar uma parte do pagamento de vocês. Mas lembrem-se: vocês têm que estar de volta aqui às seis em ponto.

Fiquei aliviado. Eu estava com medo de ela nos dar uma bronca por ficarmos fora da cama metade da noite. Christopher disse, com muita educação:

- Não, senhora, obrigado. Nós gostaríamos de ver os jardins e talvez passear pelos estábulos, se não tiver problema.

A Sra Baldock sorriu para Christopher. Ele já era mesmo o favorito dela. Ela disse:

- Bem, então, nesse caso, não há problema em visitar os estábulos. Só peçam a um dos cavaleiros. Mas os jardins e o parque são outro caso. Os Empregados não podem ser vistos lá pela Família. Nos jardins, vocês têm que tomar cuidado para não irem onde podem ser vistos das janelas, e se virem qualquer membro da Família nos jardins ou no parque,

devem sair de vista imediatamente. Se eu receber alguma reclamação sobre isso da Família, não posso fazer nada, a não ser demiti-los. Vocês não querem isso, querem?

- Não, senhora, de maneira alguma. – disse Christopher, muito seriamente. – Teremos muito cuidado.

Quando estávamos voltando pela passagem de pedra para encontrar o Sr Maxim, ele disse:

- Sabe, Grant, eu estava começando a ficar irritado porque a Família fica regulando esses jardins todos, quando percebi que nunca vi nenhum laçoi e nem camareira nos jardins do castelo onde eu moro. Acho que existe a mesma regra lá. Ah, e não se esqueça de que vamos tentar convencer o Sr Maxim a nos levar à adega. Isso é urgente.

Essa tarefa acabou sendo bem difícil. O Sr Maxim nos mandou fazer ovos aquele dia.

- A forma mais simples, rápida e nutritiva de se fazer uma refeição leve. De quantos jeitos vocês sabem preparar ovos? – ele disse, esfregando as mãos daquele jeito irritante dele.

- *Poché*, cozido... – disse Christopher – Hum... Omelete. Qual tipo de vinho combina melhor com ovos, Sr Maxim?

- Mais tarde, mais tarde. Conrad?

- Mexidos. Fritos. Minha irmã às vezes preparava ovos em potinhos no forno. Quando ela fazia isso, meu tio costumava abrir uma garrafa de vinho tinto...

- Vamos deixar sua história familiar fora disso, - ele retrucou – e venham ver o fogão. Temos aqui uma panela pequena com água fervendo e outra cheia de manteiga derretida. Qual o próximo passo, Christopher?

Ele ofereceu uma grande tigela cheia de ovos a Christopher, que pensou por um momento.

- Marinar! É essa a palavra! Se eu jogasse vinho nesses...

- Você podia experimentar cozinhá-los em vinho, ao invés de água. – sugeri, apoiando Christopher. – Um *poché de luxe*?

- Ou podíamos colocar vinho na manteiga. Se eu soubesse qual vinho... – disse Christopher.

Foi uma surpresa o Sr Maxim não jogar os ovos todos no chão. Eu percebi que ele queria fazer isso. Ele quase gritou:

- Dai-me paciência! *Esqueçam* o vinho! Aprendam o *básico* antes! Christopher, como você faria um ovo cozido simples?

- Hum... Acho que colocaria na água e deixaria ferver por mais ou menos uma hora. Mas eu também quero aprender sobre vinho. – ele disse, parecendo prestativo.

O Sr Maxim respondeu, com os dentes cerrados:

- Eu... Disse... *Esqueçam*... O vinho. Vinho é assunto do Sr Amos, não seu. Conrad, o que você acha da sugestão de Christopher?

- O ovo ia virar um projétil escaldado. Sinceramente, Sr Maxim, nós gostaríamos que o senhor nos deixasse provar alguns vinhos hoje.

- Mas não vou. Agora cozinhem um ovo.

A melhor coisa sobre essas aulas era que nós podíamos comer tudo que cozinhávamos. Acho que era um bom jeito de nos manter concentrados no que estávamos fazendo. Nós comemos ovos cozidos. Bom, eu comi, pelo menos. Christopher não comeu o dele porque disse que a colher ficava quicando nele. Depois fizemos omeletes. Acho que Christopher estava com fome. Ele foi muito cuidadoso e atencioso com a omelete dele. Estavam ficando muito boas, e eu estava com muita vontade de comer a minha, quando tive uma sensação muito estranha. Foi como se o mundo tivesse dado um solavanco violento para o lado.

- O que foi *isso*? – Christopher gritou.

A omelete dele voou da frigideira e caiu nos pés dele. Eu consegui salvar a minha, mas quando olhei para ela, vi que era bacon e ovos fritos. Christopher tinha um ovo frito em cada sapato e bacon enroscado nas fivelas. O Sr Maxim perguntou, zangado:

- Como assim, “*o que foi isso*”? Você é um pesadelo, menino, o desespero de um cozinheiro! Eu peço para você fazer a refeição mais simples que existe, e você a derruba nos sapatos! Recolha. Jogue fora e tente de novo.

Os olhos de Christopher encontraram os meus numa troca de olhares desconcertados. Ao invés da grande tigela de ovos esperando para serem preparados sobre a mesa, havia tiras de bacon e quatro xícaras, cada uma com um ovo já quebrado dentro. Mas o Sr Maxim simplesmente não havia percebido. Eu expliquei:

- Houve uma mudança, Sr Maxim. Estávamos cozinhando omeletes um momento atrás. Acho que alguém acaba de manipular as possibilidades.

O olhar fixo de Christopher se transformou em um sorriso iluminado.

- Verdade, Grant? Uma alteração de probabilidade? Eu nunca soube que a sensação era *essa*.

O Sr Maxim olhou para nós, tristemente:

- Pelo que me *lembro*, eu resolvi ontem que ensinaria bacon e ovos a vocês. Mas acredito em vocês. Os Empregados vivem me dizendo que as coisas mudaram, mas eu nunca percebo. – então ele se encheu de suspeita e perguntou – Vocês não estão brincando comigo, estão?

- Juro que não estamos. Os livros na nossa livraria também mudavam assim.

Christopher teve uma ideia. E sussurrou para mim:

- Se ele não se lembra mesmo... – e disse para o Sr Maxim – Eu gostaria de perguntar ao senhor sobre vinhos...

- *Pare com isso!* – o Sr Maxim berrou – Digo de uma vez por todas que *nenhum* vinho combina com bacon e ovos! Agora limpe seus sapatos.

Delicadamente, Christopher deixou um ovo frito escorregar de cada sapato para dentro da lixeira, e sacudiu o bacon em seguida. Ele disse:

- Hum... É óbvio que nós queríamos provar vinhos nesta probabilidade também. Acho que isso significa que a adega é importante.

- O que você está resmungando? – Sr Maxim gritou.

- Nada, nada. – Christopher respondeu. – É sobre o que queríamos fazer na nossa tarde de folga. Acho que *isso* não mudou, não é, Grant?

Não havia mudado. Para nosso alívio, assim que a Condessa dobrou o guardanapo e saiu, o Sr Amos solenemente autorizou que nós fôssemos embora. Como ele estava nos observando, andamos sobriamente pelo chão negro do hall, mas assim que passamos pela porta verde, corremos. Descemos com estardalhaço os degraus de pedra e despencamos pela galeria subterrânea até a saída mais próxima. Era muito bom correr. A garoa havia parado, e galopamos pelo sol, rindo.

Os estábulos, que ficavam do outro lado do pátio do lado de fora das cozinhas, eram um lugar enorme, como dois celeiros que se encontravam numa torre de relógio. Deixei Christopher conversar com o cavaliariço encarregado. Ele conseguia encantar as pessoas muito

melhor do que eu. E conseguiu mesmo. Em muito pouco tempo, estávamos caminhando por uma passagem macia dentro do enorme galpão escuro, olhando para cocheiras espaçosas, forradas com materiais ainda mais macios. Os cavalos nas cocheiras colocavam as cabeças por cima das portas e nos observavam.

Eu me senti inundado por um forte anseio. Quem me *dera* não ter nascido e sido criado em uma livraria. Quem me *dera* ter nascido como um tratador de cavalos, como o garoto que estava nos mostrando o lugar, então poderia passar o dia todo com esses belos e enormes cavalos. O cheiro deles subiu à minha cabeça, e só de *olhar* para eles, meu coração dava pulos. Havia um cavalo muito grande, quase vermelho, que tinha uma faixa branca na testa, descendo até o nobre nariz curvado. Esse foi o que eu mais gostei. O nome dele era Teutron. Todos os cavalos tinham seus nomes escritos em plaquinhas do lado de fora das cocheiras.

O tratador disse que Teutron havia pertencido ao antigo Conde e que provavelmente seria vendido em breve. Desejei ser rico o bastante para poder comprá-lo. O novo Conde gostava de um estilo diferente de cavalo, disse o garoto, e nos mostrou dois cavalos menores e mais escuros que se moviam como gatos, e disse que eram do Conde Robert. Eles se chamavam Aurora e Poente. Christopher estava com o nariz enrugado de nojo, e definitivamente não estava gostando de estar lá. Ele disse que os nomes dos dois eram afrescalhados. Lady Felice tinha três cavalos: Iceberg, Pessimista e Oráculo. Estavam selando Oráculo, no final do celeiro, preparando-o para Lady Felice cavalgar. Que sorte.

Observamos o processo, eu interessado, Christopher bocejando, até que o garoto mencionou que o outro galpão era onde ficavam os carros.

Christopher despertou de repente e disse:

- Ah. Leve-me até os carros.

Com isso, cheguei à conclusão de que Christopher não havia encontrado rastro de Millie no galpão dos cavalos. Eu o segui, bastante triste, até o galpão ao lado, onde o delicioso perfume de feno e animais foi substituído pela fumaça de motores. Uma fileira de sedãs reluzentes estava sendo polida por seis mecânicos elegantes.

- Bem melhor. O que está pensando, Grant? Você parece chateado.

Suspirei:

- Estava pensando que cometi um erro ao não renascer nesta vida como tratador de cavalos. Mas talvez não dê para escolher. Talvez aquilo que eu fiz para conseguir meu karma ruim tenha me obrigado nascer na livraria.

Christopher me lançou um de seus olhares longos e vagos, conforme passávamos pelos carros.

- Por que você tem tanta certeza de que sua alma foi reciclada, Grant? Eu não vejo prova nenhuma disso.

- Meu tio Alfred sabe. Ele disse que eu fui. Eu tive uma vida passada ruim.

- Seu tio Alfred não é o dono da verdade – disse Christopher – Ah, veja. Este carro está com as tripas todas à mostra.

Nós nos encostamos na parede ao lado do carro, e Christopher assistiu com um interesse ridículo enquanto um mecânico mexia dentro do capô aberto. Eu bocejei. Depois de cinco minutos intermináveis, Christopher disse:

- Você consegue abandonar o espetáculo, Grant? Nós temos que ir olhar os jardins.

O homem que estava mexendo no carro nos disse que o jeito mais rápido de chegar ao parque era pela portinha do outro lado do pátio em frente ao galpão de carros. Christopher caminhou preguiçosamente para lá, do meu lado. Eu estava justamente abrindo a porta, quando ouvimos um enorme barulho vindo de um carro – um barulho muito *ruim*, como *pop-pop-pop BUM* – e um pequeno carro esporte vermelho entrou rugindo pelos grandes portões. Ele parou cantando os pneus, jogando pedrinhas para os lados, no meio de uma nuvem de fumaça azul malcheirosa. Os dois rapazes no carro estavam morrendo de rir.

- Isso foi horrível! – disse um deles, ao que o motor morreu com um último *pop*.

- Pelo menos conseguimos chegar. – disse o outro, que estava dirigindo.

Christopher, na velocidade da luz, nos empurrou para fora da portinha e a segurou, sem fechá-la completamente, para podermos ver só uma frestinha do pátio onde estava o carro vermelho.

- Família, Grant.

Os dois rapazes pularam para fora do carro, ainda rindo. O que estava dirigindo gritou:

- Lessing! Creio que precisamos de você. Este carro está muito doente.

O mecânico que estávamos observando apareceu dizendo:

- O que foi *desta vez*, milorde?

O outro rapaz engoliu uma risada e disse:

Uma peça caiu no meio de Stallchester. Robert disse que era só um enfeite, mas obviamente não era. Eu disse que se ele tinha certeza, não precisávamos parar e pegar. Isso foi um erro.

- Sim, a culpa é de Hugo. – disse o motorista – Ele não via a hora de chegar em casa, então tivemos que subir esses Alpes íngremes empurrando essa porcaria.

Os dois rapazes riram de novo.

Eu os observei pela fresta que Christopher estava deixando aberta. Ambos estavam usando roupas comuns, eram mais ou menos altos e magros, com cabelos claros. Poderiam ser dois estudantes, rindo e brincando depois de um dia juntos. Mas o que tinha o cabelo mais claro devia ser o próprio Conde Robert, e o outro, agora que eu prestava atenção, era mesmo Hugo. Eu apenas não o havia reconhecido sem as roupas de valete.

Então olhei para o Conde, esperando *saber* que era ele que causava meu Destino Sombrio. Mas não senti nada. O Conde poderia ser qualquer rapaz alegre e saudável, como os estudantes que vinham a Stallchester para esqui. Coloquei a mão no bolso e peguei a rolha de vinho do porto, esperando que ela me ajudasse a *saber*, mas não fez diferença nenhuma. O Conde ainda não passava de um rapaz normal e atraente. Eu não entendia.

Enquanto eu olhava, Lessing dizia alguma coisa sobre como aqueles dois estragavam um carro só de *olhar* para ele, e que era melhor ele ver o que eles haviam feito *desta vez*. Ele deu de ombros, bem humorado, e foi buscar as ferramentas.

Quando ele saiu, o Conde e Hugo se encararam, sem rir, e ficaram um momento com expressões sérias e graves.

- Bem Hugo. – disse o Conde – De volta à vida real, eu acho.

E os dois seguiram Lessing para dentro do galpão. Christopher observou, fechando com cuidado a porta:

- Interessante. Nem sinal de Millie aqui, Grant. Temos que procurar em outro lugar.

Seguimos por um caminho que levava aos jardins atrás da mansão. Eram enormes. Passamos por partes íngremes, cheias de samambaias, lugares planos com espelhos d'água e nenúfares, fontes e arcos cheios de roseiras, e uma área enorme onde só havia pedrinhas e árvores podadas em formatos engraçados, e chegamos à parte de trás da casa. Ali o jardim era parecido com um daqueles quebra-cabeças quase impossíveis de montar, com flores de todos os tipos amontoadas por vários acres de canteiros compridos, com grama e caminhos entre eles.

Eu fiquei um pouco para trás.

- Nós não podemos ser vistos das janelas.

- Eu garanto que nem uma alma viva nos verá, Grant. Não é à toa que sou um encantador de nove vidas, sabe.

Ele continuou andando confiantemente, e eu o segui, muito menos ousado. Passamos por um caminho interminável bem no meio do quebra-cabeças, com paredes fofas de flores dos dois lados, e nossos ouvidos se encheram com o zumbido de abelhas. Estávamos bem à vista das fileiras de janelas atrás de nós, mas ninguém saiu correndo atrás de nós, esbravejando, então concluí que estava tudo bem.

- Também estou sentindo aquela estranheza aqui, mas não tão forte como no alto da casa.

Quando ele disse isso, chegamos uma parte mais espaçosa, onde as flores se dobravam para fazer um círculo em volta de um relógio de sol.

- Você está sentindo Millie aqui?

- Si-im. E não.

Ele franziu as sobrancelhas e se aproximou do relógio de sol, se apoiando nele.

- Ela está aqui, e *não* está aqui. Grant, eu não estou entendendo *nada*.

- Você falou de um labirinto...

Eu estava começando a falar, quando veio aquele solavanco de lado que havia trocado os ovos de manhã. De repente, Christopher estava apoiado em uma estátua de um menino gorducho com asas. Ele deu saltou para longe com um berro.

- O Conde – eu disse. – Ele voltou. Ele deve ter feito isso.

- Que bobagem. Use a cabeça, Grant. Alguém estava mexendo com as probabilidades hoje de manhã, muito antes de o Conde chegar em casa. Venha, vamos procurar um labirinto.

Parecia não haver labirinto nenhum. O mais próximo que encontramos de um foi onde o quebra-cabeças dava lugar a fileiras de colunas de pedra cobertas de trepadeiras floridas. Depois disso não havia mais jardins. Havia uma vala de uns três metros de profundidade, e depois da vala, começava o parque, se desenrolando por vários quilômetros.

- Ah, um rego!

- Quê? Isso era pra ser uma piada? – eu disse.

Eu estava com muito calor, e já enjoado de procurar uma menina que parecia não existir. Começava a pensar que Christopher estava imaginando que Millie estava por perto.

- Estou dizendo que essa vala para escoar água se chama rego. Pelo menos no meu mundo. – ele explicou.

- Acho que aqui não se chama. – eu disse.

O novo ajudante de jardineiro, Smedley, estava sentado na vala, a alguns metros de nós. Ele estava sem as botas, e parecia estar tão mal-humorado e com tanto calor quanto eu.

- Por que não pergunta para ele?

- Boa ideia.

Christopher foi saltitando pela fileira de pilares e enfiou a cabeça por entre as trepadeiras acima de onde o menino estava sentado.

- Ei! Smedley!

O pobre garoto deu um pulo enorme. O rosto suado dele ficou pálido, e ele se colocou sobre seus pés descalços com pressa.

- Estou indo, senhor. Ah, é *você*! Não me chame com uma voz metida dessas. Quer que eu tenha um ataque do coração? – ele disse, ao ver o rosto de Christopher saindo de entre as trepadeiras acima dele.

- Essa é minha voz normal. – disse Christopher, friamente – O que você está fazendo nessa vala, afinal?

- Fugindo do trabalho, oras. Eu devia *tá* procurando aquele cão de guarda idiota... Aquele que *cê* acalmou quando a gente *tava* chegando aqui. O bicho desapareceu hoje de manhã, e o segurança do parque *tá* endoidando, achando que alguém envenenou ele. Todos os jardineiros *tão* procurando. Eu não me arrisco a ser mordido, muito obrigado.

- Muito sensato. – Christopher disse – Mas diga, tem algum labirinto neste jardim?

- Não. Jardim oriental, roseiral, quatro jardins de flores, espelhos d'água, arbustos, topiárias, jardim de samambaias, jardim de cercas-vivas, horta, pomar, seis estufas, um laranjal, um solário, mas nenhum labirinto. Ou talvez tenha ficado preso em alguma armadilha.

- O que, o labirinto? Ou o jardim inteiro?

- O cachorro, idiota!

- Nós ajudaremos a procurar por ele. – Christopher disse a ele – Como se chama esta vala para escoar água? Além de um bom esconderijo?

- Isto? É o rego.

Christopher me lançou um olhar superior.

- Aí está, Grant. Vamos. – ele pulou dentro da vala, ao lado de Smedley, que se encolheu. – Nada tema. Grant e eu vamos apenas dar um passeio pelo parque. Não vamos te dedurar.

Eu pulei, e afundei na lama. Um dos meus sapatos saiu. Tirei o outro também, e as meias listradas. A ideia de Smedley de ficar descalço me pareceu muito boa. A grama estava deliciosamente fresca e molhada enquanto subíamos em direção ao parque.

- Vai ser bem feito se vocês pisarem numa abelha! – Smedley gritou.

Era evidente que o ar superior de Christopher irritava Smedley tanto quanto a mim, porque ele acrescentou “Lacaios metidos!” quando estávamos quase fora do alcance da voz dele.

- Não dê importância. – disse Christopher, como se eu fosse fazer isso. – É óbvio que falaram para nosso amigo Smedley que os empregados da casa não passam de adulares de fala mansa, e que são os jardineiros que trabalham de verdade.

Nós andamos um pouco, e eu dobrei os dedos dos pés prazerosamente na grama e pensei que era *claro* que Christopher acharia isso. Ele não fazia ideia do quanto podia ser irritante.

- Smedley pode ter razão. Eu nunca falei tão manso na vida. – disse Christopher. Andamos mais um pouco, e Christopher começou a franzir as sobrancelhas.

- A estranheza está ficando mais fraca. Você está sentindo?

- Não muito. Eu só senti de verdade no sótão. – confessei.

- Que pena. Bem, vamos até aquele amontoado de árvores e ver.

O amontoado de árvores era mais como uma pequena floresta de arbustos no alto de uma pequena colina. Fomos nos esforçando para subir pela colina e descer de novo em linha reta. Eu havia esquecido que havia chovido mais cedo. Os salgueiros choravam sobre nós, e os arbustos nos borrifavam. Christopher parecia nem perceber. Ele continuou, murmurando “Mais fraco, mais fraco”. Eu coloquei os sapatos de volta em meus pés enlameados, desejando que houvésemos tido tempo de colocar roupas comuns. Ambos teríamos de vestir uniformes secos para a noite, ou o Sr Amos comeria nossos fígados. O Conde Robert estaria presente no Jantar, eu imaginava. Talvez o motivo por que eu não *sabia* que ele estava causando meu Destino fosse porque eu não havia chegado perto o bastante dele. No Jantar, eu poderia ficar bem ao lado dele, e então eu *saberia* com certeza.

Estávamos tão ocupados pensando em outras coisas que quase não vimos Lady Felice cavalgando em direção à floresta em Oráculo.

- Oh, oh. Família! – eu disse, e puxei Christopher para entre os salgueiros molhados.

Ele disse “Obrigado, Grant”. E tivemos que ficar ali, porque Lady Felice estava trotando bem em direção à colina onde estávamos. A água escorria por nossos pescoços, junto com pedacinhos de árvore que pinicavam, enquanto esperávamos que ela desse meia volta e fosse para longe de nós.

Ao invés disso, ela veio correndo diretamente para a borda da floresta, e puxou as rédeas do cavalo para que ele parasse ali. Hugo saiu de entre os arbustos logo abaixo de nós, ainda com as roupas comuns, e ficou ali com o cabelo tão molhado quanto o nosso, olhando para ela. Ela olhou para Hugo. Tudo ficou tenso e quieto. Hugo disse:

- O carro quase quebrou. Achei que eu *nunca* conseguiria voltar.
- Eu queria que você ou Robert tivessem me *avisado*. Pareceram cem anos!
- Para mim também. Robert não queria que ninguém perguntasse nada. Pelo menos ele não achou Ludwich tão horrível quanto eu. Foi como estar quase *morto*.

Lady Felice exclamou “Oh, Hugo!”, e pulou de Oráculo. Hugo se jogou em direção a ela, e os dois lançaram os braços em volta um do outro como se realmente fizesse cem anos que não se viam. Oráculo perambulou calmamente e parou, com o ar de um cavalo que estava acostumado a isso.

Eu olhei para eles e depois para Christopher, que parecia tão desconfortável quanto eu. Ele fez um gesto muito pequeno e disse, em sua voz normal:

- Feitiço de silêncio, Grant. Eles não vão nos ouvir. Acho que estamos vendo algo que não deve chegar aos ouvidos da Condessa ou do Sr Amos.

Sem acreditar completamente no feitiço de silêncio, eu estava só acenando com a cabeça quando sentimos outro daqueles solavancos. Foi bem forte, mas nada pareceu mudar. Pareceu não haver afetado em nada Lady Felice e Hugo, e nós ainda estávamos escondidos entre as árvores – só que agora não eram mais salgueiros, eram de outro tipo, tão molhadas quanto os primeiros. Eu percebi que minhas meias listradas não estavam mais em minhas mãos. Quando olhei para baixo, vi que estavam em minhas pernas.

Christopher se afastou e saiu do campo de visão de Hugo e Lady Felice, parecendo muito animado.

- Esse *com certeza* veio da casa! Vamos, Grant. Vamos voltar para lá logo e descobrir o que está causando isso.

Dez

Christopher saiu em disparada pela floresta molhada. As pernas dele eram tão compridas que tive de me esforçar para acompanhá-lo na grama plana adiante. Mas ele teve que parar no rego e me esperar para que eu lhe desse um impulso para subir o muro.

- Encontraram o cachorro? – gritou Smedley a uma certa distância.
- Não – eu arfei, fazendo força para erguer Christopher.

Christopher estendeu as mãos para me ajudar a subir e me puxou para cima como se eu não pesasse nada.

- Então por que a pressa? – disse Smedley ao mesmo tempo em que meus pés alcançaram o topo do muro e nós dois saímos correndo de novo – Eu pensei que o cachorro estivesse atrás de vocês!

Não tivemos fôlego para responder. Christopher diminuiu a velocidade para um trote e continuou em linha reta em direção à casa, passando por cercas-vivas e pequenos arbustos quadrados e depois entre floreiras. Tive a sensação de que parte disso era novo, mas tudo passava por mim tão rápido que não pude ter certeza de que algo tinha mudado até chegarmos ao círculo aberto onde Christopher havia se apoiado no relógio de sol. A estátua do menino gorducho era agora uma imponente jovem de pedra segurando uma urna da qual jorrava água.

Não consegui segurar o riso.

- Sorte a sua que isso não aconteceu quando você estava apoiado nela!
- Não desperdice o fôlego – ofegou Christopher.

Nós continuamos trotando, pisoteando cascalho e depois subindo espalhafatosamente por uma escada de pedra e mais outra, até chegarmos correndo a uma larga plataforma pavimentada em frente à casa. Eu tentei parar ali. Aquele era claramente um lugar proibido para os Empregados. Mas Christopher continuou correndo e entrou na casa por uma porta de vidro aberta, cruzando um piso de tacos em uma sala cheia de livros. Enquanto Christopher lutava para abrir a pesada porta, eu vi que havia uma escada de mão subindo até um mezanino onde havia mais livros sob um teto adornado, e soube que esta era a biblioteca e que não devíamos estar ali.

A porta pesada nos levou ao hall, com a distante escadaria principal à frente. Nesse exato momento, Andrew estava atravessando o piso negro carregando uma bandeja. Ele disse “Ei!” e nós passamos voando por ele. Eu soube então que Christopher, na pressa para descobrir o que estava causando as mudanças, se esquecera completamente de nos deixar invisíveis e havia esquecido que esquecera. Andrew nos encarou enquanto Christopher derrapava ao lado dos balaústres e me guiava em disparada pela escadaria proibida. Ainda bem que fomos vistos por Andrew e não por Gregor. Gregor nos denunciaria ao Sr. Amos.

No alto das escadas, em frente ao salão de bailes, Christopher teve de parar e se apoiar nos joelhos para recuperar o fôlego. Mas, assim que conseguiu se endireitar novamente, ele olhou em volta confuso e depois apontou para o teto alto.

- Eu não entendo, Grant. Eu pensei que aqui estaríamos logo acima. Mais para cima.

Então nós subimos mais, até o andar onde ficavam os quartos da Família. Aqui o próximo lance de escadas não ficava em frente ao último. Nós tivemos de cruzar todo o corredor suntuoso e fazer uma curva para chegar até ele. Quando passamos por essa curva, eu pensei por um momento que estávamos no meio de uma rebelião. Havia uma gritaria e garotas de uniformes marrom-e-dourados correndo por toda parte. Todas elas congelaram quando nos viram. Então uma delas disse:

- São só os Ajudantes – e todas suspiraram aliviadas. Percebi que todas as criadas mais novas estavam ali. Nenhuma delas era muito mais velha que eu ou Christopher.

- Estamos brincando de pega-pega – uma delas explicou esbaforida – Querem participar?

- Eu adoraria – disse Christopher, igualmente sem fôlego – Mas temos de levar um recado.

E ele disparou até o próximo lance de escadas e subiu.

- Suponho... Têm de se... Divertir... Em algum lugar – ele ofegou enquanto disparávamos até o andar de cima.

- Se eu fosse elas, eu iria brincar no andar do quarto de brinquedos, que está vazio – eu disse.

- Não têm... Desculpa para... Estarem lá – sugeriu Christopher.

Ele não parou no andar de cima, que cheirava a carpetes novos. Só balançou a cabeça e correu até o próximo lance de escadas, que subiu ruidosamente até o andar do quarto de brinquedos.

- Está esquentando – ele arfou, e nós trotamos até as rangentes escadas de madeira que levavam ao sótão.

A essa altura, eu também conseguia sentir a estranheza. Era um formigamento agitado. Não fiquei nada surpreso quando, assim que chegamos arfando no sótão, Christopher passou voando pelo elevador em direção ao centro da casa. Eu sabia que nós acabaríamos chegando àquele lugar depois da linha pintada na parede.

Christopher estava galopando, arfando com empolgação:

- Morno, quente, quase *fervendo!* – então nós dois demos de encontro com a Sra. Semple, que estava saindo do depósito de roupas.

- Calminha *ai!* – disse ela – Vocês não sabem da regra de não correr?

- Desculpa! – nós dois dissemos.

Então, sem nem precisar pensar, completei:

- Nós precisamos de roupas novas. O Christopher sujou as calças de lama.

Christopher olhou para as próprias calças. Ele estava coberto de pó de tijolo e musgo além de lama.

- E o Conrad destruiu as meias – disse ele.

Olhei para minhas pernas listradas e descobri que pelo menos quatro das listras estavam completamente desfiadas, com a minha pele aparecendo por baixo. Havia folhas de salgueiro presas atrás das fivelas dos meus sapatos.

- Estou vendo – disse a Sra. Semple, olhando também – Venham comigo então.

Ela nos levou até a rouparia, onde nos obrigou a trocar quase tudo. Foi uma enorme perda de tempo. A Sra. Semple disse que nós éramos uma vergonha para Stallery.

- E essas meias vão ter de sair do seu salário – ela me disse – Meias de seda custam caro. Tenha mais cuidado de agora em diante.

Enquanto nos trocávamos, Christopher suspirava, emburrado e impaciente. Eu sussurrei para ele:

- Se nós não tivéssemos encontrado com ela, ela teria descido e pego aquelas meninas brincando de pega-pega. Ou ela poderia ter *nos* visto passando pela linha pintada.

- Verdade – resmungou Christopher – Mas isto ainda me deixa furioso. As mudanças *pararam* agora. Que droga!

Ele estava certo. Eu não conseguia mais sentir o formigamento da estranheza.

Quando estávamos limpos, arrumados e elegantes mais uma vez, a Sra. Semple pegou a pilha de toalhas que estava carregando antes e deslizou com ela em direção ao elevador.

- Vamos, rápido, – disse Christopher – antes que mais alguém interfira.

Nós andamos nas pontas dos pés, rápido e com cuidado, em direção ao centro do sótão. Tábuas do assoalho rangeram ao longe e alguém bateu uma porta, mas ninguém se aproximou de nós. Acho que nós dois suspiramos de alívio quando passamos pela linha pintada na parede. Então disparamos até o lugar com a fileira de janelas.

- Aqui. É *mesmo* aqui, o centro de tudo! – disse Christopher. Ele girou lentamente, olhando para cima e para baixo – E eu ainda não compreendo.

Realmente não parecia haver nada além de reboco esfarelado no teto acima e velhas tábuas largas abaixo. À nossa frente, a fileira de janelas imundas mostrava uma vista das distantes montanhas azuis sobre Stallchester. Atrás de nós havia apenas a parede, esfarelado como o teto. A passagem escura do outro lado, que levava ao lado das mulheres era idêntica àquela pela qual havíamos vindo. Eu apontei para ela.

- E a Millie? Ela está para lá?

Christopher abanou a cabeça impacientemente.

- Não. Aqui. *Aqui* é o único lugar onde eu consigo senti-la próxima no momento. Parece que essas mudanças estão de alguma forma ligadas à maneira como ela não está aqui, mas isso é tudo que eu sei.

- Debaixo do assoalho, talvez? – eu sugeri – Nós podíamos levantar uma das tábuas.

- Acho que podemos *tentar* – disse Christopher cético.

Estávamos os dois ajoelhados em frente às janelas para olhar as tábuas do assoalho quando houve outro tranco para o lado. Tivemos sorte de estarmos ajoelhados. Aqui no alto o

solavanco foi violento. Nós dois fomos derrubados. Minha cabeça se chocou ruidosamente com a parede debaixo das janelas. Eu falei um palavrão.

Christopher estendeu a mão e me puxou para cima.

- Agora eu entendo o porquê dessas linhas pintadas – ele disse, sério – Se você estivesse de pé, Grant, você teria sido jogado pela janela. Tremo só de pensar na distância daqui até o chão.

Ele estava pálido e aborrecido. Eu estava irritado. Olhei em volta enquanto esfregava a cabeça e tudo estava exatamente igual: largas tábuas de assoalho, montanhas distantes através das janelas, reboco esfarelado e a sensação de algo estranho ali, mais forte do que nunca.

- O que *causa* isso? – eu disse – E *por que*?

Christopher deu de ombros.

- Acabaram minhas ideias geniais – disse ele – Se eu tenho um defeito, Grant, é ser esperto demais. Vamos descer e checar o andar do quadro de crianças. Parece que nada mudou desta vez.

Vai pagar a língua, minha irmã costumava dizer. Christopher caminhou pelo corredor e deu de cara com uma porta bloqueando a passagem; uma porta marrom-avermelhada e descascando.

- Oh! – disse ele – Isto é novidade!

Ele chacoalhou a porta até descobrir para que lado abria. Ela foi soprada para dentro, escapando da mão dele. Nós dois fomos para trás.

O vento uivou ao nosso redor, batendo a porta contra a parede e soprando as gravatas em nossas caras. Ambos percebemos, imediatamente, que estávamos em um lugar diferente, instável e muito, muito alto. Podíamos sentir o chão tremendo sob nossos pés. Agarramo-nos um ao outro e nos movemos cautelosamente em direção ao dia de tempestade do lado de fora.

Lá Christopher disse:

- Oooh! – e acrescentou alegremente – Você não tem medo de alturas, tem, Grant?

Eu mal conseguia ouvi-lo com o barulho do vento e de madeira chiando.

- Não – eu disse – Eu gosto.

A porta se abria para uma pequena sacada de madeira com um parapeito baixo e de aparência frágil em volta. Quase debaixo dos nossos pés, uma abertura quadrada levava a uma escada de madeira velha e maluca na lateral do que parecia ser uma alta torre de madeira. Nós dois inclinamos a cabeça para olhar pelo buraco. Podíamos ver a escada ziguezagueando vertiginosamente lá para baixo, ficando cada vez menor, do lado de fora do que era certamente o prédio mais alto e mais precário que eu já havia visto. Ele se parecia com um farol, exceto pelos telhados inclinados que se projetavam da estrutura a uma certa distância um do outro, como em um pagode. O prédio balançava, rangia e vibrava ao vento. Lá embaixo, bem longe, algo parecia estar canalizando as rajadas de vento e as transformando em um uivo melancólico.

Eu despreguei meus olhos das escadas oscilantes e olhei para o horizonte. Onde deviam estar os jardins, havia apenas solo pantanoso verde-acinzentado, mas mais além – e esta foi a parte sinistra para mim – estavam as colinas em volta de Stallchester. Eram exatamente as mesmas formas acidentadas que cercavam Stallchester. Eu podia ver o Paredão de Stall bem ali, claro como o dia.

Depois disso, me aproximei do parapeito e olhei para cima. Havia um telhado inclinado bem pequeno acima de nós, feito de telhas de madeira tortas e com um tipo de pináculo no topo que terminava em um cata-vento quebrado. O cata-vento era tão velho rangia e tremia com o vento. Atrás de nós e à nossa volta, o brejo se estendia. Não havia nenhum sinal de Stallery.

Christopher estava branco, quase tão branco quanto a gravata que estava voando no rosto dele.

- Grant – ele disse – Eu preciso descer. Eu sinto que a Millie está bem perto agora.

- Vamos os dois – eu disse.

Eu não queria estar no alto deste prédio quando o peso do Christopher fizesse tudo desabar e, além disso, era um desafio.

Acho que Christopher não via aquilo como um desafio. Ele precisou fazer um esforço óbvio para soltar a mão do batente da porta. Assim que soltou a mão, ele se virou *bem* rápido

e agarrou o parapeito ao lado da escada com a mesma mão e com ainda mais força. A sacada inteira oscilou. À medida que descia cuidadosamente até sumir de vista, ele ia fazendo comentários nervosos e jocosos, mas o vento rugia com tanta força que eu não conseguia ouvi-lo.

Assim que Christopher desceu o bastante para que eu não pudesse chutar a cara dele, eu comecei a descer a escada também. Isso foi um erro. Tudo rangeu, e a escada, junto com a sacada, se inclinou para longe do prédio. Eu tive de esperar até que Christopher tivesse descido mais e estivesse colocando peso sobre outra parte da escada. Então tive de descer devagar, acompanhando o ritmo dele. Dava para notar que ele estava morto de medo.

Eu também estava com bastante medo. Eu preferiria escalar Stall Crag, que não se mexe. Este lugar balançava toda vez que um de nós se movia e eu ficava me perguntando que tipo de lunático havia construído esta coisa e por quê. Pelo que eu podia ver, ninguém morava na torre. Ela estava toda rachada, dilapidada e retorcida. Havia janelas sem vidro nas paredes de madeira. Quando Christopher começava a descer ainda mais devagar, eu me inclinava, com o vento retumbando à minha volta e espiava pela janela mais próxima, mas sempre havia apenas quartos vazios lá dentro.

Havia uma porta em cada sacada pela qual passamos, mas quando eu olhei para baixo (não foi uma ideia muito inteligente: eu fiquei bem zozó), vi que Christopher não estava tentando abrir nenhuma das portas, então eu também não mexi nelas. Simplesmente continuei descendo até o próximo lance me inclinando na direção oposta.

Mais ou menos na metade do caminho, os telhados projetados se tornaram bem mais largos. A escada passava por cima dos telhados ali, para sacadinhas frágeis bem na beirada, e havia outra escada que descia por baixo do telhado até a sacada seguinte. Quando Christopher chegou à primeira dessas sacadas, ele simplesmente parou. Eu tive de me segurar na escada e esperar. Eu pensei que ele houvesse encontrado a Millie e que os sons de uivos que eu ainda conseguia ouvir estavam sendo feitos por uma garota ferida e agonizando. Mas Christopher seguiu em frente depois de um tempo. E, quando cheguei àquela sacada, eu descobri porque ele havia parado. Dava para ver através do chão dela, até lá embaixo, e ela estava balançando. E os uivos continuavam, em algum lugar lá embaixo.

Eu saí da sacada o mais rápido que pude. Christopher fez o mesmo depois disso. Tivemos que passar por mais três dessas coisas terríveis antes de chegar a um lance de escadas mais largas e grossas, que tinham até um corrimão. Eu alcancei Christopher então. Nesse ponto, só estávamos a um andar do chão.

- Quase lá – disse Christopher. Ele estava lívido.

- Millie? – perguntei.

- Eu não consigo sentir nenhum sinal dela agora – disse ele – Espero que não esteja entendendo alguma coisa.

Quando sacolejamos pelos últimos degraus, o uivo se tornou um tipo de guincho. Ao pé das escadas, uma enorme forma marrom se atirou contra nós, salivando. Christopher caiu sentado com força. Eu fiquei tão assustado que subi até a metade da escada sem nem perceber.

- Eles deixaram uma besta selvagem montando guarda! – eu gritei.

- Não deixaram não – disse Christopher.

Ele estava sentado no último degrau com os braços em volta da criatura, que estava lambendo seu rosto. Ambos pareciam estar gostando.

- Este é o cachorro que desapareceu hoje. O nome dele é... - ele contornou a enorme língua e encontrou a plaquinha da coleira do cão – Brutus. Acho que é só o nome dele e não uma descrição da sua personalidade.

Eu desci a escada novamente e o cachorro pareceu feliz em me ver também. Acho que ele havia pensado que havia se perdido para sempre. Ele colocou imensas patas sobre os meus ombros e ganiu de felicidade. Seu grande rabo levantou uma nuvem de poeira do chão, que foi soprada pelo vento e pinicou minha pele.

- Não, você se enganou – eu disse ao cão – Nós também estamos perdidos. Estamos, não estamos? – eu perguntei ao Christopher.

- Por enquanto – disse ele – É. Parece que Stallery foi construída sobre uma falha de probabilidade, eu *acho*, um lugar onde muitos universos possíveis estão bem próximos e as paredes entre eles são bem fracas. Então, quando alguém, ou *alguma coisa*, muda para outra série de eventos possíveis, isso desloca toda a mansão *um pouco*, e aquela parte no alto se move *muito*. O topo é deslocado para outro lugar por um tempo. Ou pelo

menos eu espero que seja só por um tempo. Agora nós sabemos porque aquelas linhas realmente estão lá.

- Você acha que é a Condessa que está causando isso? – eu disse – Ou o Conde?

- Talvez não seja ninguém – disse Christopher – Pode ser que simplesmente aconteça, como um terremoto.

Eu não acreditava nisso, mas não adiantaria nada discutir até que eu encontrasse a pessoa que estava causando o meu Destino Sombrio e *soubesse*. Em uma tentativa de parar de me preocupar com isso, eu perguntei ao Christopher:

- Você descobriu o que tinha acontecido enquanto estávamos descendo?

- Para parar de pensar em madeira podre e tábuas se partindo, ou na distância até o chão. – ele disse – E eu percebi que a Millie deve estar presa em uma das outras probabilidades, bem ao lado desta. Talvez ela não tenha percebido que parte da mansão se move... Oh não!

Nós dois entendemos a mesma coisa ao mesmo tempo. Para conseguir voltar à Stallery que conhecíamos, nós teríamos de estar no alto da torre quando acontecesse outro daqueles trancos. Nós nos entreolhamos, nos levantamos, puxando o cachorro, e nos afastamos até podermos toda a extensão de madeira crua da torre, se movendo e tremendo ao vento, com as escadas malucas subindo em ziguezigue. Parecia ainda pior do chão do que lá de cima.

- Eu acho que não consigo subir isso de novo - admitiu Christopher.

- E nós nunca conseguiríamos forçar o cachorro a subir... Espera aí! – eu disse – O cachorro *não podia* estar no sótão quando veio pra cá. Ele mora do lado de fora.

- Ah, que *alívio!* – disse Christopher – Grant, você é um gênio! Vamos sentar na linha certa e esperar, então.

Então fizemos isso. Christopher andou com muito cuidado de um lado para o outro, depois para frente e para trás, até encontrar o lugar onde a estranheza era mais forte. Ele decidiu que um amontoado de pedras a cerca de doze metros da torre era o lugar certo. Nós nos sentamos, encostados na rocha, com o cachorro entre nós para nos esquentar e com o vento soprando nosso cabelo e nossas gravatas para o lado. Nós fitamos a dilapidada porta da frente da torre e esperamos. Nuvens cinza deslizavam sobre nós. Uma eternidade se passou.

- Engraçado – disse Christopher – Eu não sinto nenhuma vontade de explorar aquele prédio. E você, Grant?

Eu estremei. O vento parecia gemer entre as tábuas retorcidas e eu podia ouvir portas se abrindo e fechando com estrondos em algum lugar lá dentro. Eu *torcia* para que fosse só o vento.

- Não – eu disse.

Mais tarde, Christopher disse:

- Minhas meias se transformaram em rasgos unidos por listras. Se vão tirá-las dos nossos salários, quanto estas coisas custam?

- São de seda – eu disse – Você provavelmente trabalhou a semana inteira pra nada.

- Droga – ele disse.

- Eu também – disse eu – Só que já eu arruinei dois pares. Há quanto tempo estamos sentados aqui?

Christopher olhou o relógio. Já eram quase cinco e meia. Nós íamos nos atrasar para voltar ao trabalho se outra mudança não acontecesse logo. Uma porção de portas bateu dentro da torre, nos fazendo dar um salto.

- Imagino que eu mereça isto – eu disse.

- Por quê? – perguntou Christopher.

- Porque... – eu suspirei e pensei que seria melhor confessar – Isto tudo provavelmente é culpa minha. Eu tenho um karma ruim, entende.

- *Que* karma ruim? – disse ele.

- Existe algo que eu não fiz na minha vida passada – eu disse – E agora eu também não estou fazendo nesta vida...

- Você está falando asneiras – disse Christopher.

- Vai ver isso é algo que vocês não têm no seu mundo – sugeri.

- Temos sim. Eu estava estudando sobre isso, veja só, antes de vir para cá, e posso lhe assegurar, meu caro Grant...

- Se você ainda estava estudando... – eu havia começado a dizer quando nós dois percebemos que a torre de madeira era agora um sombrio prédio de pedra.

Sem nenhum tipo de aviso, ou borrão, ou solavanco para o lado, ele havia dobrado de largura, apesar de continuar tão dilapidado quanto antes. Ele parecia ser feito de longos blocos de ardósia escura, com paredes levemente inclinadas para dentro de forma que a estrutura se

afinava até um topo quadrado, muito, muito acima de nós. Uma entrada quadrada se escancarava diante de nós, exalando um cheiro úmido e putrefato. Não havia mais escadas.

- Estranho – disse Christopher – Eu não senti a mudança. Você sentiu? O que me diz, Grant? Devemos nos arriscar a olhar lá dentro?

- Este se parece mais com uma casa do que o de madeira – eu disse – E vamos ficar presos aqui se não fizermos *alguma coisa*.

- Verdade – disse Christopher – Vamos lá.

Nós nos levantamos e arrastamos o cachorro até o portal vazio. O interior do prédio tinha um cheiro horrível e estava completamente vazio. Entrava luz por um número suficiente de janelinhas – apenas frestas entre os blocos de ardósia, na verdade – para nos mostrar que agora as escadas estavam do lado de dentro. Elas subiam em ziguezigue por uma das paredes e eram só degraus, sem nada para impedir uma pessoa de cair da beirada. Os degraus eram feitos de ardósia como todo o resto, mas eram tão velhos que meio que estavam começando a tombar em direção ao centro vazio da construção. E o problema era que este prédio era tão alto quanto a torre de madeira.

Eu disse para mim mesmo que não era pior que o Paredão de Stall. Christopher engoliu em seco.

- Um escorregão – ele disse – um tropicão e viramos comida de cachorro pro Brutus. Mas eu *acho* que posso nos manter grudados nos degraus com magia se nós ficarmos juntos.

O cachorro se recusou a entrar de início. Eu sabia que era por causa do cheiro combinado com a visão daquelas escadas, mas Christopher explicou alegremente que o pobre Brutus vivia ao ar livre e provavelmente era proibido de entrar na casa. Podia ser verdade. De qualquer forma, ele rebocou a fera empacada até a base da escada. Ali, Brutus firmou as quatro enormes patas no chão e não se movia. Nós tentamos subir um pouco e chamá-lo convidativamente, mas ele simplesmente andou até o meio do piso escuro e malcheiroso e começou a uivar mais uma vez.

Christopher disse:

- Isto não vai dar certo!

Ele desceu e amarrou a gravata na coleira de Brutus para servir de guia. Ele puxou. A gravata esticou. Brutus parou de uivar, mas ele estava tremendo da cabeça às patas e ainda se recusava a se mover.

- Você acha que ele sabe de algo que não sabemos? – eu sugeri.

Eu estava com uma mão apoiada em um dos primeiros degraus, que estava pegajoso. Seria bom ter uma desculpa para não subir essas coisas.

- Ele sabe exatamente o mesmo que nós. Ele é um covarde, é só. – disse Christopher – Brutus, eu me recuso a usar um feitiço de coerção em um simples cachorro. *Anda*. Está ficando tarde. Jantar, Brutus. Jantar!

Isso resolveu. Brutus subiu as escadas correndo. Eu fui jogado contra a parede de pedra, primeiro pelo cachorro e depois por Christopher, que estava sendo arrastado escada acima. Eu tive de escalar desesperadamente para alcançá-los. Nós cobrimos os três primeiros zigue-zagues correndo como loucos, mas depois disso, quando o prédio oco se tornou um profundo e fedorento poço à nossa volta, Brutus pareceu perceber que deveria poupar o fôlego e diminuiu a velocidade.

Era pior assim. Eu subia deslizando as costas pela parede áspera e torcendo com todas as forças para que o feitiço do Christopher fosse bem forte. Alguns dos degraus mais acima estavam quebrados ou extremamente inclinados. Para parar de pensar nisso, eu disse:

- Por que você disse que o que eu falei sobre o meu Destino sombrio, meu karma, era asneira?

Minha voz fez um tipo de estrondo surdo no interior do prédio.

A voz de Christopher fez mais ecos surdos quando ele gritou de cima:

- Eu acho que você não tem nada disso. Você me passa uma sensação de ser novo, fresco. Ou esta é a sua primeira vida ou todas as anteriores foram impecáveis.

Eu sabia que ele estava errado. Ele estava me fazendo parecer infantil.

- Como assim? – retumbei na direção dele.

E ele ecoou de volta:

- Como a Lady Felice. Acho que ela não teve mais de uma vida passada, no máximo. Compare ela à Condessa, Grand. *Aquela* sim é uma alma velha!

- Você quer dizer que ela tem um karma ruim? –estrondeeii.

- Não muito – ele ecoou – Nada de muito ruim de antes, eu acho, mas, se você quer saber, ela está acumulando débitos desta vez.

Isso me fez ter certeza de que ele estava só chutando.

- Você não sabe de verdade, não é? – eu gritei de volta – *Outras* pessoas conseguem ver o meu Destino! Eles *me disseram!*

- Quem, por exemplo? – Christopher gritou.

- Meu tio Alfred e o Prefeito de Stallchester – eu berrei para cima – Por exemplo!

A essa altura estava ficando difícil escutar. O lugar estava se enchendo de ecos e Brutus, à frente, estava arquejando como se a gravata de Christopher o estivesse enforcando, mas tenho quase certeza que Christopher disse:

- Se você quer a minha opinião, Grant, eu acho que eles provavelmente estavam cheirando os próprios sovacos.

- Você quer *parar* de me chamar de Grant desse jeito superior! – eu gritei para ele.

Acho que ele não escutou. Nesse momento, Brutus se lançou de lado. Achei que ele estivesse simplesmente pulando no próximo ziguezigue, mas aquele era o fim da escada. Christopher, com braço esticado para continuar segurando a gravata, foi puxado atrás de Brutus e sumiu de vista. Por um momento, pensei que eles houvessem desaparecido, mas fui pelo mesmo caminho que eles e descobri uma abertura quadrada que passava pelo topo da parede. Havia luz no final da passagem, iluminando cada bloco de pedra lodosa, e Brutus estava arrastando Christopher por ela a pleno galope. Eu corri atrás deles, esperando sair no telhado.

Mas todos nós irrompemos sobre largas tábuas, em um lugar cheio do cheiro morno de madeira, onde vi que a luz estava vindo de uma fileira de janelas empoeiradas que davam para as montanhas sobre Stallchester. O teto era de reboco farelento, e a toda nossa volta havia a sensação, como um motor distante, de outras pessoas vivendo e se movendo por perto.

- Grant – Christopher sussurrou – Eu creio que voltamos.

Ele estava com uma aparência cadavérica. Não era só porque estava branco e tremendo e das meias dele estavam desfiadas. Ele estava coberto de lodo escuro e teias de aranha, também. E, a tirar pelo colete dele, o meu devia estar arruinado. Eu podia ver que as minhas calças estavam. E as minhas meias. De novo.

- Vamos verificar – eu disse.

Nós caminhamos nas pontas dos pés pela passagem pela qual parecíamos ter acabado de vir. Ela era de madeira agora. Ao final dela, encontramos a faixa de tinta na parede. Então só tivemos de espiar pelo canto para vermos que certamente estávamos em Stallery. Andrew e Gregor estavam saindo da rouparia, ajustando gravatas novas e engomadas. Havia pessoas andando apressadamente, pedindo coisas e entrando e saindo de portas distantes. Dava para perceber que todos estavam se apressando para a janta e para o Jantar em seguida.

Nós saltamos de volta para o lugar com as janelas.

- É melhor esperarmos eles descerem antes de pegar mais roupas – eu disse.

- Eu concordo com a primeira parte do seu plano – disse Christopher – mas você está se esquecendo do Brutus. Nós temos que levá-lo em conta também. Temos de descer do jeito que estamos. Aí, se alguém nos vir, podemos dizer que nós o encontramos preso nos drenos. E, se ninguém nos vir, nós o soltamos pela porta mais próxima pro Smedley encontrar e *aí* voltamos aqui pra cima pra pegar mais roupas.

- Drenos *aqui em cima*? – eu disse.

- Deve ter algum – ele disse firmemente – Pra onde vai a água do nosso banho...
E essas coisas?

Eu supunha que podia funcionar. Para mim parecia uma receita para encrenca.

- Você não pode arrumar nossas roupas com magia?

- Não pela noite inteira – disse Christopher – Seria uma ilusão e ilusões se enfraquecem depois de mais ou menos uma hora.

Eu suspirei.

- De qualquer forma, obrigado por nos manter naquela escada.

Só por um segundo, Christopher ficou com uma expressão tão vazia e embasbacada que eu soube que ele havia se esquecido de usar magia naqueles degraus. Fiquei feliz por não ter descoberto isso enquanto estava sobre eles.

- Não foi nada, Grant – ele disse levianamente.

Então nós enrolamos por dez tediosos minutos. Brutus não ajudou. Ele ganiu e babou e tentou avançar em direção à passagem. Ou ele sabia que não devia estar ali, ou estava sentindo o cheiro da comida sendo preparada.

Depois de um tempo, o sinal da janta das criadas soou, fazendo nós três darmos saltos. Brutus transformou o salto em outra corrida pelo corredor. Dessa vez nós o seguimos. Ainda havia pessoas andando ao longe e podíamos ouvir o elevador funcionando. Fomos obrigados a descer pelas escadas, tentando evitar que Brutus nos arrastasse por elas muito rápido.

Ele nos levou com uma pressa empolgada até o tapete do andar dos quartos de crianças. Ali, ele irrompeu em um galope independente de tudo que disséssemos. Talvez ele pensasse que o tapete fosse grama e que podia correr sobre ele. De qualquer forma, ele passou direto pelo próximo lance de escadas e continuou a nos arrastar pelo corredor, em direção à porta aberta daquele longo quarto de brinquedos vazio.

Chegamos voando à porta e, nesse momento, um rapaz de trajes formais saiu do quarto de crianças. A luz fraca iluminou seu cabelo claro e sua expressão perdida e abatida. Mas essa expressão mudou assim que ele nos viu. Ele ergueu a cabeça e ficou com o corpo completamente ereto, com o rosto enrijecido em uma expressão de surpresa ativa.

- O que diabos vocês pensam que estão fazendo? – disse ele.

Ficou bem claro para todos nós que aquele era o Conde Robert.

Onze

Christopher deve ter usado algum tipo de magia.

Ele e o cachorro pararam como se tivessem batido em uma parede. Eu corri um pouco mais que eles, e consegui parar me segurando numa maçaneta do outro lado do corredor. O Conde se virou, de forma que o olhar gelado dele chegasse a mim e a Christopher.

Eu não sabia o que fazer, mas Brutus não teve dúvidas. O rabo dele começou a abanar com força. Ele rastejou, tremendo de vergonha, até esticar completamente a gravata de Christopher, e tentou chegar a uma distância que lhe permitisse lambe os belos e brilhantes sapatos do Conde. Christopher ficou parado, olhando para o Conde como se o estivesse analisando. Era aí que ser amador ajudava. Christopher não teria se importado de ser demitido. Ele já tinha mais ou menos encontrado Millie, e podia ficar invisível e voltar para terminar o serviço, mas eu ainda tinha de pensar no meu Destino Sombrio. Eu também fiquei olhando para o Conde, esperando *saber* que era ele que causava meu Destino, mas eu só conseguia ver um rapaz com caras roupas de gala, que tinha todo o direito de nos olhar ultrajado.

Ele disse:

- Vamos. Expliquem-se. Por que vocês estão arrastando o coitado do Brutus aqui em cima?

- É mais *ele* que está *nos* arrastando. Pelo jeito, ele sentiu seu cheiro, milorde. – disse Christopher.

- É, sentiu, não é? O Conde Robert concordou, olhando pensativo para Brutus, que abanava o rabo, prostrado a seus pés - Mas isso não explica por que ele está aqui e nem por que vocês todos estão cobertos de meleca preta.

Christopher inspirou, presumivelmente para começar a história dos canos. O Conde disse:

- Não. Você não. Estou vendo que você ia inventar alguma história.

Christopher pareceu magoado e indignado, e o Conde se dirigiu a mim.

- Conte *você*.

Eu sentia que não tinha mais nada a perder. Eu sabia que estava prestes a ser mandado embora e a voltar para casa em desgraça. Pensei sobre o que tio Alfred diria, e depois me lembrei sombriamente que estaria morto antes do próximo ano, então não me importava o que tio Alfred pensava. Eu disse:

- Nós ultrapassamos a linha no sótão. Brutus estava embaixo de uma torre de madeira lá, mas não conseguimos fazê-lo subir, então esperamos até virar um prédio de pedra vazio.

Christopher resmungou:

- Acredite ou não, eu ia dizer isso também. – O conde lançou um olhar de soslaio, sem acreditar nele. – Honestamente, eu achei que você já tivesse adivinhado.

A expressão gelada do Conde se virou nas pontas e se transformou em um leve sorriso.

- Mais ou menos. Vocês deram azar de pegar aquelas duas torres de cara. Hugo e eu demoramos anos para encontrá-las. Bom, o que vamos fazer agora? Acho que vocês não devem ser vistos como estão. A mosca está rondando o andar de baixo, espumando de raiva.

- Da gente? – perguntei, ansioso.

- Não, não. De uma coisa que eu disse para ele. Mas com certeza é melhor ele não ver vocês e nem Brutus como estão. Ele mandaria os dois embora sem pensar duas vezes se soubesse onde estiveram, então... – ele pensou um pouco. – Deem-me o cachorro. Hugo e eu podemos limpá-lo no meu quarto. Por sorte, Brutus é conhecido por ser meu amigo. Depois eu posso levá-lo para os estábulos. Vocês dois vão colocar roupas limpas, senão vão estar em apuros de verdade.

Ambos dissemos, agradecidos de verdade:

- Obrigado, milorde.

O Conde Robert sorriu. O sorriso dele era meio triste.

- Sem problemas. Aqui, Brutus!

Christopher soltou a gravata. Era uma ex-gravata, na verdade. Estava mais para uma corda suja. Brutus imediatamente se ergueu nas pernas traseiras e tentou colocar as patas da frente nos ombros do paletó do Conde. O Conde conseguiu segurar as patas bem a tempo, de um jeito que mostrava que ele tinha muita prática, e disse:

- Não, *desça*, Brutus! Eu também te amo, mas tem hora e lugar pra tudo. Ele colocou Brutus no chão, sobre as quatro patas, e segurou firme a ex-gravata.

- Podem ir.

Sáímos correndo em direção às escadas do sótão. Olhei para trás e vi o Conde Robert usando um de seus sapatos brilhosos para convencer Brutus a entrar no elevador da Família.

- Entre, idiota! É seguro. Ou você *quer* encontrar Amos com raiva? Christopher estava animadíssimo enquanto corríamos para o depósito de roupas.

- Eu adivinhei certo, Grant! Você ouviu o Conde, não ouviu? Tem mais um monte de lugares além daquelas torres medonhas. Millie deve estar em um deles. Você vem comigo procurá-la amanhã, já que temos a manhã de folga?

É claro que eu iria. Não via a hora de explorar. Da próxima vez, eu levaria minha câmera também, e recolheria provas reais de outros mundos, ou dimensões, ou o que quer que fossem.

Mas antes, é claro que tivemos de trocar de roupa, esconder as sujas em um quarto vazio, e correr para a janta. Depois, tivemos de ficar em pé junto à parede da sala de jantar com aqueles panos idiotas pendurados no braço enquanto o Sr Amos, Andrew e dois outros lacaios serviam o Jantar à Família. Nenhum de nós ousou fazer nada errado. O Sr Amos ainda estava furioso. Eu não sabia o que o Conde Robert havia dito a ele, mas a fúria estava contida dentro do Sr Amos. Ele parecia um grande balão em forma de pera, cheio de gás efervescente. Andrew e os outros dois pisavam em ovos perto dele. Christopher e eu nos esforçamos ao máximo para parecermos parte da parede.

A Condessa também estava furiosa, mas ela não estava tendo tanto sucesso em disfarçar quanto o Sr Amos. Acho que ela não precisava se preocupar com isso.

Nada estava certo para ela aquela noite. Havia uma marca de dedo na taça dela, ela disse, uma pontinho sujo no garfo, ela disse, e ferrugem no guardanapo. Então ela achou uma mancha de polidor rosa no saleiro. Cada vez era um de nós que tinha de ir correndo buscar um substituto para aquilo que estava errado, e então, enquanto esperava, ela se virava para o Conde Robert, arregalava os olhos e lançava o seu “*Por quê?*” para ele. Quando eu voltei com um saleiro novo e brilhante, ela estava dizendo:

- Sinceramente, querido, você *precisa* crescer e largar esse hábito de só agradar a si mesmo.

O Conde Robert se defendeu melhor do que eu seria capaz. Ele sorriu e disse:

- Mas foi *você* quem me pediu para fazer isso, Mãe.

- Mas não *agora*, Robert. Não quando teremos visitas aqui para comemorar seu noivado! Amos, este prato está sujo. Está vendo este ponto na beirada aqui?

O Sr Amos se curvou por sobre o ombro dela e inspecionou o prato.

- Acredito que seja parte da estampa, milady.

Ele lançou um olhar maldoso para o Conde Robert quando disse isso.

- Vou substituí-lo imediatamente. – ele disse e estalou os dedos para Christopher.

Quando Christopher voltou correndo com um prato novo, o Conde Robert estava realmente levando um sermão.

- E você nem pensou onde essa sua empregada vai comer. – a Condessa disse – Quando penso em tudo o que passei para te ensinar que um cavalheiro deve pensar nos outros, me desespero com você, Robert! Você se comporta como uma criança mimada. Mimada e egoísta. Eu, eu, eu! Sua personalidade é tão fraca. Por que você não pode aprender a ser forte, pelo menos uma vez? Por quê?

Christopher revirou os olhos para mim quando voltou para seu lugar na parede. E era realmente impressionante o jeito como a Condessa continuava atacando o Conde Robert (que, afinal de contas, era *dono* de Stallery) como se ele tivesse seis anos de idade, e como se não houvesse lacaios observando como estátuas de madeira, ou como se não a escutássemos, ou como se o Sr Amos não estivesse ali ao lado da mesa com uma expressão muito contente porque o Conde Robert estava em apuros. Eu fiquei com bastante vergonha, mas também muito curioso para saber o que o Conde Robert havia feito para irritar tanto a Condessa e o Sr Amos.

Agora a Condessa estava falando de como as fraquezas do caráter do Conde Robert haviam aparecido quando ele era bebê. Ela o lembrava de coisas ruins que ele havia feito quando tinha dois e quatro e dez anos de idade. O Conde só continuou sentado, aguentando tudo. Lady Felice mantinha a cabeça baixa sobre o prato. Mas a Condessa a notou também.

- Fico feliz em ver que você já se recuperou daquela bobagem de distúrbio alimentar, querida.

- Não foi nada, Mãe. – disse Lady Felice.

Então a Condessa decidiu que o peixe havia passado do ponto, e disse ao Sr Amos para mandá-lo de volta para cozinha. O Sr Amos estalou os dedos para que eu levasse o peixe. Ele disse, ao me entregar a bandeja cheia:

- E não se esqueça de dizer ao *Chef* exatamente do que a Condessa não gostou.

Eu perdi a continuação, enquanto estive fora, passando pelo corredor e pelas portas vai e vem, descendo as escadas até a galeria subterrânea e chegando à cozinha, mas Christopher me contou que foi a mesma coisa. Na cozinha, o *Chef* colocou as mãos nos quadris e me olhou bem-humorado. Todos os lacaios o chamavam de O Grande Ditador, mas eu achava que ele era um homem bem simpático.

- E qual é o suposto problema?

- Ela disse que passou do ponto. Ela está bem mal-humorada.

- Uma noite *daquelas*, hein? Os feitiços para emagrecer não fizeram bem para ela, e ela está guardando lugar para a carne, não é? Certo, volte lá e diga a ela que eu me prostro aos pés dela e imploro por perdão. Não precisa mencionar que este peixe está perfeito.

E eu voltei até a sala de jantar, onde consegui entrar quase exatamente do jeito certo, deslizando de lado quase sem ruído. O Sr Amos estava me esperando. Atrás da forma pesada de pera dele, a sala parecia uma tempestade.

- E o que o *Chef* disse em sua defesa? – ele exigiu, em tom baixo e urgente.

- Ele se prostra aos pés dela, implorando por perdão, e eu não devo dizer que o peixe estava perfeito.

Eu fui estúpido de fazer isso. Acho que foi a influência de Christopher que me fez dizer isso. O Sr Amos tinha agora a oportunidade perfeita de descontar um pouco da raiva *dele* em mim. Ele me lançou um olhar furioso com seus olhos cor de pedra que me fez ficar com os joelhos fracos. Por sorte, Lady Felice escolheu esse momento para pular da cadeira e atirar o grande guardanapo branco na mesa. Duas taças de vinho entornaram.

- Mãe! – ela disse, quase gritando – Você pode *parar* de brigar com Robert como se ele tivesse cometido um crime? Ele só contratou uma bibliotecária, como *você* mandou! Deixe-o em *paz*!

A Condessa se virou para Lady Felice. Os olhos dela se arregalaram, e os lábios dela começaram a formar o “P...” de um de seus medonhos “Por quê?”s.

- E se você disser “Por que, querida” *mais* uma vez, - Lady Felice gritou – eu vou pegar esse candelabro e *quebrar sua cabeça* com ele!

Ela fez um som parecido com uma risada misturada com um soluço, e correu para a porta. O Sr Amos e eu tivemos de desviar dela. Lady Felice passou correndo por nós e lançou-se para fora da sala como um furacão morno e perfumado, e bateu a porta ao sair.

No resto da sala ficou um silêncio carregado. Andrew e os outros lacaios se lançaram à ação, andando na ponta dos pés, silenciosamente, secando o vinho derramado, recolhendo as taças e todas as facas, garfos e colheres que ainda estavam no lugar de Lady Felice. Os outros dois à mesa ficaram ali, sentados, enquanto o Sr Amos dava a volta para falar no ouvido da Condessa como se nada houvesse acontecido.

- O *Chef* envia profundas desculpas, milady, e diz que não vai acontecer novamente. Permita que eu traga o próximo prato, milady.

A Condessa, congelada, acenou com a cabeça. Como os lacaios ainda estavam ocupados enxugando o vinho, o Sr Amos fez sinal para que Christopher e eu fossemos até o elevador de comida e nos passou tigelas e molheiras para levar até a mesa. Eu não sabia direito onde por cada coisa, mas Christopher rodopiou, largou tudo em qualquer lugar, depois fez uma reverência e bateu nas esteirinhas com as duas mãos, como se soubesse exatamente o que estava fazendo. O Sr Amos o fuzilou com o olhar por cima do ombro, enquanto erguia uma enorme travessa cheia de carne.

A Condessa, ainda congelada, disse ao Conde Robert:

- Felice anda tão cansativa esses dias. Acho que está passando da hora de ela se casar. Vou convidar o adorável Sr Seuly para jantar com nossos outros convidados. Tenho certeza de que posso convencer Felice a se casar com ele.

- Você está fazendo alguma piada, Mãe? – perguntou o Conde.

- De maneira alguma. Eu nunca faço piadas, querido. O Sr Seuly é prefeito de Stallchester, afinal de contas. Ele é rico e viúvo, e tem uma posição muito respeitável na vida. E não importa com quem Felice se case, como é o *seu* caso, querido. *Você* está noivo de uma nobre, mas...

- *Dai-me paciência!* – o Conde Robert gritou de repente.

Ele se levantou, jogou o guardanapo na mesa e, como Lady Felice, foi em direção à porta a passos largos, exatamente quando o Sr Amos estava chegando com uma bandeja de carne.

Eu nunca entendi como o Sr Amos se desviou do Conde Robert. O Conde parecia não ver nem o Sr Amos e nem a carne. Ele simplesmente saiu e bateu a porta atrás de si. De alguma forma, o Sr Amos conseguiu levantar a bandeja acima das cabeças deles e então dar um giro e sair do caminho. A Condessa continuou sentada, ainda congelada, e assistiu ao Sr Amos dançando pela sala com o enorme prato fumegante.

Quando ele finalmente parou de girar, ela disse:

- Eu não entendo, Amos. O que está deixando meus filhos tão cansativos ultimamente?

- Acredito que seja a extrema juventude deles, milady. São apenas adolescentes, afinal. – ele respondeu, colocando a bandeja com reverência sobre a mesa.

Christopher olhou para mim, espantado. Mais tarde, ele me disse que era normal chamar as pessoas da minha idade e da dele de adolescentes.

- Lady Felice já é maior de idade, mesmo que tenham cancelado a festa. E o Conde Robert deve ter uns vinte anos! Grant, você acha que a Condessa é louca e o Sr Amos acha melhor não discordar dela?

Ele falou isso bem mais tarde. Na hora, tivemos que ficar na sala enquanto a Condessa devorava mais três pratos, meia garrafa de vinho e sobremesa. Ela parecia mais irritada a cada garfada. A raiva contida do Sr Amos cresceu tanto que nem Christopher ousava se mover. Todos os lacaios fingiam ser invisíveis, e eu também fiz isso.

E não parou por aí. A Condessa colocou o guardanapo sobre a mesa e foi para o Salão Principal, dizendo ao Sr Amos que os Ajudantes podiam servir o café dela lá. Isso significou que Christopher e eu tivemos de correr escada acima atrás dela com bandejas de frutas

cristalizadas e chocolates, enquanto o Sr Amos nos seguia com café, nos tocando como um enorme cão pastor.

O Salão Principal era enorme: se estendia da frente até o fundo da casa e era cheio de coisas para tropeçar, como tamboretas douradas e mesinhas brilhantes. A Condessa se sentou no meio da sala, onde Christopher e eu servíamos café aos pingos numa xícara tão pequena que me lembrava os cadinhos que tio Alfred usava em seus experimentos. Eu pingava café, e Christopher pingava creme, enquanto o Sr Amos ficava perto da porta distante, se balançando em seus pezinhos reluzentes, esperando apenas que cometêssemos um erro para poder descontar um pouco de sua raiva em nós. Sabíamos que o mínimo que aconteceria seria o Sr Amos cancelar nossa folga, então tomamos muito, muito cuidado. Andamos na ponta dos pés e servimos durante o que pareceu um século, até que a Condessa disse:

- Amos, desejo ficar sozinha agora.

Meus braços já estavam tremendo e minhas panturrilhas doíam de tanto andar na ponta dos pés, mas não cometemos nenhum erro, então Sr Amos teve que nos liberar.

- Ufa. O que *será* que o Conde Robert fez para deixá-los tão bravos? Você descobriu? – eu disse, quando estávamos a salvo onde ninguém nos ouviria.

Christopher respondeu, coçando tanto a cabeça que seu cabelo se dividiu em cachos.

- Bem, você deve saber tanto quanto eu, Grant. Mas enquanto você estava levando o peixe, a Condessa disse alguma coisa sobre contratar estudantes sem um tostão furado para catalogar a biblioteca daqui. Mas por que ela ficaria brava com isso, eu não faço a menor ideia. Afinal, parece que ela *pediu* para o Conde Robert contratar alguém. A bibliotecária no Castelo Crestomanci dizia que era preciso ter uma boa lista dos livros que tem, senão não se consegue achar nenhum deles. E eu não sei por que isso deixaria o Sr Amos tão bravo também.

De repente, eu tive uma ideia.

- Será que eles têm livros *secretos*? Sabe, livros sobre manipular as possibilidades ou que expliquem como causar as mudanças no topo da casa.

Christopher parou na passagem antes de entrar no nosso quarto.

- Bem pensado! Grant, acho que nós devemos dar uma olhada nessa biblioteca quando estivermos de folga amanhã.

Doze

Naturalmente, na manhã seguinte nós fomos checar o topo da mansão primeiro. Christopher estava realmente ansioso a respeito dessa garota, Millie, e eu estava muito empolgado para ver o que descobriríamos lá dessa vez. Nós fomos para o sótão assim que fomos liberados.

No caminho, eu mergulhei no nosso quarto e peguei minha câmera. Eu queria ter provas de que não havíamos imaginado as estranhas torres. Como estava fazendo um dia nevoento, com o vale de Stallchester coberto de uma neblina que só era rompida pelo Paredão, eu me certifiquei de que o flash estava funcionando.

Christopher se assustou com a claridade repentina.

- Não conte os ovos na barriga da galinha, Grant. Você pode não ter nada pra fotografar – ele disse enquanto andávamos furtivamente até a faixa de tinta na parede.

Isso me fez ter certeza de que o meu karma ruim cancelaria qualquer chance de a mansão se mover. Mas estávamos com sorte. Assim que passamos pela faixa de tinta, sentimos um violento tranco para o lado. Christopher e eu fomos atirados um contra o outro e saímos cambaleando em um semicírculo, enquanto eu me agarrava à gravata dele para manter o equilíbrio. E, assim que terminamos de nos virar, percebemos que a passagem pela qual havíamos acabado de vir era agora um arco pontudo e feito de pedra. Passando por ele, havia um lugar tão sombrio e pedregoso que eu fiquei feliz por ter me lembrado do flash da câmera.

- Parece que estamos naquela torre pela qual arrastamos o cachorro de novo – disse Christopher quando passamos pelo arco.

Mas não se parecia nada com a torre de ardósia. O portal levava a uma galeria de piso de pedra apoiada de um lado por intrincadas colunas de pedra, cada uma com um formato diferente. O teto era uma cúpula de pedra trançada e a outra parede era de rocha lisa. O teto abobadado e as esculturas nas colunas pareciam ter sido folheados a ouro no passado, mas a maior parte do ouro havia descascado, deixando os desenhos difíceis de ver. Do espaço além dos pilares vinham vastos e suaves ecos de pés sendo arrastados. A sensação era de um lugar enorme, mas não como se muitas pessoas estivessem vivendo lá. Era mais parecido com a vez

em que a minha escola havia visitado a Catedral de Stallchester e o guia havia nos levado para ver as passagens sob o domo.

Christopher disse:

- A Millie está aqui! Bem perto!

E saiu em disparada até a outra ponta da galeria, de onde vinha a luz lúgubre.

Eu corri atrás dele, com a câmera quicando no meu peito. A galeria terminava em uma grande escadaria de pedra, que descia em curva, em direção à luz cinzenta. Christopher se atirou escada abaixo e eu o segui. E, assim que fizemos a primeira curva, percebemos que estávamos em uma enorme espiral; uma *dupla* espiral, nós percebemos depois da segunda curva. Havia outra escada ao lado da nossa, meio que enrolada em volta dela. Quando nos debruçamos sobre o alto corrimão de pedra, pudemos ver as duas escadarias girando e girando para baixo. Quando olhamos para cima, vimos o interior de uma torre sobre nós. Havia janelas ornadas nas paredes, mas elas estavam tão sujas que não era surpresa o lugar ser tão sombrio.

Passos soaram, como um eco dos nossos. Nós olhamos para a outra escadaria e vimos que havia uma garota nela, descendo apressadamente para chegar ao mesmo nível que nós.

- Christopher – ela gritou – O que *você* está fazendo aqui?

Era difícil ver como a garota era por causa das da escuridão e porque as escadas eram muito grandes e separadas, mas ela tinha uma voz agradável. Ela parecia ter um rosto arredondado e cabelos castanhos lisos, mas isso era tudo que eu conseguia ver. Eu ergui minha câmera e a fotografei enquanto ela descia junto conosco. Isso a fez parar e tentar cobrir os olhos.

- Encontre-nos no pé das escadas! – Christopher gritou para ela. A voz dele retumbou ao nosso redor em uma centena de ecos. – Eu explico lá.

Na verdade, ele tentou explicar enquanto corríamos, descendo e girando em torno de Millie ao mesmo tempo em que ela girava em torno de nós e o lugar retinia com nossos passos apressados e com as vozes dos dois. Eles se comunicavam aos gritos à medida que descíamos, tentando explicar o que estavam fazendo ali, mas acho que nenhum dos dois conseguia escutar direito por causa dos ecos. Dava para perceber que eles estavam

verdadeiramente felizes em se verem. Eu tirei mais uma série de fotos enquanto descíamos. Era um lugar incrível.

Acho que Millie gritou algo como:

- Estou tão feliz por você ter vindo! Eu estava tão frustrada! Esta casa vive mudando e eu não consigo *sair*!

- Eu também! – berrou Christopher de volta – Eu tive de começar a trabalhar como lacaio. O que você tem comido?

- Sempre tem comida lá embaixo – gritou Millie em resposta – mas eu não sei de onde ela vem.

- Como você *chegou aqui*? – urrou Christopher.

Os ecos estavam ficando cada vez piores. Nenhum de nós conseguiu ouvir a resposta de Millie. Christopher urrou novamente:

- Você sabe que as maiores mudanças acontecem no topo da casa, não é?

Acho que Millie gritou de volta que era *claro* que ela sabia, ela não era tonta, mas ela nunca conseguia *chegar* a lugar algum. E me pareceu que ela começou a tentar descrever as frustrações dela enquanto nós pisoteávamos mais espirais. Então Christopher começou a se esgoelar, por cima da descrição dela, dizendo que *um* dos lugares devia ser o local perfeito para os dois viverem em segredo... Mas nós disparamos pela última curva nesse momento e, de repente, havia um teto sobre a escada. Os ecos foram interrompidos abruptamente. E nós nos descobrimos em um simples corredor de pedra. Christopher parou de gritar e se virou para mim.

- Rápido, Grant. Onde está a outra escada?

Nós dois corremos pelo corredor até o lugar onde achávamos que a outra espiral terminaria, mas havia apenas a parede ali. A parede tinha pequenas janelas que davam para um bosque, então obviamente havíamos nos enganado.

- Estamos indo para o lado errado – ofegou Christopher e voltou correndo tão rápido na outra direção que eu mal consegui acompanhá-lo.

Havia uma porta nessa ponta do corredor. Christopher a escancarou e disparou até o centro de uma sala relativamente grande. Lá, ele parou abruptamente ao lado de uma pilha de sofás e poltronas cobertos com um lençol. Atrás deles, grandes janelas mostravam um jardim

que era quase só mato. Chovia sobre o mato. Havia mais janelas, mostrando mais mato, na parede à nossa esquerda, uma harpa ou algo parecido em um canto e nada além de uma grande lareira vazia na parede à direita.

- Não é aqui – disse Christopher, derrotado.

Só tive tempo de tirar uma foto da coisa parecida com uma harpa antes de ele sair correndo de novo, de volta por onde havíamos vindo, até o salão onde terminava a escada.

- Acho que eu vi uma porta – disse a voz dele ao longe – Ah, sim.

A porta ficava atrás da escada. Christopher já havia aberto a porta e saltado através dela antes que eu o alcançasse, mas quando cheguei lá ele estava se movendo lenta e cautelosamente por um escuro corredor de pedra. Havia uma porta de cada lado e uma porta no final. A porta da direita estava aberta e podíamos ver que do outro lado havia um tipo de vestiário amplo, com uma fileira de botas empoeiradas no chão e vários casacos encardidos pendurados, além de uma janela coberta de teias de aranha que dava para o bosque molhado. Christopher fez barulhos de irritação e me empurrou para o lado para abrir a porta do outro lado do corredor. Ali havia uma sala de jantar, tão descuidada e empoeirada quanto o vestiário, com uma janela que dava para o jardim cheio de mato.

Christopher expressou seus sentimentos batendo essa porta antes que eu pudesse tirar uma foto. Ele avançou em direção à porta no final do corredor.

Atrás dela havia cozinhas; dois cômodos bem aconchegantes com cadeiras de balanço, grandes mesas de madeira e algum tipo de fogão no segundo cômodo. Havia uma área de serviço depois das cozinhas que levava a um pátio úmido cercado de galpões vermelhos e caindo aos pedaços. A essa altura, até Christopher estava começando a reconhecer que a casa em que estávamos era muito, muito menor que o lugar com a escadaria dupla.

- Eu não *entendo!* – disse ele, desconsolado, ao lado da mesa na segunda cozinha – Eu não *senti* nenhuma mudança. Você sentiu?

Parecia que ele estava quase a ponto de chorar.

Eu queria que ele falasse baixo. Havia claros sinais de que alguém havia estado naquela cozinha recentemente. O fogão emanava calor e havia uma cesta de tricotar sobre

uma das cadeiras de balanço. Eu podia ver migalhas sobre a mesa, em volta de uma revista de algum tipo, como se alguém estivesse lendo enquanto tomava o café da manhã.

- Talvez a mudança tenha acontecido enquanto você estava gritando com a Millie – eu disse, bem baixinho, para dar a dica a Christopher.

Ele olhou em volta, para o fogão, o tricô e a mesa.

- Deve ser aqui que a Millie vem comer – ele disse – Grant, você fica aqui pro caso de ela aparecer. Eu vou subir as escadas para ver se ela está em algum lugar lá em cima.

- A Millie costuma fazer tricô? – eu perguntei, mas ele já havia saído correndo e não me escutou.

Eu suspirei e me sentei na cadeira em frente à mesa. Estava claro para mim, ainda que não para o Christopher, que as duas escadas se separavam de alguma forma na última espiral. A Millie devia ter ido parar em algum lugar tão diferente daquela casa quanto a torre era de Stallery. E eu não estava gostando da casa. Havia alguém morando ali. Alguém que havia deixado móveis, casacos e tricô espalhados, e que poderia voltar a qualquer momento e me acusar de invasão. Eu não fazia ideia do que diria se isso acontecesse. Perguntar se a pessoa havia visto a Millie, talvez?

Para não ficar muito nervoso, eu puxei a revista para perto de mim e a folheei enquanto esperava por Christopher. Ela era muito, muito estranha; tão estranha que fiquei fascinado. Tão incrivelmente estranha, na verdade, que não fiquei surpreso ao ver que a data de publicação era 1399, edição de fevereiro. A revista não podia ser tão velha assim. Ela tinha cheiro de nova. As páginas eram grossas e aveludadas e a impressão era toda em tons azuis e vermelhos estranhos e desbotados. As letras eram do tipo que se vê em livros para pré-escola: redondas e simples. Fofoca Semanal era o nome da publicação. Não havia nenhuma fotografia ou propaganda, só um monte de artigos longos com títulos como “Do Lixo ao Luxo” ou “A Lua de Mel Perdida da Cantora” ou “Escândalo no Banco da Ásia”. Cada artigo era ilustrado por um desenho azul e vermelho. Eu nunca havia visto desenhos tão feios na minha vida. Eles eram tão ruins que a maioria deles parecia caricaturas, mas eu podia ver que o artista havia acrescentado muitos sombreados vermelhos e azuis para tentar fazer os desenhos parecerem pessoas de verdade. E esta era a parte mais estranha: cerca de metade deles se parecia com pessoas que eu conhecia. A moça no alto de “Do Lixo ao Luxo” era muito parecida com Daisy Bolger e um dos desenhos do escândalo no banco era a cara do meu tio Alfred. Mas *só*

podia ser a péssima qualidade das ilustrações. Quando cheguei a uma grande figura ao lado de um artigo intitulado “Evento Real”, vi que o desenho se parecia com o nosso rei, mas a legenda o chamava de “Príncipe de Alpenholm”. Um dos cortesãos fazendo reverência poderia ter sido o Sr. Hugo.

“Ora, vamos”, pensei. “Esta é, verdadeiramente, uma revista de outro mundo. Até onde eu sei, pode ser que neste mundo alguém exatamente igual ao Hugo realmente seja um cortesão real. Que incrível.” E comecei a ler sobre o evento real. Eu já tinha lido quase metade de uma coluna azul desbotada, sem entender do que se tratava o evento, ou por que ele havia acontecido, quando ouvi passos lentos e pesados entrando pela área de serviço.

Eram os passos de pessoa que você definitivamente não gostaria que te encontrasse sentado na casa dela. A pessoa pisava com força. Os passos vinham acompanhados de bufadas raivosas e resmungos mal-humorados. Eu larguei a revista e tentei deslizar silenciosamente para longe, em direção à outra cozinha. Infelizmente, meu pé bateu na cadeira quando eu me levantei e a fez arrastar no chão, fazendo muito barulho. A pessoa na área de serviço ganhou velocidade e chegou à porta quando eu ainda estava no meio da cozinha. “É o meu Destino sombrio em ação de novo”, pensei.

Era uma mulher corpulenta com um rosto reto e arroxeadado. Percebi imediatamente que ela era o tipo de mulher que *sabe* que você está aprontando algo, mesmo que você não esteja, e chama a polícia. Ela estava usando uma capa de chuva e grandes galochas e estava carregando uma lata de leite. E ela era uma bruxa. Eu soube disso no momento em que ela largou a leiteira e disse:

- Quem é você? O que está fazendo aqui?

Eu senti o formigamento de bruxaria em volta dela enquanto ela falava.

- Foi um engano – eu disse – Já estou indo.

Eu me afastei em direção à porta o mais rápido que pude. Ela veio andando pesadamente na minha direção com suas grandes galochas e com as mãos prontas para me agarrar.

- Eles sempre me encontram – ela disse – Eles mandam espiões e me encontram onde quer que eu me esconda.

Ela estava dizendo isso para me fazer pensar que ela era louca e inofensiva. Eu sabia disso porque podia senti-la lançando um feitiço. Ele zumbiu nos meus ouvidos sob as palavras delas até que eu mal conseguisse pensar ou enxergar. Então eu fiz a única coisa que consegui: ergui minha câmera e tirei uma foto dela. Ela estava mais perto do que eu havia pensado. O flash disparou bem na cara dela. Ela gritou, e o capuz da capa de chuva caiu quando ela levantou as mãos para esconder o rosto. Eu a escutei tropeçar na cadeira que eu havia chutado enquanto fugia pela outra cozinha.

Eu corri como um louco pelo corredor e até o salão de pedra. Subi a escada de pedra a toda velocidade, girando e subindo, girando e subindo, com a outra escada rodopiando vertiginosamente ao meu redor enquanto eu ascendia, até ficar quase sem fôlego. Mesmo assim, eu mal diminuí a velocidade quando encontrei Christopher descendo.

- Corra! – eu gritei para ele – Tem uma *bruxa* na cozinha! Corra!

Ele disse:

- Podemos fazer melhor que isso, Grant.

E agarrou o meu cotovelo.

Antes que eu pudesse me soltar, nós aparecemos de alguma forma no alto da escada em meio a um forte formigamento de magia. Esse formigamento parecia de certo modo mais amplo e limpo que o que a bruxa havia produzido. Enquanto Christopher me puxava pelo cotovelo ao longo do corredor, eu me lembrei que ele era um encantador de nove vidas. Isso me fez sentir um pouco mais seguro, mas só me senti realmente seguro quando passamos pelo arco e fomos envolvidos pelo cheiro de madeira morna e de reboco no sótão de Stallery.

- Ufa...! – comecei a dizer.

Christopher me interrompeu:

- Vamos para o quarto primeiro, Grant – ele disse e me virou.

O arco havia desaparecido e nós pudemos voltar furtivamente pelos corredores do sótão até nosso quarto. Lá, nós dois nos jogamos em nossas camas, eu ofegando incontrolavelmente e Christopher completamente mole, branco e abatido.

- Conte – ele disse, com a cabeça baixa.

Então eu contei a ele sobre a bruxa.

Christopher ergueu a cabeça e disse:

- Hmm. Será que *ela* é a razão para Millie não conseguir sair de lá? Millie é uma encantadora, sabe. Ela *deveria* conseguir sair. Mas, ao invés disso, parece que ela é sempre desviada para outra probabilidade. Não havia nenhum sinal dela naquelas escadas e é possível que a bruxa seja responsável por isso. É melhor voltarmos e lidarmos com a bruxa, então.

Ele se levantou. Eu me levantei também, apesar de as minhas pernas estarem fracas e trêmulas, e o segui para além da faixa de tinta mais uma vez. Christopher resmungou quando chegamos lá. Não havia nenhum arco; nada além do mesmo sótão comum pelo qual havíamos vindo. Ficamos um bom tempo sentados no chão, esperando, mas não houve nenhuma mudança.

- Você me assustou, Grant – disse Christopher – Nós devíamos ter descido, não subido. Que droga! Nós estávamos tão perto!

- Provavelmente foi meu *karma* ruim – eu disse.

- Ah, não diga bobagens! – ele disse – Vamos descer e procurar livros secretos na biblioteca. Estou cansado de ficar aqui sentado. Alguma das empregadas vai nos ver quebrando as regras se não tomarmos cuidado.

Ele provavelmente estava certo. De repente, parecia haver bastante barulho feminino vindo da outra ponta do sótão, como se todas as empregadas houvessem subido de uma vez. O espaço aberto em frente às janelas começou a ecoar com gritinhos e risos, e eu podia sentir o assoalho vibrando debaixo de mim, da mesma que ele vibrava quando todos subiam para dormir. Quando nos levantamos e fomos para o nosso lado do sótão, descobrimos que também havia bastante barulho ali. Havia portas batendo, pés correndo e homens rindo. Uma potente e grossa voz de homem estava cantando no banheiro mais próximo. Ela era tão desafinada que eu comecei a rir.

Christopher ergueu as sobrancelhas para mim:

- Gregor? – ele perguntou.

- Sr. Amos? – eu disse.

Christopher começou a rir, o que pareceu fazer bem a ele. Ele estava bem mais alegre quando descemos de elevador. Com a cabeça, ele indicou a minha câmera, que ainda estava pendurada no meu pescoço:

- Você está pensando em fotografar os livros, Grant?
- Não – eu disse – Eu precisaria de outra lente. Só esqueci que estava com ela.

Por que estamos descendo no segundo andar? A biblioteca é no térreo.

- Ah. Admire meu poder de antecipação e minha perspicácia, Grant – Christopher disse – Aquela biblioteca tem um tipo de mezanino e a porta que leva até ele fica neste andar. Nós podemos entrar escondidos e verificar se a Condessa não está lá consultando um livro de culinária ou algo assim.

- Hahaha – eu disse.

Eu estava contente por Christopher ter se alegrado, mas havia momentos em que as piadas dele realmente me irritavam.

Mas *havia* uma mulher na biblioteca. Quando abrimos delicadamente a baixa porta de madeira e nos esgueiramos para cima de uma alta sacada cercada de estantes de livros, nós a vimos por entre os balaústres ornados do parapeito. Nós dois nos abaixamos e nos ajoelhamos no carpete, mas ela poderia nos ver pelos vãos mesmo assim. Ela estava sentada no alto de uma longa escada de madeira, tentando alcançar um livro em uma prateleira alta. O único ponto positivo era que ela não era a Condessa, porque tinha cabelo escuro, mas isso não mudava o fato de que ela só precisaria virar a cabeça para nos ver ali.

Eu tentei alcançar a porta, pronto para sair engatinhando por ela imediatamente.

- Nada tema, Grant – disse Christopher.

A julgar pelo formigamento que eu estava sentindo, ele havia acabado de pôr um feitiço de invisibilidade sobre nós. Então percebi que devia ser um feitiço de silêncio também, pois primeiro Christopher se sentou confortavelmente com os braços em volta dos joelhos e depois falou em um tom de voz normal:

- E nós esperamos, Grant. De novo. Francamente, Grant, eu nunca passei *tanto tempo* esperando quanto neste lugar.

- Mas ela pode ficar aqui por *séculos* – eu sussurrei. A escada estava tão perto do mezanino que eu não podia evitar – Acho que ela deve ser a estudante sem um tostão furado que veio catalogar os livros.

Christopher lançou um olhar crítico por entre as barras do parapeito.

- Ela não me parece alguém sem nenhum tostão furado – ele disse.

Tive de reconhecer que era verdade. Ela estava usando um vestido azul escuro que era esvoaçante e justo, parecendo caro, e seus pés, enganchados em um degrau da escada, calçavam macias botas vermelhas, muito bonitas. Seu cabelo descia até os ombros com o mesmo tipo de corte caro que Lady Felice usava.

- Ela é uma amiga da Família que veio pegar um livro emprestado – disse Christopher.

Enquanto ele dizia isso, a moça pegou um livro e o abriu. Ela olhou a folha de rosto, acenou com a cabeça e fez uma anotação no bloco de papel que tinha sobre os joelhos. Então ela folheou o livro, o fechou, olhou a lombada e balançou a cabeça. Ela colocou um tipo de cartão no início do livro e se virou para colocá-lo cuidadosamente em uma caixa que estava presa à parte de trás da escada.

Era minha irmã, Anthea.

Eu fiquei de pé. Não consegui evitar. Eu quase a chamei. Eu teria feito isso se Christopher não me agarrado e me puxado para baixo.

- Vem vindo mais alguém! – ele disse.

Treze

Christopher estava certo. A grande porta principal da biblioteca se abriu e o Conde Robert entrou. Ele fechou a porta e ficou olhando para cima, sorrindo para a minha irmã.

- Olá, meu amor. – ele disse – Já está trabalhando? Era só um pretexto, sabe.

E minha irmã Anthea gritou “Robert!” e desceu a escada correndo. Ela se jogou nos braços do Conde Robert, e os dois começaram a se abraçar e se beijar freneticamente.

Nesse momento, Christopher ficou com cãibra na perna. Eu acho que era vergonha. Ou podia ser de ter corrido para cima e para baixo nas escadarias. Mas era uma cãibra de verdade. Ele se enrolou em uma bola e começou a rolar, agarrando a panturrilha esquerda, com uma expressão contorcida de agonia. Eu tive de largar minha câmera na prateleira mais baixa e me curvar sobre ele, pressionando e massageando a perna com a meia listrada. Eu sentia os músculos endurecidos sob a meia, e todo mundo sabe como isso dói. Acontecia isso comigo às vezes quando eu ia esqui. Tentei fazer Christopher segurar os dedos dos pés e puxá-los, mas ele não entendia que era assim que se curam cãibras. Ele só ficava rolando e agarrando a perna.

Eu olhava toda hora por entre as barras, caso minha irmã ou o Conde Robert houvessem nos notado, mas eles pareciam não perceber nada. Agora eles estavam se inclinando para trás com os braços em volta das cinturas um do outro, rindo e falando “Meu bem!” várias vezes.

- Ui, ai! Ui, ai! – Christopher falava.

- Puxe os *dedos!* – eu sussurrava.

- Ui ai!

- Então use magia, seu bobo!

Ouvi a porta principal sendo aberta de novo e olhei. Dessa vez era Hugo que entrava. Ele parou, olhou para Anthea, e um sorriso se estendeu por todo seu rosto atarracado.

- Bom te ver, Anthea. – e, logo em seguida, algo que soou como – Bem vinda ao clube.

Mas o joelho de Christopher me atingiu no queixo nesse momento, e eu voltei a fazer massagem. Quando olhei de novo, os três haviam ido até as poltronas de couro perto da

janela, onde o Conde Robert e Anthea se sentaram cada um em um dos braços da mesma poltrona, e Hugo se apoiou no encosto dela. Hugo falava rápido, com pressa, e Robert e Anthea olhavam para ele e concordavam com a cabeça ansiosamente.

Eu queria saber o que Hugo estava dizendo. Segurei a orelha de Christopher, cheguei perto e quase gritei “Eu disse para usar *magia!*”

Ele pareceu entender. Senti um formigamento forte. Então, de repente, Christopher se endireitou e ficou deitado com o rosto no carpete, ofegando.

- Que horrível! E além de tudo estou surdo de um ouvido.

Olhei para a biblioteca de novo a tempo de ver o Conde Robert beijar Anthea e se levantar. Hugo também deu um beijo amigável na bochecha dela, e os dois se viraram para sair. Mas a porta da biblioteca se abriu mais uma vez. Desta vez quem entrou foi o Sr Amos, com uma cara nada amigável. Christopher e eu congelamos.

- Esta jovem tem tudo o que precisa? – o Sr Amos perguntou com uma educação assustadora.

- Bem, na verdade, não.- minha irmã respondeu, inabalada – Estava justamente explicando que preciso de um computador para fazer o trabalho de forma apropriada.

Hugo disse, ansioso:

- Eu lhe disse, senhorita. Devido às condições atmosféricas aqui em Stallery, a programação de computadores está sujeita a mudanças aleatórias.

O Conde Robert disse ao Sr Amos, com o queixo erguido, cheio de altivez:

- Nós *temos* um computador, Amos?

Foi uma ótima estratégia dos três. O Sr Amos fez uma pequena reverência para o Conde Robert e disse:

- Creio que sim, milorde. Vou verificar pessoalmente.

E foi-se embora, lento e imponente.

O Conde Robert e Hugo sorriram um para o outro e para Anthea. Hugo deu uma piscadela por sobre o ombro quando saía da biblioteca, atrás do Conde Robert.

“Ufa,” disse minha irmã, e girou como um redemoinho de roupas caras e veio marchando em direção do mezanino, muito irritada.

- Saia daí, quem quer que seja!

Mal precisei olhar para a cara de Christopher, esmagada no carpete, para saber que ele havia se esquecido completamente dos feitiços de invisibilidade e silêncio assim que começaram as câibras. Eu me levantei e disse:

- Olá, Anthea.

Ela se segurou na escada e me olhou. Estava muito espantada.

- *Conrad!* O que *diabos* você está fazendo aqui com roupas de lacaio?

- Eu *sou* lacaio.

- Isso é ridículo! Você deveria estar na escola.

- Tio Alfred disse que eu podia ir para o Colégio Stall assim que tivesse reparado meu Destino Sombrio.

- Que destino sombrio? Do que você está *falando*? Venha aqui já e me conte direito.

Não consegui não sorrir. Anthea ficava apontando para o tapete diante dela enquanto dava as ordens. Era tão igual ao que ela fazia na livraria quando estava irritada comigo que quase fiquei feliz de subir a escada íngreme do mezanino.

- Seu amigo também – ela mandou, apontando para outro lugar no tapete.

Christopher se levantou, dócil, e foi mancando atrás de mim. Anthea olhou para ele e depois para mim.

- Este é Christopher. – eu disse – Ele é um encantador de nove vidas e também está aqui sob um falso pretexto, como eu.

- É mesmo? Bem, eu senti alguém fazendo magia, então acho que *pode* ser verdade. Agora fique aí, Conrad Tesdnic, e me conte tudo sobre essas besteiras que tio Alfred anda enfiando na sua cabeça.

- Eu sabia que era besteira – disse Christopher. – Mas achava que o nome dele era Grant. Você é irmã dele? Vocês se parecem bastante.

- Sim. Fique quieto! – Anthea disse – Conrad?

Para minha surpresa, Christopher fez o que Anthea mandou. Ele ficou ali prestando atenção, achando um pouco de graça, enquanto eu contava a ela o que tio Alfred havia me falado a respeito do meu karma ruim e como eu morreria a não ser que lidasse com a pessoa que o causava. Anthea suspirava e olhava para o teto. Conteí então que o Prefeito Seuly e o resto do Círculo de Magos também haviam visto meu Destino Sombrio pairando sobre mim, e que eles haviam me dado um jeito de *saber* quem era a pessoa responsável antes de tio Alfred me mandar para Stallery. Anthea fez uma cara muito feia quando eu disse isso, e Christopher pareceu achar ainda mais graça. Mas ele ficou muito surpreso quando ela disse:

- Oh, não! Estou me sentindo tão culpada! Eu não devia ter te deixado para trás. E a mamãe? Ela nem *tentou* te falar que o tio Alfred estava falando besteira?

- Ela está sempre ocupada escrevendo. – respondi, desconfortável – Nós nunca conversamos sobre meu Destino. E não é besteira, é? O Prefeito Seuly achou que era verdade.

- Todo mundo sabe que ele é um pilantra. Ele só quer uma chance de ganhar tanto dinheiro quanto Stallery ganha. Acho que ele mentiu para você, Conrad, para descobrir como ele mesmo poderia manipular as possibilidades. – ela olhou para mim e para Christopher. – Vocês já descobriram quem está fazendo isso, e como?

- Não – respondemos juntos.

- Então não acontece naturalmente? – Christopher perguntou.

- Em parte. Mas alguém está ajudando. Eu e Robert gostaríamos muito de saber mais sobre isso. Esse é um dos motivos por que estou aqui. E o que era para você fazer, Conrad, quando descobrisse quem estava causando tudo?

- Invocar um Errante.

Christopher e Anthea pareceram ficar completamente confusos.

- Eles me deram esta rolha.

Eu peguei a rolha. Estava me sentindo péssimo, idiota e enganado, e, bem, sem sentido. Se eu não tinha um Destino, então o que eu *era*? E me senti pior ainda quando Christopher disse:

- Eu tentei dizer a ele que não tem karma ruim coisa nenhuma.

- Mas ele vai acabar com um karma bem ruim se fizer o que tio Alfred e o Prefeito Seuly parecem querer! – Anthea disse e me lançou um olhar preocupado e confuso,

que me fez sentir pior ainda – Conrad, pelo amor de Deus, o que impediu a mamãe de pagar uma boa escola para você?

- Ela não tem dinheiro. Tio Alfred é dono da livraria e...

- Mas ele não *é*! Eu devia ter escrito e te *contado*! Admito que também fiquei confusa, então fui procurar o testamento do papai no Escritório de Registros assim que cheguei em Ludwich, e ele deixou toda a livraria para a mamãe.

- O que? Tudo?

- Tudo. E para você e para mim em segundo lugar. Ele deixou algum dinheiro para o tio Alfred, mas é só. Pensando bem, eu me lembro do papai me falando quando estava morrendo que esperava que tio Alfred pegasse o dinheiro e fosse embora, por que não confiava nem um pouco nele... – ela pareceu incerta por alguns instantes – Mas por que não me lembrei disso antes?

Ela estava olhando vagamente para Christopher quando disse isso. Ele deve ter pensado que ela estava perguntando para ele, porque disse:

- Se ele é mago, esse tio de vocês, pode muito bem ter lançado um feitiço de esquecimento seletivo. Não é difícil.

- Ele deve ter lançado *mesmo*. – Anthea falou e continuou, decidida – Conrad, vou telefonar para a mamãe. Eu já ia ligar mesmo, e agora é mais urgente. Vou ver o que ela fala.

Havia um telefone no canto da biblioteca. Anthea foi até ele e discou o número da nossa livraria. Fui correndo atrás dela para ouvir a conversa. Anthea virou o telefone e eu consegui ouvir de longe uma voz entediada de mulher dizendo:

- Grant e Tesdnic. Como posso ajudar?

Anthea moveu os lábios sem som:

- Quem?

- Daisy. Assistente nova depois que você se foi. – eu disse.

Anthea entendeu.

- Eu posso falar com Franconia Grant, por favor?

- Quem?

- A famosa escritora feminista. Acredito que ela seja casada com um Sr. Tesdnic, mas nós, feministas, não falamos nisso.

- Aah! – disse Daisy, lá longe – Entendi. Só um minuto, vou ver se ela está livre. Ouvimos passos abafados correndo e vozes gritando ao longe. Ouvi tio Alfred, baixo e distante, dizendo:

- Eu não. Não tenho nada a ver com essas harpias.

Finalmente, ouvimos uma confusão, e a voz de minha mãe dizendo:

- Franconia Grant falando.

Daí para frente foi muito mais fácil escutar. Christopher estava se debruçando, querendo escutar também. Anthea disse alegremente:

- Olá, mamãe. Aqui é a Anthea.

Minha mãe disse “Meu Deus!”, o que era de se esperar. Afinal, haviam se passado quatro anos. Ela acrescentou:

Eu achei que você tivesse ido embora para sempre.

- E tinha mesmo. Mas achei que você devia saber quando sua filha vai se casar.

- Não acredito! Nenhuma filha minha sequer pensaria em ser escrava de um homem...

- Bem, eu vou. Ele é maravilhoso. Achei que você não ia aprovar, mas precisava te contar. E como está Conrad? – houve um silêncio do outro lado da linha – Meu irmão mais novo. Lembra?

- Ah. Ah, sim. Mas ele não está aqui agora. Ele insistiu que queria sair da escola assim que tivesse idade, e arrumou um emprego fora da cidade. Eu...

- O tio Alfred te disse isso? – Anthea interrompeu.

- Não, claro que não. Você sabe tão bem quanto eu que Alfred é um mentiroso compulsivo. *Ele* me disse que Conrad ia continuar na escola. Eu até assinei o formulário, e Conrad foi embora sem dizer uma palavra, igual você fez. Eu não sei o que fiz para merecer dois filhos como vocês.

Então, enquanto Anthea tentava dizer que não era verdade, pelo menos não a meu respeito, minha mãe falou de repente:

- Quem é esse homem maravilhoso que te atraiu para a servidão feminina, Anthea?

- Se você está falando de casamento, mamãe, é o Conde Robert, de Stallery.

Nisso, minha mãe falou alguma coisa que parecia “Aquele impostor!”, mas era mais um estranho uivo lastimoso, e largou o telefone. Escutamos o barulho dele caindo em alguma superfície dura. Houve alguma comoção à distância, até que alguém colocou com força o telefone de volta no gancho e a ligação caiu.

Quando Anthea colocou no gancho o fone que zumbia, tive a maior dificuldade do mundo para não cair em prantos. As lágrimas subiam e enchiam meus olhos, e eu tive que ficar olhando rigidamente para as estantes de livros diante de mim. Elas ficaram distorcidas e anuviadas. Eu me senti profundamente decepcionado e traído. Todos haviam mentido para mim. Eu nem sabia mais o que era verdade.

Anthea passou o braço em volta de mim, apertado. Christopher disse:

- Eu sei como você se sente, Grant. Já aconteceu uma coisa assim comigo.

- Você acha que a nossa mãe está *mesmo* enfeitiçada? – Anthea perguntou a ele.

- Ela nem se importa! – consegui dizer.

- Não, Grant. Acho que é mais complicado que isso. Pense que é uma mistura de mentiras e feitiços muito pequenos preparados por alguém que a conhece muito bem, e sabe que ela vai para onde a guiarem, se guiarem devagar e sempre. Parece que fizeram o mesmo com você, Grant. O que é esse Errante que você tem que invocar? Por que você não tenta invocá-lo agora para ver o que acontece?

Senti a mesma boca seca de medo que eu tive no Círculo de Magos. Fiquei horrorizado.

- Não, não! Não posso fazer isso antes de *saber*!

- Saber o que? – minha irmã perguntou.

- Quem... Quem é a pessoa... Que eu devia ter matado na minha vida passada. – gaguejei,

Senti Anthea e Christopher se olharem por cima da minha cabeça.

- Feitiço de medo. – disse Christopher. – E você não *sabe*, não é, Grant? Então é muito mais seguro invocar a coisa agora, antes de haver algum perigo real.

- Sim, faça isso. Faça logo, Conrad. Eu quero saber o que ele está te fazendo fazer. E você – Anthea disse a Christopher – se realmente é um encantador, pode ficar guardando a porta, caso aquele mordomo volte com o computador.

A expressão de Christopher era uma mistura de surpresa e ultraje. Eu quase ri.

- *Se* eu for encantador! *Se!* Estou quase te transformando num hipopótamo para ver se o Conde Robert vai gostar de você assim!

Mas ele foi e ficou com os ombros encostados na porta assim mesmo, olhando furioso para minha irmã.

- Pode invocar, Grant. Faça o que o hipopótamo está dizendo.

Anthea ainda estava me abraçando. Ela disse, como se eu ainda tivesse seis anos de idade, e ela estivesse colocando um curativo no meu joelho:

- Não vou deixar te machucar.

Eu me encostei nela e tirei a rolha manchada de vinho do bolso do colete. Ainda estava morrendo de vergonha de mim mesmo por ter acreditado naquelas mentiras, mas a boca seca de medo havia passado. E a rolha era tão comum. Tinha um carimbo de “*Illary Vinhos 1893*”, e um cheiro levemente azedo. Comecei a me sentir bobo. Pensei até que o Círculo de Magos estivera brincando comigo. Mas apontei a rolha para a parede oposta da biblioteca e disse:

- Eu invoco um Errante. Venha e me dê o que eu preciso. Acho que é tudo invenção. – adicionei, para Anthea.

- Não é *não*.

Anthea disse isso clara e seriamente. O braço dela apertou mais meus ombros.

Houve uma sensação repentina de imensidão. Era uma sensação muito estranha, porque a biblioteca ainda estava em volta de nós, próxima, aconchegante e cheia do perfume sereno e mofado de livros, mas a imensidão também estava ali. Eu sentia o cheiro dela. Ela trazia um cheiro pungente e gélido como os ventos sobre planícies congeladas. Então percebi que eu também *via* a imensidão. Além dos livros, além do fim de qualquer mundo, havia um enorme horizonte curvo, fracamente iluminado por uma aurora gelada, e ventos que eu não sentia sopravam de lá. Eu sabia que eram os ventos da eternidade. E fui tomado por um medo real, que não tinha nada a ver com qualquer feitiço de medo.

Então percebi que podia ver o Errante se aproximando. Cortando o enorme horizonte, iluminado pela estranha luz escondida que vinha de trás, vinha andando uma figura escura. Ele ou ela andava de um jeito estranho, apressado e cuidadoso, se encurvando um pouco por sobre uma coisinha que carregava nas mãos, como se ela pudesse derramar ou quebrar se sofresse algum solavanco. Então andava suave, mas rapidamente, em pequenos passos, e o vento soprava seus cabelos e suas roupas para o lado, mas os cabelos e as roupas não se moviam. E vinha vindo e vindo. E o tempo todo eu continuava vendo as estantes cheias de livros diante de mim, sob a luz comum do dia, e, ainda assim, via a distância e o Errante com a mesma clareza.

O braço de Anthea estava muito apertado em volta de mim. Eu sentia que ela estava tremendo. Os ombros de Christopher bateram na porta quando ele tentou se afastar, e eu o ouvi dizer baixinho “Santo Deus!”. Todos sabíamos que não havia nada que pudéssemos fazer para parar o Errante.

Ele foi chegando cada vez mais perto, com seus estranhos passos irregulares. Os ventos sopravam suas roupas e cabelos, que não se mexiam, e ele continuava encurvado por sobre a coisa que carregava. Quando estava a poucos metros de nós, e a biblioteca se encheu de rajadas de cheiro ártico que podíamos cheirar, mas não sentir, eu poderia jurar que o Errante era mais alto que o teto, que tinha dois andares. Mas quando ele chegou perto de mim, era só uns trinta centímetros mais alto que Anthea. Agora ele estava realmente dentro da biblioteca, e eu estava todo dormente com o frio que não sentia, só cheirava. Ele se dobrou na minha direção. Eu vi uma mecha de cabelo escuro ser soprada, imóvel, da frente de um rosto branco e de longos olhos escuros. Os olhos me observavam com atenção enquanto ele estendia uma mão para mim. Eu nunca havia visto olhos tão atentos. Soube, quando pensei nisso, que era porque o Errante deveria me dar exatamente a coisa certa. *Exatamente*. Mas antes eu precisava lhe dar a rolha em troca.

Coloquei a rolha na mão estendida. A mão se fechou em volta da rolha, e a outra veio e me passou outra coisa: algo frio como gelo, bem mais pesado que a rolha e com o dobro do comprimento. Meu rosto estava rígido e dormente, mas eu consegui dizer “Obrigado”, meio resmungando. O rosto branco e atento acenou uma vez em resposta.

Então o Errante foi embora, passando por Anthea e por mim.

Nós três, Christopher, Anthea e eu, expiramos um “ufa!” de puro alívio. Assim que o Errante passou por mim, sumiu. O cheiro gelado e o horizonte eterno haviam sumido também, e a biblioteca era de novo um cômodo fechado e morno.

Christopher disse, numa voz que tentava não demonstrar muito espanto:

- Era um homem ou uma mulher? Não consegui distinguir.
- Eu não sei se isso se aplica a um ser como aquele. – disse Anthea – O que ele te deu, Conrad?

Olhei para a coisa em minhas mãos. Estava quase morna agora, um pouco fria, como o metal sempre é.

Eu olhei e fiquei intrigado. Parecia um pequeno saca-rolhas, muito parecido com aquele com o qual eu lutava quando queriam que eu abrisse uma garrafa de vinho do porto para o Círculo de Magos. Ele tinha um cabo com um tipo de puxador na ponta, por onde dava para passar dois dedos, e com uma voltinha de cada lado, para mais dois dedos. Mas havia uma chave saindo da parte de cima do puxador. Se eu segurasse o objeto de um jeito, era um saca-rolhas, mas se o virasse ao contrário, o saca-rolhas virava o corpo da chave.

Eu o levantei para Anthea ver, e o chacoalhei para Christopher.

- Vejam. Eu supostamente *preciso* disto. O que vocês acham que eu *faço* com isto?

Anthea se aproximou para olhar melhor.

- *Pode* ser a chave de uma adega.

Christopher deu um tapa na própria perna.

- *É isso!* O hipopótamo acertou uma! Eu *sabia* que era importante entrar na adega! Vamos, Grant. Vamos fazer isso antes de termos de voltar para o serviço.

Ele correu em direção à escada. Eu o segui lentamente, me sentindo chateado, confuso e desapontado. Eu esperava que o Errante fosse me entregar alguma coisa muito mais perigosa que uma chave ou um saca-rolhas.

- Ande logo, Conrad. – disse Anthea – Aquele mordomo...

Então eu me apressei um pouco, por sorte. Eu havia acabado de subir até o mezanino quando a porta lá embaixo se abriu novamente. O Sr Amos entrou com imponência, seguido por uma fila de lacaios que carregavam um monitor, uma torre, um teclado, rolos de fios, montes de discos, uma pilha de geradores, uma impressora, caixas de papel e um monte de outros acessórios.

- Eu supervisionarei a montagem dos equipamentos pessoalmente, senhorita. – O Sr Amos disse a Anthea.

Christopher me arrastou pela porta no fundo do mezanino.

- Bom. – disse ele, quando estávamos a salvo no corredor. – Se ele está ocupado aí, não pode estar na adega. *Vamos, Grant!*

Quatorze

Descemos as escadas correndo e descemos de novo até a galeria subterrânea.

- Engraçado – eu disse a Christopher enquanto andávamos nas pontas dos pés até a escada que levava à adega – Eu não conheço nenhum dos lacaios que estavam com o Sr. Amos. E você?

- Shh. Todo cuidado é pouco, Grant – ele disse.

Na verdade, não havia ninguém por perto e estávamos perfeitamente seguros. Christopher só estava sendo dramático porque tudo estava sendo muito fácil. Havia belos e largos degraus descendo em curva até a adega e um interruptor ao lado da porta ao pé da escada, de forma que eu pude ver o que estava fazendo na hora de colocar a chave no buraco da fechadura. O buraco parecia grande demais, mas a chave entrou, se encaixou perfeitamente e destrancou a porta quando a girei. A porta se abriu com facilidade e silenciosamente, e as luzes se acenderam dentro da adega.

- Tranque-a depois de entrar – disse Christopher.

- Não – respondi – Nós podemos precisar sair rapidamente.

Christopher deu de ombros. Fechei a porta e nós nos vimos em um conjunto de cômodos baixos e frios, cercados de prateleiras de vinho e barris. Havia garrafas empoeiradas e garrafas novas e brilhantes, fileiras e mais fileiras delas, pequenos barris com *Cognac* escrito neles em letras exóticas, outros maiores com a inscrição *herez* que Christopher disse que era o mesmo que xerez, e paredes inteiras cobertas de garrafas de champanhe.

- Dá pra ficar muito bêbado aqui – comentou Christopher.

Ele estava investigando uma prateleira cheia de garrafas empoeiradas com rótulos que diziam *Nuits d'été 1848*.

- Estou me sentindo muito inclinado a afogar minhas mágoas, Grant. Eu vi a Millie. Falei com ela. Você sabe abrir garrafas de champanhe?

- Não seja idiota – falei.

Eu o puxei para longe da prateleira e o levei comigo, passando por milhares e milhares de garrafas, até chegarmos a outra porta trancada na parede dos fundos. Ele comentou:

- Ah, talvez seja isto, seja lá o que *isto* for. Sua bugiganga funciona nesta porta também?

Tentei usar a chave de saca-rolhas mais uma vez e deu certo. Essa porta rangeu um pouco ao se abrir, como se não fosse usada com frequência, e descobrimos o porquê assim que entramos. As luzes se acenderam e mostraram outra escada, de aparência mais nova, que levava até um alçapão no teto. Christopher fitou o alçapão de metal novo e brilhante, pensativo.

- Acredito que podemos estar bem debaixo da despensa do mordomo, Grant. E, nesse caso, as coisas importantes devem estar logo adiante – disse ele.

As paredes aqui eram de tijolos bem novos. Parecia que um cômodo extra havia sido construído, aproveitando o canto de uma das adegas principais. Avançamos furtivamente até a curva do corredor. Ali, nós dois paramos, perplexos. As paredes deste cômodo estavam forradas – da mesma forma que as paredes da adega estavam forradas com garrafas – com monitores acesos e piscando. Eles estavam empilhados em fileiras que iam do chão até o teto. A maioria estava coberta de colunas de símbolos verdes, que corriam, saltavam e mudavam o tempo todo. Mas cerca de um terço das telas, a maioria na parede dos fundos, estavam cheias de espirais ou formas pontiagudas e coloridas. As telas piscando e se movendo me deixaram enjoado. O pior de tudo era o formigamento peculiar de magia dentro da sala. Era um formigamento elétrico e estranho, semelhante a barras de metal retinindo. Eu tive que olhar para o chão por um tempo, até me acostumar com a sensação. Mas Christopher estava andando de um lado para o outro da sala, observando os monitores com interesse.

- Você entende isto, Grant? – ele perguntou.

- Não – eu disse.

- Eu quase entendo, mas vou precisar da sua ajuda para ter certeza – ele apontou para uma tela cheia de números dançantes – Por exemplo, o que quer dizer Coe-Smith?

- Bolsa de valores, eu acho.

- Certo! – disse Christopher triunfante.

Ele apontou para outra tela, onde colunas de números azuis corriam tão rapidamente que eu não conseguia lê-las.

- O que é Buda-Parich?

- É uma cidade no meio do continente. – respondi – É onde ficam todos os grandes bancos.

- E aqui está Ludwich – disse Christopher, olhando para outra tela – Essa eu conheço. Também há grandes bancos e uma bolsa de valores em Ludwich, estou certo? Mas não pode haver uma cidade chamada Futuros de Metais, pode? Este grupo de telas deve ser de ações e títulos, então. Sim, Químicos, Munições Pesadas, Produtos de Carbono. Meio que faz sentido. E... - ele parou em um grupo de telas nas quais linhas verdes e vermelhas ziguezagueavam, se dobravam e subiam – Estes devem ser gráficos. Mas os mais confusos – ele continuou, seguindo até a parede dos fundos – são *estes*. Parecem ser só padrões. O que você acha que este aqui é? Este cheio de formas pontiagudas se mexendo.

- Fractais? – sugeri.

- Nunca nem ouvi falar disso – disse Christopher – E continuo sem saber o que são. Ah, olha. Estes devem ser os controles.

Debaixo dos possíveis fractais havia um painel de metal inclinado. Fileiras de botões ocupavam a metade de cima dele. A parte de baixo era ocupada por um teclado bem gasto. As luzes dos monitores pintaram padrões coloridos e dançantes sobre o rosto atento de Christopher quando ele apoiou as duas mãos na beirada do painel e encarou as fileiras de botões.

- Interessante – disse ele – Quando botões são usados com muita frequência, dá para ver quais são os mais importantes. Este teclado está bem ensebado com gordura de dedos. É usado todos os dias, eu diria. E este sozinho no topo é usado quase com a mesma frequência.

Seu dedo fino e branco apontou para uma tecla quadrada no canto superior direito, acima de todos os outros. O metal em volta dessa tecla tinha uma aparência polida e cheia de sulcos, com um anel de gordura em volta da parte brilhante. A etiqueta debaixo dela estava quase completamente gasta. Pelo que eu conseguia ver, ela dizia “alt”, como em alterar.

- Isso deve ser... – comecei, mas Christopher se virou para mim, com uma aparência quase profana sob as luzes coloridas.

- O que você acha? – ele disse – Será que nos atrevemos, Grant? Será?

- Não, não mesmo – eu disse.

Christopher simplesmente sorriu e apertou a tecla quadrado e gasta com força.

Nós sentimos a alteração como um terremoto lá embaixo. Nossos pés pareceram ser empurrados para o lado debaixo de nós. Todas as telas piscaram e começaram a tremeluzir loucamente com novas configurações. Acima do painel de controles, os estranhos padrões se entrelaçavam e se contorciam, criando formas e cores totalmente diferentes.

- Olha só o que você fez! – eu disse – Vamos sair daqui.

Christopher fez uma careta, mas assentiu com a cabeça e começou a se afastar furtivamente do painel. Eu havia acabado de me virar para segui-lo quando ouvi alguém falando. Era uma voz de mulher, muito refinada e grave.

- Amos! – ela disse, e fez nós dois congelarmos no lugar.

Ficamos parados, curvados e nas pontas dos pés, torcendo os pescoços para olhar para a grade circular no teto de onde a voz havia vindo.

- Amos – ela disse – Preste atenção, por favor. Acho que não podemos nos arriscar a fazer mudanças neste momento. Acho que podemos ter problemas deste lado. Eu lhe contei sobre o sujeito esfarrapado que nós pegamos fuçando no escritório. A segurança o prendeu, mas ele devia ser algum tipo de usuário de magia porque escapou durante a noite. *Amos!* Está me escutando?

Christopher e eu não esperamos mais. Eu segurei o braço dele e ele agarrou meu ombro e nós saímos amontoados, fizemos a curva e saímos pela porta. Eu mal consegui virar a chave de saca-rolhas na fechadura de tanto que ria. Christopher estava rindo também. Estávamos agindo da maneira boba que as pessoas se comportam quando sentem que quase foram pegas.

Enquanto passávamos apressados pelas fileiras de vinho, Christopher disse, com um soluço e uma risadinha:

- Aquela não pode ter sido a Condessa, não é?

- Não – disse eu – A Sra. Amos?

- Um pouco afetada demais – disse Christopher.

Ainda estávamos rindo quando chegamos à porta da adega e eu a tranquei atrás de nós. Não conseguimos nos controlar até que chegamos ao saguão da galeria subterrânea e eu tentei enfiar a chave de saca-rolhas no bolso do meu colete. Não deu certo. A chave tinha mais que o dobro do tamanho da rolha e ficava escapando independente do que eu fizesse.

Christopher disse:

- Aqui. Permita-me.

Ele sacou um pedaço de barbante do nada, o passou pelo cabo do saca-rolhas, amarrou as pontas e pendurou tudo em volta do meu pescoço.

- Coloque debaixo da camisa, Grant.

Enquanto eu estava escondendo tudo debaixo da gravata, a Sra. Semple entrou no saguão a toda velocidade, com a saia listrada voando.

- Eu procurei vocês dois em toda parte! – disse ela – Vocês vão comer no Salão Médio de agora em diante, com os novos Empregados...

Ela pausou, deu um passo atrás e ergueu as mãos, horrorizada. Ela era o tipo de pessoa que fazia isso.

- Minha Nossa! – ela disse – Vão vestir uniformes limpos *imediatamente!* Vocês têm dois minutos. Vão se atrasar para o almoço, mas é bem feito.

Disparamos escada acima e saltamos para dentro do banheiro dos Empregados no andar de cima. Lá dentro, Christopher se escorou na parede mais próxima.

- Esta está sendo a manhã mais atribulada da minha vida – ele disse – Eu não vou subir até o sótão de novo *nem morto!*

Eu estava pensando a mesma coisa. Mas, quando me olhei no espelho, vi porque a Sra. Semple havia ficado tão horrorizada. Ambos estávamos imundos. Christopher estava coberto de pó e fiapos de carpete. Uma das meias dele estava toda enrolada e a gravata dele se parecia com um cordão cinza de novo. Eu estava coberto de teias de aranha, e meu cabelo estava uma bagunça.

- Então use magia – eu disse.

Christopher suspirou e abanou uma mão.

- Pronto.

E nós voltamos a ser puxa-sacos elegantes usando camisas limpas e alinhadas e gravatas branquinhas.

- Esgotado – ele disse – Estou exausto, Grant. Você me forçou a fazer magia permanente em nós. Neste ritmo eu vou envelhecer antes da hora.

Eu podia ver que ele estava bem, na verdade, mas ele continuou dizendo esse tipo de coisa ao longo de todo o caminho de volta para a galeria subterrânea. Nem liguei. Nenhum de nós queria falar sobre o Errante, ou sobre os monitores na adega e a voz que saiu do teto. Era tudo pesado demais para encarar naquele momento.

Abrimos a porta do Salão Médio e descobrimos que estava cheio de estranhos: criadas de toucas amarelas e lacaios de coletes e meias listradas, todos mais bonitos que o normal. Andrew, Gregor e os outros lacaios que nós conhecíamos estavam sentados em fileira nos fundos do cômodo comprido e baixo, olhando em volta perplexos. Uma das criadas mais bonitas estava em pé sobre a mesa, entre os copos e talheres. Quando entramos, ela ergueu uma mão dramaticamente e disse:

- Oh, quando, quando vem a noite anil e traz meu amor para mim?

E um rapaz de terno escuro que estava ajoelhado no chão entre as cadeiras disse:

- Antes mesmo que o poente pinte de rosa o oeste, eu venho, venho para ti!

- Impetuoso – respondeu a jovem em cima da mesa.

- Hein? – disse Christopher.

Todos se assustaram. Mais rápido do que eu pensaria ser possível, cada uma das novas criadas e cada um dos estranhos lacaios se sentou modestamente em uma cadeira em volta da mesa, com a exceção do homem de terno, que havia se levantado e estava puxando as mangas do paletó para baixo. E a moça – que realmente era *muito* bonita – ainda estava de pé sobre a mesa.

- Seus cachorros! – ela gritou – Vocês podiam ter me ajudado a descer. Agora eu é que estou encrencada!

- Está tudo bem – eu disse – Somos só os Ajudantes.

Todos relaxaram. O homem de terno fez uma reverência para nós. Ele era quase ridiculamente alto e magro, com um lado do rosto meio contorcido.

- Prendergast – disse ele – Sub-mordomo temporário. O nome é temporário também – ele acrescentou, contorcendo o outro lado do rosto – Meu nome artístico é Boris Vestov. Talvez já tenham ouvido falar de mim? Não – ele acrescentou, triste, vendo que

Christopher tinha um olhar tão perdido quanto o meu – Eu atuo mais nas províncias, de qualquer forma.

- Nós somos todos atores, queridos – explicou outra criada bonita.
- Como? Por quê? – disse Christopher – Quer dizer...
- Porque o Sr. Amos é uma pessoa extremamente prática – disse a moça em cima

da mesa.

Ela se ajoelhou e sorriu para Christopher. Ela era loira e, cara a cara, deslumbrante. Christopher parecia tão deslumbrado quanto Andrew e os outros. O nome dela, eu descobri, era Fay Marley e ela era uma estrela em ascensão. Quando parei para pensar, me lembrei que eu a havia visto na televisão de um amigo havia um ano.

Cutuquei Christopher com o cotovelo.

- É verdade – eu disse – Ela fez *Corpos* no ano passado.
- E daí? – disse ele – O que isso tem a ver com o fato do Sr. Amos ser prático?

Fay Marley desceu da mesa e explicou. Todos eles explicaram. Não poderia existir ninguém mais amigável que aqueles atores. Eles riam, faziam piadas e nos chamavam de “querido”. Continuaram explicando enquanto as criadas normais traziam o almoço. As criadas normais saçaricavam, assanhadas. Elas não paravam de sussurrar para mim ou para Christopher, “Ela é aquela jovem enfermeira de *Corpos!*” e “É ele que pula pela janela no comercial de chocolate!” e “Ele era o elfo perdido de *Chick-Chack!*”. O Sr. Prendergast/Vestov praticamente teve de empurrá-las para fora da sala. Enfim, parecia que o prático Sr. Amos havia, muito tempo atrás, feito um acordo com o Sindicato dos Atores dizendo que, quando Stallery precisasse de mais criadas e lacaios rapidamente, ele contrataria todos os atores que não estivessem empregados no momento.

- Estar desempregado é comum para atores. – disse um lacaios glamouroso.
- Mas o Sindicato estabelece condições rígidas – uma criada morena, que era tão glamourosa quanto ele, nos disse – Se arrarmos um papel em uma peça ou em um filme enquanto estamos aqui, nós podemos deixar Stallery imediatamente.
- E fazemos todas as refeições juntos – disse uma linda criada.
- Nós só podemos trabalhar um determinado número de horas por dia. Vocês vão trabalhar muito mais do que nós, queridos.

- Mas por que vocês acham que vão conseguir fazer o mesmo trabalho que nós?
– disse Christopher.

Todos eles riram.

- Não existe ninguém entre nós – disse o Sr. Prendergast – que nunca tenha, em algum momento de sua carreira, entrado em palco e dito, “O jantar está servido, senhora”, ou que não tenha carregado uma bandeja com água colorida e taças de vinho. Nós conhecemos esse papel muito bem.

- E nós temos pouco mais de um dia para ensaiar, de qualquer forma – disse outro glamoroso lacaio. Ele se chamava Francis e era loiro como Fay – Eu soube que os convidados só começarão a chegar quando as senhoras voltarem de Ludwich.

Eles nos disseram que haviam todos chegado de ônibus naquela manhã.

- Junto com aquela adorável donzela que veio arrumar a biblioteca – acrescentou uma bonita criada – Eu daria meu dedo mindinho para ter a pele dela.

Nós ouvimos essa história mais de uma vez, porque houve pelo menos mais duas daquelas mudanças durante o almoço. A cada uma delas, a conversa dava um tipo de pulo e voltava alguns estágios. Christopher começou a parecer um pouco culpado. Ele rolava os olhos para mim a cada mudança, torcendo para que eu não dissesse nada. No final do almoço ele estava bem quieto e ansioso.

Então o sinal tocou. Christopher e eu tivemos de voltar ao trabalho, junto com Andrew, Gregor e dois dos lacaios-atores. E o Sr. Amos estava esperando por nós no alto da escada, apagando o charuto no mesmo lugar de sempre. Eu estava certo de que ele sabia que havíamos entrado na sua adega secreta. Eu quase saí correndo. Christopher ficou branco. Mas eram os novos lacaios que o Sr. Amos queria. Ele nos mandou para a sala de jantar na frente deles.

O que quer que o Sr. Amos tenha dito aos atores os deixou muito nervosos. Eles foram péssimos. Ficavam entrando um no caminho do outro o tempo todo. Francis quebrou dois pratos e Manfred tropeçou em uma cadeira e caiu. Andrew e Gregor os encararam, cheios de desprezo. E, quando a Condessa chegou, seguida de Lady Felice e do Conde Robert, foi recebida pelo longo estardalhaço de facas caindo de uma gaveta que Francis havia puxado

demais. A Condessa parou e o olhou fixamente. Ela estava lindamente arrumada para a viagem a Ludwich.

- Eu sinto muitíssimo, milady – disse o Sr. Amos – São os empregados novos, sabe.

- Então foi isso? – disse o Conde Robert – Eu pensei que fosse uma guerra.

A Condessa lançou-lhe um olhar indignado e marchou até sua cadeira, enquanto Francis, com o rosto mais vermelho do que eu achava que fosse possível, rastejava de um lado para o outro, catando facas que estavam no caminho dela. O Sr. Amos acenou com a cabeça para que Christopher e eu o ajudássemos. Eu estava engatinhando pelo chão e Manfred havia acabado de derramar sopa sobre metade das facas, quando ouvi um estrondo monumental, como o dobrar dos sinos de um funeral em uma catedral.

- A porta da frente – disse o Sr. Amos – Peço que me deem licença, milady, milorde. O Sr. Prendergast ainda não está bem versado em suas obrigações – ele agarrou o braço de Andrew e murmurou – Ponha aqueles dois idiotas contra a parede até eu voltar.

Então ele saiu da sala como um redemoinho.

Gregor me deu um chute forte – típico – e me fez servir a sopa no lugar de Manfred. Eu já havia dado uma tigela cheia a cada um dos três e a Condessa, com a colher elegantemente equilibrada diante dos lábios, estava dizendo, “Agora, Felice, querida, você e eu teremos uma conversa muito séria sobre o Sr. Seuly a caminho de Ludwich”, quando o Sr. Amos entrou apressadamente. Ele parecia quase aturdido. Enquanto ele fechava a porta daquele jeito completamente silencioso, eu pude ouvir a voz do Sr. Prendergast do lado de fora:

- Eu estou lhe dizendo que sou perfeitamente capaz de abrir uma porta, seu maluco em formato de pera!

Todos fingiram não escutar.

O Sr. Amos e se inclinou ao lado do Conde Robert.

- Milorde, - ele disse – há um Mensageiro Real no salão que gostaria de falar com o senhor.

A cabeça da Condessa subiu de um estalo. Sua colher caiu ruidosamente no prato de sopa.

- O que foi? Querendo falar com Robert? Que absurdo!

Ela ficou de pé com um salto. O Conde Robert se levantou também.

- Sente-se – ela disse a ele – Deve haver algum engano. *Eu* estou no comando aqui. *Eu* falarei com o mensageiro.

Ela afastou o Conde Robert e marchou até a porta. Manfred tentou compensar os erros anteriores correndo até a porta para abri-la, mas ele escorregou na sopa derramada e caiu sentado com um baque. Christopher abriu a porta com agilidade no lugar dele e a Condessa flutuou para fora.

O Conde Robert simplesmente deu de ombros e, enquanto Francis e Christopher estavam erguendo Manfred, deu a volta na bagunça e foi falar com Lady Felice. Ela estava sentada cabisbaixa, parecendo realmente deprimida. Eu não escutei a maior parte do que o Conde Robert disse a ela, mas quando Gregor me deu um empurrão para enxugar a sopa do chão o Conde estava dizendo:

- Agente firme. Lembre-se que ela não pode *forçá-la* a se casar com ninguém. Você pode dizer não no altar, sabe.

Lady Felice ergueu os olhos para ele melancolicamente.

- Eu não teria tanta certeza – ela disse – Nossa mãe é um gênio quando se trata de conseguir o que ela quer.

- Eu darei um jeito – disse o Conde Robert.

A Condessa retornou nesse momento, tensa e irritada.

- Bem! – disse ela – Quanta impertinência! Mande aquele sujeito embora de uma vez.

- O que ele queria, milady? – o Sr. Amos perguntou.

- Um Comissário Real está vindo para o distrito – disse a Condessa – Eles querem que eu o receba como hóspede em Stallery, imagine só! Eu disse ao homem que isso estava fora de questão e o mandei embora.

A papada em forma de pera do Sr. Amos ficou um pouco branca.

- Mas, milady – ele disse – esse deve ter sido um pedido do próprio Rei.

- Eu sei – a Condessa disse enquanto Andrew puxava a cadeira para que ela se sentasse – Mas o Rei não tem o direito de interferir nos *meus* planos.

O Sr. Amos engoliu em seco.

- Perdoe-me, milady – ele disse – É obrigatório para todos os nobres do reino oferecer hospitalidade aos enviados do Rei caso isso seja requisitado. Nós não gostaríamos de desagradar Sua Majestade.

- Amos – disse a Condessa – Essa pessoa deseja se instalar aqui, na minha mansão, no exato momento em que teremos a casa cheia de hóspedes eminentes. Lady Mary, a noiva do Conde, estará aqui com toda a sua família e com as pessoas que eu selecionei para conhecê-la. *Todos* os quartos de hóspedes estarão ocupados. Os valetes e as damas de companhia estarão ocupando os dois andares superiores. Esse Comissário tem uma equipe de dez pessoas, *além* de vinte seguranças. Diga, onde eu devo *colocá-los*? Nos estábulos? Não. Eu disse a eles para procurarem um hotel em Stallchester.

- Milady, eu creio que essa não foi uma sábia decisão – disse o Sr. Amos.

A Condessa lançou um olhar gélido em direção a sua sopa e depois em direção às costeletas que Andrew estava tirando do elevador de comida.

- Eu não quero isso – ela disse.

Ela jogou o guardanapo sobre a mesa e se levantou de novo.

- Venha, Felice – ela disse – Nós partiremos para Ludwich *agora*. Eu não vou ficar aqui e ter a minha autoridade questionada o tempo todo. Amos, diga para trazerem o carro até a porta em cinco minutos.

Ela e Lady Felice saíram apressadamente, sob um rápido estalar de saltos. De repente, todos começaram a sair com pressa também. Andrew saiu correndo para entregar um recado na garagem, Christopher foi buscar as duas damas de companhia, que também iam para Ludwich, e os outros lacaios foram correndo pegar a bagagem. O Sr. Amos, com uma aparência tempestuosamente irritada, se voltou para o Conde Robert:

- O senhor gostaria de continuar almoçando agora ou prefere esperar até que as damas tenham partido, milorde?

O Conde Robert estava apoiado no encosto de uma cadeira e eu juro que ele estava tentando não rir.

- Eu acho que você devia ir se deitar, Amos – ele disse – Esqueça o almoço. Ninguém está com fome.

Então, antes de o Sr. Amos me mandar para a cozinha, o Conde se virou para mim e me chamou com um gesto.

- Você – ele disse – vá até a biblioteca e diga à moça que está esperando lá para me encontrar em frente ao estábulo daqui a dez minutos.

Quando saí, ele estava dando um sorriso doce e inexpressivo ao Sr. Amos.

Eu encontrei Anthea na biblioteca, sentada em frente a um monitor com uma expressão contrariada.

- Eles estavam certos sobre as perturbações por aqui – ela me disse – Tudo vive saltando para o lado e, quando eu consigo recuperar as informações, elas estão completamente diferentes.

Quando eu dei a ela o recado do Conde Robert, ela deu um salto, sorrindo de orelha a orelha.

- Ah, que bom! Como eu acho o estábulo neste quartel?

- Eu te levo até lá – eu disse.

Nós tomamos o caminho mais longo e conversamos até chegarmos lá. Contei a ela sobre os monitores que Christopher e eu havíamos encontrado na adega.

- E eu acho que o seu computador deu problema quando o Christopher apertou a tecla alt. – eu disse – Senti que parecia mágico.

- É muito provável – ela disse – Então é aquele mordomo em forma de pera que está bagunçando as finanças do mundo, é? Obrigada. Robert vai gostar de saber disso.

- Como você conheceu o Conde Robert? – perguntei.

Minha irmã sorriu.

- Na universidade, é claro. E o Hugo também... Apesar de que ele vivia escapulindo para visitar a Felice na escola de etiqueta. Eu conheci Robert em uma aula de magia no meu primeiro dia e estamos juntos desde então.

- Mas a Condessa disse que o Conde Robert tem de casar com uma Lady Mary Não-sei-das-quantas que vai vir pra cá logo.

Anthea sorriu, feliz e confiante.

- Isso é o que nós vamos ver. Você vai descobrir que o Robert é tão determinado quanto aquela bruxa da mãe dele. E eu também sou.

Eu pensei sobre isso.

- E o que *eu* faço, Anthea? Eu não posso continuar aqui como Ajudante e o tio Alfred não vai me deixar ir para a escola porque eu não usei a rolha como ele mandou... E, de qualquer forma, agora ele vai saber que eu sei que ele me contou todas aquelas mentiras. O que eu *faço*?

- Está tudo bem, Conrad – disse Anthea – Só aguento firme. Aguento firme e espere. O Robert vai consertar tudo. Eu prometo.

Então nós chegamos ao estábulo, onde o Conde Robert estava esperando em seu carro esporte vermelho. Minha irmã correu até ele, acenando alegremente. Eu fui embora. Ela tinha muita fé nele. Eu não tinha. Eu não conseguia imaginar alguém como o Conde Robert resolvendo aquela bagunça. A fé de Anthea era só amor, na verdade.

Quinze

Os próximos dias foram estranhos e agitados.

Eu mal vi Anthea, exceto quando ela saía correndo do Salão Superior depois do café da manhã. Ela ficava quase o tempo todo fora com o Conde Robert, no carro esporte dele. Acho que ela nem entrou na biblioteca. E o Conde Robert não aparecia para as refeições, então eu também nem o via. Hugo, por outro lado, era outro assunto. Eu parecia encontrá-lo o tempo todo, andando sem rumo, com saudades de Lady Felice.

Como ninguém da Família estava usando a sala de jantar, o Sr Amos a usava para treinar os lacaios atores. Ele fez com que eu, Christopher, Andrew e Gregor passássemos toda a tarde do primeiro dia sentados à mesa, fingindo sermos a Família, para que Manfred e os outros nos servissem água nas taças de vinho e nos passassem pratos de frutas secas e mingau frio. Mas tenho que ser justo, os atores aprendiam rápido. À noite, Francis só derrubou uma colher da última vez que me serviu mingau, e Manfred era o único que ainda tropeçava nas coisas. Mas nenhum de nós teve muita vontade de comer a janta.

Christopher resumiu o que eu estava sentindo quando espetou suas batatas com o garfo e disse:

- Sabe, Grant, eu só consigo ver mingau quando olho para isto.

A comida virou fígado e couve-flor quando ele a espetou. Ele me lançou um olhar abatido e culpado. Como o Sr Amos estivera amolando os atores a tarde inteira na sala de jantar, sabíamos que ele não havia descido à adega para apertar a tecla alt. Então essa mudança foi culpa de Christopher. Eu quase esperava que ele começasse a me convencer a ir até a adega de novo aquela noite. Estava determinado a dizer não. Uma vez naquele lugar já era suficiente. A lembrança daquelas magias estranhas e tecnológicas me dava arrepios, e pensar no Sr Amos nos descobrindo lá era pior ainda.

Mas Christopher só disse:

- As coisas também devem estar mudando onde Millie está. Ela pode se perder para sempre se eu não a encontrar logo.

E eu meio que acordei de madrugada e escutei que ele saía na ponta dos pés em direção às partes proibidas do sótão.

Não sei quanto tempo ele ficou lá, mas foi muito difícil acordá-lo de manhã.

- Não teve sorte? – perguntei enquanto recolhíamos os sapatos.

Ele balançou a cabeça.

- Não entendo, Grant. Não teve mudança nenhuma, e eu fiquei lá durante horas.

Nesse momento, o elevador se abriu, e o encontramos lotado de atores que ensaiavam uma cena de *Possessão*. Era isso que os atores tinham de estranho. Eles gostavam tanto de atuar que atuavam o tempo inteiro. Eles faziam vozes engraçadas e imitavam as pessoas se não estivessem fazendo cenas de peças. E o elevador era um bom lugar para atuarem, porque o Sr Amos e a Sra Baldock não os viam fazer essas coisas lá dentro. Dali em diante, era muito comum encontrar uma cena acontecendo no elevador ou alguém dizendo “Não, querido, o melhor jeito de fazer esse papel é *assim*”, e fazendo. Entre uma peça e outra, Hugo ficava subindo e descendo, emburrado, com cara de poucos amigos. Christopher e eu nos acostumamos a usar as escadas.

A galeria subterrânea estava cheia dos Empregados normais, que levantaram cedo na esperança de encontrar algum ator. As criadas estavam todas apaixonadas pelos lacaios. O mais popular era Francis, seguido por Manfred, porque ele era moreno e profundo, mas até o Sr Prendergast ganhava sua cota de risinhos, olhares enamorados e pedidos tímidos de autógrafos, e ele era bem esquisito.

- Tem a ver com a maquiagem, Grant. Funciona como uma poção do amor. O que eu falei? – disse Christopher, quando encontramos quatro dos lacaios normais, o Sr Maxim e o engraxate, que queriam saber se havíamos visto Fay Marley aquele dia. – No elevador, fingindo estar possuída por um demônio ou algo parecido.

Stallery se encheu com os ecos de ensaios aquele dia, não só dos atores, mas ensaios oficiais também. A Sra Baldock e a Sra Semple arrancaram as criadas de perto dos lacaios-atores, e as criadas-atrizes do elevador e as treinaram em seus afazeres. O Sr Amos levou O Sr Prendergast e todos os lacaios para o hall, onde os treinou para receber visitas. O Sr Smithers foi escalado para fingir ser uma visita, e às vezes, Christopher também. Christopher era bom em fazer grandes entradas. Eu fiquei na escada a maior parte do tempo, aprendendo o que

fazer com as dúzias de malas vazias que o Sr Amos estava usando como as bagagens dos hóspedes de mentira. O Sr Amos me fez empilhá-las em pares no elevador e levar cada uma para um quarto. Isso demorava séculos. Se Hugo não estivesse no elevador, então eram duas atrizes exaustas.

- Se eu tiver que arrumar mais uma cama, ou colocar mais uma bandeja de café da manhã, *caio dura*, querida!

- Por que a Sra Semple *insiste* em *contar* tudo? Ela acha que sou *ladra*, querida?

E quando eu chegava ao quarto certo com as malas vazias, A Sra Baldock normalmente me puxava e treinava para todas as outras coisas que eu poderia ter de trazer para os quartos das pessoas. Tive de trazer bandejas, jornais, drinques e toalhas. A Sra Baldock parecia pensar que tinha tanto direito sobre mim quanto o Sr Amos. Várias vezes, me peguei pensando que isso tudo era culpa do meu Destino Sombrio. Na verdade, eu pensava nisso *toda hora* e depois me lembrava de que tio Alfred provavelmente havia inventado tudo. Eu fiquei com uma sensação estranha, frenética, o dia todo. E, além disso tudo, eu estava sempre esperando o Sr Amos descobrir que Christopher havia apertado a tecla alt.

Por sorte, o Sr Amos estava sempre ocupado demais no hall. Eu voltei para o meu posto na escadaria principal e encontrei um ensaio-geral começando.

- Certo, *já!* – gritou o Sr Amos.

Ele estava no meio do hall como se fosse o diretor de um filme.

A campainha principal tocou, solene. A esse sinal, os lacaios de calções de veludo e coletes e meias listrados vieram correndo de trás das escadas e formaram duas filas dos lados da porta. O Sr Prendergast disse, sombrio ao meu lado, com os braços cruzados e os pulsos aparecendo pelas mangas do casaco escuro e elegante:

- É um verdadeiro *balé!*

O Sr Amos andou solenemente até a porta da frente. Ele pegou os puxadores. Parou. E gritou por cima do ombro:

- Prendergast! Onde você está *agora?*

- Estou indo, estou indo – respondeu o Sr Prendergast, descendo as escadas, devagar e importante.

- Ande logo. – gritou o Sr Amos – Você acha que é o Rei ou algo do tipo?
O Sr Prendergast parou.

- Ah, não, veja só. São estas escadas. Nenhum ator resiste a uma bela escadaria.
A gente sente que tem que fazer uma entrada dramática.

Por um segundo, pareceu que Sr Amos ia explodir. Mas ele disse devagar, baixinho e com cuidado:

- Apenas... Ande... Logo.

O Sr Prendergast continuou descendo as escadas, demorando-se como se fosse da realeza, e atravessou o hall para ficar atrás do ombro esquerdo do Sr Amos.

- Meu ombro *direito*, seu tolo! – Sr Amos praticamente rosnou.

O Sr Prendergast deu dois passos medidos para o lado.

- *Agora!*

O Sr Amos disse isso e abriu as folhas das portas. Francis pulou e segurou uma folha, Gregor segurou a outra, e os dois abriram completamente suas metades. O Sr Amos fez uma reverência. O Sr Prendergast fez uma muito melhor. E o Sr Smithers entrou, lento e tenso. Christopher o seguiu, passeando distraído, com toda a pinta de um hóspede importante.

Mas nesse momento aconteceu uma das mudanças, e a apresentação virou uma bagunça. De repente, todos estavam em posições levemente diferentes, parecendo perdidos, com o Sr Amos no meio do caos, quase gritando de raiva.

- Não, não, *não!* Francis, por que você está aí? Andrew, não é serviço *seu* buscar a bagagem. *Você* pega o casaco do Sr Smithers.

O Sr Amos parecia não perceber que as coisas haviam mudado. Comecei a perceber que talvez ele fosse tão insensível às mudanças quanto o Sr Maxim. E era estranho, porque o Sr Amos devia ser algum tipo de mago, e eu pensava que ele soubesse quando seus próprios equipamentos mágicos estavam funcionando, mas vi que ele não sabia. Que alívio! Christopher olhava pensativo para o Sr Amos, como se estivesse pensando o mesmo que eu. Ao lado dele, o Sr Smithers olhava ansioso à sua volta, procurando o laçao certo a quem entregar seu casaco imaginário.

- Comecem de novo. E se *esforcem* desta vez – disse o Sr Amos.

- Eu me esforço, eu me esforço! – disse o Sr Prendergast, chegando novamente ao meu lado. – Estou me esforçando ao máximo para convencer esse homem a me mandar embora, mas ele entende?

- Por quê? – perguntei.

- Acho que o sindicato estava certo ao me dizer que era muito difícil arranjar um sub-mordomo não muito feio em tão pouco tempo. – respondeu o Sr Prendergast, pesarosamente.

- Não. Por que você quer ser mandado embora?

O Sr Prendergast cruzou os braços, segurou os cotovelos e contorceu um lado do rosto, consternado.

- Não gosto dele. Não gosto desta casa. Acho que é assombrada.

- Você está falando das mudanças. – eu disse.

- Não, assombrada mesmo. Por fantasmas.

E o estranho foi que na hora do almoço todos já estavam falando que Stallery era assombrada. Várias pessoas agitadas me disseram que alguém, ou algo, havia derrubado uma prateleira inteira de livros no chão da biblioteca. Tentei encontrar Anthea para perguntar a ela, mas ela havia saído com o Conde Robert. Na hora do chá, todas as criadas já estavam dizendo que as coisas nos quartos ficavam mudando de lugar. Algumas também haviam ouvido ruídos e baques estranhos. Até o fim do dia, o Sr Prendergast já não era o único ator que falava em ir embora.

Quando estávamos subindo as escadas aquela noite, Christopher falou:

- São só as mudanças. Atores são as pessoas mais supersticiosas que existem.

O elevador estava lotado com um drama jurídico, com Sr Prendergast atuando como juiz e uma moça morena muito glamourosa chamada Polly Varden sendo acusada de assassinar Manfred.

- Ainda bem que Sr Amos parece não perceber as mudanças. – falei.

- É uma sorte. – concordou Christopher.

Nesse momento, ele pareceu ficar muito ansioso e saiu correndo para o sótão.

Ele nunca entrou no nosso quarto. Acho que passou a noite toda na parte proibida do sótão. Quando acordei, o vi já vestido e se curvando sobre mim, nervoso.

- Grant, também não houve mudanças ontem à noite. Acho que aquele trambiqueiro gordo desliga as máquinas antes de ir dormir. Vou ter que procurar Millie durante o dia. Você pode me fazer um favor enorme e me dar cobertura?

- Como assim? – perguntei, sonolento.

- Diga que estou doente. Finja que estou aqui coberto de manchas amarelas e verdes. Por favor, Grant.

Christopher andava aprendendo com os atores. Ele se ajoelhou e levantou as mãos para mim, como se estivesse rezando.

- Por favorzinho, Grant! Tem uma *bruxa* solta por aí, lembra?

Eu já estava acordado o suficiente para pensar.

- Não vai funcionar. A Sra Semple com certeza vai vir aqui ver como você está, e se não estiver aqui, eu também vou me encenar.

Christopher disse um “Ooh!” desesperado. Eu disse:

- Não, espere! Para funcionar, você tem que *mostrar* para a Sra Baldock que realmente está passando mal. Você não consegue fazer uma magia para parecer doente? Ficar com a peste bubônica ou algo do tipo? E entrar na sala dela cambaleando, parecendo que vai morrer.

Christopher se levantou.

- Oh. Obrigado, Grant. Eu não estava pensando direito, não é? Na verdade, é fácil. Eu só tenho que pegar em prata, e a Série Sete se encarrega do resto. Mas vai ter que ser você que vai trazer comida e remédios para o meu leito. Você faz isso, Grant?

- Tudo bem.

Então, quando levamos os sapatos e botas lá para baixo, usamos a grande escadaria principal. Não havia ninguém para nos ver àquela hora. Por isso ficamos ainda mais confusos quando encontramos uma grande bola vermelha, que devia estar vindo dos quartos de criança, quicando lentamente pelas escadas à nossa frente.

- Será que existe *mesmo* um fantasma? – Christopher sussurrou.

Estávamos ocupados demais com o nosso plano de pegarmos qualquer coisa de prata para nos preocuparmos. Quando a bola rolou pelo chão preto do hall, simplesmente largamos nossas cestas de calçados do lado de fora da sala de café da manhã e entramos sorrateiramente

pela porta. Christopher fez uma busca rápida pelo aparador. Logo ele pegou uma colher de prata muito pequena de um dos faqueiros e a enfiou no bolso do colete.

- Isto vai servir. – disse ele.

O efeito foi quase instantâneo. O rosto dele ficou um pálido azulado, e quando ele chegou de volta à porta, já estava cambaleando.

- Perfeito. – ele disse. – Vamos.

Voltamos para o hall, onde, pelo que eu percebi, a bola vermelha havia sumido. Mas eu não tive chance de procurá-la por que Christopher já estava, honesta e completamente, fraco demais para carregar sua cesta. Ele arfava e fraquejava, e eu tive de carregar uma das alças para ele.

- Não fique tão preocupado, Grant. É só uma alergia mágica. – disse ele, irritado.

Na verdade, eu estava procurando ansiosamente a bola de borracha que havia sumido, com arrepios pelas costas, mas não queria admitir. Ajudei Christopher descer até a galeria subterrânea e a largar as cestas na sala de engraxar, e depois a ir até o Salão Médio para o café da manhã. Quando o resto das pessoas chegou, ele já estava com cara de quase morto.

Todos os atores se espantaram. Fay Marley levou pessoalmente Christopher para ver a Sra Baldock, e ela acreditou que ele estava à beira da morte, como todo mundo. Christopher apareceu à porta do Salão Médio, pálido-azulado e cambaleante, com Fay de um lado e a Sra Baldock do outro.

- Preciso de Grant! – ele arfou – *Grant* pode me levar para cima!

Eu sabia que ele queria dizer que precisávamos devolver a colher de prata antes que Sr Amos desse falta dela.

Dei um pulo e passei o braço de Christopher artisticamente por cima dos meus ombros. Ele desmoronou, e eu cambaleei também.

Para minha surpresa, todos protestaram.

- Você não é criado dele! – vários atores disseram.

Muitos outros disseram ainda:

- Deixe Fay ajudar você a levá-lo!

Gregor disse:

- Eu poderia carregá-lo.

A Sra Baldock disse, ansiosamente:

- Tem certeza que dá conta, Conrad? Ele é um rapaz grande. Deixe outra pessoa tentar.

Christopher insistiu, como em um último suspiro:

- Grant! *Grant!*

- Não se preocupem – eu disse. – Posso levá-lo até o elevador, e vamos subir nele.

E nos deixaram ir, meio em dúvida. Carreguei Christopher até o elevador, e foi o máximo que consegui. Christopher parecia estar passando tão mal que até eu me preocupei. Peguei a colher no colete dele e coloquei no meu, antes de abrir o elevador, caso alguém estivesse escutando. Hugo estava no elevador, sentado no chão com os braços em volta dos joelhos, olhando para o nada. Então fechei o elevador. Quando me virei para Christopher, a cor havia voltado para o rosto dele e ele já estava em pé sozinho. Era rápido assim.

- Continue cambaleando. – eu disse, e fingimos nos arrastar até o saguão.

Encontramos Anthea ali, vindo com pressa das escadas. Ela quis saber:

- Qual o problema com ele?

- Debilitação muscular disfuncional – disse Christopher. – DMD, sabe. Tenho desde que nasci.

- Você me parece bem saudável. – Anthea disse, mas por sorte estava com pressa demais para fazer mais perguntas.

Continuamos titubeando artificialmente até o hall e o cruzamos até chegar à sala de café da manhã, onde Christopher deu uma olhada rápida em volta para ver se não havia ninguém por perto.

- Coloque de volta, Grant. Eu tenho que ir.

E ele se foi, correndo escada acima.

Fiquei um pouco irritado, mas suspirei e deslizei para dentro da sala de café da manhã.

Assim que entrei, tive certeza de que havia um fantasma ali. A sala passava uma pesada sensação de estar *ocupada*, e o ar parecia mais denso do que deveria. Tinha cheiro de umidade e poeira, ao invés do cheiro normal de café e pão. Fiquei um momento pensando o que seria pior, encontrar um fantasma ou ser acusado de roubar a prata. “Encarar o Sr Amos”, pensei. Com certeza era pior. Mas minhas costas se arrepiaram todas de novo quando finalmente consegui me esgueirar até o aparador. Coloquei a pequena colher brilhante de volta onde eu achava que ela ficava o mais rápido que consegui.

Houve um som pesado atrás de mim.

Me virei e vi a grande tigela de frutas no meio da mesa quase emborcando. O som havia sido da laranja que caiu primeiro. Ela foi seguida por maçãs, peras, nectarinas e mais laranjas, que rolaram pela mesa, caindo pelas beiradas, enquanto a tigela se inclinava para sacudir um cacho de uvas moles.

- Não faça *isso!* – gritei.

A tigela voltou para sua posição normal. Nada mais aconteceu. Fiquei ali pelo que devem ter sido uns cinco minutos, sentindo meu cabelo tentando se arrancar pelas raízes. Então consegui me obrigar a recolher as frutas e colocá-las de volta no lugar.

- Só estou fazendo isso por causa do que o Sr Amos vai dizer. Não estou te ajudando. Vá amolar o Sr Amos, não eu. É *ele* que precisa de um susto.

Eu falei enquanto engatinhava atrás das maçãs. Coloquei as últimas maçãs de qualquer jeito em cima das uvas, e saí correndo. Não me lembro de nada no caminho até o Salão Médio. Estava assustado demais.

A próxima coisa de que me lembro é de estar no Salão e ser cumprimentado alegremente pelos atores.

- Venha, sente-se. Guardamos seu café. Você quer minha salsicha?

Polly Varden disse:

- Que bom que você não está doente também. Nós gostamos de você por aqui, Conrad.

- Mas você é submisso demais ao Christopher, sabe. – disse Fay Marley. – Por que foi *você* que teve que levá-lo para o sótão?

Não consegui responder. Eu só consegui pensar em dizer:

- Bem, Christopher é... Especial.
- Não, ele não é mais especial que você. – disse Francis.
- Querido, ele só se *acha* uma estrela. – disse Fay. – Não se deixe enganar pela

pose.

E o Sr Prendergast explicou:

- A pessoa pode ter a *qualidade*, mas também tem que conquistar o direito de ser uma estrela, sabe. O que o jovem Christopher já fez para ser tão especial?

- Na verdade... Ele já nasceu assim. – respondi.

Eles também não gostaram disso. O Sr Prendergast disse que não se dava com a aristocracia, e o resto disse, de jeitos diferentes, que era o *trabalho* que te transformava em estrela. Polly me deixou morrendo de vergonha quando disse:

- Mas você não fica cheio de ares, Conrad. Nós *gostamos* de você.

Fiquei muito contente quando chegou a hora de ir ficar contra a parede enquanto o Conde Robert engolia seu café da manhã. Ele parecia estar com tanta pressa quanto Anthea. O fantasma ainda estava lá. Acho que foi o fantasma que fez Manfred derrubar um pedaço de peixe fumegante e molenga nos pés, mas é claro que também pode ter sido culpa só dele mesmo.

Dezesseis

Aquela manhã, o Sr. Amos convocou todos ao andar do salão de bailes, primeiro no grande Salão de Banquetes, para nos ensinar a arrumá-lo para jantares formais, e depois no Salão Principal, onde ele fez metade de nós servir café e bebidas para a outra metade. Não deu muito certo. Houve mudança após mudança, solavanco depois de solavanco, e cada alteração fazia com que alguém cometesse um erro. Houve um banquinho dourado que apareceu em tantos lugares diferentes que até o Sr. Amos notou. Acho que seria difícil não perceber depois de o Manfred tê-lo chutado para o outro lado do salão seis vezes. O Sr. Amos pensou que eu estivesse pregando peças nele.

- Não, não, o senhor está cometendo uma injustiça – o Sr. Prendergast disse, ficando entre o Sr. Amos e eu – Há um fantasma neste lugar. Você precisa de um exorcista, não de um sermão. Você precisa de um clérigo munido de sino, Bíblia e vela. Como já fiz o papel de bispo muitas vezes, eu ficaria feliz em assumir a posição do clérigo e ver o que posso fazer.

O Sr. Amos lançou-lhe um olhar ainda mais terrível do que aquele que estava me dando.

- Nunca houve um fantasma em Stallery – disse ele – e nunca haverá.
Mas ele desistiu de me dar um sermão.

Apesar do que o Sr. Prendergast disse, as criadas me contaram que elas achavam que o fantasma havia estado ocupado nos quartos a manhã inteira, fazendo barulhos altos nas paredes e brincando com um sabão. A Sra. Baldock precisou ir se deitar. As criadas estavam apavoradas. E talvez elas estivessem certas; talvez fosse mesmo o fantasma. O problema era que era difícil saber, com todas as mudanças. Os solavancos para o lado pareciam estar acontecendo com o dobro da frequência naquele dia.

As criadas me cercaram e contaram tudo a respeito quando eu fui até as cozinhas na hora do almoço para buscar uma bandeja de comida para Christopher. Eu tive de abrir caminho por entre elas. Eu sabia que, se não levasse a comida para Christopher logo, Fay ou Polly me diria que eu estava sendo muito humilde e levaria a bandeja ela mesma. Então encontraria Christopher com uma cara perfeitamente saudável, ou ele não estaria lá.

O Sr. Maxim me deu uma bandeja com um belo domo de prata por cima e sussurrou:

- Você não imagina o que aconteceu! O Sr. Avenloch desapareceu! Os empregados do jardim não sabem o que fazer!

- Como o cachorro, Brutus? – eu perguntei.

- *Exatamente* – disse o Sr. Maxim – É um verdadeiro mistério!

Eu podia ver que ele estava adorando isso.

Corri para o elevador com a bandeja antes que algum dos atores começasse a atuar lá dentro. E ainda bem que fiz isso. Christopher não estava no nosso quarto. Não havia nem sinal dele em nenhuma parte do sótão. Fiquei sem saber o que fazer por um tempo. Então me ocorreu que o domo de prata faria Christopher passar mal, assim como os talheres de prata que o Sr. Maxim havia mandado, então seria melhor eu mesmo comer a comida. Eu me sentei na cama e comi tudo, tranquilamente.

Eu estava terminando o pavê quando aconteceu um violento solavanco para o lado. Eu fiquei lá sentado, me sentindo um pouco enjoado e me perguntando se o pavê havia se transformado em outra coisa a caminho do meu estômago. “Desde que não sejam sardinhas!” Eu estava pensando, quando ouvi passos ruidosos sobre madeira ao longe.

“Christopher voltou!” foi a primeira coisa que pensei, me sentindo culpado. Eu deixei a bandeja sobre a cama e saí para explicar que havia comido o almoço dele, mas que ele podia fingir uma melhora e descer para comer o meu. Quando cheguei ao banheiro no canto eu podia ouvir claramente que havia dois conjuntos separados de passos, um pesado e o outro mais leve. “Ele encontrou a Millie!”, eu pensei. “Agora vamos ter problemas!”

Disparei ansiosamente em direção ao centro proibido do sótão.

O Sr. Avenloch, o jardineiro chefe, estava lá, junto com o novo ajudante de jardineiro, Smedley. Eles tropeçavam de um lado para o outro, os dois parecendo cansados, suados e perplexos.

- Onde viemos parar *agora*? – o Sr. Avenloch estava dizendo, em um gemido irritado – É *outro* lugar diferente!

Smedley me viu e sacudiu a manga encardida do paletó do Sr. Avenloch.

- Senhor, senhor, o Conrad está aqui! Devemos ter voltado para Stallery! – o rosto dele estava vermelho vivo e ele estava quase chorando de alívio – Aqui é Stallery, não é? – ele implorou.

- Sim, é claro que é – eu disse – Por quê? Onde vocês estiveram?
Eu fazia uma boa ideia, é claro.

- Passamos metade da manhã do lado de fora de um castelo em ruínas – o Sr. Avenloch disse com desprezo – Com um lago ao lado, cheio de mato. Devia ter sido drenado e replantado há anos, mas eu imagino que não havia ninguém lá para fazer isso. Você pode nos ajudar a descer, rapaz? Até hoje eu só tinha estado na galeria subterrânea.

- Certamente – eu disse, no meu melhor tom de bajulador – Por aqui.

Eu os levei até o elevador, passando para pegar a bandeja no caminho. Eles faziam muito barulho com suas botinas imundas.

- Não foi só um castelo – disse Smedley – Ou pelo menos nunca era o mesmo castelo. Ele estava sempre mudando. Depois virou um lugar enorme, todo feito de vidro...

- Todo rachado e sujo – disse o Sr. Avenloch – Nunca vi tanto descaso.

- E depois disso tiveram três palácios com mármore branco em toda parte – Smedley continuou tagarelando.

Eu sabia como ele se sentia. Ele havia tido o tipo de experiência sobre a qual você simplesmente precisa falar.

- E depois foi uma enorme mansão de tijolos e, quando nós entramos, ela ficava mudando o tempo todo. Escadas indo em todas as direções. Móveis velhos, salões de baile...

- Vocês não viram ninguém? – eu perguntei, esperando ter alguma notícia de Christopher.

- Só uma pessoa – o Sr. Avenloch disse, repressivo – e ela estava sempre longe. Eu percebi que ele achava que Smedley estava falando demais.

Eu pensei nervosamente sobre a bruxa.

- O quê, como uma velha de galochas? – eu perguntei.

- Ela me pareceu ser uma garota – respondeu o Sr. Avenloch – E saiu correndo como uma lebre quando nós chamamos ela.

- Foi assim que nós viemos parar aqui em cima – explicou Smedley – Ela fugiu de nós subindo as escadas na mansão... Bom, parecia mais uma catedral nessa hora... E nós a seguimos, querendo saber o que estava acontecendo e como sair de lá.

Chegamos ao elevador. A porta se abriu e mostrou o Sr. Prendergast fingindo ser o Sr. Amos. Eu não sabia que o Sr. Prendergast era tão bom ator. Ele era alto e magro enquanto o Sr. Amos era baixo e gordo, mas ele estava imitando o jeito como o Sr. Amos inclinava a cabeça para trás e balançava uma mão lentamente tão perfeitamente que eu quase o enxerguei com formato de pera. O Sr. Avenloch e Smedley o encararam, boquiabertos.

- O almoço está servido – disse o Sr. Prendergast – Eu preciso que você seja um móvel encostado na parede. Um móvel com pernas de carne.

Então ele lançou um olhar de Sr. Amos para o Sr. Avenloch e Smedley.

- E o que você está fazendo com um ancinho e um carrinho de mão, Conrad, posso saber?

- É uma longa estória – eu disse.

Hugo também estava no elevador, atrás do Sr. Prendergast e sorrindo de orelha a orelha.

- Nós podemos descer de elevador com vocês? – perguntei.

- À vontade – disse Hugo – Ele veio para procurar você, mesmo.

O Sr. Prendergast acenou para que os dois jardineiros entrassem no elevador, como o Sr. Amos conduzindo a Condessa.

- Entrem. Não é sua obrigação servir a outro Ajudante, Conrad – ele me disse, e eu realmente senti por um momento como se o Sr. Amos estivesse me dando uma bronca – Entre e encoste o ancinho naquele canto e o carrinho de mão ali, ao lado da parede. Erga a bandeja cinco centímetros. Agora desceremos.

Ele apertou o botão do elevador com um floreio de Sr. Amos.

- Irei agora – ele disse – fazer uso de nossa descida para instruí-lo sobre a maneira correta de posicionar as cadeiras para um banquete. As pernas de todas as cadeiras devem ficar perfeitamente alinhadas. Após posicioná-las à mesa, você deve se arrastar por trás delas, medindo a distância de uma para a outra com uma fita métrica que deve ser levada no bolso do colete para esse propósito.

Ele continuou nesse mesmo estilo até a galeria subterrânea. Smedley não conseguia segurar o riso e ficava recebendo olhares de Sr. Amos, seguidos de “Ponha-se em seu lugar, carrinho de mão”. Até o Sr. Avenloch começou a sorrir depois de um tempo. Hugo estava rindo tanto quanto eu.

Quando chegamos à galeria subterrânea, o Sr. Prendergast anunciou:

- O Sr. Hugo se dirigirá agora ao Salão Superior, enquanto eu levo Conrad para encarar seu destino no Salão Médio. As duas ferramentas de jardinagem...

- Com licença, senhor – Smedley interrompeu, suplicante – Nós perdemos o nosso almoço, senhor?

- Pegue esta bandeja – o Sr. Prendergast disse, tirando a bandeja de mim e largando-a nas mãos de Smedley – e vá com o seu mentor até as cozinhas. Lá você descobrirá que todos estiveram aguardando ansiosamente pelo seu retorno. Vão andando – ele fingiu olhar o relógio – Vocês têm exatamente dois minutos antes que eles deem seu almoço aos cachorros.

Smedley saiu correndo. O Sr. Avenloch parou para dizer:

- Isso foi tão bom quanto uma peça. Mas não deixe o Sr. Amos te pegar no ato. Você estaria em maus lençóis.

- Essa é provavelmente a única coisa pela qual ele não me perdoaria – o Sr. Prendergast concordou alegremente – E é por isso que estou ensaiando o papel. Venha, Conrad. Seu almoço o aguarda.

Eu tive de almoçar de novo. Eles não gostavam mesmo que eu ficasse tomando conta de Christopher. E eu não podia mesmo explicar. Passei o resto da tarde quase dormindo, até a hora da janta quando fiquei repentinamente faminto e bem acordado. E, não sei por que, tinha certeza absoluta de que Christopher havia voltado. Escapuli para as cozinhas mais cedo e pedi a eles para me darem a bandeja de comida do Christopher. Eu não queria que o Sr. Prendergast se intrometesse de novo.

Era tão cedo que as criadas normais estavam todas reunidas lá para tomarem o lanche. Elas me disseram que o fantasma andara quicando a bola de borracha vermelha pelos corredores a tarde inteira. Elas já não estavam mais com medo, disseram, só irritadas. Além disso, uma delas acrescentou, quem iria querer ir embora e perder a chance de conhecer o

Francis? Ou o Manfred, disse outra. Uma terceira disse, “É, se você quiser acabar coberta de sopa!” e todas deram risadinhas agudas.

O lado dos homens do sótão me pareceu muito quieto depois disso. Eu fui até o quarto e consegui abrir a porta, o que não é fácil quando se está carregando uma bandeja, e Christopher parecia estar lá. Pelo menos ele estava na cama dormindo quando eu entrei, mas quando eu me virei depois de por a bandeja sobre a cômoda não havia ninguém lá. A cama estava lisa e vazia.

- Ah, qual é! – eu disse – Não seja idiota. Sou só eu. O que aconteceu? Você não encontrou a Millie, então?

Uma voz de menina respondeu:

- Oh, não. O que deu errado? Você não é o Christopher.

Eu girei no lugar, procurando a origem da voz.

A cama de Christopher continuava lisa e desocupada, mas havia uma depressão na minha cama, como a marca feita por uma pessoa sentada bem na beirada. Era óbvio que ela estava bem nervosa. Eu disse:

- Está tudo bem. Eu sou o Conrad. Eu trabalho aqui em Stallery com o Christopher. Você é a Millie, não é? Ele me disse que você era uma encantadora.

Ela se tornou visível bem devagar, primeiro como uma espécie de tremor no ar, depois como um borrão que lentamente se firmou e tomou a forma de uma garota. Acho que ela estava pronta para ficar invisível de novo e fugir caso eu parecesse hostil. Era só uma garota, sem nada do glamour de Fay e de Polly, e um pouco mais nova que o Christopher. Ela tinha cabelos castanhos e lisos, um rosto redondo e um jeito muito direto de olhar para você. Eu achei que ela parecia simpática.

- Não sou uma encantadora muito *boa* – ela disse pesarosamente – Você é aquele garoto que estava com o Christopher naquelas escadas, não é? Eu cometi um erro terrível me metendo naquelas mansões. Eu nunca achava um jeito de *sair* delas.

- Pode ter sido a bruxa te mantendo presa lá dentro – eu disse.

- Ah, era *mesmo* – ela disse – Eu não percebi no início. Ela era meio que gentil e tinha comida pronta em qualquer cozinha em que eu fosse parar e ficava dando a entender que

sabia exatamente como os prédios mudavam. Ela disse que ia me mostrar a saída quando estivesse tudo pronto. Aí ela desapareceu de repente e, assim que se foi, percebi que era aquele tricô dela... parece que ela estava tricotando para eu ficar ali, tentando me dominar, eu acho. Eu tive de passar um dia desfazendo o tricô antes de conseguir chegar a algum lugar.

- Como você chegou aqui? – perguntei.

- Christopher gritou daquelas escadas duplas para eu ir para o topo e encontrar o quarto com a gravata dele na maçaneta – Millie disse – Eu já estava tão cansada que obedeci.

- Então ele ainda está lá? – eu disse.

Millie deu de ombros.

- Suponho que sim. Ele vai voltar uma hora dessa. Ele é bom nesse tipo de coisa, já que tem nove vidas e tal.

Ela parecia um pouco indiferente. Comecei a me perguntar se a bruxa não havia capturado Christopher no lugar dela, porque ele era mais forte, e se não fora assim que Millie escapara.

- Bom, - eu disse – ele não está aqui e você está. Ele supostamente está doente e eu estou trazendo as refeições dele. Você quer esta janta, já que eu a trouxe?

Ela se alegrou admiravelmente.

- Sim, *por favor!* Eu acho que *nunca* estive com tanta fome!

Então eu entreguei a bandeja a ela. Ela a posicionou na mesa de cabeceira, que puxou até ficar em frente à cama, e começou a comer com vontade. A comida mudou de ovos com batatas fritas para carne com purê enquanto ela comia, mas ela mal pareceu perceber.

- Eu não tinha nada para usar para comprar comida, entende – ela explicou – E a bruxa só fazia café da manhã. O último foi há dias.

- Então você fugiu da escola sem nenhum dinheiro? – eu perguntei.

- Praticamente – Millie disse – Dinheiro da Série Doze não funcionaria na Sete, então eu só trouxe o que tinha no bolso. Eu ia trabalhar como criada para ganhar algum dinheiro. Mas quando eu entrei naquelas mansões não havia ninguém para quem *trabalhar*. Mas... – ela me olhou intensamente.

Eu percebi que ela queria que eu acreditasse na próxima parte em especial:

- Mas eu *tive* de fugir daquele colégio. Era realmente um lugar horrível... Garotas horríveis, professores horríveis... E todas as aulas eram de coisas como dança, etiqueta e bordado e de como conversar com um embaixador e etc. Eu disse a Gabriel de Witt que estava terrivelmente infeliz e que não estava aprendendo *nada*, mas ele simplesmente achou que eu estivesse sendo tola.

- E você contou a Christopher – eu disse.

- No final – disse Millie – Só como último recurso. Gabriel nunca dá ouvidos a ele também. E Christopher foi tão prepotente quanto eu sabia que seria. Você *sabe*: “Minha querida Millie, fique tranquila e *eu* darei um jeito em tudo”. E dessa vez ele foi ainda pior. Ele decidiu que nós iríamos viver juntos em uma ilha na Série Cinco. E, quando eu disse que não tinha certeza se queria ir viver sozinha com ele... Bom, *você* iria querer isso, Conrad?

- Não – eu disse com convicção – Ele gosta demais do jeito dele. E a mania dele de fazer piadinhas arrogantes o tempo todo me dá vontade de bater nele!

- Ah, é assim mesmo! – disse Millie.

Depois disso, o tempo todo enquanto Millie estava comendo o pudim, que começou como rocambole de geleia e depois virou torta de chocolate, os dois dissemos cobras e lagartos sobre Christopher. Foi muito divertido. Millie, que já conhecia Christopher havia anos, via dois defeitos nele onde eu só vi um. As roupas dele, ela me disse, ele fazia questão que as roupas estivessem perfeitas o tempo *todo*. Ele era assim já havia três anos. Enlouquecia todo mundo no Castelo Crestomanci, exigindo camisas de seda e um tipo específico de pijamas.

- E ele poderia conseguir o que quer com magia – Millie me disse – se não fosse preguiçoso demais para aprender como. Ele *é* preguiçoso, sabe. Odeia ter de aprender fatos. Ele sabe que consegue se safar só fingindo que sabe, blefando, sabe. Mas o que *realmente* me irrita é como ele nunca se dá ao trabalho de decorar o *nome* das pessoas. Se uma pessoa não é importante para ele, ele *sempre* esquece o nome dela.

Quando Millie disse isso, eu percebi que Christopher nunca havia se esquecido do meu nome, nem uma vez, ainda que fosse um pseudônimo. De repente me pareceu muita maldade ficar falando sobre os defeitos do Christopher enquanto ele não estava lá para se defender.

- É – eu disse – Mas eu nunca o vi fazendo nada realmente ruim. Eu acho que, no fundo, ele é legal. E ele me faz rir.

- Ah, a mim também – Millie concordou – Eu gosto dele. Mas você não pode negar que ele é enlouquecedor boa parte do tempo... Quem é esse?

Era o Sr. Prendergast de novo. Nós podíamos ouvi-lo lá fora no corredor, interpretando o papel do Sr. Amos.

- Grant – ele chamou – Conrad, pare de se esconder em quartos de doentes e desça à galeria subterrânea imediatamente. A janta está sendo servida!

Ele estava mais próximo do que havíamos pensado. No instante seguinte ele escancarou a porta e ficou parado como um vulto sob o batente. Millie fez uma espécie de movimento, como se estivesse pensando em ficar invisível, mas então percebeu que era tarde demais e decidiu ficar de pé. O Sr. Prendergast retorceu um dos lados do rosto, e suas sobrancelhas se moveram para cima e para baixo em sua testa, deslizando como dois camundongos. Ele olhou para mim e depois para a bandeja.

- O que é isto? – ele disse – Christopher na verdade é uma menina?

- Não, não – eu disse – Esta é a Millie.

- Ela não é mais um carrinho de mão, – o Sr. Prendergast disse – É?

Quando Millie assumiu uma expressão completamente confusa, ele estreitou os olhos para ela e disse:

- De onde você é então, minha jovem?

Por um momento ele pareceu tão absolutamente sério que meus braços ficaram arrepiados.

Millie provavelmente sentiu a mesma coisa.

- É, da Série Doze, na verdade – ela admitiu.

- Então acho que não quero saber – disse o Sr. Prendergast.

O outro lado do rosto dele se retorceu e eu me lembrei, com grande alívio, que ele era só um excelente ator.

- Eu acho – ele me disse – que é melhor que ela seja um espanador.

- Do *que* você está falando – Millie disse, exasperada e assustada, mas quase rindo também.

Esse era o efeito que o Sr. Prendergast parecia ter nas pessoas.

- Não podemos deixar Conrad envergonhado – ele disse a ela – e é isso que aconteceria se vocês dois continuassem dividindo este quarto. Então acho que você deveria descer e ser transformada outra uma criada nova. Por sorte, há tantas agora que uma a mais mal será notada. Venham até o elevador, os dois. Não, deixe que *ela* carregue a bandeja, Conrad. Assim ela parece estar mais no papel.

Mal conseguindo acreditar, nós seguimos o Sr. Prendergast até o elevador. Hugo estava lá dentro. Ele encarou Millie com uma surpresa melancólica.

- Novo espanador – o Sr. Prendergast disse, alegremente – ela é a jovem estrela de *Nana Nenê*. Você certamente nunca ouviu falar, ele ainda está em fase de testes nas províncias, mas vai ser um grande sucesso, eu lhe garanto.

Millie ficou vermelha como um tomate e fitou a bandeja intensamente, mordendo o lábio. Acho que ela estava tentando não rir.

O Sr. Prendergast não disse mais nada até que o elevador estava quase chegando à galeria subterrânea. Então ele disse repentinamente:

- A propósito, onde *está* Christopher?

- Por aí – eu disse.

Millie acrescentou:

- Ele foi ao banheiro.

- Ah, de fato – disse o Sr. Prendergast – Isso explica tudo.

Para a minha grande surpresa, ele não perguntou mais nada. Simplesmente nos levou até o Salão Médio, onde ele puxou Fay para um canto e sussurrou algumas palavras para ela. Pareceu até magia. Fay, Polly e mais duas garotas assumiram o comando instantaneamente e levaram Millie apressadamente para o vestiário das criadas. Quando elas voltaram, Millie estava usando um vestido listrado de marrom e dourado como as outras garotas, além de uma touca de criada. Ela se sentou e conversou com as garotas e com os outros atores enquanto o resto de nós jantava.

Fay e Polly devem ter arrumado um lugar para Millie dormir naquela noite. Quando eu a vi no café da manhã no dia seguinte, ela estava com o cabelo preso no alto da cabeça, debaixo da touca, e Fay ou outra pessoa havia maquiado o rosto dela de maneira inteligente,

fazendo-a parecer bem diferente e mais velha. Acho que ela estava se divertindo. Ela parecia surpresa e feliz toda vez que eu a via.

No geral, eu fiquei fora do caminho de Millie. Eu temia o momento em que a Sra. Semple a notasse. Os olhos brandos, sérios e distraídos da Sra. Semple não deixavam passar muita coisa e eu estava certo de que ela perceberia que Millie não era uma criada de verdade logo, logo. Aí a vaca iria pro brejo, e o Sr. Prendergast provavelmente seria mandado para o olho da rua. Eu tinha quase certeza que ele havia transformado Millie em um espanador para ser despedido.

Mas a Sra. Semple (assim como a Sra. Baldock) não notou Millie o dia todo. Parte da razão para isso foi o fantasma. Ele ficou distraído as pessoas, pregando peças, arrancando os lençóis de todas as camas recém-arrumadas no andar do quarto de crianças, quebrando copos nos banheiros e quicando aquela bola de borracha vermelha escada abaixo. Ele havia feito algo novo todas as vezes que a Sra. Baldock me levou lá para cima para treinar. Mas parte da distração foi causada pelas mudanças que Christopher havia começado quando apertou aquela tecla na adega. Tudo vivia se movendo, de maneira que, quando você largava alguma coisa e depois se virava para pegá-la de novo, ela não estava onde você havia deixado. A maioria das pessoas que percebiam (e depois de um tempo ficou difícil não perceber) pensava que isso também era obra do fantasma. Elas simplesmente suspiravam. Mesmo quando todos os lençóis e toalhas se mudaram para armários completamente diferentes, em andares diferentes, elas disseram que era o fantasma de novo e suspiraram.

Mas ninguém pode culpar o fantasma quando, no final da tarde, todos os uniformes mudaram repentinamente de cor. Ao invés de listras douradas e marrons, de repente estávamos vestindo verde-maçã vivo e creme.

A Sra. Semple ficou extremamente aflita com essa mudança.

- Oh, Conrad! – ela disse – *O que* está acontecendo? Estas são as cores que nós usávamos no tempo da minha mãe. Minha mãe as trocou porque elas eram consideradas azarentas. Verde *é* mesmo, sabe. As coisas haviam dado errado naquela época até que Stallery mal tivesse dinheiro suficiente para comprar as novas cores. Oh, eu espero que não tenhamos mais azar a caminho!

Ela disse isso e passou correndo por mim como de costume.

Todos ainda estávamos correndo de um lado para o outro, espantados, quando a Condessa e Lady Felice voltaram inesperadamente.

Dezessete

Ninguém estava esperando a Condessa e Lady Felice antes da manhã seguinte, logo antes de os outros hóspedes chegarem. Mas elas terminaram as compras mais cedo, pelo que parecia, e ali estavam, em três carros parando em frente à grande entrada da frente.

A chegada delas causou uma comoção geral. Eu havia acabado de chegar à cozinha para minha aula de culinária, mas o Sr Maxim me dispensou, porque ele tinha de ajudar a preparar rápido um jantar para as damas. Ele me mandou ir ajudar no hall. Hugo saiu do elevador quando eu passava e foi correndo até a garagem para saber aonde o Conde Robert havia ido com Anthea, e para trazê-lo de volta se conseguisse. No hall estava a maior comoção, que o Sr Prendergast chamou de “o ensaio-geral para o show de amanhã”. Os lacaios desciam do sótão e subiam da galeria subterrânea, e o curioso foi que todos chegamos exatamente quando o Sr Amos (com o Sr Prendergast como um espantalho magricela atrás de seu ombro direito) abriu as enormes portas principais e Francis e Andrew as escancararam.

A Condessa deslizou para dentro com uma nova estola de pele nos ombros. Ao entregar a estola para Manfred, ela olhou para nós todos, com uma satisfação graciosa, mas pareceu, por um segundo, um pouco confusa em nos ver listrados de verde e creme. Ela começou:

- Amos...
- Sim, milady?
- Esqueci o que ia dizer. Tudo esteve em ordem?

Ela obviamente era tão insensível às mudanças quanto o Sr Amos.

- Naturalmente, milady.

Ele se virou e *olhou* para a bola vermelha que veio rolando da biblioteca quando ele falou. Então olhou para mim. Eu peguei a bola, e pareceu que eu estava arrancando-a da mão de alguém que a segurava. Estremeci, joguei a bola dentro biblioteca e fechei a porta.

- Então onde está o Conde Robert? – exigiu a Condessa.
- O Sr Hugo está procurando por ele neste momento, milady. – respondeu o Sr Amos.

- Oh – ela respondeu, sombriamente. – Cuide da bagagem, por favor, Amos. – e marchou em direção às escadas.

Foi preciso que todos nós cuidássemos da bagagem. Os três carros estavam lotados de caixas, sacolas e pacotes. Eu não acreditava que duas damas pudessem comprar tanta coisa em tão pouco tempo. Apesar de que eu acho que eram quatro damas, na verdade. As duas Damas de Companhia entraram carregadas de pacotes e fizeram questão de lembrar que as coisas tinham de ser carregadas *com cuidado* e levadas *com o lado certo para cima*. Dava para ver que elas estavam se divertindo. Mas Lady Felice, que passou correndo enquanto estávamos todos passando pacotes e sacolas como uma esteira, não parecia feliz. Ela tinha a cabeça baixa, mas eu consegui ver que ela estivera chorando.

Ela ainda estava do mesmo jeito enquanto eu servia a Família durante o Jantar aquela noite. Foi uma refeição tão magnífica que não dava para imaginar que o Grande Ditador e o Sr Maxim haviam sido pegos de surpresa como o resto de nós e (como o Sr Maxim me contou) haviam se virado conforme preparavam as coisas, lidando até com frangos que viraram salmões e molhos que viraram salsinha quando a comida foi levada para a cozinha. As mudanças foram bem grandes aquela noite.

- Você sabe que eu nunca percebo, - o Sr Maxim falou – mas o *Chef* sim, e ele ficou magoado, Conrad.

Achei uma pena que nem Lady Felice e nem o Conde Robert parecessem estar com muito apetite. O Conde Robert, que havia chegado de alguma hospedaria perto de Stallstead, com certeza já havia jantado com minha irmã antes de Hugo o encontrar. Ele empurrava a comida para lá e para cá no prato, enquanto a Condessa dizia que ele deveria estar no hall para recebê-la, e o quanto ele foi indelicado por não estar lá. Ele nem mencionou que ela havia chegado um dia mais cedo. Mas ele parou até de fingir comer quando ela começou a descrever todas as coisas que ele devia fazer e dizer quando Lady Mary Ogworth chegasse no dia seguinte.

“Lá se vão as chances de Anthea”, pensei, encostado sozinho na parede. Christopher ainda estava desaparecido, e eu estava começando a me preocupar com ele. Com todas essas mudanças acontecendo, ele podia estar em castelos, torres e mansões, se afastando cada vez mais de Stallery. E, se a bruxa ainda não houvesse conseguido pegá-lo, ela com certeza

conseguiria se ele ficasse preso lá quando o Sr Amos desligasse as máquinas à noite. Mas parecia não haver nada que eu pudesse fazer.

Escutei a Condessa dizendo:

- E quanto a Felice, insisto que ela *ao menos* seja educada com o Sr Seuly.

Ao ouvir isso, Lady Felice jogou o garfo ruidosamente. O Conde Robert se inclinou para frente.

- Mãe, isso significa que a senhora fez algum tipo de acordo para esse Sr Seuly se casar com Felice?

- É claro, querido. Nós o visitamos a caminho de Ludwich, e tivemos uma longa conversa. Ele fez uma bela oferta por Felice, financeiramente falando.

- Como se eu fosse um *cavalo!* – disse Lady Felice, com violência.

A Condessa a ignorou e disse:

- Como eu já disse *várias vezes*, o Sr Seuly é ainda mais rico que Lady Mary Ogworth.

- Então por que a senhora mesma não se casa com ele? – perguntou o Conde Robert.

Isso causou um silêncio espantado. O Sr Amos arregalou os olhos, e a Condessa também, a boca de Gregor se abriu, e até Lady Felice levantou a cabeça e olhou para o irmão como se não acreditasse nos próprios ouvidos. Por fim, a Condessa disse, num sussurro baixo e reprovador:

- Robert! Que *coisa* para se dizer!

- Foi *a senhora* que disse primeiro. Para Felice. – o Conde Robert apontou.

E, antes que a Condessa pudesse responder, continuou:

- Diga, mãe, por que a senhora está tão determinada a casar seus filhos por dinheiro?

A Condessa se engasgou, com os olhos muito azuis e arregalados.

- *Por quê? Por quê?* Mas, Robert, eu só quero o melhor para vocês dois. Quero que vocês tenham uma vida estável, com muito dinheiro, naturalmente. Assim, caso alguma coisa aconteça, vocês ficarão bem.

- Como assim, se acontecer alguma coisa? O que você imagina que *pode* acontecer? – exigiu o Conde Robert.

A Condessa olhou para um lado, depois para o outro, e parecia não saber como responder. Finalmente, ela disse:

- Bem, querido, todo tipo de coisa pode acontecer. Podemos perder todo o nosso dinheiro... Ou... Ou... Este mundo é muito incerto, Robert, e você *sabe* que uma mãe sabe o que é melhor. Você me magoou muito.

Ela dizia essas coisas com tanta sinceridade que grandes lágrimas tremiam nas pontas de seus cílios.

- Isso corta meu coração. – respondeu o Conde Robert.

- Em todo caso, vocês têm que me *prometer*, meus queridos, os dois, que vão se comportar direito perto dos hóspedes. – disse a Condessa, numa espécie de guincho desesperado.

- Pode contar que vamos nos comportar. Mas não prometemos nada além disso. Está claro? – disse o Conde Robert.

- Eu *sabia* que podia contar com vocês. – anunciou a Condessa. Ela sorria carinhosamente do Conde Robert para Lady Felice.

Ambos pareciam confusos, e eu não os culpava. Era muito difícil saber o que eles haviam prometido àquela altura. Olhei para o Sr Amos para ver o que ele achava. Ele estava fazendo uma careta, mas podia ser porque ele estava vendo um grão de poeira na taça que segurava contra a luz. Eu queria que Christopher estivesse ali. Ele saberia dizer o que havia por trás dessa conversa.

Mas Christopher não estava lá naquela noite, e também não apareceu de manhã. Eu tive de fazer duas viagens para recolher todas as botas e sapatos. Fiquei irritado. Depois disso, eu tive de trabalhar tanto que mal me lembrava de Christopher. Mas eu ainda me lembrava. As pessoas estão erradas quando dizem “não tive tempo de pensar”. Se você está muito preocupado, ou muito triste, esses sentimentos vem chegando pelas beiradas de outras coisas que você está fazendo, e você acaba imerso nesses sentimentos até quando está muito concentrado em outra coisa. Eu estava pensando e sentindo muita coisa o tempo todo enquanto os hóspedes chegavam. Pensando sobre Christopher, me preocupando com Anthea,

e sentindo pena de mim mesmo, preso aqui sem nem um Destino Sombrio para justificar o que eu estava fazendo.

Os hóspedes começaram a chegar no começo da tarde. Pessoas muito majestosas chegavam até a frente da casa em grandes carros e entravam, passando pelas filas de lacaios, usando roupas tão caras que parecia um desfile de moda no hall. Então o Sr Prendergast gritava coisas como “A bagagem de Lady Clifton para o quarto lilás!” ou “As malas do Duque de Almond para a suíte amarela!” e eu saía correndo atrás de Andrew e Gregor, ou Francis e Manfred, carregando uma pesada mala de couro em cada mão. Quando não havia nenhum hóspede chegando, o Sr Amos nos fazia medir os espaços entre as cadeiras da mesa de banquete para ter certeza que o espaço entre elas era o mesmo. Ele fazia isso mesmo! E eu havia achado que o Sr Prendergast estava brincando! De repente, a campainha tocava, e voltávamos para o hall para carregar mais bagagem.

O tempo todo eu ficava mais triste e desejava que Christopher voltasse. Millie estava bastante preocupada com ele também. Eu a encontrava correndo, carregando bandejas e pilhas de roupas de cama. Cada vez ela perguntava “Christopher já voltou?” e eu dizia “Não”. Então, à medida que as coisas foram ficando mais frenéticas, Millie passou a dizer só “E Christopher?”, e eu balançava a cabeça. Lá pelo meio da tarde, Millie simplesmente me olhava quando nos cruzávamos, e eu mal tinha tempo de balançar a cabeça.

Foi aí que Lady Mary Ogworth chegou. Ela veio com a mãe, que me lembrava bastante a Condessa, para dizer a verdade. As duas usavam casacos esvoaçantes de verão, mas a mãe parecia uma hóspede qualquer com o dela. Lady Mary era linda. Até então eu não esperava ver ninguém que fosse mais bonita que Fay Marley, mas acredite, Lady Mary era. Ela tinha uma cascata de cachos claríssimos e sedosos, que fazia seu rosto parecer pequenino, e os grandes olhos azuis enormes. Ela andava como uma árvore delicada na brisa, com o casaco flutuando em volta dela, e sua silhueta era perfeita. A maioria dos lacaios que estavam em volta de mim se engasgaram quando a viram, e Gregor chegou até a soltar um leve gemido. Lady Mary era linda a esse ponto.

O Conde Robert estava no hall para recebê-la. Ele estava por perto do Sr Prendergast nas escadas, inquieto, se remexendo, movendo os pés e puxando os punhos da camisa,

exatamente como um noivo esperando a noiva no altar. Assim que viu Lady Mary, ele correu pelas escadas, cruzou o hall e pegou a mão de Lady Mary e chegou a beijá-la.

- Seja bem-vinda. – ele disse, meio engasgado. – Seja bem-vinda a Stallery, Mary.

Lady Mary manteve a cabeça baixa de maneira tímida, e sussurrou algo em resposta. Então o Conde Robert disse:

- Deixe-me levá-la até seus aposentos.

E a levou, ainda segurando a mão dela, pelo hall, e sumiu pelas escadas. Ele sorria para ela todo o tempo.

Gregor teve de cutucar minhas costas para me lembrar de pegar minha parte da bagagem. Eu fiquei olhando para eles, me sentindo péssimo. “Anthea não tem a menor *chance!*”, pensei. “Ela está se iludindo.” O Conde Robert estivera a enganando o tempo todo.

Assim que larguei as malas, fui escondido até biblioteca para encontrar minha irmã, mas ela não estava lá. O fantasma estava. Um livro veio na direção da minha cabeça assim que meu rosto passou pela porta. Mas não havia nem sinal de Anthea. Desviei do livro e fechei a porta. Fui então procurar por Anthea na galeria subterrânea, mas ela também não estava lá. E a galeria subterrânea estava um tumulto porque Lady Mary não parava de tocar a campainha dela.

- Honestamente, querido, - disse Polly, ao passar correndo. – parece que a colocamos num chiqueiro! *Nada* está bom para essa mulher!

- A água, os lençóis, as cadeiras, o colchão. – ofegou Fay, correndo na outra direção. – Dessa vez foram as toalhas. Da outra foi o sabonete. Todo mundo já subiu pelo menos umas seis vezes. Millie está lá agora.

A Sra Semple desceu as escadas correndo até o saguão, dizendo:

- O Sr Hugo consertou o chuveiro dela, ele acha. Mas...

Então a campainha com a etiqueta de Ste Ldy tocou de novo, e todos exclamaram:

- Ah, não, o que é *agora*?

A Sra Semple atendeu o telefone e disse vários “Sim, senhora” tranquilizadores. Ela se virou, desesperada.

- Ah, será possível! Tem uma aranha na moringa agora. Fay... Não, você vai arrumar mais sapateiras para ela, não vai? - os olhos suaves e oniscientes dela pousaram em mim. - Conrad. Vá buscar uma moringa limpa e copos e leve tudo para a suíte de Lady Mary em uma das melhores bandejas douradas, por favor. Rápido.

Se eu fosse Christopher, teria encontrado um jeito engraçado de falar que meus braços haviam caído de tanto carregar bagagem. Como era só eu, suspirei e fui até a despensa de louças do lado da porta com tecido verde. Enquanto enchia uma bandeja com louças limpas e brilhantes e levava tudo pelo elevador, decidi que deviam ser as mudanças que estavam irritando Lady Mary. Elas estavam a todo vapor agora. Antes que eu chegasse ao segundo andar, o elevador deixou de ser marrom por dentro e ficou um amarelo pálido. Era o suficiente para chatear qualquer pessoa que não estivesse acostumada a isso. O elevador parou e a porta se abriu. Millie, ainda muito elegante e adulta com seu uniforme de criada, estava esperando do lado de fora para descer. Ela me deu um de seus olhares expressivos.

- Não, - eu disse – ainda nem sinal de Christopher.

- Dessa vez não era isso. – Millie disse. – Você está levando essa bandeja para Lady Mary?

- Sim. Fay e os outros já se encheram.

- Então eu não quero afetar sua opinião, mas acho que devo te alertar. Ela é uma bruxa.

- É mesmo? – eu disse, saindo do elevador. – Então...

Millie se virou para passar por mim. Só então eu vi que ela estava brava, vermelha e ofegante.

- Então nada! Só tome cuidado. E, Conrad, esqueça todas as coisas ruins que eu disse sobre Christopher, eu não estava sendo justa. Christopher *nunca* usa a magia dele da maneira como... Como... *Ela* usa!

O elevador se fechou e levou Millie para baixo. Eu segui o carpete azul-acinzentado e virei pelo corredor até chegar à melhor suíte de hóspedes, pensando em Christopher. Ele era muito irritante, mas ele até que era legal. E agora eu pensava: ele havia saído para resgatar Millie como um cavaleiro errante resgatando uma donzela em perigo. Isso me impressionava. Fiquei me perguntando por que eu não havia pensado em Christopher dessa forma antes. Eu queria que ele *voltasse*.

Bati na grande porta de batentes dourados, mas ninguém me mandou entrar. Depois de um momento, eu bati de novo, equilibrei a bandeja cuidadosamente em uma mão e entrei.

Lady Mary estava sentada esparramada em uma poltrona que devia ser de outro quarto. Tudo no enorme e afetado quarto era rosa, mas a poltrona era azul marinho, com a estampa errada. Fay ou Polly, ou outra pessoa, devia tê-la arrastado até lá, vinda de outro lugar. Lady Mary estava agarrando os braços da poltrona com os dedos dobrados como garras, e olhando feio para a lareira. Daquele jeito, ela parecia quase tão velha quanto a Condessa, e nem um pouco bonita. Havia uma porta entreaberta atrás dela. Eu ouvi alguém soluçando do outro lado – a dama de companhia dela, provavelmente,

- Ah, cale a boca, Stela, e passe logo essa roupa!

Lady Mary rosnou quando entrei. Então ela me viu. Os grandes olhos azuis dela se estreitaram, irritados.

- Eu não disse que você podia entrar. – ela disse.

Eu falei de maneira muito suave, como o Sr Prendergast imitando o Sr Amos:

- A moringa e os copos limpos que você pediu, milady.

Ela relaxou uma das mãos e a acenou.

- Coloque ali.

Ela esperou que eu cruzasse o quarto e colocasse a bandeja numa mesinha, e disparou:

- Agora fique aí e responda minhas perguntas.

Ainda bem que Millie havia me avisado. O aceno devia ser um feitiço. Eu me vi parado ao lado da mesinha, e a porta que dava para o corredor parecia estar a quilômetros de distância. Lady Mary acenou novamente. Dessa vez eu senti como se houvesse uma faixa apertando a minha cabeça, tão apertado que meus braços formigavam. Eu não conseguia me soltar, por mais que tentasse.

- Por que você está fazendo isso? – perguntei.

- Porque preciso saber no que estou me metendo, e você vai me falar. O que você acha do Conde Robert?

- Ele me parece simpático, mas eu mal o conheço. – Eu estava ofegante e suava. A pressão em minha cabeça parecia aumentar a cada segundo. – Por favor, pare.

- Não. O Conde Robert é usuário de magia?
- Não faço ideia. Acho que não. *Por favor!*
- Mas *alguém* aqui é. Alguém está usando mágica para mudar as coisas o tempo todo. Por quê?

- Para ganhar dinheiro. – me vi respondendo.
- Quem?

Pensei em Christopher apertando aquela tecla alt. Pensei no Sr Amos. Pensei que minha cabeça fosse explodir. E, ao mesmo tempo, eu sabia que não diria mais nada àquela mulher horrível.

- Não... Não sei nada sobre magia.
- Que bobagem. Você está cheio de talento. Pela última vez, *quem?*
- Ninguém me ensinou magia. Não *posso* dizer porque eu não *sei!*

Eu tagarelava desesperadamente. Minha cabeça ia quebrar como um ovo a qualquer momento, eu pensava.

Lady Mary crispou os lábios, irritada, e resmungou:

- Por que ninguém sabe? É ridículo! – ela olhou para mim novamente e continuou – O que você acha da Condessa?

- Ah, ela é horrível. – eu disse, aliviado de poder dizer *alguma coisa* a ela.

Lady Mary sorriu de um jeito meio perverso.

- Todos dizem isso. Então deve ser verdade. Vou ter de me livrar dela logo, então. *Agora*, diga...

Aconteceu uma mudança bem quando ela disse isso. Eu nunca achei que fosse ficar feliz com uma mudança. O aperto em volta da minha cabeça arrebentou – *peng!* – como um elástico que foi esticado além dos limites. Cambaleei por um momento, todo formigando, os olhos embaçados, mas consegui ver que a moringa e os copos na bandeja haviam virado um bule, uma xícara e um pires elegantes, e um prato de biscoitos açucarados.

Olhei para Lady Mary. Ela se comportava como se o elástico houvesse arrebentado na cara dela, piscando os olhos, engasgada.

- Aproveite o chá, milady. – Eu disse, e me virei e saí correndo.

Desci no elevador me sentindo péssimo. O formigamento foi sumindo aos poucos, mas eu fiquei me sentindo muito mal. Lady Mary obviamente iria dominar Stallery assim que se casasse com o Conde Robert, ou talvez até antes. Ela me mandaria embora imediatamente, porque eu sabia como ela era. Eu não tinha ideia do que faria. Não ia resolver nada perguntar a Anthea, porque ela estava numa situação tão ruim quanto a minha. E Christopher não estava por perto para eu perguntar a ele.

Esse era o lado bom de Christopher. Ele achava que tudo tinha solução. Se alguma coisa desse errado, ele fazia uma de suas piadinhas irritantes e pensava em algo para fazer. Eu precisava muito disso naquele momento. Parei o elevador e o fiz subir, caso as mudanças houvessem trazido Christopher de volta. Mas nosso quarto estava vazio. Olhei para a gravata de Christopher pendurada na maçaneta da porta e me senti tão perdido que comecei a pensar se Tio Alfred não tinha mesmo razão sobre meu Destino Sombrio. Tudo dava errado para mim o tempo todo.

Dezoito

O Salão Médio estava lotado naquela noite.

O Sr. Smithers e várias Criadas Encarregadas precisaram ir comer com os atores porque o Salão Superior estava cheio de valetes e damas de companhia que haviam vindo com os hóspedes. Eles tinham de ajudar os hóspedes a se vestirem, é claro, então jantaram tarde. Antes disso, Sra. Baldock organizou um coquetel especial para eles na Sala da Governanta. Polly, Fay, Millie e outra garota tiveram de engolir a comida e sair correndo para servir a Sra. Baldock e os convidados dela. O resto de nós mal teve tempo de terminar a janta antes de os sinos começarem a tocar e a Sra. Semple entrar apressada.

- Rápido, rápido, todos vocês! É o Sr. Amos que está chamando. Os convidados vão descer daqui a cinco minutos. Sr. Prendergast, o senhor ficará no Salão Principal, encarregado das bebidas...

- Ah, é mesmo? – o Sr. Prendergast disse, se desdobrando até ficar de pé – trabalho subalterno, amendoins e coquetéis, é?

- Com Francis, Gregor e Conrad – apressou-se a Sra. Semple – todos os outros empregados homens devem se dirigir ao Salão de Banquetes para arrumá-lo. Criadas, dirijam-se à despensa de louças do Salão de Bailes e às portinholas de passagem de comida. Rápido!

Todos saímos correndo e a galeria subterrânea ecoou com o som dos nossos passos.

O que aconteceu no Salão Principal é meio que um borrão para mim. Eu estava ansioso e chateado demais para perceber muita coisa, exceto que o Sr. Prendergast depositou uma pesada bandeja de prata nas minhas mãos, o que fez meus braços doerem. Para mim, os convidados eram na maior parte uma confusão de vozes altas, finos vestidos de seda e smokings caros. Eu me lembro da Condessa cumprimentando todos graciosamente, de azul etéreo e com uma coisinha brilhante no cabelo. E me lembro do Conde Robert vindo e pegando uma taça da minha bandeja, com uma cara de quem realmente precisava de uma bebida... Aí eu percebi que a taça que ele pegou era de suco de laranja. Pensei se devia chamá-lo e dizer que ele havia se enganado, mas ele já havia se afastado e estava dizendo oi às pessoas, conversando com elas e se dirigindo à porta como se esperasse que Lady Mary entrasse a qualquer momento.

Lady Mary só chegou bem perto do final. Ela estava usando um vestido branco e reto, como um pilar de neve. Ela foi até o Conde Robert quase que imediatamente e falou com ele com a cabeça baixa e um sorriso tímido. Eu mal podia acreditar que ela havia passado a tarde reclamando, lançando feitiços e fazendo sua criada chorar.

- Isso – o Sr. Prendergast disse, avultando-se ao meu lado – é um clássico exemplo de um feitiço de glamour. Achei que você gostaria de saber.

- Oh – eu disse.

Eu queria perguntar ao Sr. Prendergast como ele sabia, mas ele disse, “Você está inclinando a bandeja” e saiu de repente para pegar um novo sifão de água com gás para Gregor.

Lady Felice chegou, usando branco também, e parecendo terrivelmente nervosa. Ela ficou quase tão branca quanto o vestido quando o Sr. Amos escancarou a porta e bradou:

- O Prefeito de Stallchester, o Sr. Igor Seuly.

O Sr. Seuly parecia totalmente deslocado. Ele estava tão bem vestido quanto todo mundo, mas ele parecia menor de alguma forma, um pouco encolhido dentro de seus trajes finos. Ele entrou, tentando andar de maneira imponente, mas na verdade parecia estar se arrastando. Quando a Condessa se aproximou dele, murmurando graciosamente, ele agarrou a mão dela como se estivesse sendo resgatado de um afogamento. Então, me viu com minha bandeja. Ele veio até mim e pegou a maior taça como se isso também fosse um resgate.

- Você já descobriu como eles manipulam as possibilidades? – ele me perguntou em um sussurro.

- Não exatamente – eu disse – Eu, hã, nós...

- Foi o que eu pensei – o Sr. Seuly disse. Ele parecia aliviado – Não se preocupe. Quando eu estiver casado com Felice, farei parte do esquema e poderei lidar com isso por você. Não faça nada até lá. Entendeu?

- Mas o tio Alfred disse... – comecei.

- Eu darei um jeito no seu tio – o Sr. Seuly respondeu. Então se virou e saiu marchando em meio à multidão.

Pouco depois disso, o Sr. Amos descerrou as portas duplas nos fundos da sala e anunciou, em seu tom mais grandioso:

- Meus lordes, senhoras e senhores, o Jantar está servido.

Todos fluíram lentamente para dentro do Salão de Banquete e as coisas ficaram bem tranquilas. Enquanto Francis, Gregor e eu recolhíamos castanhas e amendoins do chão e empilhávamos copos em bandejas para serem entregues a Polly e às outras criadas na porta, o Sr. Prendergast se esticou com um suspiro sobre o sofá mais confortável.

- Uma hora de paz, no mínimo – ele disse e acendeu um longo charuto preto – Passe esse cinzeiro, Conrad. Ou melhor, quase três horas de paz. Eu soube que serão servidos dez pratos.

As portas duplas se abriram de novo.

- Prendergast – disse o Sr. Amos – Você está a postos no salão de entrada. Vá para lá.

- Mas certamente todos que iam chegar já chegaram. – o Sr. Prendergast disse, se sentando, indignado.

- Nunca se sabe – disse o Sr. Amos – Eventos como este costumam atrair parentes pobres. Stallery se orgulha de estar sempre preparada.

O Sr. Prendergast deu um suspiro que mais parecia um gemido e ficou de pé.

- E o que eu devo fazer no caso improvável da pobretona da prima Martha ou do bêbado do tio Jim aparecerem e começarem a esmurrar a porta da frente? Mandá-los embora?

- Use sua discrição – rosnou o Sr. Amos – Se é que você tem alguma. Acomode-os na biblioteca, obviamente, homem, e depois me avise. E *vocês*, Gregor, Francis, Conrad, quero vocês no Salão de Banquetes assim que terminarem aqui. O serviço está mais lento do que eu gostaria. Precisamos de vocês.

Então, pelas próximas duas horas e meia, eu trabalhei duro, buscando pratos para os outros lacaios entregarem sobre ombros elegantes e carregando garrafas para o Sr. Amos servir. Manfred estava indo muito bem e só havia derrubado um prato, mas o Sr. Amos não deixou que ele ou eu realmente servíssemos os convidados à mesa. Ele disse que não queria se arriscar. Mas pudemos levar as tábuas de queijos perto do final. A essa hora, o tilintar de talheres e a algazarra de vozes já haviam se transformado em um rumor suave misturado com um *tlim* agudo de vez em quando. O Sr. Amos mandou Andrew de volta para o Salão Principal para fazer café. E, depois de eu buscar o vinho especial para o discurso e os brindes, ele me mandou para o Salão também. A Sra. Baldock e a Sra. Semple estavam lá, arrumando

pilhas de chocolates de maneira tentadora sobre bandejas de prata. A Sra. Baldock parecia abalada. Pensei ter ouvido-a soluçando uma ou duas vezes. E me lembrei do Christopher dizendo, na nossa primeira noite lá, que achava que a Sra. Baldock bebia – apesar de que ela *havia* acabado de dar uma festa, eu suponho. Eu estendi a mão para roubar um chocolate, pensando em Christopher. Fazia horas que não acontecia nenhuma mudança. O Sr. Amos provavelmente havia desligado o equipamento, deixando Christopher preso por mais uma noite. Nesse momento a Sra. Semple deu um tapa na minha mão e me trouxe de volta à realidade. Ela me fez correr de um lado para o outro da enorme sala, depositando as pilhas de chocolates artisticamente sobre mesinhas. Então consegui surrupiar um chocolate de qualquer forma, antes que Andrew me chamasse para ajudá-lo a arrumar pelotões de minúsculas xícaras de café e fileiras de copos igualmente minúsculos.

Eu estava pensando em Christopher, então disse o que ele provavelmente diria:

- Estamos preparando uma festa de bonecas?
- Os licores são servidos em copos pequenos – Andrew explicou gentilmente.

Ele me mostrou uma mesa coberta de garrafas redondas, compridas, triangulares, achatadas, vermelhas, azuis, douradas e marrons, além de uma garrafa grande e verde. Ele achava que eu não sabia sobre os licores. Se ele fosse o Christopher, ele *saberia* que eu estava brincando.

- Os copos grandes e redondos são para o conhaque – ele me instruiu – Não vá errar.

Antes que eu pudesse pensar em uma piada no estilo do Christopher a respeito disso, a Condessa entrou deslizando pelas portas distantes, falando por cima do ombro com um homem corpulento e barbudo:

- Ah, mas nós estamos em Stallery, Vossa Graça. Nós nunca temos conhaque *novo*!

Outros convidados entraram lentamente atrás dela.

A Sra. Baldock e a Sra. Semple desapareceram. Andrew e eu entramos no modo móvel. O resto dos convidados se espalhou aos poucos pela sala e se acomodou em cadeiras e sofás. O Sr. Seuly teve muita dificuldade com isso. Ele tentou várias vezes se sentar em uma cadeira ao lado de Lady Felice, mas ela sempre se levantava logo antes de ele chegar até ela e

ia, com um olhar triste e distraído, para outra cadeira em outra parte da sala. De alguma forma o Conde Robert foi engolido pela multidão. Ele nunca estava perto de Lady Mary, que estava sentada em um sofá dourado ao lado de sua mãe, e estava mais linda do que nunca.

Então o Sr. Amos chegou. Ele fechou as portas duplas, abafando um violento estardalhaço (Manfred estava derrubando pratos de novo, eu acho, enquanto o resto dos lacaios tirava a mesa), e acenou para que eu e Andrew fôssemos até a mesa com as xícaras de chá. Eu fiquei muito ocupado distribuindo minúsculas xicarzinhas bambas. O que mais me lembro sobre essa parte é o momento em que eu tive de levar café para Lady Mary e a mãe dela. Quando cheguei ao sofá delas, a mãe estendeu a mão para pegar um dos chocolates na mesa ao lado delas. Lady Mary ralhou com ela, com uma vozinha irritante:

- Mamãe! Isso faz mal!

A mãe recolheu a mão imediatamente, com uma expressão tão triste que senti pena dela. Eu entreguei uma xícara de café a Lady Mary e consegui fazê-la tremer e balançar tanto que Lady Mary estendeu as duas mãos para pegá-la e se virou para me olhar feio. Atrás dela, eu vi a mão da mãe disparar em direção aos chocolates. Acho que ela pegou uns cinco. Quando entreguei o café à mãe, ela me deu um olhar que dizia “Por favor, não me entregue!”.

Eu estava respondendo com um olhar vazio de mobília que dizia “Entregar *por quê*, milady?”, quando a porta da área de serviço atrás de nós se abriu e Hugo e Anthea entraram silenciosamente no Salão. Eles estavam usando trajes de gala, como os convidados. Hugo estava bonito no smoking dele, e muito mais natural que o Sr. Seuly. Minha irmã estava de vermelho e estava lindíssima.

No início, ninguém além de mim pareceu percebê-los. Eles andaram lentamente lado a lado até o centro da sala, ambos com expressões muito determinadas. Hugo estava tão determinado que quase parecia um buldogue. Então Anthea fez um pequeno gesto mágico e a Condessa ergueu os olhos e os viu. Ela se levantou com um salto e voou em direção a eles em um redemoinho de seda azul.

- O *que* significa isto? – ela disse em um sussurro rápido e irado – Eu *não* permitirei que os meus convidados sejam incomodados desta forma.

Nesse instante Lady Mary levantou o olhar e olhou para Anthea com um olhar venenoso. Perto do cabelo negro e da pele radiante da minha irmã, Lady Mary mal parecia existir. Ela era como uma fotografia desbotada e sabia disso.

Ao lado das pequenas xícaras e copos, o Sr. Amos olhou para cima também. Ele os fitou. Depois os encarou. Se um olhar pudesse matar, Hugo teria caído morto naquele momento, seguido de Anthea.

Mas agora Lady Felice estava se levantando devagar e nervosamente. Ela estava tão óbvia em seu vestido branco que a maioria dos convidados se virou para ver o que ela estava fazendo. Eles olharam para ela, depois para Hugo e Anthea. Toda conversa morreu. Então o Conde Robert ficou de pé e veio andando da outra ponta do Salão. Todos o encararam também. Uma senhora pegou um par de óculos presos a um palito para encarar melhor.

- Eu peço desculpas pelo incômodo – disse o Conde Robert – mas temos dois anúncios a fazer.

A Condessa girou para olhá-lo e começou a fazer sua cara de *Por quê, querido?* Ela estava fervendo de ódio com doçura. A julgar pela cara dele, o Sr. Amos também estava, só que sem doçura. Mas, antes que qualquer um deles pudesse falar, a porta principal na ponta do Salão se abriu e o Sr. Prendergast ficou parado lá como um vulto.

- A Honorável Sra. Franconia Tesdnic – ele anunciou, em sua potente voz de ator.

Então ele saiu de costas da sala e minha mãe entrou.

Minha mãe estava ainda mais mal-arrumada que de costume. O cabelo dela estava amontoado sobre a cabeça em uma grande massa desgrenhada, muito semelhante a um ninho de pássaro. Ela havia achado em algum armário um longo vestido amarelo de lã, que devia estar guardado havia vinte anos ou mais. Ele estava cáqui de tão velho. Eu podia ver os buracos de traça nele de onde eu estava. Ela havia combinado ao vestido uma bolsa coberta de lantejoulas que provavelmente havia comprado em uma loja de brinquedos. E deslizou para dentro daquela enorme sala como se estivesse vestida tão finamente quanto a Condessa.

Eu nunca me senti tão envergonhado na minha vida. Eu queria cavar um buraco e me enfiar dentro dele. Olhei para Anthea, certo de que ela estaria se sentindo no mínimo tão mal

quanto eu. Mas minha irmã estava fitando nossa mãe quase com admiração. Com um sorriso carinhoso se estendendo pelo rosto, ela disse a Hugo:

- Minha mãe é uma mulher travessa. Eu conheço esse vestido. Ela o usa para envergonhar as pessoas.

Minha mãe atravessou a sala como uma rainha até ficar cara a cara com a Condessa.

- Boa noite, Dorothea – ela disse – Parece que você desabrochou desde que se casou por dinheiro. Que fim levou o seu desejo de estar nos palcos? – ela se virou para a senhora com os óculos no palito e explicou – Nós estudamos juntas, sabe, a Dorothea e eu.

- É verdade – disse a Condessa em um tom gélido – Que fim levou o seu desejo de escrever, Fanny? Não me lembro de ler nenhum livro seu.

- Isso é porque a sua habilidade para leitura sempre foi muito fraca – retrucou minha mãe.

- O que você está fazendo aqui? – indagou a Condessa – Como você entrou?

- Do jeito de sempre – disse minha mãe – De bonde. O porteiro se lembrou perfeitamente de mim e aquele novo mordomo simpático me deixou entrar na casa. Ele disse que havia recebido ordens a respeito de parentes pobres.

- Mas por que você está aqui? – a Condessa disse – Você jurou no meu casamento que nunca mais poria os pés em Stallery.

- Quando você se casou com aquele ator, você quer dizer? – disse minha mãe – Você deve saber que só um motivo de extrema urgência me traria aqui. Eu vim...

Ela foi interrompida pelo Sr. Amos. O rosto dele estava de uma cor estranha e ele parecia estar tremendo quando parou ao lado da minha mãe. Ele colocou uma mão na manga carcomida dela.

- Senhora – ele disse – eu acredito que esteja um tanto transtornada. A senhora permitiria que eu a levasse até nossa governanta?

Minha mãe lhe lançou um olhar de desdém.

- Cale-se, Amos – ela disse – Isto não tem nada a ver com você. Eu estou aqui somente para impedir que a minha filha se case com o filho desta Dorothea.

- *O quê?* – disse a Condessa.

Do outro lado da sala, Lady Mary disse “O QUÊ?” ainda mais alto e levantou com um salto.

- Deve haver algum engano, minha boa senhora – Lady Mary disse – Robert vai se casar *comigo*.

O Conde Robert pigarreou.

- Não há engano nenhum – ele disse – Ou só um pequeno. Antes que vocês três decidam meu destino entre vocês, eu deveria dizer que eu mesmo já o decidi.

Ele foi até Anthea e colocou a mão dela sobre o braço.

- Este é um dos anúncios que eu estava prestes a fazer – ele disse – Anthea e eu nos casamos há duas semanas em Ludwich.

Sussurros assustados passaram pela a sala. Minha mãe e a Condessa se fitaram com ultraje quase idêntico. O Conde Robert sorriu alegremente para elas e depois para todos os convidados que o encaravam, como se seu anúncio fosse a coisa mais feliz do mundo.

- E Hugo se casou com a minha irmã, Felice, esta manhã em Stallstead – ele acrescentou.

- *O quê?* – bramou o Sr. Amos.

- Mas ela não pode, querido – disse a Condessa – Eu não dei meu consentimento.

- Ela é maior de idade. Ela não precisou do seu consentimento – disse o Conde Robert.

- Agora olhe aqui, jovem lorde – o Sr. Seuly disse, ficando de pé e avançando na direção do Conde – Eu tinha um acordo...

O Sr. Amos o interrompeu berrando de repente:

- *Eu proíbo! Eu proíbo tudo!*

Todos o encararam. O rosto dele estava roxo, os olhos estavam esbugalhados e ele parecia estar grugulhando de ódio.

- *Eu dou as ordens aqui e eu proíbo isto!* – ele gritou.

- Ele está louco – uma duquesa disse do lado dele – Ele é só o mordomo.

O Sr. Amos a ouviu.

- Não sou *não*! – ele retumbou – Eu sou o Conde Amos Tesdinic de Stallery e eu *não* vou permitir que o meu filho se case com a filha de um impostor!

Todas as cabeças se voltaram para a Condessa, a da minha mãe muito sarcasticamente. A Condessa se virou e estendeu os braços de maneira repreensiva para o Sr. Amos.

- Oh, Amos! – ela disse tragicamente – Como *pôde*? Por que você nos entregou dessa maneira?

- Uma pena, não é? – disse Hugo, com um braço em volta de Lady Felice.

O Sr. Amos se voltou contra ele, tão furioso que seu rosto estava roxo.

- *Você...!* – ele gritou.

Só Deus sabe o que poderia haver acontecido naquele momento. O Sr. Amos lançou uma explosão de magia contra Hugo e Lady Felice. Hugo levantou uma mão e pareceu mandar a magia de volta. Lady Mary entrou na briga, com um chiado que disparou direto para cima de Anthea. Minha mãe girou no lugar e atirou pelotas sibilantes de feitiços contra Lady Mary. Lady Mary gritou e contra-atacou, fazendo o ninho de cabelo da minha mãe se desfazer em mechas sobre os ombros dela. A essa altura, o Sr. Seuly, Anthea, o Conde Robert e alguns dos convidados estavam lançando magias também. A sala zumbia com todos os feitiços, como um ninho de vespas que havia sido perturbado, e havia gritos e exclamações misturados com o zumbido. Várias cadeiras foram derrubadas enquanto a maioria dos convidados tentava recuar em direção ao Salão de Banquetes.

O Sr. Prendergast escancarou a porta mais uma vez. A voz dele retumbou acima do resto do barulho.

- Meus lordes, senhoras e senhores, sua atenção, por favor! Façam silêncio para o Comissário Real Extraordinário!

Dezenove

As magias e os gritos pararam.

Todos ficaram olhando. O Sr Prendergast saiu da frente da porta e anunciou cada pessoa que entrava. Era um grupo bem grande. As duas primeiras pessoas eram homens grandes e solenes de ternos escuros, que foram direto ficar dos lados do Sr Amos.

- Sir Simon Caldwell e Capitão William Forsythe – disse o Sr Prendergast com um estrondo. – Bruxos pessoais de Sua Majestade o Rei.

O Sr Amos olhou para Sir Simon e para o Capitão Forsythe espantado e assustado, e depois pareceu um pouco mais feliz quando duas mulheres com roupas elegantes entraram e ficaram ao lado do Conde Robert.

- A Princesa Wilhelmina e Madame Anastásia Dupont, Feiticeira Real – anunciou o Sr Prendergast.

O Conde Robert ficou muito pálido ao ouvir isso. Muitos outros convidados também ficaram pálidos quando foi anunciado o próximo grupo. O Sr Prendergast recitou:

- Sra Havelok-Harting, a Procuradora Real, Sr Martin Baines, Advogado de Sua Majestade, Lorde Constant de Goodwell e Lady Pierce-Willoughby, Juizes do Rei...

Não me lembro do resto, mas eram *todos* autoridades, e a Sra Havelok-Harting era particularmente terrível: grisalha, severa e impiedosa. Eles olharam atentamente para todos no Salão ao se espalharem para dar espaço para o próximo grupo de pessoas.

- O Comissário-Chefe de Polícia, Sir Michael Weatherby, os Inspectores Hanbury Cardross e Goring. – retumbou o Sr Prendergast.

Esses estavam de uniforme.

Ocorreu-me que *essas* eram todas as pessoas que a Condessa havia mandado o mensageiro hospedar num hotel em Stallchester. Fiquei levemente tonto com a coragem da Condessa. Tentei imaginá-los todos espremidos no Brasão de Stallchester ou no Cervo Real (provavelmente os dois, considerando a quantidade de pessoas) e simplesmente não consegui. A Condessa obviamente sabia o que havia feito. Ela cobria o rosto com as duas mãos. Quando a Inspectora Goring veio e se plantou ao lado dela, a Condessa parecia que ia desmaiar. Os

outros dois Inspectores foram ficar ao lado de Hugo, que estava com uma expressão sombria, e do Sr Seuly, que ficou amarelado. O Comissário-Chefe marchou pelo Salão e foi ficar diante das portas que davam para o Salão de Banquetes. Alguns dos convidados que estavam indo lentamente em direção às portas se apressaram a sentar novamente.

- Os bruxos domésticos do Comissário Real. – anunciou o Sr Prendergast.

Um outro grupo de homens e mulheres sóbrios entrou em fila. Eles traziam consigo um zumbido mágico, frio e claro, que me lembrou um pouco o Errante.

- E... – proclamou o Sr Prendergast – a pedido especial de Sua Majestade o Rei, o Comissário Real Extraordinário, Monsenhor Gabriel de Witt.

“Oh, não!”, pensei. Gabriel de Witt era exatamente tão aterrorizante quanto Christopher havia me feito acreditar. Perto dele, a Sra Havelok-Harting parecia até comum. Ele era muito alto, e vestia umas calças estreitas bem incomuns, e um fraque preto, que faziam com que ele parecesse ter uns três metros de altura. Ele tinha cabelos brancos e um rosto cinza e triangular, com os olhos mais penetrantes que eu já havia visto. Ele trazia consigo uma magia antiquíssima e tão forte que meu corpo inteiro começou a zumbir e meu estômago parecia estar sendo puxado para o centro da terra. “Preciso avisar Millie!”, eu pensei. Mas não me atrevia a me mover.

Depois disso tudo, não fiquei surpreso quando o Sr Prendergast fez um grande aceno com a mão em direção ao próprio peito e adicionou:

- E eu mesmo, o Investigador Especial do Rei.

“É claro que o Sr Prendergast é detetive”, pensei. Fazia todo sentido.

Gabriel de Witt deu um passo à frente, bem devagar.

- Devo explicar. – disse. A voz dele era velha e seca, como se fosse um cadáver falando. – Vim à Série Sete inicialmente em busca de dois dos meus jovens tutelados, que pareciam ter se perdido neste mundo. Naturalmente, procurei o Rei primeiro e pedi permissão a ele para continuar minhas buscas neste país. Mas o Rei tinha seus próprios problemas. Parecia que alguém neste país estava mudando as probabilidades deste mundo. Já haviam acontecido tantas mudanças que *toda* a Série Sete corria o risco de se fundir com a Série Seis de um lado e com a Série Oito do outro. Os bruxos do Rei estavam muito apreensivos.

O Sr Amos, que parecia muito espantado, balançou a cabeça e fez gestos negativos.

- Não é possível ter esse efeito. – disse ele.

- Ah, é sim. – disse Gabriel de Witt. – Garanto que é verdade. Percebi no momento em que pisei neste mundo. Estão começando a acontecer sérias mudanças climáticas e perturbações mais sérias ainda na geografia (montanhas encolhendo, mares mudando de lugar, continentes se separando) à medida que esta Série tenta se encaixar às Séries adjacentes. Em conjunto, essas mudanças constituem um abuso da magia tão sério que quando o Rei pediu minha ajuda, não hesitei em concordar. Eu e minha equipe começamos a investigar imediatamente. O primeiro resultado de nossas investigações foi a prisão de uma mulher que se identificava como Lady Amos ontem, e o fechamento de seus escritórios em Ludwich.

- Não! – gritou o Sr Amos.

- Sim. – disse Gabriel de Witt. – Imagino que seja sua esposa. E... – ele olhou para Hugo – Sua mãe, acredito. Agora temos provas suficientes para efetuar mais prisões aqui em Stallery. Sra Havelok-Harting, faça a gentileza de ler as acusações.

A mulher cinza e impiedosa deu um passo à frente. Ela abriu com um farfalhar um papel oficial e limpou a garganta com um farfalhar igual.

- Robert Winstanley Henry Brown; Dorothea Clarissa Peony Brown, nome de solteira: Partridge, Hugo Vanderlin Cornelius Tesdnic e Amos Rudolph Percival Vanderlin Tesdnic – ela leu. – Todos os quatro são acusados de falsidade ideológica, uso de magia pondo em risco a segurança do reino, fraude, conspiração para fraudar e traição. Estão presos...

- Traição não! – disse o Sr Amos. Ele havia ficado um tom pálido de lilás.

O Conde Robert, ou apenas Robert Brown, como ele era na verdade, havia ficado da mesma cor que Christopher ficava quando tocava em prata.

- Nego traição! – ele disse, engasgado. – Eu disse a Amos que não ia continuar com essa farsa. Eu disse isso a ele assim que voltei do casamento com Anthea.

Minha irmã, que estava fazendo um esforço visível para não chorar, abriu a boca para falar, mas a Sra Havelok-Harting simplesmente se virou para uma das autoridades, implacável, e disse:

- Faça uma anotação. O Tesdinic mais velho e o Sr. Brown alegam serem inocentes das acusações.

- É *eu* sou *inocente*! Nunca fiz nada disso! – disse a Condessa, soluçando.

Se ela não estava chorando, estava fingindo muito bem.

- Eu também não! – disse o Sr Amos – Isso tudo é algum tipo de engano...

Ele parou e se afastou, porque a bola de borracha vermelha veio rolando pelo Salão. Quando chegou ao Sr Amos, começou a quicar decididamente diante dele.

- ... Forjado. – terminou o Sr Amos, olhando para a bola, nauseado.

- Um momento. O que é isto?

Gabriel de Witt levantou a mão e andou até a bola que quicava.

- É um fantasma, Monsenhor. – respondeu um dos bruxos reais que estava ao lado do Sr Amos.

O outro bruxo acrescentou, em uma voz baixa e chocada:

- Está dizendo que foi assassinado, senhor.

Gabriel de Witt pegou a bola e a segurou com as duas mãos. O Salão foi tomado por um silêncio mortal enquanto ele inspecionava a bola, com uma expressão cada vez mais séria.

- Sim. – disse. – De fato. Uma fantasma. Ela está me dizendo que a prova do assassinato será encontrada na biblioteca. Sir Simon, por favor, acompanhe esta pobre fantasma até a biblioteca e traga a prova para mim.

Ele passou a bola para o bruxo. Sir Simon confirmou com a cabeça e a levou, passando pelo Sr Prendergast e pela porta.

- Isso não tem nada a ver comigo. – declarou o Sr Amos. – Vocês têm que entender, todos vocês!

Ele abriu os braços, suplicando. O problema era que todo mundo estava tão chocado e apavorado pela presença de um fantasma assassinado que ninguém levou o Sr Amos a sério. O que eu pensei foi que o Sr Amos parecia um pinguim baixinho e em forma de pera enquanto prosseguia, emocionado.

- Vocês *precisam* entender! Eu só agi nos interesses de Stallery. Quando meu pai, o Conde Humphrey, morreu, Stallery estava falida. Os jardins eram uma selva, o telhado

estava despencando e eu tive que hipotecar tudo para pagar os poucos Empregados que tínhamos; e eles eram um bando de desleixados de segunda categoria. Quase me partiu o coração. Eu *amo* Stallery. Queria que ela ficasse como *deveria* ser, bem administrada, restaurada, linda, cheia de empregados respeitáveis. Eu sabia que gastaria milhões, sabia que tomaria todo o meu tempo e energia, sabia que precisaria de magia, magia especial que *eu mesmo* inventei, saibam vocês, e instalei secretamente na adega! E para ganhar dinheiro, eu tinha que controlar essas adegas. A única pessoa que controla as adegas é o mordomo, então eu naturalmente tive que me tornar o mordomo. Vejam, eu tinha que ser o mordomo! Eu paguei um jovem ator para tomar meu lugar: Rudolph Brown e eu éramos muito parecidos naquela época...

- Sim, e você expulsou seu próprio irmão, meu marido. – disse minha mãe, amarga e subitamente. – Para que ele não te atrapalhasse. Hubert nunca superou isso.

O Sr Amos olhou para ela como se houvesse esquecido que ela estava ali.

- Hubert era muito feliz cuidando de uma livraria. – ele disse.

- Não era, não. – respondeu minha mãe. – A livraria foi ideia *minha*.

- Você está ignorando duas coisas, Conde Amos. – Gabriel de Witt entrou na conversa. – Primeiro, que o fato de ter promovido seu amigo ator significa que o senhor estava enganando o Rei, o que é traição, e segundo, que sua tentativa de recuperar Stallery estava fadada ao fracasso.

- Fracasso? Você chama isto de fracasso?

O Sr Amos levantou uma mão e fez um floreio, mostrando o Salão Principal, os convidados, os candelabros, o teto lindamente pintado, as poltronas e sofás dourados.

- Sim, fracasso. – repetiu Gabriel de Witt. – Você deve ter visto que todos os outros prédios construídos sobre esta falha de probabilidade são, sem exceção, ruínas vazias. Esta falha é como um ralo. Ela arrastaria Stallery para o mesmo estado arruinado no fim das contas, não importa quanta magia você usasse, nem quanto dinheiro injetasse. Imagino que este lugar seja mais caro para manter a cada ano. Ah, aí está Sir Simon de volta.

Ele se virou e deixou o olhar de descrença horrorizada do Sr Amos quando Sir Simon entrou por entre os advogados e bruxos. É claro, neste andar ele podia entrar pelo mezanino da biblioteca e voltar em questão de minutos. Sir Simon veio até Gabriel de Witt segurando a bola de borracha numa mão. Com a outra, ele balançava minha câmera.

- Aqui está, Monsenhor. A vítima alega que o assassino a matou quando prendeu a alma dela nesta câmara.

Por um momento, não consegui respirar. Juro que meu coração parou de bater. Então, de repente, meu coração voltou à vida com um estrondo, martelando em meus ouvidos até que tudo ficou cinza e embaçado e eu pensei que ia desmaiar. Então me lembrei que havia deixado aquela câmara em uma estante quando Christopher teve câibra. Lembrei-me do flash disparando na cara daquela bruxa quando ela estava tentando lançar um feitiço em mim. E me lembrei daquela revista estranha, ilustrada com desenhos feios. Não fotos, *desenhos*. A bruxa vinha de um mundo onde ninguém ousava tirar fotos, porque isso prendia a alma da pessoa dentro da câmara. Eu era um assassino. E pensei, “Eu tenho mesmo um Destino Sombrio afinal”.

Ouvi ao longe Gabriel de Witt dizer:

- Devo pedir que todas as pessoas aqui aguardem nesta sala ou no Salão de Banquetes com os empregados. Eu, minha equipe ou a polícia teremos que interrogar cada um de vocês sob um feitiço da verdade.

Várias pessoas protestaram. Pensei, “Preciso sair daqui!”. Olhei em volta e percebi que estava bem perto da porta de serviço. Eu havia sido empurrado para lá quando todas aquelas pessoas entraram com Gabriel de Witt. Agora ele estava dizendo:

- Sim, pode mesmo demorar a noite toda, mas é um caso de assassinato, madame.

E eu comecei a ir bem devagar e suavemente em direção à porta. Eu ia enquanto mais pessoas reclamavam. Quando cheguei à porta, Gabriel de Witt estava dizendo:

- Sinto muito, mas a justiça deve ser feita, senhor.

Continuei indo até que a porta se abriu, só um pouquinho, atrás de mim. Então, muito grato por o Sr Amos ter me feito praticar tanto a entrada e saída de cômodos, segurei a porta e escorreguei através dela. Deixei que ela se fechasse sobre meus dedos para não fazer barulho e fiquei ali um momento, esperando que ninguém houvesse me visto.

- Gabriel de Witt está ali, não está? – alguém sussurrou.

Dei um pulo e vi Millie encostada na parede ao lado da porta. Ela parecia quase tão assustada quanto eu.

- E a casa está cheia de policiais. – ela disse. – Me ajude a fugir, Conrad!

Concordei com a cabeça e fui na ponta dos pés em direção à escada de serviço. Disse para mim mesmo que Millie ficaria muito mais assustada se eu dissesse porque precisava fugir ainda mais rápido que ela. Só sussurrei para ela enquanto ela me seguia:

- Onde estão os policiais? A maioria?

- Buscando as criadas e os empregados da cozinha e os levando para o Salão de Banquetes para serem interrogados. – ela sussurrou de volta – Tive que ficar escondida.

- Bom. Então provavelmente conseguiremos sair pela galeria subterrânea. Você consegue nos deixar invisíveis?

- Sim, mas vários deles são bruxos. Eles nos *veriam*.

- Mas deixe assim mesmo.

- Certo.

Continuamos nas pontas dos pés. Eu não sabia se estávamos invisíveis ou não. Acho que sim, porque passamos pelo elevador antes de chegarmos às escadas, e um policial saiu, empurrando a Sra Baldock e a Sra Semple à frente dele, e nenhum deles nos viu. As duas governantas estavam chorando, a Sra Baldock em grandes soluços e a Sra Semple escandalosa e copiosamente.

- Você não *entende*! – choramingou a Sra Semple. – Nós duas trabalhamos aqui quase a vida *inteira*! Se nos demitirem por isto, para onde *iremos*? O que *faremos*?

- Não tenho nada a ver com isso. – respondeu o policial.

Millie e eu nos desviamos deles e corremos pelas escadas até o térreo. Empurrei um pouquinho a porta verde de tecido. Havia um grande burburinho no hall de entrada, onde mais policiais conduziam os jardineiros, cavaleiros e choferes pela escadaria principal. A maior parte deles protestava, dizendo que apenas a Família tinha autorização de subir por ali. Deixei a porta fechar sozinha, e fomos logo embora, pela galeria subterrânea.

Eu nunca havia visto a galeria tão deserta. Estava na penumbra, vazia e cheia de ecos. Eu quase acreditava que a falha de probabilidade já havia engolido toda a vida ali embaixo. Levei Millie o mais rápido possível em direção à porta entre as cozinhas e as adegas, por onde os jardineiros geralmente traziam as frutas e verduras.

Esta parte da casa não estava vazia. Uma luz iluminava os degraus da adega, vindo da porta aberta lá no final. Havia sons de pessoas ocupadas nas adegas. Millie e eu demos um salto quando uma voz forte de bruxo gritou lá de baixo:

- Vá dizer a ele que a tecla alt está emperrada em “ligado”! Se eu ligar a eletricidade, tudo vai começar a mudar. Vá, ande logo!

Eu quase ri. “Christopher emperrou a tecla!”, pensei. Mas alguém começou a subir a escada correndo. Millie agarrou meu pulso, e nós passamos correndo pelo topo das escadas e entramos no saguão de verduras, antes que a pessoa nos visse. Abri a porta, e saímos nas pontas dos pés. Saímos mesmo, fomos lá para fora, nos jardins.

Estremeci ao ver que estava completamente escuro lá fora, mas disse:

- Agora corra!

Na verdade, fomos trotando desengonçados, com os braços esticados, para o caso de batermos em alguma coisa, tentando seguir as linhas pálidas que provavelmente eram trilhas. Acho que isso nos tirou um pouco do caminho. Pode ser que estivéssemos seguindo coisas que eram pálidas por acidente. De qualquer forma, depois de andarmos desajeitados por uma meia hora, nós atravessamos arbustos completamente pretos e chegamos aos espaços abertos do parque, e não do jardim como eu esperava. Parecia estar muito mais iluminado ali.

- Ah, que bom, aqui dá pra *enxergar*! – disse Millie.

“E ser vistos!”, pensei. Mas tínhamos de sair da propriedade de alguma forma. Comecei a correr rápido, na direção em que eu achei que estava o portão principal, em linha reta pela entrada dos carros e pelo gramado do parque. Sentia que não poderia sair de Stallery rápido o suficiente.

Ouvimos um latido grave perto de nós, seguido por passadas pesadas de grandes patas. Havia me esquecido de Brutus. Eu xinguei e diminuí o passo, e Millie fez o mesmo.

- É um cão de guarda?

Ela perguntou, e parecia ainda mais nervosa do que eu me sentia.

- Sim, mas não se preocupe. – eu disse, tentando soar confiante. – Ele me conhece. Brutus! Ei, Brutus!

Sabíamos onde Brutus estava primeiro pelo barulho das patas e pela respiração. Então sua enorme forma escura apareceu, saindo aos galopes da escuridão. Millie e eu entramos em pânico e nos abraçamos. Mas Brutus simplesmente desviou de nós, mostrando que sabia que estávamos ali, e continuou desembestado, com outro latido grave.

Um segundo mais tarde ouvimos um barulho horrível à distância. Brutus começou a latir e a uivar, grave e estrondoso. Outro cachorro se juntou a ele, este com um som agudo e estridente, latindo, latindo e latindo, fazendo mais barulho até que Brutus. Um cavalo começou a relinchar loucamente. Misturadas com os sons dos animais havia vozes humanas gritando, algumas altas, outras graves e zangadas. Não fazíamos ideia do que estava acontecendo, até que outra voz humana gritou, ressoando:

- Calem a boca, todos vocês!

Imediatamente houve silêncio, seguido pela mesma voz dizendo:

- Sim, Brutus, eu também te amo. Mas, por favor, tire as patas dos meus ombros.
- *Christopher!* – Millie gritou, e correu em direção à voz.

Quando consegui alcançá-la, ela estava segurando as mãos de Christopher, e acho que estava chorando. Christopher dizia:

- Está tudo bem, Millie. Foi só um aborrecimento com as mudanças, nada de mais. Está tudo *bem!*

Atrás deles, diante do céu escuro, estava a sombra de um trailer de Viajantes puxado por um cavalo branco que parecia irritado. Além de suas orelhas inquietas e seu rabo agitado, eu mal via um homem no assento do condutor. A pele dele era tão escura que eu nunca o vi claramente. Tudo o que via eram os olhos dele, olhando de mim para Millie. O cachorrinho branco ao lado dele era muito mais fácil de ver. Por último eu vi os rostos de uma mulher e duas crianças que nos olhavam por cima dos ombros do homem.

Nessa hora, o cachorrinho resolveu que eu era um intruso e começou a ladrar de novo. Brutus, que estava no chão ao meu lado, tomou isso como um insulto mortal e respondeu. Os dois ficaram se xingando, fazendo um escarcéu que acordaria até os mortos.

- Faça eles se calarem! A mansão está cheia de advogados e policiais. – berrei em meio à bagunça.

- E *Gabriel* está aqui! – gritou Millie.

Ela parecia estar tendo algum tipo de reação à nossa fuga apertada. Ela tremia toda.

Christopher disse para os cachorros.

- Calem a *boca!* – e eles se calaram. – Eu *sei* que ele está aqui. Gabriel e sua turma estavam por todo lado nas torres e castelos vazios ontem, dando uma boa olhada nas mudanças. Foi muito difícil ficar escondido.

- Nós *precisamos* sair daqui. – disse Millie.

- Eu sei. – respondeu Christopher, olhando para o Viajante que conduzia o trailer – Será que você pode nos levar um pouco mais longe?

O homem resmungou e se virou para falar com a mulher. Eles falavam rápido, numa língua que eu nunca havia ouvido antes. Quando ele se virou de volta, disse:

- Podemos levá-los até a cidade, e só. Temos um encontro marcado logo ao nascer do sol.

- Acho que podemos pegar um trem lá. Certo, obrigado. – respondeu Christopher.

- Subam na parte de trás, então. – disse a mulher.

Todos subimos no trailer, deixando Brutus para trás, uma forma escura e tristonha, no meio do parque. O Viajante estalou a língua para o cavalo e fomos embora.

Vinte

O interior do trailer era estranho. Eu não o vi direito porque estava muito escuro lá dentro, mas ele parecia bem maior do que eu haveria esperado. Era quente (pelo menos era quente para mim, mas a Millie não parava de tremer) e cheio de cheiros acolhedores de tecido, cebolas e temperos, com um tipo de cheiro de metal por trás. Coisas que eu não conseguia ver ficavam tilintando e ressoando em algum lugar nas paredes. Havia o que pareciam ser beliches para nos sentarmos. Christopher e eu nos sentamos com Millie entre nós para mantê-la aquecida, de frente para duas crianças que haviam entrado apressadamente para nos encarar através da penumbra como se fôssemos as coisas mais estranhas do mundo. Mas eles não falavam conosco, não importava o que disséssemos.

- Eles ficaram tímidos de novo. Não reparem – Christopher disse – Por que *you* está fugindo de Stallery, Grant?

- Eu sou um assassino – eu disse e contei a ele sobre o fantasma e a câmera.
Christopher disse “Oh” seriamente. Depois de um tempo ele disse:

- Eu quase consigo acreditar que você realmente *tem* um karma ruim, Grant, mesmo sabendo que você não tem. Você certamente tem uma má sorte terrível. Talvez tenha sido a magia... Você sabia que estava completamente coberto de feitiços quando eu te conheci? Um deles *podia* ser um feitiço de morte. Mas eu achei que tivesse tirado todos eles de você enquanto nós estávamos andando pelo jardim.

Foi a minha vez de dizer “Oh”. Eu expliquei, bem irritado:

- Um daqueles feitiços era para fazer o Sr. Amos me contratar.

- Eu sei – Christopher disse – Foi por isso que eu os tirei de você. Eu queria o emprego. O que Gabriel estava fazendo em Stallery? Isto é, além de procurar por mim e pela Millie?

- Prendendo o Sr. Amos – eu disse – Você sabia que ele é meu tio?

- O Gabriel não *pode* ser seu tio – disse Christopher – Ele é da Série Doze.

- Não, idiota. O Sr. Amos – eu disse – Minha mãe disse que ela se casou com o irmão do Sr. Amos.

- Isso costuma significar que alguém é seu tio – Christopher concordou.

- E o Sr. Amos na verdade é Conde de Stallery – eu disse a ele – E não o Conde Robert. O pai *dele* era um ator chamado Sr. Brown. A Condessa na verdade não passa de Sra. Brown.

Christopher ficou empolgadíssimo.

- Conte-me tudo, Grant – ele disse.

Então eu contei. Millie disse, com os dentes batendo:

- Eles prenderam aquela bruxa também? Lady Mary?

- Acho que não – eu disse – mas eles talvez tenham prendido o Sr. Seuly.

- Que pena – Millie disse – Lady Mary *devia* ser presa. Ela usa a magia da maneira mais vil. Mas... Não, cale-se, Christopher. Pare de fazer comentários espertinhos e me diga o que aconteceu com *você* . Como você acabou junto com os Viajantes?

- Usando os miolos, finalmente. – Christopher disse – Antes que eles apodrecessem e caíssem para fora da cabeça. Eu confesso que fiquei bem preso, em todas aquelas torres e mansões vazias. Toda vez que acontecia uma mudança, e foram muitas, eu parecia me afastar mais e mais de Stallery, e na metade das vezes não parecia haver um jeito de chegar a algum lugar, mesmo quando eu saía dos prédios. Eu fiquei muito cansado, faminto e confuso. Eu estava dentro de um prédio gigantesco todo feito de vidro, quando, de repente, o lugar inteiro ficou cheio do pessoal do Gabriel. Você já tentou se esconder em uma casa de vidro? Não tente. É impossível. E eles estavam bloqueando o caminho para o telhado, então eu não podia subir até lá para esperar por outra mudança. Então entrei em pânico. E aí eu pensei, “Deve haver outro jeito!” e pensei no Brutus. Ele nunca pôde entrar em casa...

- Como o Sr. Avenloch e o Smedley! – eu disse – As mudanças acontecem nos jardins também!

- Isso mesmo, Grant – Christopher disse – A falha de probabilidade tem duas pontas, mas uma delas fica no meio do nada e ninguém a percebe. Assim que percebi isso, eu escapei daquela estufa monstruosa e fui para o meio do pântano para procurar a outra ponta. Mas eu acho que nunca a teria encontrado se os Viajantes não tivessem aparecido mais ou menos no mesmo instante em que eu cheguei lá. Eles me deram um pouco de comida e eu pedi a eles para me levarem até Stallery. Eu esperava que você já estivesse lá àquela altura, Millie. Eles não quiseram me levar de início. Disseram que iriam parar no meio dos jardins. Mas eu disse que os ajudaria a sair pelo portão, então eles concordaram em me levar.

- E *como* vamos sair pelo portão? – eu perguntei.

Eu mal havia acabado de falar quando o som regular dos cascos do cavalo parou. O Viajante se inclinou para trás no acento do condutor e disse:

- Aqui está a portaria.

- Certo.

Christopher se levantou e foi até a frente do trailer. Eu não sei o que ele fez. O cavalo começou a andar de novo e, depois de um momento, o interior do trailer ficou tão escuro que as crianças, que estavam de frente para mim, piaram de susto. Quando dei por mim, eu estava olhando para fora, pela parte de trás do trailer, e vendo o pórtico, com seus portões escancarados, e o cavalo estava virando para entrar na estrada. Eu ouvi seus cascos batendo e escorregando na linha do bonde enquanto Christopher engatinhava de volta para dentro. Então, o cavalo deve ter encontrado os espaços entre os trilhos, pois seus cascos retomaram o ritmo.

- Como você fez isso? – Millie perguntou. Era um tipo de pergunta profissional, de encantadora, apesar de os dentes dela ainda estarem batendo.

- O porteiro não estava lá – Christopher disse – Então foi fácil dar um curto nas defesas. Devem ter prendido ele também.

O caminho até Stallchester era longo, e o cavalo andava bem mais devagar que o bonde. O som dos cascos era tão regular e o interior do trailer era tão aconchegante que eu caí no sono e tive sonhos lentos com cheiro de cravo e metal. De tempos em tempos eu acordava, geralmente nos trechos íngremes, em que o cavalo descia ainda mais devagar e o Viajante puxava o freio com um longo rangido e falava com o cavalo em sua língua estranha. Depois eu voltava a dormir.

Eu acordei completamente quando a luz branca da manhã estava entrando pelas duas pontas do trailer. O som dos cascos parecia mais alto e cheio de ecos. Eu me sentei e vi a Catedral de Stallchester passando, bem devagar, por trás do trailer.

Um instante depois, o Viajante se inclinou para trás e disse:

- É aqui que temos de deixar vocês.

Christopher acordou com um salto e disse:

- Ah, certo. Obrigado.

Acho que Millie só acordou quando já estávamos na rua, vendo o trailer roncando rapidamente para longe de nós, retinindo e tilintando todo, com o cavalo agora a um trote ligeiro.

Millie começou a tremer de novo. Eu não fiquei surpreso. O uniforme listrado de Stallery que ela estava usando não era nem um pouco quente. Aliás, o meu também não era. Nós estávamos completamente deslocados, no meio da rua molhada e ligeiramente enevoada. As roupas do Christopher devem ter sido afetadas por uma das mudanças. Ele estava usando vestes largas e folgadas que aparentavam ser feitas sacos de batata. Ele parecia ainda mais estranho do que a Millie e eu.

- Você está bem? – ele perguntou à Millie.

- Só estou morrendo de frio – ela disse.

- Ela morou a maior parte da vida em um país quente – Christopher me explicou.

Ele olhou em volta ansiosamente, para as butiques para turistas dos dois lados da rua.

- É cedo demais para essas lojas abrirem. Acho que consigo conjurar um casaco para você...

“Casaco”, eu pensei. “Suéteres, agasalhos de lã. Eu sei onde encontrar todas essas coisas.”

- Nossa livraria é logo ali no final desta rua – eu disse – Aposto que as minhas roupas de inverno ainda estão lá no meu quarto. Vamos entrar de mansinho e pegar alguns agasalhos.

- Boa ideia – Christopher disse, olhando preocupado para Millie – E depois nos mostre o caminho para a estação de trem.

Eu os guiei até o final da rua e pelo beco nos fundos da nossa loja. Abri o portão do jardim do jeito de sempre, escalando até em cima, me debruçando para puxar o ferrolho e depois descendo para abrir a tranca. No jardim, a chave da porta dos fundos estava pendurada atrás do cano da calha, como de costume. “É como se eu nunca tivesse ido embora”, eu pensei enquanto atravessávamos o escritório nas pontas dos pés. A loja não estava bem como de costume. O balcão do caixa e a maioria das grandes estantes de livros estavam em lugares diferentes. Eu não sabia dizer se esse era o resultado de uma das reorganizações do tio Alfred

ou de todas as mudanças em Stallery. Pelo menos o *cheiro* era o mesmo: de livros e cera de chão, com um toque dos produtos químicos da oficina do tio Alfred.

- Fiquem aqui – eu sussurrei para o Christopher e a Millie – e eu vou subir escondido e pegar as roupas.

- Ninguém vai escutar? – Millie perguntou.

Ela se acomodou na cadeira atrás do balcão do caixa com um tremor cansado.

Até onde eu sabia, minha mãe ainda estava em Stallery. Ela já havia perdido o último bonde na hora em que entrou no Salão Principal, e o primeiro bonde da manhã só chegava a Stallchester às oito e meia. Tio Alfred precisava de dois despertadores grandes com dois sinos do tamanho de xícaras de chá cada para acordar de manhã.

- Não – eu disse e subi a escada correndo tão levemente quanto podia.

Foi estranho. Nossas escadas pareciam pequenas e gastas depois de Stallery. O formigamento de velhas magias vindo da oficina do meu tio parecia pequeno e gasto também, depois da magia que eu havia sentido emanando do Christopher e de Stallery em si. E eu havia me esquecido que a parte íntima da nossa casa tinha um cheiro tão forte de pó. Passei rapidamente pela estranheza até chegar ao topo, ao meu quarto.

E mal pude acreditar quando cheguei lá. Minha mãe havia tomado meu quarto para escrever. Ele estava cheio das usuais pilhas de papéis e cópias dos livros dela e ali, ao lado da janela, estava sua velha mesa cheia de farpas com a máquina de escrever em cima. Por um momento, pensei que poderia ser só uma das mudanças de Stallery, mas quando olhei com cuidado eu vi as marcas nos lugares onde a minha cama e a minha cômoda ficavam.

Ainda mal conseguindo acreditar, corri para o andar de baixo, até o velho escritório da minha mãe. Minha cama estava lá, de cabeça para baixo, e enfiada ao lado dela estava a minha cômoda, com todas as gavetas abertas, vazias. Todas as minhas roupas haviam desaparecido, assim como o meu aeromodelo e os meus livros. Eles realmente não esperavam que eu voltasse. Eu me senti, bem, *magoado* é a única palavra para descrever. Profunda e terrivelmente magoado. Mas só para ter certeza, eu desci para ver o quarto de Anthea.

Estava ainda pior. Quando fui embora, os móveis de Anthea ainda estavam lá, junto com os papéis da minha mãe. Agora todos eles haviam sido retirados. Tio Alfred havia transformado o quarto em um depósito para suas provisões mágicas.

Havia novas estantes, cheias de garrafas e pacotes, encostadas em três das paredes e uma de instrumentos de vidro no meio. Fiquei parado olhando para tudo isso por um momento, pensando em Anthea. Como ela estaria se sentindo naquele momento, agora que seu novo marido havia sido preso por fraude?

Eu me sentia tão mal quanto ela.

Consegui me recompor e caminhei pelo corredor nas pontas dos pés, até o quarto da minha mãe. Ali estava melhor. Este quarto estava com a mesma aparência e o mesmo cheiro de sempre (mas talvez mais empoeirado) e a cama por fazer estava coberta de pilhas de roupas poeirentas e carcomidas. Havia mais roupas em pilhas no chão. Minha mãe havia obviamente jogado tudo para fora dos armários enquanto caçava aquele vestido amarelo horrível para usar em Stallery. Eu peguei um dos suéteres cor de mostarda que ela sempre usava e o vesti. Ele tinha o cheiro da minha mãe e, de alguma forma, isso me fez sentir mais magoado do que nunca. O suéter ficou horrível por cima do meu uniforme verde e creme, mas pelo menos era quente. Eu peguei outro suéter, mais grosso, para a Millie e um casaco para o Christopher e desci rapidamente.

Enquanto descia, eu pensei ouvir a porta da loja se abrindo, com o tilintar abafado de sempre. “Essa não!”, eu pensei. “Christopher está fazendo algo brilhantemente idiota de novo!” Eu apertei o passo e cheguei quase correndo à loja.

Estava vazia. Fiquei em pé sobre o piso encerado ao lado do caixa e olhei em volta, desolado. Christopher e Millie provavelmente haviam ido embora sem mim.

Eu estava prestes a correr para fora, abanando as roupas, quando escutei chinelos descendo as escadas atrás de mim. Tio Alfred entrou afobado na loja, amarrando o roupão sobre o pijama listrado.

- Uma pessoa na loja – ele estava dizendo no caminho – Não posso virar as costas por um minuto. Nem um segundo de sono...

Então ele me viu, parou bruscamente e disse:

- O que *você* está fazendo aqui?

Ele empurrou os óculos para cima no nariz para se certificar de que era *mesmo* eu. Quando teve certeza, ele passou as mãos pelo cabelo desganhado com uma expressão completamente perplexa.

- Você deveria estar em Stallery, Con – ele disse – Sua mãe te mandou de volta para cá? Isso quer dizer que você *já* matou o seu tio Amos?

- Não, – eu disse – não matei.

Eu queria dizer a ele que o Sr. Amos havia sido preso. Viu só? Mas eu também queria dizer ao tio Alfred exatamente o que eu pensava dele por colocar feitiços em mim e fingir que eu tinha um Destino Sombrio, e eu não conseguia decidir o que queria dizer primeiro. Eu hesitei e depois disso, já havia perdido a minha chance. Tio Alfred praticamente gritou comigo:

- *Você não o matou!* – ele guinchou – Mas eu te mandei lá para cima coberto de feitiços de morte, garoto! Mandei você para invocar um Errante! Mandei com feitiços para você *saber* que era Amos Tesdnic que você devia matar! E você me desapontou!

Ele avançou em mim batendo os chinelos no chão e com as mãos arqueadas como garras.

- Você vai pagar por isso! – ele berrou.

O rosto dele estava animalesco, coberto de manchas estranhas. Seus olhos me cravavam através dos óculos como bolas de gude amarelas.

- Eu podia ter tido Stallery em minhas mãos, *nestas* mãos, se não fosse por você! – ele gritou – Com *você* enforcado e o Amos morto, eles dariam o lugar à sua mãe, e com ela eu posso lidar.

- Não, você está enganado – eu disse, me afastando – Tem o Hugo, entende. E a Anthea.

Ele não me deu ouvidos. Ele quase nunca dava, é claro, a menos que eu o forçasse fazendo greve de alguma coisa.

- *Eu poderia estar manipulando as possibilidades neste instante!* – ele urrou – Espere até eu por as mãos em você!

Eu podia sentir o formigamento da magia dele aumentando em volta de mim. Eu queria me virar e correr, mas não conseguia. Eu não sabia *o que* fazer.

- Invoque o Errante de novo! – a voz do Christopher sussurrou urgentemente no meu ouvido. Eu podia sentir a respiração dele, fazendo cócegas na lateral do meu rosto, e o calor invisível dele ao meu lado. Acho que eu nunca fiquei tão feliz por sentir qualquer coisa.

- Invoque ele *agora*, Grant!

A chave de saca-rolhas que estava pendurada no meu pescoço foi pega por dedos invisíveis e puxada por cima do suéter cor de mostarda da minha mãe.

Eu larguei o casaco e o suéter da Millie e agarrei a chave de saca-rolhas, grato. Eu a ergui. O barbante no qual ela estava pendurada se esticou prestativamente para que eu pudesse praticamente balançá-la na cara irada do tio Alfred.

- Por meio deste eu invoco um Errante! – eu gritei – Venha a mim e me entregue o que eu preciso!

O frio e a sensação de vastas distâncias começaram imediatamente. Eu podia ver o imenso horizonte curvo por trás do cabelo desgrenhado do tio Alfred, brilhando com a luz que estava escondida sob ele. Tio Alfred se virou e o viu também. A boca dele se abriu. Ele começou a se afastar em direção ao balcão do caixa, mas ele parecia não conseguir. Pude ver depressões nas mangas do roupão dele onde um par de mãos estava segurando cada um dos seus braços. Enquanto a figura do Errante cruzava o enorme horizonte com seus passos apressados e barulhentos, eu conseguia sentir Christopher de um lado do tio Alfred e Millie do outro, ambos segurando os braços dele como arpões.

Tio Alfred gritou:

- Não, não! Me *soltem*!

Ele se debateu e lutou para se soltar. Os braços dele se moviam como se houvesse pesos de chumbo pendurados neles enquanto Christopher e Millie continuavam se segurando.

O Errante se aproximou com uma rapidez surpreendente, enquanto seus cabelos e roupas eram soprados para o lado, imóveis, pelo vento congelante e imperceptível que ele trazia consigo. Em um instante, ele se elevou como uma torre dentro da loja e se avultou entre as estantes de livros, enchendo todo o cômodo com seu cheiro gélido. Então ele estava em pé

diante de nós. Seu rosto alvo e atento e seus escuros olhos compridos se viraram do tio Alfred para mim.

- *Não, não!* – tio Alfred gritou.

Os olhos escuros e compridos do Errante se voltaram novamente para o tio Alfred. O Errante estendeu a pequena rolha manchada de vinho com a inscrição Illary Wines 1893 na direção do tio Alfred.

- Não aponte isso para mim! – tio Alfred guinchou, tentando se afastar – Aponte para o Con! Isso tem um feitiço de morte muito forte!

O rosto alvo do Errante acenou para ele. Uma vez. Ambos os seus braços dispararam para frente. Ele pegou o tio Alfred no colo e passou por mim, carregando-o com a mesma facilidade que se carrega um bebê. A última visão que tive dele foi das calças listradas do pijama esperneando freneticamente enquanto ele passava ao lado do meu ombro direito e era carregado para longe. Quando o próprio Errante passou por mim, eu senti um puxão no meu pescoço e a chave de saca-rolhas voou das minhas mãos e desapareceu. A sensação do vento e o horizonte da eternidade desapareceram no mesmo instante.

Então Christopher e Millie ficaram visíveis, cambaleando para os lados e ambos parecendo extremamente aturdidos. Christopher falou, com uma voz estranhamente pequena e séria:

- Acho que eu não gosto de nenhum dos seus tios, Grant.

- Essa – disse uma voz grave e seca de trás de mim – deve ser a primeira opinião sensata que você teve em meses, Christopher.

Gabriel de Witt estava parado lá, cinzento e severo, e aparentando ser tão alto quanto o Errante em seu fraque preto. Ele não estava sozinho. Toda a equipe que havia entrado com ele no Salão Principal estava lá também, amontoados junto às estantes e em pé no lugar onde o Errante estivera. O Sr. Prendergast estava com eles, além do procurador do Rei, uma das Feiticeiras Reais (a Madame Dupont) e a horrível Sra. Havelok-Harting. Minha mãe e Anthea estavam ao lado de Gabriel de Witt, ambas esgotadas e com os olhos vermelhos. Mas eu achei interessante perceber, quando olhei em volta, que cada um dos presentes parecia tão abalado quanto eu estava depois da passagem do Errante. Até Gabriel de Witt estava um pouco mais cinzento do que estivera em Stallery.

Ao se deparar com ele e com todos os outros, Christopher ficou com a cara mais embasbacada que eu já o havia visto fazer. O rosto dele ficou tão branco quanto o do Errante. Ele engoliu em seco e tentou ajeitar a gravata que não estava usando.

- Eu posso explicar tudo – ele disse.

- Eu também – murmurou Millie.

Ela estava com uma aparência doentia.

- Eu falarei com vocês dois mais tarde – Gabriel de Witt disse.

Aquilo soou extremamente agourento.

- Por enquanto, – ele disse – eu quero falar com Conrad Tesdnic.

Isso soou ainda mais agourento.

- Eu também posso explicar tudo – eu disse.

Eu estava aterrorizado. Pensei que preferiria mil vezes falar com o tio Alfred.

- Eu venho de uma família de criminosos, entende – eu disse – Meus dois tios...

E eu tenho certeza de que realmente *tenho* um Destino Sombrio, independente do que o Christopher diga.

Por alguma razão, isso fez com que Anthea desse uma risadinha chorosa. Minha mãe suspirou.

- Eu preciso lhe fazer algumas perguntas – Gabriel de Witt disse, como se eu não tivesse dito nada.

Ele tirou um embrulho de um dos bolsos internos de sua respeitável casaca negra e o entregou a mim. Parecia ser um maço de cartões postais.

- Por favor, dê uma olhada nisso e me explique o que você vê.

Apesar de não conseguir imaginar por que Gabriel de Witt se interessaria por cartões postais, eu abri o embrulho e os tirei de dentro.

- Oh – eu disse.

Eram ampliações das fotografias que eu havia tirado das escadas duplas em espiral onde havíamos visto Millie. Havia uma só da escadaria, depois duas de Millie na mesma escada, gritando para Christopher e depois outra da mesma escada, que subia em direção à

imunda torre de vidro. Mas algo tinha dado errado em todas elas. Atrás de cada uma havia imagens enevoadas, mas bem distintas dos interiores de outros prédios, dezenas deles. Eu podia ver corredores desfocados, outras escadarias, salas abobadadas em vários estilos diferentes, arcos de pedra arruinados e, diversas vezes, algo que parecia ser uma gigantesca estufa. Eles estavam todos sobrepostos, em camadas.

- Acho que eu devo ter carregado a máquina com um filme que outra pessoa já tinha usado – falei.

Gabriel de Witt só disse:

- Continue olhando, por favor.

Continuei passando as fotos. Ali estava o salão aonde a escadaria dupla havia levado, mas a outra pessoa parecia haver fotografado um cômodo de mármore com um tipo de piscina dentro e, por trás, um lugar escuro e cheio de estátuas. A próxima foto era da sala com a harpa, mas ela tinha literalmente dezenas de salas nebulosas por trás, vistas borradas de salões de bailes, salas de jantar e aposentos enormes, além de um lugar com mesas de bilhar em cima do que pareciam ser várias bibliotecas. As duas fotografias seguintes mostravam as cozinhas (com outras cozinhas turvas por trás), incluindo o tricô na cadeira e a mesa com a revista estranha em cima. A próxima...

Eu soltei um grito agudo. Não consegui evitar. A bruxa havia estado ainda mais perto do que eu imaginara. O rosto dela havia saído achatado, redondo e inexpressivo, como os rostos sempre saem quando alguém tira uma foto muito de perto. A boca dela estava aberta em uma meia-lua preta e furiosa e os brilhavam achatados. Ela parecia uma panqueca raivosa.

- Eu não tive intenção de matá-la – eu disse.

- Ah, você não a matou – Gabriel de Witt respondeu, para o meu espanto – Você somente aprisionou a alma dela. Nós encontramos o corpo dela em coma em uma dessas cozinhas, enquanto explorávamos as construções alternativas, e nós o devolvemos ao Sete D, onde, fico feliz em dizer, que ele foi prontamente posto na cadeia. Ela era procurada naquele mundo por matar vários encantadores para obter seus poderes mágicos.

Millie teve um pequeno sobressalto.

Uma das sobrancelhas em tufos de Gabriel de Witt tremeu na direção de Millie, mas ele continuou sem interrupções:

- Obviamente, já devolvemos a alma da mulher ao Sete D, para que ela possa ser julgada da maneira apropriada. Diga-me o que *mais* você vê nessas fotos.

Eu folheei o maço mais uma vez.

- Estas duas da Millie na escada teriam ficado muito boas – eu disse – se não fossem todas as construções que apareceram atrás dela.

- Elas não estavam lá quando você tirou as fotos? – Gabriel de Witt me perguntou.

- É claro que não – eu disse – Eu nunca as vi antes.

- Ah, mas *nós* já vimos – disse um membro da equipe de Gabriel de Witt, um homem mais ou menos jovem com um monte de cabelo claro e encaracolado e com pele morena.

Ele veio até mim e me entregou um embrulho de fotografias de formato diferente.

- Eu tirei estas fotos enquanto estávamos procurando pela Millie e pelo Christopher nas probabilidades – ele disse – O que você acha?

Essas eram fotografias de dois castelos arruinados, umas escadas de mármore que terminavam em uma piscina, um salão de bailes, uma enorme estufa e as escadas duplas em espiral de novo. A última foto era da torre de madeira bamba onde Christopher e eu havíamos encontrado Brutus. Todas elas, para a minha vergonha, eram claras, únicas e precisas.

- São bem melhores que as minhas – eu disse.

- Sim, mas veja – disse o homem.

Ele pegou a minha primeira fotografia de Millie na escadaria e a segurou ao lado de quatro das dele.

- Veja, no fundo da sua – ele disse – Você tem estes dois castelos arruinados no fundo, e a casa de vidro e eu acho que aquela coisa borrada mais atrás é a torre de madeira. E se você pegar a sua foto da harpa, dá para ver o meu salão de bailes no fundo bem claramente. Está vendo?

A Feiticeira Real disse:

- Na nossa opinião, e a Sra. Havelok-Harting concorda comigo, é um talento notável conseguir fotografar probabilidades alternativas que você nem pode ver, Conrad. Não é mesmo, Monsenhor? – ela perguntou a Gabriel de Witt.

O Sr. Prendergast acrescentou:

- Bravo!

Gabriel de Witt pegou minhas fotografias de volta e as fitou carrancudo.

- Sim, de fato – ele disse por fim – O senhor Tesdnic aqui possui um nível extraordinário de talento mágico não treinado. Eu gostaria – ele voltou sua carranca para minha mãe – de levar o rapaz comigo para a Série Doze e me certificar de que ele receba uma educação adequada.

- Oh, não! – Anthea disse.

- Eu acho que é necessário – Gabriel de Witt disse. Ele ainda estava olhando para minha mãe, carrancudo – Não sei o que a senhora estava fazendo, não dando uma educação adequada ao seu filho.

O cabelo de minha mãe estava todo murcho, como um colchão sem a espuma. Eu podia ver que ela não tinha uma resposta para Gabriel de Witt. Então ela disse dramaticamente:

- Agora *toda* a minha família vai ser tirada de mim!

Gabriel de Witt se endireitou, com uma expressão soturna e austera até para os padrões dele.

- Isso, senhora – ele disse – é o que costuma acontecer quando negligenciamos as pessoas.

E, antes que minha mãe pudesse pensar em uma resposta, ele acrescentou:

- O mesmo se aplica a mim, se lhe servir de consolo – ele voltou seu rosto soturno para Millie – Você estava coberta de razão a respeito daquele colégio suíço, minha cara – ele disse a ela – Eu fui inspecioná-lo antes de vir para cá. Devia ter feito isso antes de mandá-la para lá. É um lugar terrível. Procuraremos um colégio melhor assim que voltarmos para casa.

O rosto de Millie foi tomado por um sorriso radiante e trêmulo.

Christopher falou:

- O que foi que eu disse?

Estava claro que Christopher ainda estava seriamente encrencado. Gabriel de Witt disse a ele:

- Eu disse que falaria com você mais tarde, Christopher – e então se virou para a Sra. Havelok-Harting – Posso deixar todos os assuntos pendentes em suas capazes mãos, Procuradora? Já está mais do que na hora de retornar ao meu próprio mundo. Por favor, transmita meus cumprimentos a Sua Majestade, assim como meu agradecimento por ele ter permitido que eu investigasse livremente aqui.

- Farei isso – a formidável senhora disse – Ficaríamos de mãos atadas aqui sem o senhor aqui. Mas – ela acrescentou bem mais incertamente – as magias que o senhor realizou na noite passada *pararam* com certeza aquelas horríveis mudanças de probabilidade?

- Com toda certeza – Gabriel de Witt disse – Parece que algum tolo havia emperrado a tecla alt na posição de ligado, apenas isso.

Eu vi Christopher se retrair ao ouvir isso. Por sorte, Gabriel de Witt não reparou. Ele prosseguiu:

- Caso tenham mais algum problema, por favor, enviem um bruxo competente para me chamar de volta. Agora, estão todos prontos? Nós devemos partir.

Anthea correu até mim e jogou os braços ao meu redor.

- Volte, Conrad, por favor!

- É claro que ele voltará – Gabriel de Witt disse, impacientemente – Ninguém pode deixar o seu próprio mundo para sempre. Conrad voltará para atuar como meu representante permanente na Série Sete.

Eu acabo de voltar à Série Sete para atuar como Agente do Crestomanci aqui.

Antes disto, passei seis anos maravilhosamente felizes no Castelo Crestomanci, aprendendo magia que eu nunca sequer havia sonhado que existisse e fazendo amizade com todos os outros jovens encantadores que estavam sendo educados lá: Elizabeth, Jason, Bernard, Henrietta e todo o resto. Mas a minha primeira semana lá foi um pouco difícil.

Christopher estava tão encrencado (e tão irritado por causa disso) que o castelo parecia estar dentro de uma tempestade até Gabriel de Witt perdoá-lo. E descobrimos que Millie havia pegado uma gripe. Era por isso que ela estivera sentindo tanto frio. Ela ficou tão doente que só foi para o colégio novo depois do Natal.

Ao final dos seis anos, quando fiz dezoito, Gabriel de Witt me chamou ao seu escritório e explicou que eu precisava voltar para casa na Série Sete agora ou começaria a desaparecer por não estar no meu próprio mundo. Ele sugeriu que a melhor maneira de me reabilitar ao meu próprio mundo seria frequentar a Universidade de Ludwich. Ele também disse que estava triste por me perder, pois eu parecia ser a única pessoa capaz de fazer Christopher ter juízo. Eu não estou bem certo que alguém seja capaz disso, mas Christopher parece pensar o mesmo. Ele me pediu para voltar no ano que vem para ser padrinho no casamento dele. Ele e Millie vão usar o anel de ouro que contém uma vida de Christopher como aliança, o que me parece uma boa maneira de mantê-lo seguro.

Enfim, eu me matriculei na Universidade de Ludwich e vou morar com o Sr. Prendergast, no apartamento dele em frente ao Teatro Variety. Apesar de o Sr. Prendergast não ser realmente um ator, ele nunca consegue ficar longe dos teatros. Anthea queria que eu ficasse com ela. Ela vive me ligando de Nova Roma para dizer que eu tenho de ir morar com ela e com Robert assim que ela voltar. Ela está em Nova Roma supervisionando seu mais novo desfile de moda. Ela se tornou uma estilista de vestidos muito famosa. E Robert também está viajando, filmando na África. Ele começou a atuar logo depois de a polícia liberá-lo. A Sra. Havelok-Harting decidiu que, como Robert só havia descoberto a fraude do Sr. Amos quando o pai dele morreu e então havia se recusado a participar dela, ele não poderia ser considerado culpado. Hugo teve mais problemas, mas também foi libertado no final. Agora (e eu mal consegui acreditar quando o Sr. Prendergast me contou) Hugo e Felice estavam tomando conta da livraria em Stallchester. Minha mãe continua escrevendo livros no sótão deles. Nós vamos de carro até lá para vê-los no fim de semana que vem.

O Sr. Amos ainda está na cadeia. Ele foi transferido para a Colônia Penal da Ilha Santa Helena no ano passado. E a Condessa está vivendo em grande estilo em Buda-Parich, pois não quer ser vista neste país. E (o Sr. Prendergast não tem certeza, mas ele acha que é verdade) o Sr. Seuly foi para lá para se juntar a ela quando saiu da prisão. De qualquer forma, Stallchester tem um novo prefeito agora.

Ninguém viu nem teve notícias do meu tio Alfred desde que o Errante o levou embora. Agora que aprendi sobre essas coisas, eu não fico surpreso. Os Errantes são mensageiros dos Senhores do Karma e tio Alfred tentou usar os Senhores em suas maquinações.

E, o Sr. Prendergast me contou tristemente, Stallery está caindo em ruína e ficando igualzinha a todas as outras mansões de probabilidade desertas. Eu me lembrei da Sra. Baldock e da Sra. Semple saindo chorando do elevador e me perguntei o que havia acontecido com todos os Empregados que haviam perdido os empregos lá.

- Ah, o Rei interveio nessa questão – o Sr. Prendergast me disse alegremente – Ele está sempre procurando empregados bem treinados para trabalharem nas residências reais. Todos eles conseguiram empregos reais. Exceto Manfred – ele acrescentou – Ele teve de abandonar a carreira de ator depois que atravessou a parede em uma cena de calabouço. Acho que ele é professor agora.

O Rei quer me ver amanhã. Estou muito nervoso. Mas Fay Marley prometeu ir comigo pelo menos até a porta e segurar a minha mão. Ela conhece o Rei muito bem e disse que acha que ele quer me nomear Investigador Especial, como o Sr. Prendergast.

- Você percebe coisas que as outras pessoas não veem, querido – ela diz – Não se preocupe tanto. Vai dar tudo certo, você vai ver.

6. Considerações Finais

O projeto final do curso de Tradução é um momento importante que requer muito envolvimento do aluno. No nosso caso, resolvemos trabalhar em dupla por acharmos que nosso trabalho rende melhor assim e por termos gostos parecidos com relação a literatura.

A tradução de Conrad's Fate foi um exercício muito interessante, pois o texto alterna passagens simples com outras que exigiram bastante criatividade e pesquisa. Consideramos o resultado final de nosso trabalho bastante satisfatório, já que procuramos dar tanta atenção quanto foi possível às passagens mais complicadas, como as várias assonâncias, aliterações e outros recursos estilísticos usados pela autora.

Fizemos uso, durante o trabalho, de várias ferramentas que nos ajudaram bastante. Uma das mais importantes foi o *software* Dropbox, por meio do qual o trabalho ficou todo salvo *online*, evitando documentos duplicados e perda de dados. Também fizemos frequentes consultas à Internet, especialmente no que diz respeito aos vários alimentos mencionados no texto.

A abordagem teórica que escolhemos se baseou nas ideias de André Lefevere a respeito da reescrita; nas de Lawrence Venuti e Friedrich Schleiermacher sobre os conceitos de tradução estrangeirizante e domesticante, assim como as críticas de Natália Balbi Amatto a esses mesmos conceitos; e nos procedimentos técnicos da tradução de Heloísa Barbosa. Esses últimos foram tomados como base para a análise dos recursos tradutórios que usamos ao longo do nosso trabalho. Dos treze procedimentos propostos por Barbosa, aplicamos um total de oito: adaptação, explicação, reconstrução de períodos, equivalência, modulação, transposição, decalque e omissão x explicitação.

Também merecem destaque os desafios que encontramos durante a tradução de O Destino de Conrad, como os nomes de refeições e alimentos que aparecem na estória, além dos trocadilhos, aliterações e assonâncias, onomatopeias e itens relacionados à geografia do mundo fictício de Crestomanci. O uso de itálico, muito marcante nos textos dessa série, foi outro ponto que exigiu nossa atenção, já que, em muitos momentos, foi necessário alterar a palavra destacada para manter a naturalidade e a fluência do texto ou para refletir as diferenças entre a língua original e a língua da tradução.

Achamos também interessante propor diferentes traduções para alguns termos que já haviam aparecido nos outros livros publicados em português. Um dos exemplos é nossa sugestão para o termo *enchanter/enchantress*, que optamos por traduzir como “encantador(a)”, já que a distinção entre esse tipo de pessoas mágicas e outros tipos de magos e bruxos é um ponto muito importante no livro.

No período em que trabalhamos, percebemos que nossas dúvidas e dificuldades sempre se resolviam melhor quando pensávamos juntas. O trabalho em dupla também proporcionou boas oportunidades para reflexão teórica acerca do projeto. Pudemos revisar vários conteúdos estudados ao longo do curso e percebemos que todas as disciplinas contribuíram para nossa formação.

Por fim, consideramos que atingimos um nível profissional em nossa tradução e acreditamos que a experiência de traduzir um livro em sua totalidade forneceu uma prévia dos desafios que enfrentaremos no mercado de trabalho. Apesar de todas as dificuldades, ficamos muito satisfeitas com o resultado final e cremos que o processo todo nos ajudou a crescer como tradutoras.

7. Livraria

AGRA, Klondy Lúcia de Oliveira. *A Integração da Língua e da Cultura no Processo de Tradução*. BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. 01, p. 01-18, 2007. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracao-da-lingua.pdf>

ALVES, Irene da Costa. *Modalidades de Tradução: Uma Avaliação do Modelo Proposto por Vinay e Darbelnet*. Dissertação de mestrado, PUC/SP, 1983.

AMATTO, Natalia Balbi. *O Estranho e o Estrangeiro*. Monografia de Conclusão do Curso de Letras, ênfase em Tradução – Inglês. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

ARANDA, Lucía V. *Forms of Creativity in Translation*. University of Hawaii, 2009.

AUBERT, Francis Henrik. *A Tradução Literal: Impossibilidade, Inadequação ou Meta?* Ilha do Desterro; Translation/Tradução. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1º semestre, 1987.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos da Tradução*. Campinas: Pontes, 1990.

CATFORD, J. C. *A Linguistic Theory of Translation*. Oxford: Oxford University, 1965.

CINTRÃO, Heloísa Pezza; ZAVAGLIA, Adriana. *Domínios Culturais e Função Poética como Condicionantes da Adaptação dentro da Tradução: Reflexões sobre o Conceito de “Adaptação”*. In: XI Encontro Regional da ABRALIC 2007, 2007, São Paulo. Anais do XI Encontro Regional da ABRALIC 2007, 2007. p. 1-11.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 1992.

NEWMARK, Peter. *Approaches to Translation*. Oxford. Pergamon, 1981.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. Nova Iorque: Prentice Hall, 1988.

NIDA, Eugene A. *Toward a Science of Translating: With Special Reference to Principles and Procedures Involved in Bible Translating*. Leiden, Brill, 1964.

SANTIAGO, Silviano, *Glossário de Derrida*, trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

STERNBERG, Robert J. e LUBART, Todd I. *The Concept of Creativity: Prospects and Paradigms*. In STERNBERG, Robert J. *Handbook of Creativity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. *Tradução Retextualização: A Tradução Numa Perspectiva Textual*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. *André Lefevere: A Teoria das Refrações e da Tradução como Reescrita*. In: Vieira E.R.P. (Org.) *Teorizando e Contextualizando a Tradução*. Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da FALE/UFMG, 1996.